



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

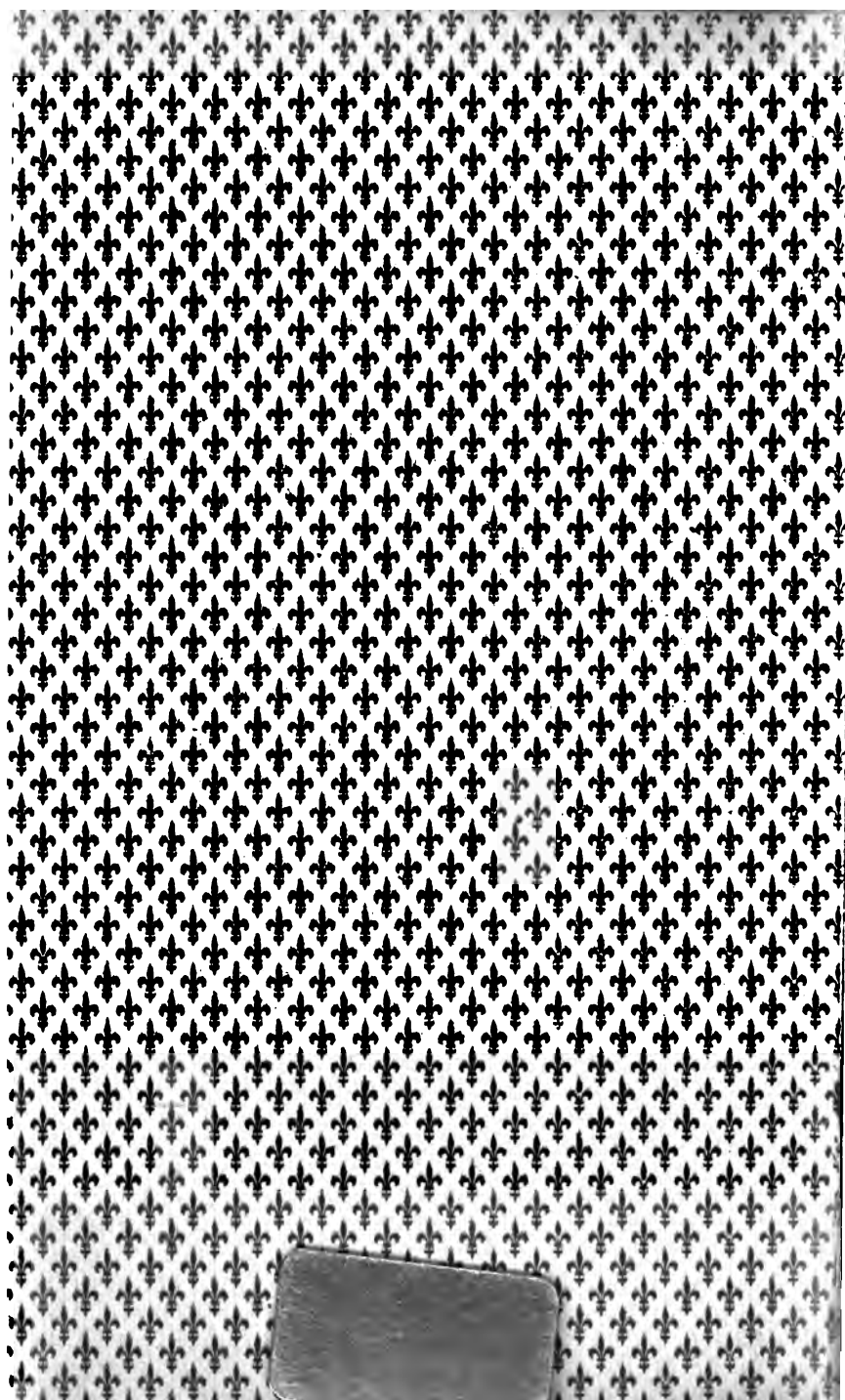
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

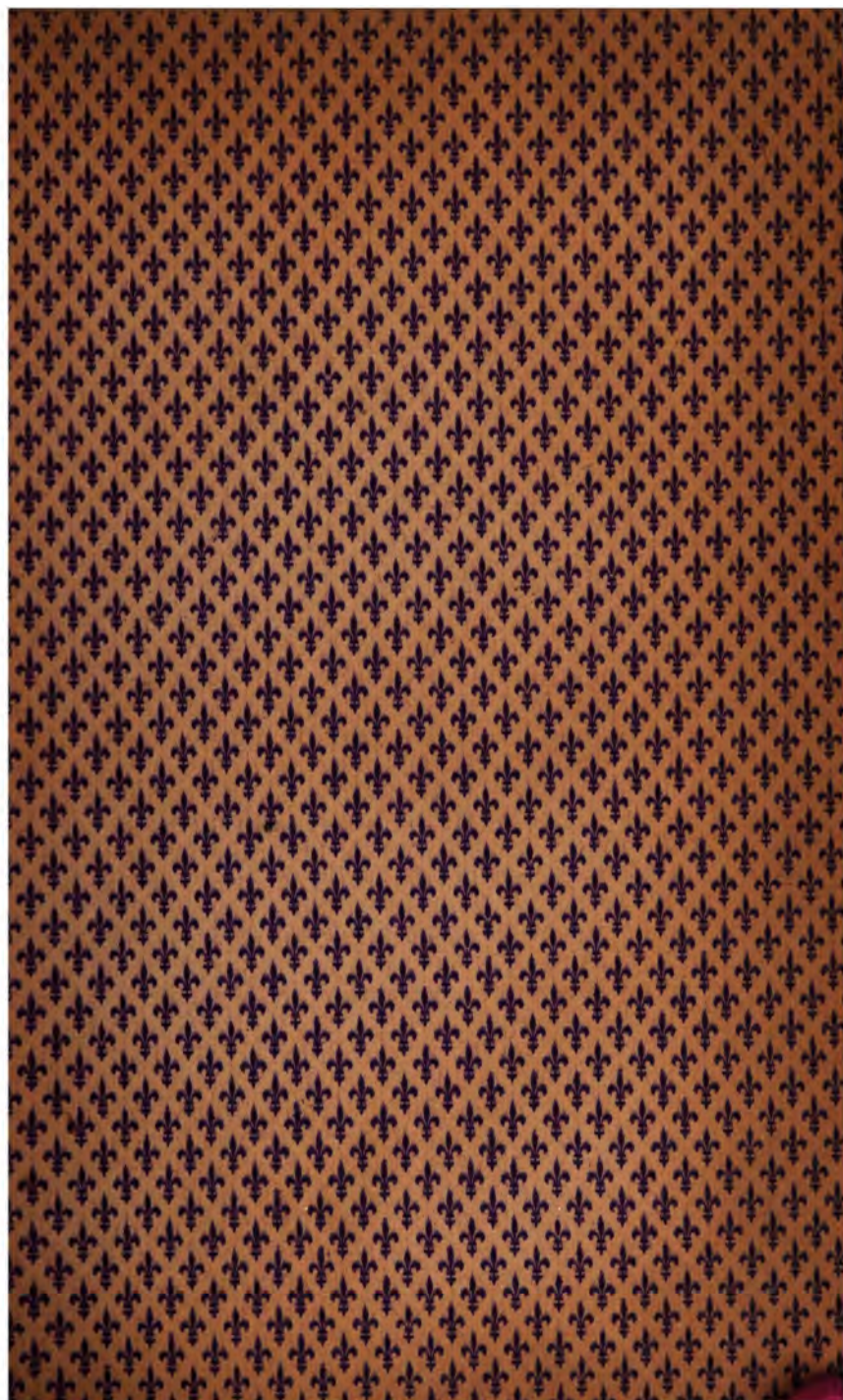
NYPL RESEARCH LIBRARIES

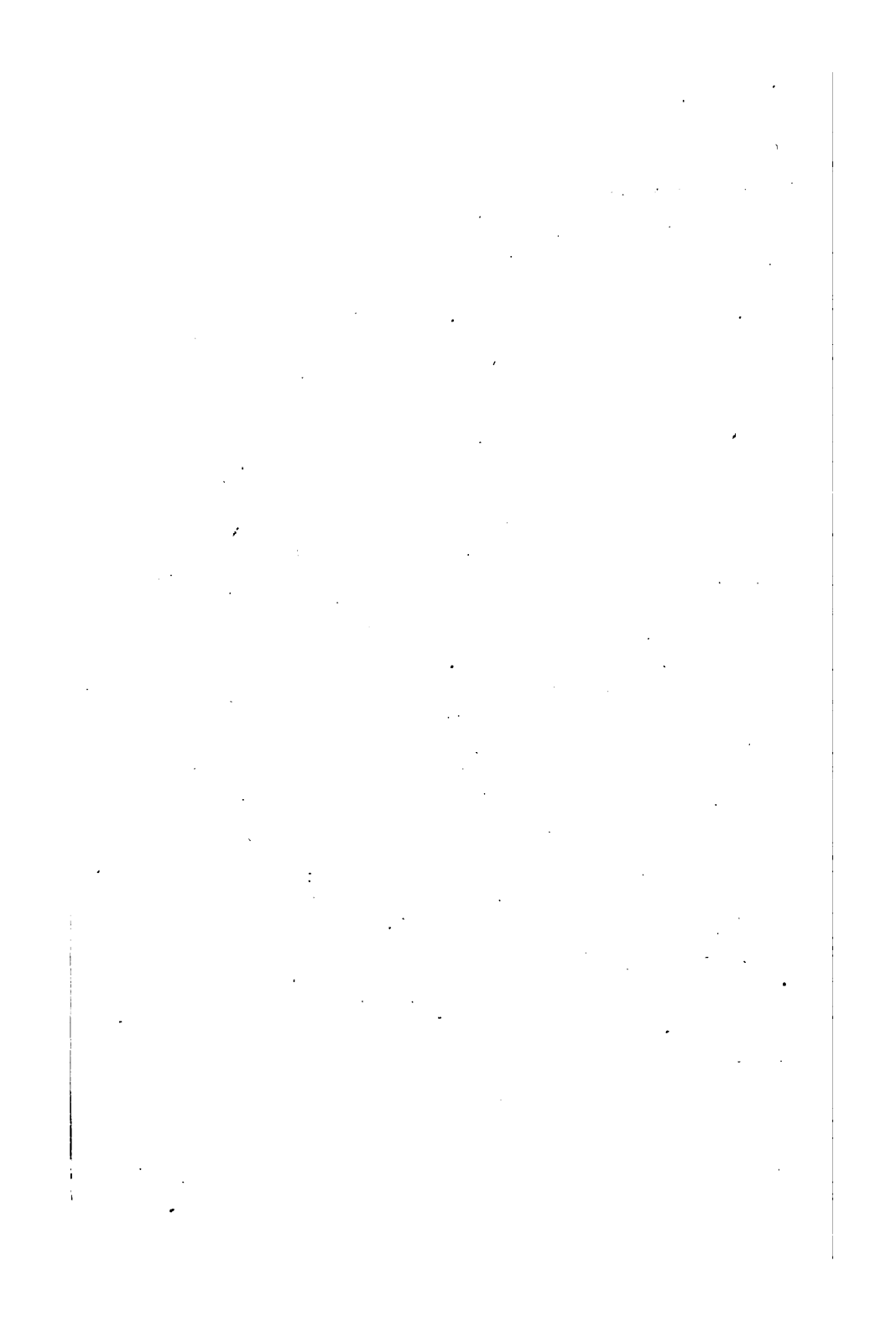


3 3433 07437906 0







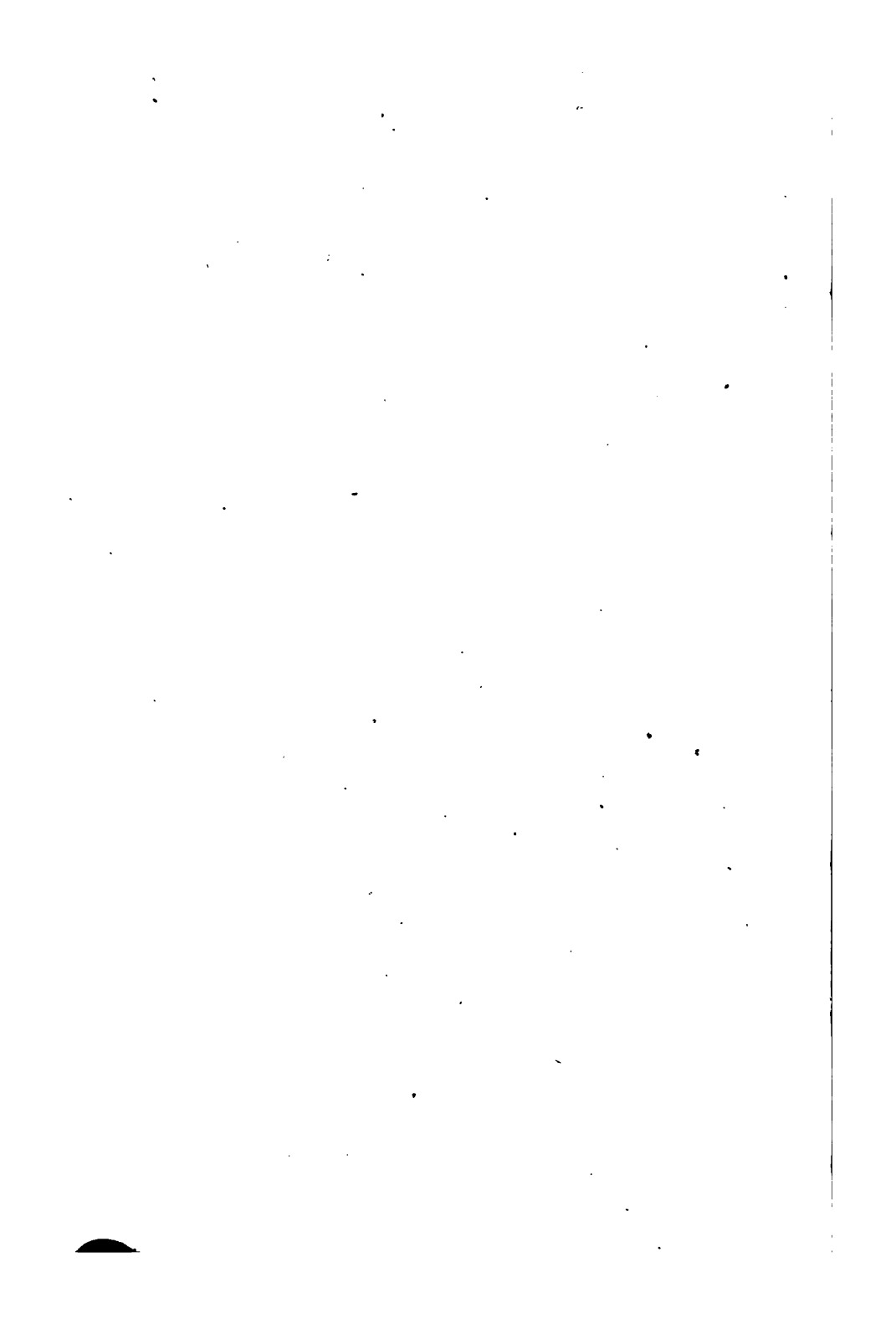




Alfred...

MYSTERIOS DE LISBOA

VOLUME II



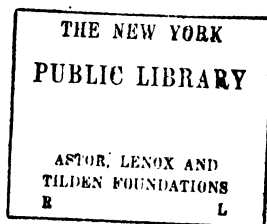
MYSTERIOS
DE
L I S B O A

POR
CAMILLO CASTELLO BRANCO

QUINTA EDIÇÃO

(VOLUME II)

PORTO
EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO, EDITOR
18—Rua dos Caldeireiros—20
1878



TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
26, Rua dos Caldeireiros, 26.

MYSTERIOS DE LISBOA

LIVRO TERCEIRO

I

Sebastião de Mello, com as súplicas da penitente nos ouvidos e no coração, aligeirou quanto pôde a sua chegada a Lisboa.

Tres annos antes, abandonára Portugal. N'essa época as filhas de D. Anacleto, geralmente reconhecidas como filhas de D. Theotonio de Mascarenhas, viviam, como elle o dissera á lastimavel mãe, uma casada e pobre, a outra com deshonra, mas opulenta. Assim o acreditavam aquelles que não duvidam receber todos os escandalos como factos consummados, mas não prescindem de se fazer escutar nas suas observações moralisadoras ácerca de cada escandalo.

Mello sabia a morada de uma e outra. Procurou Emilia, a titulo de encommendar a seu marido cópias de musica para flauta. Encontrou-a sósinha, e converteu facilmente a conversação no verdadeiro motivo que o levára alli.

— É lucrativa a arte de seu marido?

— Não, senhor; mas a felicidade não a dá o dinheiro. Vivemos remediadamente. Se não tivéssemos outros motivos de apoquentação, eramos felizes na nossa pobreza. Meu marido tem algumas discipulas de piano, eu ensino em casa algumas prendas que me ensinaram em um collegio onde fui educada, e nas horas livres, para entreter, fabrico hostias, que vendo para os Paulistas.

— E, comtudo, não é feliz...

— Quem o será, meu senhor?... Ha cousas de familia, que são mais afflictivas que a miseria e a fome...

Mundo do livro 12.30.33 2 vols.

— Não se arrependa d'essas pequenas revelações, se receia que eu as tome em sentido diverso do que ellas são... Eu sei os seus desgostos.

— Bem pôde ser... mas eu não conheço v. s.^a, ou estarei esquecida...

— De certo me não conhece... supposto que alguma vez nos encontramos...

— Onde?

— Em casa de sua mãe...

— Oh! meu Deus!... cuidei que ninguem se lembrava já da desgraçada mulher...

— Tantos annos ha que isto foi!... A snr.^a D. Emilia teria então quinze annos... Foi ha dez... Sua mana Antonia era uma menina que parecia ter pouca vida para este mundo...

— Infeliz!... Oxalá tivesse então morrido!... Viu-nos depois d'esse tempo?

— Raras vezes... Sua mana conheci-a bem perto d'esta casa... quasi vizinha...

— É verdade... Não sei que fatalidade a trouxe para ao pé de nós... Era n'aquella casa de tres andares... Viveu alli tres annos; mas nem ella nos viu, nem nós a vimos a ella...

— Já lá não vive?

— Não, senhor. Ha um anno que começou a punição da desgraçada...

— Sei o que quer dizer... O homem que a tirou do collegio foi fuzilado...

— Deus se compadeça da sua alma...

— E a mana?

— No dia seguinte á morte d'esse homem, o senhorio da casa recebeu as chaves, e ordem de vender todos os objectos que se achassem dentro, e applicar a importancia em missas por alma do infeliz.

— E ella que destino tomou?

— Não sei, senhor. Meu marido cansou-se em procurar, mas, em uma terra d'estas, vão lá saber onde se escondeu uma mulher obscura, por cuja falta ninguem dá!...

— Tem razão... Já vejo que não ha meio nenhum de saber...

— Onde ella está? De certo, nenhum... Deus sabe se ella teve o fim da desgraçada mãe...

— Que fim teve a mãe?

— Dizem que se afogára...

— Deus permittiria que sua mana não commettesse o impio crime do suicidio... Quem vende o que possui para remir as penas eternas do seu amante, de certo se não mata. A religião tem consolações para todas as amarguras. Ora diga-me,

não conhece creado ou creada que servisse sua mana, ou pessoa que a visitasse, enfim... alguém que vivesse em mais contacto com ella?...

— Ninguém... Já disse a v. s.ª, que entre mim e minha irmã, desde o momento em que ella deixou o collegio, nunca mais existiu o menor parentesco, nem a mais ligeira relação.

— Parece-me que a snr.ª D. Emilia foi demasiado severa com sua irmã...

— Fui, e d'esta soberba tenho pedido perdão a Deus. Mas, senhor, a mulher casada é escrava de seu marido. Meu marido prohibiu-me, e eu pensei que seria maior peccado a desobediencia a meu marido...

— Deus é que nos julga... Desculpe-me estas impertinentes perguntas. Aqui ficam as musicas que quero copiadas, e a paga... Supponho eu que será pouco mais ou menos isto.

E deixára um rolo de papeis com um cartucho de dinheiro, que D. Emilia abriu. Eram cincoenta peças, que a deixaram trôpega, physica e moralmente, até que seu marido, por não ter mais hypotheses a estabelecer, concluiu que se tratava de alguma restituição. Nas suas mil conjecturas, o honrado mestre de solfa imaginou que aquelle desconhecido era o judeu Azarias Pereira.

Sebastião de Mello, apesar da sua vontade de ferro e dos seus vastos recursos, descoroçoára, vendo inuteis quantas diligencias empregou para encontrar Antonia. Vivia mortificado. A commissão da penitente de Viduedo não podia ser cumprida. Cada manhã, levantava-se com um novo plano de syndicancia, e via cair a noite como um véo, cada vez mais espesso, sobre o segredo impenetravel.

Um dia, apresentou-se Sebastião de Mello em casa do intendente geral da policia, perguntando-lhe se seria possivel, por meio de indagações, alcançar esclarecimentos sobre a existencia de uma mulher que, um anno antes, desapparecera, sem deixar vestigios do seu destino.

— Morreria — disse o intendente, mettendo na bôca, desenfadadamente, um rebuçado.

— É possivel; mas deve existir em alguma parochia o assento do obito.

— Pois bem; n'esse caso dirija-se ao vigario geral, ou quem quer que é.

— Mas se não existir o assento?

— Então não morreu.

— Póde ter morrido...

— Não sei como...

— Suicidando-se.

— Ah! é verdade! — disse o imbecil magistrado, com o re-

gosijo de quem assistiu á resolução de um difficil problema —
N'esse caso, se se suicidou, quem tiver devoção reze-lhe por alma.

— É justo; mas se podessemos obter a certeza do suicidio, ou pelo menos a probabilidade...

— Essa mulher era pessoa de bem?

— Não comprehendo bem a pergunta...

— Se era senhora de nascimento...

— Quer dizer... fidalga?

— Sim, pessoa illustre...

— Era filha de um dos Mascarenhas...

— Dos Mascarenhas? De D. Theotónio, que morreu ha cousa de doze annos?

— Justamente.

— Essa pessoa posso-lhe eu dizer que não morreu.

— De véras, senhor?!

— De véras; pois eu estava agora aqui a zombar de v. s.ª?!

— Onde vive?

— Não sei... Eu lhe conto a razão por que lhe posso afiançar que essa senhora é viva, ou pelo menos era-o, ha dois mezes, quando muito... Um dia appareceu-me aqui uma mulher gritando como uma endiabrada contra os malvados, que lhe tinham roubado a sua menina. Mandeí-a calar, com pena de prisão; e a mulher, mais socegada, explicou do seguinte modo a gritaria com que me atordoou. Disse que era a ama de leite que criára uma menina, filha do general Gervasio Faria, e de uma senhora, amante d'este desventurado jacobino. Que o pae tinha perfilhado esta menina, na vespera de ser arcabuzado, e que uns homens encapotados, naturalmente para obstemem a que a criança succedesse na herança do pae, lh'a tinham roubado para a matarem. Com estes esclarecimentos assim vagos, eu nada podia fazer. Tomei o nome da mulher e a morada...

— Conserva esse apontamento?

— Conservo... eil-o aqui no livro: *Rosa de Jesus, praça das Flores, n.º 10*.

— Queira v. exc.ª continuar.

— Tomei o nome da mãe. Quiz saber a morada; mas a mulher não m'a disse. Eu como não podia obrigar-a, deixei-a. Inquiri testemunhas. Todas disseram que tinham visto entrar, ao escurecer, uns encapotados em casa da tal Rosa, que ouviram uma menina gritar, que a ouviram a ella pedir soccorro. Mas tudo isto, supposto fizesse prova, não era prova contra ninguem. Eis aqui o que posso dizer-lhe a tal respeito, e desculpe-me se o despeço, que estou aqui occupadissimo com estas denúncias a respeito de um tal Roberto Fajardo,

Malasartes por alcunha, que dizem ter escripto uma satyra em verso contra a viscondessa de Jerumina, personagem muito querida de s. exc.^a o general Beresford.

Sebastião de Mello, grato á despedida, correu com o coração em saltos de alegria a casa de Rosa de Jesus. Felizmente era tudo verdade. A consternada ama contou minuciosamente a historia do roubo. Acabou por implorar o valimento do desconhecido a favor d'ella, e da inconsolavel mãe.

— Deve viver muito amargurada essa infeliz menina!...— disse Mello.

— Ai, senhor! Conheceu-a?

— Conheci.

— Pois se a vir não a conhece. É mesmo uma cousa de fazer chorar as pedras. Tem a pelle pegada aos ossos, e começaram-lhe as brancas a apparecer. Caiu-lhe quasi todo o cabello, e sumiram-se-lhe as maçãs do rosto. Que pena ella faz a minha querida senhora!

— De que vive?

— Trabalha; pouco lhe basta para viver. Faz camisas de homem, e engomma. Sou eu que lhe arranjo as encomendas, porque ninguem d'este mundo, a não ser eu, sobe as suas escadas para cima.

— Ninguem?

— Esta luz me falte, se eu minto, senhor. Oxalá que ella se não matasse assim, sem querer remedio, nem consolações. Acho-a a chorar, e a chorar a deixo. Desde que me roubaram a menina, que eu lhe levava todos os dias, desde que o malvado inglez lhe mandou matar o pae, desde então a pobrezinha está a encher dias. Qualquer dia vou encontral-a morta.

— Se vossemecê lhe dissesse que ha um homem que lhe promette procurar a filha viva ou morta, parece-lhe que ella se deixaria visitar por esse homem?

— Eu sei, senhor! Ella já não tem esperanças nenhuma, nem eu, a fallar-lhe a verdade. E essa pessoa, que me diz, tem alguma certeza de encontrar a nossa menina?

— Certeza, não; tem vontade, e força, e dinheiro. Vencerá todas as difficuldades. Será capaz de arrancal-a dos braços de um gigante, se ella estiver viva; e, se estiver morta, punirá os assassinos.

— Pois então deixe-me fallar com ella primeiro.

— Quando?

— Hoje mesmo; d'aqui vou lá direita; á noite venha v. s.^a aqui, e achará a resposta.

— Até á noite.

Rosa de Jesus, quando tomava de sobre o toucador uma chave, viu dinheiro em ouro. A surpresa foi agradável e ma-

ravilhosa. Era mais um argumento que levava para reforçar a sua eloquencia.

Sebastião de Mello, enquanto Rosa saboreava a impressão, chamava um gaiato, que corria atraz de um cavalleiro, e entrava com elle em uma porta.

— Espera... Vês aquella mulher de capote côr de pinhão e lenço branco?

— Sim, meu fidalgo.

— Segue-a... e vê onde ella entra... Sabes ler?

— Os lettreiros das ruas, e o numero das portas, sei, fidalgo.

— Toma de côr a casa onde a vires entrar, e vem em um pulo dizer-m'o á hospedaria Peninsular, rua do Arsenal, n.º 40.

— Bem sei, meu senhor.

Meia hora depois, chegava o gaiato.

— Viste?

— Entrou na rua do Carvalho, no bairro Alto, n.º 87. Abriu a porta...

— Abriu a porta?!... Tu enganas-te, ou me enganas.

— Raios me partam, cego eu seja dos olhos ambos, e nada me corra direito, se isto não é verdade. Eu puz-me á sucapa dentro do portal do conde de Ficalho. A mulher chegou, e abriu a porta da rua, fechou-a logo que se engasofilou, e eu fui ver o numero e puz-me na pirezão...

— Estás bem certo que era na rua do Carvalho, n.º 87?

— Mesmo defronte do quintal do conde de Ficalho, á sua mão direita, indo para cima.

O gaiato saíu contentissimo da commissão.

Sebastião de Mello entrou em uma sege, e parou a pequena distancia da rua das Flores. Foi á porta n.º 10, e estava fechada. Com pouca espera, chegou a snr.ª Rosa de Jesus, entrou, e após ella o generoso remunerador do seu trabalho.

— Venho triste, meu senhor! Nada fiz...

— Por quê?

— Diz que em sua casa só entrará o padre que lhe levar a extrema-unção.

— Pois não ha nada que a móva? Nem a esperanza de encontrar sua filha?

— Chorou muito quando lhe disse isso, e respondeu-me: «Os meus inimigos mataram a filha... e querem matar a mãe...» — Teimei, disse-lhe que v. exc.ª me deixára uma peça sobre a commoda, e quando lh'o disse, então é que ella ficou de pedra e cal a dizer que não. «Os meus inimigos são ricos... Eu se tivesse algum amigo, seria pobre como eu.» Foi o que ella, por fim de eu baralhar quanto pude, me respondeu.

— E vossemecê não está resolvida a descobrir-me o segredo da residencia d'essa senhora?

— Sou pobre; quando v. exc.^a me deixou, ha bocadinho, este dinheiro, eu não tinha um tostão para a ceia; mas pôde dar-me a riqueza do Quintella, que eu não sou capaz de lhe dizer onde mora a mãe da minha querida menina. Se quer o seu dinheiro, tome-o lá outra vez.

— Não quero, mulher. Folgo de a ver assim honrada. E, para que vossemecê conheça o valor que eu dou ao seu procedimento, receba esta pequena lembrança de um homem, que quiz tentar a sua fidelidade, mas com a intenção de ser útil á sua desgraçada ama.

Rosa via-se senhora de um capital, que nunca reunira em suas mãos. Durante a noite, em que não pôde serenar o sangue, e cerrar os olhos, phantasiou tudo que podia fazer-se com vinte moedas, e acabou por planisar uma lojinha de capella com estanco, da qual, sem Antonia saber, tiraria meios para suavisar-lhe o trabalho de costureira obscura, sempre mal pago.

Sebastião de Mello entrava na rua do Carvalho, alta noite, e batia a uma porta fronteira ao muro do quintal do conde de Ficalho.

— Quem é? — perguntou uma voz de um terceiro andar.

— Aqui é que mora o snr. André Teixeira?

— Nada, não é.

— Pois o numero d'esta casa não é 87?

— Não. O numero d'esta casa é 89.

Astuciosa maneira de decifrar numeros de portas, em plenas trevas.

— Muito obrigado.

— Mas no n.º 87 — disse a mesma voz — não mora nenhum André.

— Penso que mora — disse Mello, ancioso por terminar o dialogo. — Veio esta noite para cá... Boas noites.

— Só se for isso... Até aqui vinha uma mulher de capote e lenço, abria, fechava a porta, e saia logo.

— Boas noites, muito obrigado.

A maldita curiosidade, apesar do frio, conteve na janella a informadora importuna do improvisado André. Sebastião de Mello, receioso de que a sua paragem silenciosa áquella porta fosse suspeita, retirou-se, e voltou, quando a janella do n.º 89 se fechou, com grande pezar e confiança da dona da casa.

Bem cingido com a porta, Mello demorou-se alguns minutos, insculpindo em pasta de cera o orificio da fechadura. Passou depois para defronte, e fixou os olhos no unico andar d'aquella casa.

Deu meia noite. Ha meia hora que o encapotado, preso nem elle sabia a que pensamentos vagos, se achava ahí, esperando nem elle sabia o quê.

Minutos depois, viu uma como scintilla de luz por entre a juntura das portadas interiores da janella de peitoril. O seu coração estremeceu. É que todas as commoções que então lhe agitavam a alma com um excesso de vida, estavam presas, eram a continuação d'aquella noite da ermida de Viduedo. N'aquella casa estava a filha da penitente, cheia de poesia funebre, poesia que sua irmã não tinha, porque vivia uma vida trivial, um mixto de miserias e gãos, como o resto do genero humano. N'aquella pobre casa estava uma mulher de vinte e cinco annos, symbolo de desgraças reconditas, e a setenta leguas, com as faces em uma pedra, e os membros açoutados pela neve, áquellas horas, a mãe d'essa mulher pedia a Deus que não a deixasse expirar sem beber, convertidas em fel, as lagrimas de deshonra, que uma de suas victimas derramava.

Soára uma hora. A faísca de luz desaparecera; e pouco depois aquella janella foi aberta. No canto escuro em que se escondera, Sebastião de Mello não podia ser visto, e divisava um vulto em pé, e ouviu uns sons de quem aspira um sorvo de ar. Pareciam suspiros mal reprimidos, ou soluços de quem procura delit-os em lagrimas.

Mello sentia-se febrilmente excitado. As mais fortes organizações tem debilidades infantis. O confidente de Anacleto não podia sustar os impetos que o animavam a dirigir áquella mulher uma palavra. A lua brilhou em todo o seu fulgor, um momento, por uma fenda aberta nas nuvens. Mello viu a face d'aquella mulher como á luz de um relampago. Era um alabastro dos tumulos, a cabeça de um anjo procurando no céu uma alma. O coração e o genio afoutaram-lhe o temor. Um novo clarão da lua mostrou Antonia com as mãos erguidas. Mello, sem mover-se, murmurou em voz, que denunciava commoção e lagrimas:

— Antonia! essas orações são ouvidas no céu.

— Oh! meu Deus — balbuciou a filha de D. Theotonio, recuando, como para fechar a janella.

Mello presentiu, pelo coração, este movimento, e disse:

— Não fuja, senhora! A desgraça é tímida, mas Deus não quer que desprezemos a voz amiga, que nos manda orar, Antonia!

— Não conheço a voz que me chama — disse ella a tremer, sentindo-se presa por forças superiores áquella janella.

— Se não a conhece, escute-a, que é a voz de um amigo... Fallava com sua filha?

- Sim, sim com minha filha... Morreu?
- Ha um homem que pede a Deus a força, a energia, e o poder do milagre para entregar viva ou morta essa filha a sua mãe.
- Senhor, quem quer que seja, eu regarei os seus pés com lágrimas de gratidão.
- Mas esse homem tem mais deveres a cumprir, Antonia.
- É meu parente, ou amigo, senhor?
- Amigo...
- Conheço-o?
- Poderia conhecer-me. Já uma vez lhe disse, no salão de sua mãe: «A sua vida é triste como o presentimento de morte proxima.»
- Ah!... nunca me esqueceram essas palavras... Lembra-me quem m'as disse... Era um cavalheiro muito pallido, que nunca mais tornei a ver... E essa pessoa... é...
- Sou eu, Antonia. Se me vir á luz do dia, talvez me não conheça; mas sou eu.
- Mas esse sujeito n'essa mesma noite deu-me...
- Uma rosa branca... e disse-lhe... «é como o coração da mulher triste, quando a rodeiam as alegrias das almas super-ficias. Esta flor vivia mais no seu pobre jardim. A mulher de coração, fechada entre as quatro paredes do seu quarto, sentiria prazeres, que não são como estes que se mascaram nos salões.»
- Sim, sim, foram essas palavras! Oh! senhor, que espirito o conduz aqui, depois de dez annos?
- O espirito de sua mãe.
- De minha mãe!... Por Deus, que me faz tremer de medo!... Senhor, eu sou fraca, e estou sósinhá... Não me diga que minha mãe veio a este mundo fallar na desgraçada filha de Theotonio de Mascarenhas...
- Compreendendo a idéa que prendeu ao nome de seu pae, Antonia... Se quiz ferir a memoria de sua mãe, peça-lhe perdão.
- Não quiz... não... pela minha salvação... não quiz... Eu tremo... Não poderei ouvi-lo... muito tempo...
- Recolha-se, Antonia. Ás dez horas da manhã hei de encontrar aberta para mim esta porta fechada para todos. Se a encontrar fechada, abri-a-hei. Um homem, encarregado de uma comissão, que prende os mortos aos vivos, vence todas as resistencias... Antonia, ouviu-me?
- Ouvi... mas é impossivel... Só ao meio dia é que a minha porta se abre... eu não tenho a chave...
- Até ás dez horas.
- Foram as ultimas palavras. Fascinada pela soberania do

homem, pelas reminiscencias d'aquelle typo que se lhe gravára no espirito, e pelo terror imperioso com que a mandava obedecer, Antonia não sabia, nem podia resistir. A noite passou-a em um trémulo de susto. A cada ruido escondia a cabeça, para não ver, ou para não ver mais pronunciado o phantasma de sua mãe. Orou muito, porque o mêdo sécca as lagrimas. Anciou a luz da manhã, e sentiu-se tanto mais apertada da alma, quanto as dez horas se aproximavam.

Ao romper do dia, Sebastião de Mello entrava na fabrica de um serralheiro, e esperava que se lhe fizesse uma chave pelo molde aberto em cera.

As dez horas em ponto, abria a porta n.º 87, subia, e encontrava uma senhora, que tremia, abrindo a porta da unica salêta.

— Conhece n'estas feições algum traço do antigo homem? — perguntou Mello, sorrindo.

— Quasi... todas... — disse Antonia, violentando as palavras, que lhe não passavam do seio arquejante.

— Então... enganei-me... ainda bem, que não pôde duvidar da pessoa. Passou uma triste noite, não é assim?

— Devia passal-a...

— Será a ultima das mais tristes da sua vida.

— A ultima, se Deus o permittisse...

— Crê em Deus?

— Oh! que muito mais desgraçada eu seria, se não acreditasse!...

— Crê na virtude?

— Meu Deus!...

— Por que chora, Antonia!?

— Se eu fosse virtuosa, não...

— Não chorava assim? Chorava... Essas lagrimas o que são, senão a virtude? Filha, a tranquillidade que por ahí vê nas existencias, que o mundo chama virtuosas, é taboleta de uma barata virtude, sem sacrificios, sem desalentos, sem pelepas, nem triumphos. A virtude é a flor regada com lagrimas, e colhida entre os espinhos, com os dedos a escorrerem sangue. Outra pergunta, Antonia... Quer ser senhora das suas acções, ou obedece a quem lhe disser: «Em nome de Deus, e da virtude quero dominar-te?»

— Obedeço...

— Sem vontade propria...

— Sim, sem vontade propria, porque em nome de Deus, e da virtude, ninguém quererá augmentar os meus infortúnios.

— Bem. Hoje ás quatro horas da tarde deixará esta casa.

— Oh! senhor! por piedade!... diga-me se devo abando-

nar-me assim a uma pessoa quasi estranha... Jesus!... tenho a cabeça tão confusa, nem sei o que devo pedir-lhe.

— Peça-me que a venha buscar ás quatro horas da tarde...

— Obedeço, senhor, obedeço...

— Bem. Depois da obediencia, segue-se a consulta. Até aqui mandou o pae, agora consulta o amigo. Quer entrar em um convento como secular?

— Oh! meu Deus! em um convento!... Já vejo que é o meu anjo salvador... Oh! sim! sim! seja n'este momento — disse ella, ajoelhando.

— Não pôde ser já. Ás quatro horas da tarde. Levante-se, filha... Antes d'isso é preciso fazermos uma convenção... Antonia, desde este instante, será conhecida como minha irmã. Se lhe perguntarem o seu passado, diga que não tem nenhum; se lhe perguntarem o meu, diga que sou um homem que tem o coração fechado para todo o mundo. Comprehende, minha irmã?

— Sim... eu farei que ninguem me pergunte nada da minha vida... O silencio, e a oração...

— O silencio, e a oração... é o alimento do espirito; mas a materia precisa respirar. Nos conventos não se procuram grutas de Thebaida. Está-se mais perto do altar, mas não se voltam as costas ao mundo. Já lhe disse... sem sacrificios todas as virtudes são faceis... É necessario que saiba as misérias da terra, para elevar com mais fervor as suas súplicas a Deus. Os bons pedem pelos máus; e os máus, com os seus crimes e as suas expiações, são a melhor escola dos bons. Antonia, até ás quatro horas...

Mello fez voar o seu cavallo a S. Vicente de Fóra. Á custa de algum ouro, com que as resistencias ecclesiasticas se vencem desde Roma até ao presbyterio rural mais obscuro, o generoso fidalgo fez passar uma licença de entrada de D. Antonia de Mascarenhas no mosteiro da Encarnação.

D'alli, partiu ao convento, onde lançou nos avultados cofres da casa o preço de uma cella, e as meçadas de um anno, que deviam ser entregues pela prelada á secular.

Pouco depois, entravam os moveis da cella de D. Antonia, e Rosa de Jesus, que devia surprehendê-la como creada.

E ás quatro horas parava uma carruagem na casa da rua do Carvalho, n.º 87, d'onde, com grande espanto, as vizinhas viram sair aquella senhora, que muitas, mais jocosas, disseram ser uma defunta em pé. A do terceiro andar, n.º 89, essa gastou duas horas de animada tagarellice, contando, com grandes flores de mentirosa rhetorica, a historia de André Teixeira, no que deu muito que pensar desde a rua do Carvalho até ao cunhal das Bolas.

As que diziam que D. Antonia parecia uma defupta em pé, não iam mal na comparação. Aos vinte e cinco annos pareciam incriveis semelhantes-estragos em um rosto em que a arte não encontrava uma linha de juventude.

Na sua linguagem desflorida, mas rudemente expressiva, Rosa de Jesus dera de sua ama um fiel retrato a Sebastião de Mello. Raros cabellos, e alguns já brancos, se lhe enrolavam em dois pequenos anneis nas fontes, como para deixarem bem visiveis as rugas profundas, que se cruzavam na testa. A vista era baça, e o colorido da pupilla pallido como a luz embaciada pelos raios do sol. O lenço preto, aconchegado ao pescoço, não disfarçava os relevos da magreza. O vestido negro era como a mortalha, em que alvejavam as mãos afiladas e amarellas. Sebastião de Mello sentiu, ao dar-lhe a mão para a carruagem, o contacto de um morto. Aquella mão era de gelo... Se não fosse a convulsão, dir-se-ia que o sangue se tomára n'aquellas veias, ou aquella mulher se levantava de um tumulto como a filha da viuva de Nahim, resuscitada por Christo.

Antonia entrou no convento. Achou-se rodeada de carinhosas senhoras, que perguntavam umas ás outras se aquelle mosteiro seria cemiterio.

Recolhida á sua cella, encontrou a sua amiga, confidente unica das suas lagrimas, a ama de sua filha, que devia morrer, um anno depois, com o segredo de sua ama. Achou, se não opulencia, tudo que era grato ao coração de uma mulher, que ambicionava morrer esperando sempre sua filha, e receiava que a fome a sorprendesse, sem poder grangear com a agulha um bocado de pão reparador.

Eil-a, pois, a irmã de padre Diniz, a intima confidente dos segredos de Angela de Lima, a segunda mãe do filho da condessa de Santa Barbara.

Agora, se a leitora não repara no tratamento que se deu a D. Emilia, moradora na praça da Alegria, voltemos ao capitulo em que a deixamos resignada com as austeridades do copista de musica, ácerca de uma carruagem, que parou defronte de uma casa proxima, quinze annos depois que Sebastião de Mello lhe deixára cincoenta peças, que seu marido contava todos os mezes, e reservava como garantia de uma socegada velhice.

II

Supposto que a esposa resignada do snr. Joaquim dos Reis não desse a seu marido uma razão justificativa da sua curiosidade, a razão era de certo modo plausivel. A casa a cuja

porta parára a carruagem, era justamente a mesma em que, dezeseis annos antes, vivera sua irmã Antonia. Como ella, havia alli uma mulher mysteriosa; como aquella carruagem, parára alli muitas vezes a do general Gervasio Faria. Estas coincidencias, em que a razão nada vê maravilhoso, impressionavam o espirito de D. Emilia, que fora toda a sua vida supersticiosa; e, dos quarenta annos em diante, enfadonha em ver cousas sobrenaturaes n'aquillo que para seu marido era positivo como um tempo quaternario e o valor de dezeseis semi-fusas.

Quem saltou da carruagem foi Alberto de Magalhães, filho de D. João VI, espião de D. Pedro, cavalheiro de industria, contrabandista, negreiro, corsario, emfim tudo o que a boa sociedade de Lisboa queria que elle fosse.

Alberto era esperado no ultimo degráu da escada do primeiro andar por uma mulher de rara belleza, com um sorriso de enlouquecer, e um beijo á flor do sorriso, que accenderia o calor da vida nos labios de um morto.

Cingindo o braço com a cintura de Alberto, a joven feiticeira deixava-se ir languidamente quebrada sobre o hombro do cavalheiro, como quem se deixa ir abandonada á mercê de uma estranha vontade.

Alberto sentou-se em uma preguiceira de almofadas, de damasco carmezim. As espiraes inquietas dos curtos cabellos da viçosa moça tocavam-lhe como plumas na face, emquanto nos seus olhos, abrazados de não sei que lume, sentia o contacto suavissimo de assetinadas pestanas.

— Amas-me muito, Eugénia?

— Se te amo, Alberto! Nem eu sei se isto é amor... O que eu queria era morrer por ti!... Olha como é isto que eu sinto!... Será uma extravagancia?

— Eu quero que vivas, e vivas sem saudade...

— Saudades de quê, ou de quem?

— Pois de véras estás esquecida, inteiramente esquecida d'aquelle homem?

— Alberto, é impossivel que me faças tal pergunta para me experimentares... Tu bem sabes o que eu podia sentir por elle... O amor de uma escrava... nunca é amor...

— Escrava não o foste, Eugénia... Esse homem amava-te, queria-te a seu lado; e, se a morte não o surpreendesse, seria sempre a rainha d'aquelle coração, e escrava nunca.

— Escrava, sim. Pois não vês que me deixava uma esmola como preço da minha servidão?

— Não era esmola; era o preço do que elle julgou que faria a tua felicidade...

— Um convento?! Deixa-me rir sem vontade, Alberto...

Um convento para mim, que tenho dezesete annos, e o coração com todo este amor, que só tu... só a ti... por ti, meu querido, eu devia sentir... E... não te ris, Alberto? O conde, tanto me suppunha sua escrava, que depois de dar as suas ordens a respeito do meu corpo, estabelecia as missas que se diriam por minha alma... Forte pieguice teve aquelle pobre homem, que fanatisaram em Santarem!...

— Tu nunca tiveste por elle interesse do coração?

— Nenhum. Eu tinha dez annos quando vim para aquella casa, como creada grave da condessa. Esta senhora, a quem não desejo mal nenhum, tratava-me bem, e achava prazer em me ter consigo no quarto, d'onde nunca saia, a não ser para o côro da capella, em dias santificados. Quando cheguei á idade de agradar, encontrei muitas affabilidades no conde, que era pouco propenso a carinhos. Lá me admirou tanta meiguice; mas só no momento de ser violentada, sem eu saber que genero de violencia se me fazia, é que eu conheci que era uma criança de treze annos, obrigada a ceder ás paixões, sem alma, do dono da casa. O conde, para me galardoar a escravidão, que eu, deixa-me assim dizer, estupidamente aceitei, não se escondia da condessa. Pelo contrario, fazia gala da immoralidade, e mandava-me olhar com soberania a pobre senhora. Eu não o faria nunca, se a condessa me não lançasse com um empurrão fóra do seu quarto, uma vez que eu principiava a contar-lhe a historia da violencia, para pedir-lhe perdão, e fugir d'aquella casa. Eu tinha máu genio, e orgulho, não sei por quê... Desde esse dia, tratei-a mal, mas nem por isso senti o que era amor!... Amor! ai, Alberto!... amor é isto que eu sinto por ti!... O que eu tinha por elle, nem sombras era do que se passa no meu coração... Se a ternura e a paixão é isto, que me deves, querido, o que eu sentia por elle era odio...

E collava os labios sôfregamente aos d'elle, fazendo-lhe sentir os saltos do coração, e os estremecimentos nervosos do braço nú em redor do pescoço.

— Mas, olha, Eugenia, não me disseste ainda como foi a tua retirada de Santarem...

— Ai, não? Eu t'o digo... É uma cousa muito natural... Eu estava á cabeceira do conde, porque só eu lhe fazia beber os remedios... N'isto entrou um padre e um escrivão. O padre lançou-me uns olhos que pareciam cegar-me os meus... Não sei o que vi n'aquella cara, que me não causava aborrecimento, mas terror sim. Nunca me ha de esquecer aquelle homem!... Além d'isto, o escrivão começou a fallar em citações, e tribunaes, e trapalhadas que me fizeram pensar que se tratava de prender o conde, e a mim tambem, á ordem da

condessa de Santa Barbara. Retirei-me para o meu quarto, e estava conjecturando o que devia fazer, quando a dona da hospedaria, que me pareceu uma boa mulher, veio ter comigo, e me disse que o melhor era eu retirar-me, porque desconfiava que se me estavam preparando alguns trabalhos. Já te disse que não sentia apêgo nenhum áquelle homem... Acompanhava-o, não sei por quê... porque elle era meu amo, e me disse «vem!» Ora ahí está... E então que fiz eu? O que faria qualquer mulher na minha situação. Mandeí preparar duas cavalgadas. Em uma fiz pôr os meus bahús; na outra umas andilhas; saltei para cima com o melhor sangue frio, e disse adeus cá de longe ao snr. conde de Santa Barbara, que finalmente era tão boa pessoa, que me deixou uns cruzados novos com a condição de eu me metter como creada de freira, na agua-furtada de uma cella!... Deus nos livre de beatos á ultima hora! Seria o tal padre que lhe metteu esta na cabeça? O homem, por mais que me digam, estava a delirar com febre... Sabes o que eu disse ao tal padre, quando ha tempos o encontrei?

— Não.

— Que viesse a minha casa.

— Para quê?

— Quero mostrar-lhe os meus rosarios de contas, a minha touca de creada de freira, os meus relicarios e bentinhos... enfim quero-me rir, se não tiver mêdo dos olhos d'elle.

— Não fizeste bem...

— Por quê?

— Aquelle homem não é um homem como eu e como os outros.

— Isso é que eu não sabia!... Então que tem de mais ou de menos?!

— Tem de menos as fraquezas dos outros homens, e tem de mais o poder de subjugar debaixo de um pé as suas paixões e as alheias. Sonda o insondavel, derruba o que é inalabalvel, e não sabe o que são impossiveis.

— Estás a brincar connigo? Não tenhas ciumes... Elle é velho...

— Então sempre queres recebêl-o?

— Como tu quizeres...

— Recebe; mas em mim não lhe falles...

— Pois sim. Mas elle sabe que eu sou tua?

— Deve saber, porque elle sabe tudo.

— Tudo?

— Creio que tudo.

— Hei de fazer-lhe uma pergunta, que te vae deixar mentiroso, meu Albertinho.

— O quê?

— Hei de perguntar-lhe de quem sou filha.

— Pois tu não sabes?

— Eu não. Disse-me o conde que eu era engeitada... Se elle me dissesse quem eram meus paes, então sim!... se me mandasse atirar dos Arcos das Aguas-livres, atirava-me...

— Isso poderá elle não o saber, porque o crime tem segredos, que a virtude não sabe descortinar...

— Ah! falla-me assim. O tal padre sabe o que todo o mundo póde saber com trabalho e com finura. Aposto que elle não sabe que eu te dou agora dois, tres, quatro, cinco, seis beijos? Aposto outros seis, queres?

— Fallemos de outra cousa, Eugenia. Então que me querias pedir hontem?

— Quando?

— Não me disseste que tinhas uma cousa a pedir-me?

— Disse; mas por ora não tenho a precisa segurança no teu amor para me atrever....

— Se é um atrevimento, n'esse caso dispensas-me de ouvir-o, não é verdade?

— Não é atrevimento... é ciume...

— Ciume!... Cêdo principias, minha gentil egoista...

— Achas cêdo? E eu parece-me, pelo muito que te quero, que nos conhecemos em outro mundo antes d'este...

— Leste as novellas de Harlincourt?

— Não sei se li.

— Parece-me que é de lá esse galanteio...

— Zombas de mim? — disse Eugenia com duas lagrimas buliçosas nas longas pestanas.

— Não, filha... era um gracejo de mau gosto... não sabes? comprei-te uma sege, e dois cavallos negros, da côr dos teus cabellos. Vaes ter uma sege ás tuas ordens... e dois lacaios inglezes com polaina de anta côr de flor de alecrim... Não gostas?

— Não; o que eu queria era o teu amor.

— E que mais?

— A tua presença sempre aqui... Desejava viver contigo no campo, sósinhos, e um jardim, um bosque, e uma fontinha, e muitas arvores, e um lago com um barquinho. Queria viver no teu kiosque, onde te vi, pela primeira vez, e me perdi de amores por ti.

— De amores!... Foi uma impressão mortal, pelo que vejo!

— Não me crês?

— Custa-me.

— Então... deixa-me!

E Eugenia levantou-se amuada, e foi sentar-se ao piano, onde corria a escala que aprendera em tres lições.

Alberto, que não era todo espirito, nem todo materia, reconciliou-se com um beijo furtado. A galante creatura voltou o collo de aguia, como a pomba ao arrolar do companheiro, e esqueceu o momentaneo pezar.

Amava-o ella? Sim, d'esse amor capaz de todas as virtudes e de todos os crimes.

— E então... Alberto... ouves o meu pedido?

— Ouço... que queres?

— Não vás a Odivellas.

— Por quê?

— Tu amas alli uma mulher.

— Quem é?

— Não sei, nem quero saber... parece-me que lhe dava um tiro... Mas não a ames, Alberto! Será mais bella, mais carinhosa, será fidalga, mas não sente como eu... Se me abandonasses... Alberto, tu meditas? Sempre é verdade que amas outra, ingrato?

— Não.

— Então vae... eu acredito-te... vae... mas, repara bem, quando me chegar ao coração a punhalada da certeza, achas-me morta, se me procurares...

— Eugenia! Tu serás um anjo?

— Faz que eu o pareça para todo o mundo... O meu coração principia hoje a amar e a soffrer... Se vês que, pelo passado, não valho tanto aos teus olhos... desculpa-me, e regenera-me...

— Espantas-me, Eugenia!

— Que é que te espanta em mim?

— Aos dezeseite annos, parece que aprendeste no mundo toda a eloquencia das paixões praticas, ou das theorias do calculo... Não descóres, Eugenia! Eu preciso de ter contigo estes desabafos... A suspeita é um demonio que entra no coração, e abafa o anjo da boa fé. Estes estudos na tua alma são-me necessarios. Perto dos quarenta annos, venho achar em ti um typo novo! Tens um grande coração, e uma grande intelligencia, Eugenia! Na tua idade não se finge assim!... Eu suppunha-te uma bonita mulher, e mais nada. Agora, olho para a tua frente, e vejo ahi a prophesia de um destino superior! Ouvi-te primeiro com indifferença, depois com admiração, e, por fim... fazes-me supersticioso! Se fosses soberba de opulencias, podias subjugar os corações como um anjo, e esmagal-os como um demonio. Que idéa fazes tu de ti, Eugenia?

— Não sei!... Essa maneira de me fallares é nova para mim, Alberto... Desconheço-te... Queria mais carinhos n'essas palavras... Acho-as frias e fortes de mais para uma mulher que não sabe senão amar...

— Quero habituar-te a esta linguagem. O teu genio conspira contra tudo que é trivial... Não podes ser uma mulher vulgar, Eugenia... Vou educar-te...

— Educar-me? Tens essa paciencia?

— Tudo que fores, has de devel-o a ti. Quero que sejas uma mulher, como conheci algumas em França, e não conheço duas em Portugal. O teu coração alimenta-se de amor; mas o teu espirito precisa de um manjar que o amor não dá. Quero-te instruida, illustrada, enriquecida de tudo que póde saber-se, e comprehender-se... Aceitas?

— Se aceito! Não vês que sou uma rapariga que apenas sei ler, e nem tudo que leio entendo! E serás meu mestre?

— Teu guia na sciencia das pessoas. A sciencia das cousas has de aprendel-a nos livros.

— Pois sim... tudo que quizeres, comtanto que tudo que eu possa saber, ha de converter-se em felicidade nossa; quando não, quero tudo ignorar... Basta-me saber que devo viver e morrer, amando-te...

Soára a campainha.

— É o mestre de musica, — disse Eugenia — não vás sem veres os meus progressos... Esta vaidade é uma ironia, Alberto! Eu creio que tenho a cabeça fechada para a percepção da musica, como as cabeças d'estas desengraçadas colcheias.

III

Quem aproximou Alberto de Magalhães da favorita do conde de Santa Barbara?

Foi o acaso.

Quando Eugenia voltára de Santarem, debruçava-se negligentemente Alberto de Magalhães no peitoril do seu kiosque, sobranceiro á estrada, no Beato Antonio. A foragida rival de Angela de Lima vinha triste. A sympathia prendia os olhos n'aquelle rosto angelico, em que o viço desbotado era a morbidez de flor colhida em hora de calor, e desbotada pelos ardores da sésta. Alberto, desde que o vulto se desenhára, sem que as feições se destacassem, presentiu uma mulher bella. De longe a vinha chamando com os olhos, ávidos de um raio d'aquelles que se pasciam indifferentes pelas agrestes margens do Tejo. A poucos passos do kiosque, a passageira, fixando um homem estranho, córou surpreendida; mas não pôde, se muito quiz, deixar sem recompensa a vista fascinadora que a mandava imperiosamente olhar.

Alberto era um bello homem, se é bello um homem que não tem na cara o rosado feminil e o olhar somnolento das mulheres que se reclinam sobre estofos, como enfastiadas de um baile e de um amante de quatro mezes importunos... Se a belleza é isto, o amigo do antigo cigano era um homem feio. O nariz nem grego nem romano, era um nariz cosmopolita, magestoso em toda a parte, e quasi sempre o preferido nas physionomias phantasticas dos inventores de typos extraordinarios. O bigode negro e desalinhado, pouco se destacava da cutis pallida, se a côr de chumbo tambem pôde, sem aggravar á arte, chamar-se pallidez.

Gostariam de um homem assim? Eugenia sentiu, ao vê-lo, uma oppressão, um temor, uma ancia, uma... como lhe chamam os physiologistas do sentimento?... uma paixão. É isto possivel? E. Estas emoções recebem-se. Alimentadas por minutos, decidem de toda a vida de certas organizações; desprezadas, ou não correspondidas, como felizmente succede quasi sempre, poucos dias bastam, se não são horas, para o completo esquecimento.

Eugenia olhou, e seguiu o seu caminho, mas o coração ficava-lhe alli. Alberto desapareceu, e em um instante, espo-reava o cavallo quasi a par com ella. Eugenia já não era a mesma. Tremia, e não ousava olhar. O cavalleiro não descoroçoava como qualquer noviço em semelhantes profissões.

— Dá-me a honra de acompanhar-a? — disse elle com o chapéo descido até ao joelho.

— Terei muito prazer com tão boa companhia — disse Eugenia, com uma especie de forçado desembaraço, capaz de fazer benzer uma senhora de provincia, que, ha vinte annos, viajasse por aquelles sitios.

— Vae para Lisboa?

— Para Lisboa.

— É de cá?

— Sim, senhor.

— Vem dos ares do campo?

— Venho... — disse ella, sorrindo — mas não venho de fazer o que é costume dizer-se *ir a ares*. Venho de Santarem.

— Dá-me licença que lhe faça algumas perguntas?... Se forem indiscretas, não me responda... É solteira?

— Solteira.

— Absolutamente livre?

— O mais que posso ser.

— Não tem familia?

— Nenhuma.

— Mas deve ter uma qualquer posição...

— Tenho sido creada em uma casa.

- Creada!... e é feliz?
- Menos do que é costume ser-se na minha condição.
- Trocaria de boa vontade essa condição?
- Por qual?
- Se amasse... se achasse uma imprevista felicidade.
- Se fosse uma felicidade, abraçava-a.
- Queria encontrar um homem que a prendesse á felicidade pelo coração?
- Queria: mas eu não posso ser amada.
- Por qué?
- Eugenia não respondeu.
- Onde se recolhe em Lisboa?
- Por alguns momentos em casa do conde de Santa Barbara...
- Do conde de Santa Barbara?! Esse homem não está em Santarem?
- Ficou lá.
- Eu conheço-a... A menina não é uma simples creada do conde de Santa Barbara.
- Eugenia corou, e desceu os olhos de repente.
- Desculpe-me... uma outra pergunta: é Eugenia?
- Sou Eugenia.
- Não tenho pergunta nenhuma a fazer-lhe... Já vê que sei o segredo da sua vida. Ama esse homem?
- É impossivel... não ha forçado nenhum que ame as galés.
- Alberto maravilhou-se. Era necessario encontrar d'estas respostas, em labios de dezesete annos, para sair da apathia moral, em que o paralysára o cansaço.
- Eugenia... Olhe para mim... Acha-me um homem repulsivo?
- Não é possivel...
- Se me tivesse encontrado em uma situação em que eu lhe dissesse que a adorava, e que me seguisse... que faria?
- Pedia-lhe que me não fizesse mais infeliz do que sou...
- E com o presentimento de que encontrára um homem digno da sua alma?
- Tinha orgulho de ser desgraçada.
- Eugenia! A nossa conversação tem sido extraordinaria... Seja-o até ao fim... Quer seguir-me?
- Sigo... e sigo-o, sem pensar... Ha de proteger-me?
- Como se protege uma filha. Tem que fazer em casa do conde de Santa Barbara?
- Tirar uns bahús que me pertencem.
- São cousas que estime pelo coração?
- Não é nada... são vestidos.

— Deixe-os... Siga-me como seguiria um seu irmão...

Pouco depois, Eugenia entrava em casa de Alberto de Magalhães. Quando se viu sósinha em um vasto salão, apertou as mãos na cabeça, e murmurou:

— Ou isto é um sonho, ou eu estou douda!... Que é o que se tem passado, ha uma hora, na minha vida?...

Alberto entrava. Sentou-se em um sofá, e conversou duas horas com Eugenia, como conversaria com uma filha.

Dois mezes depois, na praça da Alegria, parece que era outro o parentesco; mas o coração de ambos, contra as leis chemicas d'estas reacções, augmentára no calórico o que, naturalmente, diminuira na pureza.

IV

Recuemos, que é necessario.

Desde o momento em que D. Antonia de Mascarenhas entrara no convento da Encarnação, Sebastião de Mello empregara quantos esforços o coração lhe suggerira para encontrar a criança, aos tres annos, arrancada dos braços de Rosa de Jesus. Baldadas diligencias. Os parentes de Gervasio Faria pareciam estranhos a esse attentado, e procuraram illudir as suspeitas de Mello, auxiliando-o astuciosamente nas suas averiguações.

Perdidas as esperanças para Antonia, o character energico do apaixonado amante de Francisca Valladares não as perdera. A tremenda crise por que sua alma estava passando, em uma paixão infeliz, apurava-lhe a sensibilidade, e inspirava-lhe todos os desvelos em suavisar o infortunio alheio.

Da vida d'este homem, largamente decifrada no *Livro Negro*, apenas trasladamos as paginas que são o nucleo, o enredo d'este longo drama de infortunios. É fóra do nosso plano historiar vagarosamente a paixão fatal, que o fez padre, que Adelaide, a freira de Santa Apolonia, contou por alto á sua amiga Angela, em Odivellas.

É certo, porém, que Sebastião de Mello, na sua volta a Portugal, em fins de 1817, fortaleceu esses vinculos de amor, que o prenderam a um tumulto. No anno seguinte morreu Francisca Valladares, e alguns mezes depois Sebastião de Mello era padre Diniz Ramalho e Sousa. N'esse mesmo anno entrou na Encarnação a filha do marquez de Montezellos. Passados tres mezes, o padre entra na quinta das Alcaçovas com o traje de cigano, para salvar o filho de Angela de Lima; e comtudo, em alguma parte padre Diniz appareceu como Se-

bastidão de Mello, a prophetisar um desgraçado futuro ao conde de Santa Barbara.

Estas prodigiosas metamorphoses, que, a não serem explicadas, perturbariam a chronologia dos factos, são cabalmente deduzidas, e rigorosamente certificadas no *Livro Negro*, que se acha já publicado na sua maior extensão.....

.....
Antes, porém, de acompanharmos o desenvolvimento das scenas que se representam em 1832, sigamos padre Diniz na sua jornada á provincia de Traz-os-Montes em março de 1819.

Onde vae este homem, que se despedia por alguns dias do tumulto da religiosa de Santa Apolonia? Vae a Viduedo. Vae dar conta da sua missão á penitente, que talvez já durma, cansada, ao fim de nove annos de martyrio, o somno eterno, debaixo da pedra que ella lhe apontára.....

— Estamos perto de Viduedo? — perguntou o padre ao guia que levára de Cabeceiras de Basto.

— Meia legua, senhor. Do picoto d'aquella serra já se vê o povo.

— Já aqui vieste alguma vez, amigo?

— Vim, sim, senhor, com minha mãe, consultar a santa. É a troco d'ella que vossemecê cá vem, não é?

— Ora diz-me, a respeito de que doença vieste com tua mãe consultar a santa?

— Por causa da minha companheira, que tinha o mafarrico no corpo, Deus me perdoe.

— E que vos disse a santa?

— A santa mandou-nos fallar com o cirurgião, que era o mestre da saude do corpo; e, se o cirurgião lhe não desse cura, disse-nos que fallassemos com um padre, que é o mestre da saude da alma.

— E depois?

— Mandou-nos embora, e não quiz pegår em nada que lhe davamos.

— Então por que é que lhe chamam santa?

— Isso agora é que eu não posso dizer a vossemecê. Ella não cura o *espírito* ruim, ella não é benzedeira, ella não cita as almas, ella não desmancha feitiços, nem corta a bicha, nem levanta a espinhela, a fallar-lhe a verdade, não sei por que lhe chamam santa. Quem nos cá mandou foi a fidalga do Arco. Pelos modos, a fidalga teve os seus desgostos, e veio ter com a santa de Viduedo, e contou-lhe lá não sei quê, que a trazia muito mal do coração por causa do fidalgo do Outeiro, que lhe devia... Enfim, cala-te, bôca... O caso é, meu amiguinho, saberá vossemecê que a fidalga veio cá, e quando tornou para a terra pouco tardou que o fidalgo não casasse com

ella. Todos disseram que foi feitiço, e minha mãe foi onde a ella, que é nossa senhoria de uns bens que lhe arrendamos, e contou-lhe a historia da minha Maria. A fidalga ouviu, ouviu, e a final de contas disse a minha mãe: «Snr.^a Anna, vá vossê a Viduedo, e procure uma mulher que está quasi sempre no coberto da capella; conte-lhe os padecimentos de sua nora, e faça o que ella lhe disser.» Ora vossemecê já sabe o que se passou. O cirurgião disse que não curava borracheiras, e o padre disse-me que lhe dêsse com um fheiro pela rabada até lhe pôr o diabo fóra do corpo, salvo tal logar. Minha mãe foi-se ter com a fidalga, e contou-lhe o passado, dizendo que a santa de Viduedo não era benzedeira, nem sabia desmanchar feitiços. A fidalga riu-se, e respondeu que a santa de Viduedo, quando a procurava alguém com paixão da alma, costumava pedir a nosso Senhor que livrasse a creatura da sua afflicção. Foi o que foi. Minha mãe não tornou cá pelo vêzo; enquanto a mim, a mulher sabe tanto de *inzorcismos*, como eu de latim.

A conversa prolongou-se n'este tom, até que padre Diniz, ao transpôr a lombada de um sêrro, deu de face com Viduedo. Alargou-se-lhe o coração. Meia face do sol, mergulhando-se no mar, tingia de purpura a vegetação meio florida de giestas e codeços que formavam a cintura da desabrigada povoação. A capellinha lá estava no mais elevado môro d'aquelle monte de fragas. A cruz de pedra tôsca era como a solitaria vigia d'aquella angusta dor, que ha dez annos, a seus pés, se purificava em lagrimas incessantes. O padre queria-se só. Despediu-se do guia, e encurtou o passo da mula, como quem deseja demorar uma impressão, que abrangia as mil sensações diversas.

Para certas almas, o extase de sacerdote, em frente da pinha de pobres cabanas, com os olhos fixos no reflexo do sol espelhando-se nas lousas polidas que guarneciam o colmado da capella; para certas almas, repetimos, o arroubamento de Sebastião de Mello será estímulo á meditação do que este homem seria n'aquelles instantes de solidão.

O passado de Anacleto, cheio de crimes, de fausto, e de gradação; a filha de Anacleto, áquellas horas, supplicando a Deus a vida do seu bemfeitor, e o segredo do destino de sua filha; Angela de Lima, a mãe do menino comprado ao punhal de um infanticida; a condessa de Santa Barbara, amarrada a um poste de dor e infamia, que seu marido lhe lançaria em rosto; Pedró da Silva, agonizando os ultimos arrancos de uma paixão desditosa; Francisca Valladares ha um anno no tumulto, e esse tumulto fechado para sempre... e depois... como desmentido a tudo que é da vida, como desengano a todas as il-

lusões... aquella desgraçada, além, segregada do mundo, cortada lentamente em cada fibra, vivendo, esperando a morte redemptora...

Padre Diniz levantava machinalmente as mãos e os olhos para o céu, quando as badaladas a Avê-Marias foram um toque suave, que lhe acordou o coração.

«Aquelle sino será ainda ella que o toca? Abençoada dor que me abres o céu n'este momento! Mulher predestinada, a quem o Senhor confiou a missão de me salvar das ultimas illusões da minha arrastada existencia! Bemdita sejas tu, santa, que vaes d'este mundo, deixando um homem, que o mundo admirou na publicidade, e que não vale em todos os actos da sua vida, como um só dos teus desconhecidos instantes de arrependimento!...» Choravam os olhos, e os labios gemiam esta expansiva invocação. Escurecera, quando o padre entrou no povoado.

Parou defronte da capella, e viu, como um anno antes, Anacleto dirigindo-se para elle:

— Senhor, quer que lhe ensine a pousada dos passageiros?

— Eu sei-a já. Aproximae-vos... Dae-me a vossa mão, Anacleto... Vós já me conhecestes.

— Já!... pela voz!... — balbuciou ella, regando de lagrimas a mão do padre, e querendo ajoelhar.

— Vêdes o meu rosto?

— Vejo... não é da pessoa que pensei... Enganei-me... perdoe-me... — disse ella, recuando.

— Não vos enganastes... O rosto do homem do mundo não é como este do padre... Olhae... Tenho cabellos brancos... Envelheci... Até logo, irmã! Virei dar-vos conta da minha commissão. Ficae pedindo a Deus por mim, e pela alma de uma martyr, que deixei a dormir na sepultura, enquanto venho aqui para não confiar a ninguem as vossas confidencias.

Padre Diniz bateu á porta do capitão de Viduedo. Sentou-se no escabello onde se sentára da outra vez; ninguem o conhecia.

— O snr. reverendo padre vae de caminho para prégar a Semana Santa em Ribeira de Pena, ou Villa Pouca, ou Ermello, não é verdade?

— Não, meus amigos. Vim aqui á vossa aldeia procurar as orações...

— Da santinha?... De bom proveito lhe sejam. É o nosso anjo custodio... Desde que ella veio, até parece que as novidades supprem mais na tulha. Tem aqui vindo muita gente de longe. Vae quasi ha um anno que aqui veio um fidalgo de Lisboa, e desde então a santinha, quando encomenda as almas, pede mais um Padre-nosso e uma Avê-Maria para que

Deus nosso Senhor encaminhe os passos de um homem bom, que procura as victimas da maior peccadora.

— Coitadinha! — murmurou o sacerdote, escondendo a commoção — Dizei-me... — tornou elle, por divertir o assumpto — Já pernoitei em vossa casa, snr. capitão... e vi aqui uma gente, que não vejo. Falta-me um velho, que estava alli sentado, e contava a historia da sua pedra de armas.

— Morreu... era meu avô, e poucas horas depois morreu minha avó... Tinham vivido juntos setenta e um annos; juntos morreram, e morreram nos braços da santa da capella: é de fé que estão no céu.

— E ella... a pobre mulher, continúa no mesmo rigor de vida?

— Sempre o mesmo, só com a differença de costumar subir muitas vezes a um picoto do outeiro, lá em baixo, d'onde se vê para a estrada. De vez em quando vemol-a lá, como quem espera alguém. No mais, o seu alimento é pão e agua, e a sua cama tem sido sempre debaixo do alpendre, na pedra estreme. Aqui ha mezes veio ahi uma fidalga de Basto, com creado de farda, em um cavallo grande, e fanchonaça de uma vez. Entrou no nosso quinteiro, e pediu que mandassem chamar a santa. Fui eu procural-a a casa de um doente, disse-lhe que estava ahi uma fidalga, e ella fez-se da côr d'esta camisa, e veio depois que tirou os causticos ao doente. Quando viu a fidalga, parece que lhe estava com medo. A tal mocetona tratou-a muito bem, e foi com ella para a minha casa nova, que é de sobrado, e lá fallaram por muito tempo. Depois saíram ambas, e eu disse cá commigo: «eu sempre hei de saber o que isto é... Aqui parece-me que ha sarilho de feiticeira, ou benzedela.» Così-me com a parede da bouça, que está á ilhargia da capella, a lóbrigar o que ellas faziam... Vae senão quando, reverendo snr. clérigo, a santinha ajoelhou, a fidalga ajoelhou a par d'ella, estiveram assim muito tempo, e por fim ouvi dizer á fidalga: — «Não tem mais nada a fazer-me?! — Mais nada, — respondeu a santa — o que aqui fez podéra-o v. exc.º fazer em sua casa. Tenha fé no remedio, que lhe póde vir de Deus; de mim, miseravel peccadora, não tem nenhum a esperar.» Ficaram-me cá na memoria estas palavras. O caso é que, passados dois mezes, tornou aqui a fidalga, procurou-a na capella, e disse-me o tio Antonio da Poça que a viu abraçada a santa. O que isto foi, não sei; mas que a cousa tinha engenhoca de bruxedo, isso lá é como o senhor sol.

Padre Diniz combinou, e comprehendeu a historia do capitão, que era a mesma do incrédulo marido da mulher possessa.

Terminada a ceia, e dadas graças a Deus pelo sacerdote,

que, segundo o uso, tinha a primazia, sentaram-se no escabello, quando a voz da penitente pediu as orações do costume. O salvador de Antonia Mascarenhas estremeceu, quando ouviu o ultimo pregão:

— Mais um Padre-nosso, e uma Avè-Mária para que Deus nosso Senhor encaminhe os passos de um homem bom, que procura as victimas da maior peccadora!

— Agora — disse o hospede — permittireis que eu vá procurar esta mulher ao alpendre...

— Eu vou ensinar-lhe o caminho, snr. padre.

— Sei-o, meu amigo; ficae, e, ao ser dia, fazei-me o favor de me ajudar á missa na capellinha...

— Então, snr. padre, deixae-me dar parte aos vizinhos, que amanhã é quinta feira santa.

.....
A lua prateava as montanhas. O sópro do vento, sempre forte n'aquelles altos, ramalhando as urzes, dava ao vasto matagal o aspecto do mar tempestuoso em noite de luar.

O clarão alumiaava tudo em redor do padre. Um anno antes era outra a noite para Sebastião de Mello. As feições de Anacleta, tão junto d'elle, mal podéra vel-as então, porque os olhos eram cegos ao abrirem-se na cerração escura d'aquella noite de dezembro.

Em março não succedia assim. Padre Diniz ia ver a mulher que conhecera dez annos antes, se não viçosa, gentil ainda, exuberante de vida, com fogo nos olhos, com desenvolta e lasciva aria de maneira, que a faziam, se é possível, mais fascinadora que formosa.

Perto da capella viu-a, sentada, fóra do pardieiro. Pulsava-lhe o coração como o do homem, não habituado ao crime, que vae tentar o primeiro abysmo. É que os sentimentos da alma, contrários e repugnantes, excitam na materia sensações identicas.

Anacleta levantou-se, e veio esperal-o ao caminho. O padre, por dominar as commoções, recebeu-a com um gracejo.

— Não perdeu ainda o uso da boa sociedade... Vem receber-me á entrada do seu palacio...

— Assim é... O meu palacio é este; mas não tem senão uma pedra, que lhe offereço, como canapé...

— Pois sim, Anacleta, dae-me essa pedra, e vós sentae-vos ao pé do vosso amigo de doze annos... Olhae... fallemos tranquillamente... Nada de lagrimas, nem desmatos... Deixae-me ver-vos de perto, minha penitente... Vejo que não tendes um cabelo que não seja branco... Ora ahi estamos nós bem velhos, minha irmã! Não vos vejo ahi nada que se pareça com o que fostes...

— Penso que não... Ha dez annos que me vi... morrerei ignorando o que sou...

— Melhor assim... Tenho quarenta annos... que vêdes?...

— Quarenta annos!...

— Sim, Anacleta... Comprehando o vosso silencio... Parece-vos incrível... Pois é verdade... a dor faz isto!... Não me achaes uma grande differença?...

— Não posso comparal-a... Não me lembro de o ter visto...

— Vistes, Anacleta...

— Quando... onde?!

— Ha doze annos em vossa casa... ha dez... em vossa casa tambem.

— Ha dez!... oh! meu Deus!...

— Que vos pedi eu, senhora?! Não quero commoções... É um desejo immenso, que eu tinha de vos mostrar em mim o homem do passado... Já que choraes, não direi mais nada... a tal respeito.

— Diga, diga... tudo o que me disser ha de ser-me bom...

— Pois bem... lembraes-vos de Sebastião de Mello?

Anacleta ergueu-se impetuosamente... tomou o braço do sacerdote, e foi com elle onde uma restea de luz vinha sem sombras.

— Sebastião de Mello!... Mãe Santissima!... isto é incrível... Deixe-me reunir as minhas idéas... Quando eu era rica... foi algumas noites a minha casa um mancebo, levado... não sei por quem...

— Por Azarias...

— Sim... sim... e chamava-se...

— Sebastião de Mello...

— Espere... condôa-se de mim, que vou fazer-lhe uma pergunta, que parece trazer-me o ar e o coração... mas é preciso... Quando eu era uma mulher pública... deixe-me assim dizer, que é um merecimento perante Deus este despedaçar-me... quando eu era uma mulher pública, na rua da Rosa das Partilhas, foi a minha casa... um mancebo, que me quiz arrancar do abysmo, que me quiz convencer de que eu podia ser uma mulher honrada e virtuosa, que me deu, enquanto eu vivi ahi, uma mezada... que não quiz dizer o seu nome... que vinha sempre desfigurado... e de noite, a horas mortas...

— Era Sebastião de Mello... Aquietae-vos, Anacleta... Magoaes-me... Agora o esquecimento d'esse homem... Já vejo que não ha no que vêdes nada que vos lembre o outro; mas acreditaes que é o mesmo. Ora pois, irmã pelo soffrimento, já vêdes que ha muitas agonias ao mesmo tempo, veladas pelo mesmo Deus, e esperançosas na mesma eternidade... Somos dignos um do outro pela força attractiva do padeci-

mento. Sejâmos egoistas com os nossos cabellos brancos, não é assim?... Diante de nós está o infinito... A vida é lá... aqui é um longo paroxismo em um dia curto... Mudemos de conversa, Anacleta... Fallemos de vossas filhas e de vós, sim?

— D'ellas... De mim, que serve? Eu já não vivo.

— Assim o julgam... reputam-a morta...

— Eu vos agradeço, meu Deus!

— Vossas filhas encontrei-as. Uma é Emilia, vive... já vol-o disse... casada, e crê-se feliz. A outra ia fechar a curta carreira dos seus soffrimentos, quando a encontrei. Dei-lhe o titulo de minha irmã... Levei-a a um convento... não é feliz; mas tem uma cella para as lagrimas, um altar para a oração, e uma sepultura, ao pé das sepulturas onde dormem o somno eterno muitas mulheres virtuosas... Já vos disse, Anacleta... Não vos quero assim de joelhos...

— Mas, senhor! deixe-me satisfazer esta anciedade do meu coração...

— Isso não é aqui... é alli aos pés d'aquella cruz, ide lá, ajoelhae, que eu quero orar convosco...

E ajoelharam ambos.

— Anacleta!... disse commigo: Deus de justiça e de misericordia! Ha dez annos que as minhas lagrimas não tem sido em vão choradas aos pés da cruz de vosso Filho! Os meus crimes eram grandes; a minha penitencia foi pequena; mas eu sou um verme, e vós sois Deus. Perdoae-me, pela gotta de sangue que Jesus Christo verteu sobre as manchas de Magdalena! Perdoae-me, para que eu possa inclinar n'esta pedra a cabeça moribunda, abençoando a dor... Perdoae-me...

Os soluços embargaram a voz de Anacleta. Padre Diniz levantou-se, inclinou-se para a penitente, e disse em um som entrecortado pelo fervor das ultimas palavras:

— Ajoelhae aos pés do ministro de Deus, irmã!

Anacleta voltou-se, com os olhos febricitantes, fixos na face do padre.

— Na vossa vida ha crimes, que eu ignore?

— Nenhum... penso que nenhum!

— Perdoaes a quem vos fez desgraçada?

— De todo o meu coração...

— Eu vos absolvo, em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo... Orae... É meia noite... As quatro horas serei convosco.

.....
Ao alvorecer, quem foi tocar a sineta da capella chamando á missa, encontrou a penitente (caso extraordinario!) mergulhada em um profundo somno. Palpou-lhe as mãos, e achou-as ardentes. Chegava padre Diniz. Tomou nos braços Anacleta,

que abriu os olhos, sorrindo, e lhe beijou a mão. Aberta a porta da ermida, o padre paramentou-se, veio á porta, e estendeu a mão á penitente:

— Entrae, filha!

— Anacleta entrou. Chorava e ria simultaneamente; mas as pernas não a sustentavam. O padre segurou-a e conduziu-a ao pé do altar.

Principiou o sacrificio incruento. Cada vez que o padre voltou o rosto, o povo chorava, sem comprehender as lagrimas que inundavam a face do sacerdote.

Á *communhão*, o ajudante tomou uma toalha, que lançou ao pescoço de Anacleta.

— *Ecce agnus Dei...*— disse o padre, com os olhos fixos na penitente, e estremeceu.

Ao pronunciar as palavras: *Corpus Domini nostri Jesus Christi...* os labios de Anacleta estavam rôxos, as faces da côr da toalha, apenas os olhos, vidrados de lagrimas, e cravados no sacerdote, exprimiam... o ultimo lampejo da vida...

O padre voltou-se para o altar, e disse no seu coração:

— Senhor! levae a desgraçada, se lhe perdoastes!

A súplica foi cortada por um grito do povo.

— Que é?— perguntou serenamente o padre ao ajudante.

— Morreu a santa...

O sacerdote voltava-se, pronunciando *Dominus vobiscum*, e recebeu o derradeiro olhar de Anacleta.

Consummado o sacrificio, tomou o cadaver nos braços, e collocou-o sobre a commoda dos paramentos. Chamou o capitão, e pediu-lhe que o ajudasse a cavar uma sepultura no alpendre da capella. Todos quizeram tirar terra da sepultura da santa. Duas horas depois algumas mulheres oravam em redor da pedra que a cobrira, e pediam ao espirito bemaventurado da predestinada que não as desamparasse.

Padre Diniz transpunha d'ahi a pouco o outeiro, d'onde dissera, um anno antes, o adeus á penitente, que lhe acenava da agulha dos rochedos. Olhou para lá...

— Era alli!...— disse elle, e chorou.

V

Treze annos depois, encontramos frei Balthazar da Encarnação, recobrando o sentimento da vida, e a consciencia da morte, para pedir a seu filho que juntasse as cinzas de Silvina ao seu cadaver. Vimos padre Diniz, superior ao homem,

tentar o ultimo heroismo, recitando uma oração funebre sobre o esquife do pae, e cair, pela primeira vez na sua vida, aos abalos da commoção.

Este homem devia estar no fim da sua carreira. A natureza humana, sem protecção divina, não póde tanto. N'aquelle ultimo lance, deviam exaurir-se-lhe os alentos afrouxados, longos annos em dramas, cujo desenvolvimento deveria ser-lhe a morte repetida muitas vezes. O desenlace não podia tardar.

O filho do dominicano recolheu á sua casa da Junqueira, e, desde esse dia, o entranhar-se em melancolias, sem voz de amigo que lh'as perturbasse, a solidão, um quasi esquecimento de si e dos outros, tornára o homem de ferro em um ente que parecia temer a falla de homens. Muitas vezes passou a mão pela fronte, e achou-a abrazada; outras muitas sondou o estado da sua consciencia, e julgou-se criminoso; mas a consciencia, passados os momentos da febre, reagia, e o infeliz suppunha-se demente.

As súplicas da condessa de Santa Barbara instavam a sua presença. O tumulto de Francisca Valladares pedia-lhe uma lagrima. As ultimas palavras de seu pae fallavam-lhe de Silvina... e, depois, a memoria, a recordação de um longo passado, em que a menor de suas tribulações seria, para um homem debil, uma alienação mental!...

Quinze dias decorreram desde que o padre se despediu de Angela de Lima para satisfazer a promessa ao frade de Santarem. Esse espaço, sem uma noticia, amargurára as duas protegidas de Odivellas. Antonia, que sentia por aquelle homem um amor de devoção, um estremecimento de filha, chorava, e não podia revelar á sua amiga as santas prisões que a ligavam a padre Diniz. A condessa, mesmo convencida do nenhum parentesco de Antonia com Sebastião de Mello, não ousava aventurar uma palavra indiscreta, que obrigasse a sua amiga a revelações que, por justos motivos, quaesquer que elles fossem, lhe eram occultas.

Ao cabo de oito dias, mandaram á Junqueira procurar noticias do padre, e souberam que elle chegára cinco dias antes muito doente, e que não saíra do seu quarto, nem dera ordem para se lhe annunciar alguem. As instancias da condessa redobram, as cartas repetiam-se, as súplicas estavam sendo um novo supplicio para o solitario pensador dos tormentosos conflictos da sua vida.

Padre Diniz foi a Odivellas. As duas senhoras abraçaram-o na portaria, e conheceram que aquelle já não era o homem de quinze dias antes. Escutava-as, parecia escutal-as, mas não respondia, nem ligava duas idéas sem comprimir a testa,

como quem procura recordar-se dos termos com que uma idéa qualquer se exprime. Apenas Angela ou Antonia se calassem, a cabeça do sacerdote descaía lentamente sobre o peito, e d'esse abatimento só uma pergunta, rápida e surpreendente, o acordava, fazendo-o estremecer.

As duas amigas olhavam-se aterradas.

— Meu pae, meu bom amigo! — dizia Angela — Que tem? Não lhe merecemos a sua confiança! Por Deus, diga-nos, que novos padecimentos o mortificam? A sua ida a Santarem transfigurou-o!... Foi uma desgraça!...

— Seria, snr.^a condessa? — perguntou elle com um ar infantil, pouco distincto do idiotismo.

— De certo foi... E, senão, diga-nos... diga ás suas amigas o que lhe aconteceu?

— Abraçar um homem morto... dar-lhe um osculo de filho nas faces amarellas... pedir-lhe que me alcançasse de Deus um praso de quietação... ou a morte...

— Pois bem... Deus tudo concederá a padre Diniz, ao bemfeitor de tantos infelizes... mas... quem foi o morto que abraçou?... Foi aquelle santo homem que confessou meu marido?

— Sim... foi esse... ha quatorze dias que caiu cansado na sua longa carreira... e nunca mais se levantará...

— Não caiu, não, meu pae!... Elevou-se á presença de Deus... Se não é culposa uma santa inveja, invejemos-lhe o seu destino.

— Pois sim, minhas filhas, invejemos-lhe o seu destino... Como vae Antonia, que está tão triste, tão magra, e mais velha que eu?!

— Boa, meu irmão...

— Não a acredite, — interrompeu Angela — olhe que está muito doente, muito scismatica, e diz que morre muito breve... Tenho-lhe pedido que diga ao medico os seus soffrimentos, e não quer. Todas as manhãs lança sangue, e á noite tem febre.

— Pobre irmã!... não deves nada á felicidade... vaes d'este mundo sem sentir o sabor da alegria...

— Não falle assim, meu irmão... Não tenho eu sido tão feliz? Que mais pedirei a Deus, agora, que tudo tenho... que tudo consegui...

— Não foi tudo, Antonia... Estou em uma dívida comtigo, e penso que será insolúvel...

A amante de Gervasio Faria abaixou os olhos, e não pôde esconder da condessa um tremor instantaneo.

— Snr.^a condessa... seu filho escreve-lhe?

— Tenho duas cartas, e padre Diniz?

— Quatro... Diz-me que aborrece o estudo... Nunca o vi muito propenso ás sciencias... Pensava muito, recolhia-se muito em abstracções, improprias dos quinze annos... Era poeta muito cêdo... Nunca aprenderá as sciencias da vida positiva... Emfim, Deus o encaminhe... Tem vivido muito sósinha, snr.^a condessa?

— Com a minha querida Antonia, e com Adelaide Maldonado...

— Como vive essa senhora?... Creio que já me disse... triste...

— Sim... amarguradissima... muito deseja vel-o...

— Chame-a, snr.^a condessa.

D. Angela saiu com presteza e jubilo. Entretanto, padre Diniz, a menos de meia voz, disse a Antonia:

— Minha filha... Tem um dever a cumprir... Abra o seu coração a esta amiga, que lh'o merece; conte-lhe a historia do seu passado, que eu não tenho já reminiscencia do que se passou... Olhe, Antonia, não lhe esconda a historia de uma martyr, que era sua mãe...

Abriu-se a porta da grade, e appareceu, adiante da condessa, a benedictina Adelaide Maldonado. Padre Diniz ergueuse, e cortejou-a com a reserva que ha para uma pessoa que se vê pela primeira vez. A freira teve com padre Diniz quasi os mesmos embaraços.

— Snr. Sebastião de Mello... — disse ella com dificuldade.

— V. exc.^a é a snr.^a D. Adelaide Maldonado?

— Uma serva sua.

— Custar-me-ia a conhecel-a... Creio que tem passado por nós alguns seculos... Ha dezeseis annos que nos não vimos...

— É verdade... e cuidei que morreria, sem este momento...

— Aqui tem duas boas senhoras para amigas, snr.^a D. Adelaide. Ambas ellas tem passado por aquellas aperturas do infortunio, d'onde, se se sãe com vida, o coração augmenta em sensibilidade...

— São verdadeiras amigas... Comêço com ellas a sentir, ha poucos dias, o que póde gosar-se de tranquillidade e alegria em um convento, onde a necessidade me tem forçado a viver...

— A necessidade?... é uma dolorosa coacção... Breve vem o dia, minha senhora, em que v. exc.^a achará francas as portas d'esta casa, se quizer abandonal-a...

— Que triste prophecia!...

— Não lhe dê esse nome... O mosteiro é uma excrescencia dos seculos, que são hoje chamados á presença da civilisação para se verem condemnar como réos de barbarismo. O mosteiro vae entrar na partilha dos apóstolos da lei nova... que

não são dos que sacodem as sandalias ao sair dos povoados... Prepare-se, minha boa senhora, que amanhã encontrará o mundo com os braços abertos para recebê-la. Se quiser fazer-se interessante, diga que a violentaram a professar... Verá que piedosa lastima commove em seu favor... Seja das primeiras a sair, porque a ultima será obrigada a fazê-lo impellido pela fome...

— Nem a primeira, nem a ultima, snr. Sebastião de Mello...

— Padre Diniz... padre Diniz... dê-me este nome, que é o meu nome, snr.^a D. Adelaide... Pois nem a primeira nem a ultima?

— Não, senhor. Onde me caíram murchas as flores da mocidade, ha de cair-me tambem a corôa de espinhos... Morrei... isto é... quero enterrar-me onde morri...

— Em Santa Apollonia... — interrompeu o padre, como continuando o pensamento da religiosa.

A emprestada viveza, que momentaneamente lhe dera aos gestos o antigo brilho, extinguiu-se. Recaiu na modorra, de que os extremos das suas amigas o arrancaram.

Rodou uma sege no pátio. E em seguida a moça-porteira chamou: *Santa Barbara*. Uma creada veio annunciar o snr. Alberto de Magalhães.

— Que entre n'esta grade.

Padre Diniz acordou do spasma, quando á porta da grade appareceu Alberto. Ergueu-se, apertou-lhe a mão, e convidou-o a occupar a cadeira de preferencia nas requintadas formalidades de uma grade.

— Aqui em uma occasião em que vinha procurar novas de v. s.^a?! Sou bem aventurado nos meus desejos.

— Em que posso ser-lhe prestavel, snr. Alberto de Magalhães?

— Se me der a honra de procural-o em sua casa... veremos se á quarta vez sou mais feliz. Sabendo eu que v. s.^a estava no seu quarto, não consegui que o seu creado lhe annunciasse o seu nome...

— Foi minha a culpa. Dei essas ordens. Desculpe-me a desprevenção em que eu estava da sua visita. Remediei a minha falta, se me der occasião de trabalhar em seu serviço.

— Não é em meu serviço... Eu posso, sem indiscrição, dizer, na presença d'estas senhoras, o fim com que o tenho procurado. Ha dias que, saindo eu de casa do marquez de Cazimbra, ás dez horas da noite, ao entrar na minha carruagem, fui abordado por um vulto que me suscitou suspeitas. Preparava-me para o receber grosseiramente, quando o encapotado me disse: «Não sei quem sois, nem vos procuro de preferencia a outro qualquer individuo, que passa ahi a noite n'essa

casa. Passei casualmente, conheci o dono d'este palacio, vi cavalheiros á janella, vi carruagens á porta, e resolvi esperar o primeiro que saísse, para aventurar uma pergunta que vos não demorará muito tempo.

«— Tende a bondade de fallar, — lhe disse eu — e se vos apraz entrar n'esta carruagem, ouvir-vos-hei em minha casa.

«— Não, cavalheiro. Prometto não ser importuno. Dizeime: conheceis alguma cousa da vida intima da alta sociedade de Lisboa?

«Esta pergunta petrificou-me. Não havia nada mais vago, minhas senhoras. Meditei um pouco na gravidade da resposta, e disse:

«— Conheço alguma cousa; mas poderei ignorar quasi tudo.

«— Que idade tendes?

«— Trinta e oito annos.

«— Conhecestes em algum tempo, na sociedade de Lisboa, um cavalheiro de provincia, chamado Sebastião de Mello?

«— Não... não me recordo d'esse nome...

«— Desculpae-me... Não tenho mais que vos diga... Muito agradecido, cavalheiro.

«Ao primeiro intuito, este homem pareceu-me doudo. Não quiz deixal-o, sem profundar o verdadeiro merecimento d'este dialogo extraordinario. Chamei-o, e disse-lhe, com a intenção maligna de me recrear:

«— Imaginae que eu conheci Sebastião de Mello.

«— Não se trata de imaginar. A pergunta, se vos não parece phantastica, merece uma resposta real, e não imaginaria. Conhecestes, senhor, o individuo que vos nomeei?

«— Se o não conheci pessoalmente, posso em um momento colher todas as informações que me pedirdes.

«— Pois bem. Subi a essa sala e perguntae a esses senhores se algum conheceu Sebastião de Mello, e se é vivo.

«Entreí na sala, e, alto e bom som, perguntei:

«— Alguns dos senhores conheceu Sebastião de Mello?

«— Quasi todos — me responderam umas poucas de vozes.

«Esta resposta mudou completamente o conceito que eu estava fazendo do meu tragico encapotado.

«— É vivo?

«Uns responderam: não. Outros: não sabemos. E uma voz, que foi a ultima, disse:

«— É.

«Vim dar parte da commissão ao meu amigo sem nome.

«— Tende a generosidade de perguntar ao cavalheiro que vos respondeu que vive Sebastião de Mello, se este homem pôde ser encontrado por pessoa que muito precisa vel-o.

«Fui: interroguei particularmente a pessoa.

«— Esse homem é hoje um padre. Assigna-se Diniz Ramalho e Sousa. Vive na Junqueira.

«— Tem a certeza d'isso, v. exc.ª

«— Tenho... Não sabe que eu sou o intendente geral da policia? Agora... tome o meu conselho... Não diga a esse homem a minha ultima resposta. Padre Diniz é um ente mysterioso. Sei que teve trabalhos na sua mocidade, porque o encontrei fóra de Portugal com a vida em risco, muitas vezes. Quem sabe se esse homem, que o procura, é um punhal de reservada vingança?... Lembra-me um passo acertado... Vou fazer prender esse homem...

«— Isso não...— atalhei eu — v. exc.ª não ha de dar esse passo por cima da minha honra. Qualquer que seja a intenção d'este homem, é um facto particular, sobre o qual a intendencia da policia não se póde despoticamente ingerir. O mais que posso é occultar-lhe a posição actual de Sebastião de Mello...

«— Como lhe aprouver...

«Desci com a cabeça aturdida de suspeitas. Notei que era esperado com ancia.

«— Então? daes-me uma boa nova?

«— Podera dar-vol-a, mas não vos conheço...

«— Que vos importa quem eu sou, cavalheiro?! Sois menos delicado do que me parecies... Adeus, senhor.

«— Esperae,— lhe disse eu, caminhando com elle — eu conheço Sebastião de Mello.

«— Quereis *que eu imagine?*— tornou elle, sorrindo.

«— Não... acreditae, sob minha palavra de honra, que conheço o homem, que se chamou Sebastião de Mello. Posso fazer-vos um serviço. Dae-me um signal que eu possa apresentar a esse cavalheiro. Se elle me disser que vos recebe, indicar-vos-hei a sua residencia.

«— Em que terra?

«— Em Lisboa.

«— Esperae...— entrou em um botequim. Demorou-se alguns segundos, e voltou:

«— Comprometteis a vossa palavra pela prompta entrega d'este papel a Sebastião de Mello?

«— Comprometto a minha vida. A resposta procurae-a aqui, ámanhã, ás mesmas horas.

«O desconhecido desappareceu. A carta, que me foi entregue, é esta, snr. Sebastião de Mello.

Padre Diniz abriu serenamente a carta. O que ella continha era um bilhete. Mal o viu, ergueu-se de um impeto. Parece que os olhos iam saltar-lhe das orbitas sobre aquelle bilhete, que tremia nas mãos convulsas. Impresso em todas as

physionomias, aquelle espanto era justo; a anciedade das senhoras não era menos afflictiva que a do padre, se, porventura, aquellas commoções eram afflicção.

Ninguém ousava interrogar-o, e todos esperavam uma palavra.

Padre Diniz, de improviso restituído á sua torva tranquillidade, voltou-se para Alberto com voz firme:

— Meu senhor! Diga a esse cavalheiro que me procure quando quizer. Agradeço-lhe a parte que tomou, snr. Alberto, n'este negocio... Minhas senhoras, permitti que me prive da vossa companhia. Aqui vos deixo o snr. Alberto, que sairá mais tarde, porque tem carruagem.

Foi de lagrimas o adeus das tres senhoras. As palavras sumiam-se nos soluços.

VI

Eram onze horas da noite d'esse mesmo dia.

Padre Diniz, acurvado sobre a banca da escripta, largára a penna, apoiára a cabeça na mão esquerda, e, na direita, tinha o bilhete de visita que recebeu em Odivellas.

Que novo episodio vem perturbar a existencia tempestuosa d'este homem superior na virtude e no infortunio? Quando saldará contas com a Providencia o velho, que, desde a mocidade, começou a expiação de uma culpa enorme? Quando concederá o Altissimo duas horas de tranquillidade ao anjo protector de tantos criminosos, de tantos innocentes, e de tantas almas roubadas á perdição, restituídas á honra e ao serviço da virtude?

Seriam estas as reflexões do padre? Não. Elle nunca ouviu, como Job, interrogar a Divindade. Como Christo no horto, nunca pediu ao anjo do Senhor que lhe afastasse o seu calix, se a vontade eterna lh'o mandava devorar. Supplicando a morte, dizia: — Quando virdes, Senhor, que a expiação excede o crime, leve-me!

N'essa noite, porém, eram outros os seus pensamentos. Uma hora de silenciosa meditação sobre aquelle bilhete, revelava um encontro inesperado, uma surpresa das mais extraordinarias para tamanha impressão.

A torre dos Jeronymos deu meia noite. Ao mesmo tempo o creado de padre Diniz dizia fóra do quarto:

— Está alli um homem desconhecido, que manda perguntar se o individuo, que lhe fez entregar um bilhete, pôde subir.

— Que suba.

— Para a sala?

— Não; para este quarto.

Minutos depois, o encapotado, lançando a capa dos hombros na antecâmara do gabinete, entrou.

— Sebastião de Mello... — disse elle, estendendo a mão ao sacerdote.

— Azarias... — disse placidamente o padre, apertando-lhe com frieza a mão.

— Se te não enviasse um bilhete, de certo me não conhecias.

— Não... Ha vinte annos que te não vi.

— Foi na Africa a ultima vez.

— Justamente.

— Desdê então, a tua vida como tem corrido?

— Cheia de penas.

— A minha... as minhas rugas que te respondam. Quero que me concedas o privilegio do primeiro desgraçado debaixo do céu.

— Concederei...

— O teu character moral está mais transfigurado que o physico.

— Tens razão... não podia deixar de ser assim.

— Mas eu tenho a pedir-te alguns momentos de brandura. Se o teu coração é duro como as tuas palavras, manda-me sair.

— Que queres de mim, Azarias?!

— Amizade.

— Não posso. A tua presença o mais que póde é excitar-me compaixão.

— Dá-me essa, ao menos... Escuta-me: eu desembarquei, ha quatro dias, em Lisboa. Vivo, ha quinze annos, mil e quinhentás leguas longe d'esta terra. Não sei o que a minha memoria tem sido em Portugal!... Talvez nem já exista o meu nome no catalogo dos grandes perversos... Lembras-te, Sebastião de Mello, de teres sido levado por mim a casa de uma senhora, que vivia á Conceição Velha?

— Lembro... D. Anacleto dos Remedios era o seu nome.

— Justamente. Sabes alguma cousa d'essa mulher?

— Sei... mas não me interrompas as noticias que vou dar-te. Amou um homem que se chamava Azarias. Este homem, abandonado por seu pae, que elle envergonhára e arruinára com as suas dissoluções, procurou esta mulher, cuja paixão escarnecera com os seus amigos, e vendeu-se-lhe por umas sôpas, e uma casaca, e um cavallo, que ella lhe deu. Azarias tramava a perdição de uma pobre menina, e não po-

deria-a capital-a sem as sôpas, a casaca, e o cavallo que Anacleta lhe dava.

«A bacalhoeira teve a ingenuidade de mostrar ao seu amante um thesouro. Azarias concebeu um plano arrojado. Roubou-a, e roubou a seu pae a mulher que devia dias depois enterrar nas areias de Tanger. Essa aventura deves tu sabel-a melhor que eu... mas a de Anacleta sei-a eu melhor que tu.

«A bacalhoeira ficou pobre. Os credores sequestraram-lhe tudo. Recolheu-se a uma casa pobre, e achou-se entre quatro paredes com suas filhas, e a fome e a nudez por companheiras...

«Anacleta voltou de um espelho para a janella, e chamou o primeiro que passou. Poucos dias depois era meretriz de fama. Mas o prestigio declinou, e as necessidades tinham augmentado com a vantajosa mercancia a que se dera.

«A filha de Anacleta... olha se te recordas... era uma linda menina, quando a conhecemos. Um duque apaixonou-se por ella, e reputou a sua paixão em cem moedas. Propôz a veniaga á mãe; venceu as pequenas hesitações da consciencia, e contratou definitivamente. Anacleta expôz as razões do duque e as suas; mas não convenceu a filha. O duque, mais athleta que orador, lembrou-se da violencia; a mãe apoiou o expediente, porque receiava a fome, e Azarias não lhe mandava um ceitil dos seus cem mil cruzados. Maria Amalia... creio que se chamava assim... no momento de ser violentada, suicidou-se.

«A mãe desapareceu, e julgaram-a morta. Amaldiçoaram-a todas as filhas e todas as mães, porque a reputaram a matadora da pobre menina. Foi preciso que o remorso atormentasse o duque, no fim da vida, para confessar o suicidio de Maria Amalia, que os anjos receberam na sua quêda. A maldição sobre a memoria de Anacleta reviveu, com indignação mais rancorosa.

«A amante de Azarias não se matára. Muito longe de Lisboa, abraçou um martyrio de dez annos. A sua cama era uma pedra, o seu lençol o gêlo da noite, a sua casa o alpendre de uma ermida, o seu sustento um bocadinho de pão e uma tigela de agua em cada dia. Ao cabo de dez annos, esta mulher perdoou a Azarias Pereira, para que as suas victimas lhe perdoassem; e, como a ultima fibra do soffrimento estava partida, Anacleta morreu. Jaz debaixo de uma pedra, sobre a qual ajoelham os povos, que a reputam santa... Não tenho mais que dizer-te a respeito d'essa senhora.

— E bastante. Repara em mim, Sebastião de Mello! Ouvi-te sem uma lagrima. Este homem está morto. De certas

amarguras em diante, acaba-se a sensibilidade. Venho aqui como um automato, impellido por uma força que me tem reduzido á condição de um ente irracional. Vim ao faro do sangue, como o tigre. Não tenho alma, nem razão, nem consciencia. Sou uma machina. Ha vinte e oito annos que sou castigado... por quem? Algum tempo pensei que Deus me punia: de certos flagellos em diante, acreditei na existencia do Lucifer da fabula christã, porque me julguei entregue aos caprichos de um demonio. Deus — o Deus de meus avós — foi vingativo com Caim, experimentou o soffrimento humano em Job, mas perdoou a David. Os ultimos clarões da minha razão mostraram-me que a fortuna e a desgraça são eventualidades que não têm sancção no céu nem no inferno. Todas as religiões são mentirosas, todas as miserias vem do acaso, e não ha juiz que abençoe ou condemne, fóra do homem. Tira-e-lhe a consciencia, e o homem dará um abraço nas feras, e irá com ellas devorar o animal seu semelhante. Consciencia é que eu não tenho. Aniquilou-m'a o soffrimento... Já te disse, venho a Portugal machinalmente. Ao cabo de vinte annos de fome e de penurias, e de abjecções que me envileceram aos meus proprios olhos, morreu um homem, que me deixou seu herdeiro, se eu existisse. Esta noticia encontrou-me no fundo da Tartaria. Vim á Hollanda... recebi essa herança com que podia comprar felicidades, mas eu não tenho já ambição nenhuma, desejo nenhum, esperança nenhuma a realisar no mundo, nem fóra do mundo. Quiz restituir um roubo a essa mulher, que eu fiz cair commigo ao meu abysmo. Acho-a morta!... Não suppunha encontrá-la tão feliz... Mas duas filhas, que Anacleta tinha em um collegio, já não vivem?

— Vivem...

— Pois bem... que recebam ellas a restituição... Não tenho mais deveres a cumprir. Roubei-a... Esse ouro bem sabes que o vi desaparecer entre duas vagas encontradas, emquanto eu sustentava nos braços um anjo, que me fizera um demonio, aquelle cadaver livido sobre que viste caírem as lagrimas de um grande perverso... Amanhã, como primeira e ultima supplica de Azarias, receberás esse dinheiro, e não te prohibo de declarar ás filhas de Anacleta que o ladrão veio a Portugal, no fim de vinte e tres annos, restituir o preço com que comprou a sua perpetua infamia. Que não agradeçam esse dinheiro a Deus, nem á virtude... Foi o acaso que trouxe aqui a machina... Se um outro acaso amanhã me collocar na precisão de roubar as filhas de Anacleta, rouba-as-hei.

— Azarias... — disse serenamente o sacerdote — quem te perverteu assim?

— A desgraça.

— Quantas victimas fizeste em um momento? A mulher que levaste contigo. O pae d'essa mulher, que morreu doudo. Anacleta, que passou da prostituição ao martyrio. Uma filha de Anacleta, que se suicidou. Outra, que se entregou, como amante, a um homem que outros homens arcabuzaram. Abriste e fechaste quatro tumulos, e pozeste á beira do quinto uma desgraçada, que espera, antes que o teu pé a despenhe, encontrar uma filha que lhe arrancaram, porque essa criança poderia no futuro dar-lhe um bocado de pão da herança de seu pae. Azarias! esta obra é tua! Na primeira luz do quadro, os traços mais distinctos são os teus. O teu braço era poderoso, que pôde tanto! E a justiça de Deus, que não confiára ao teu braço a missão de aniquilar, quebrou-o. Tens sido tu só a expiar os tormentos de tantas rézes que immolaste á sensualidade. Não podes n'este drama negro encontrar a luz de um pensamento nobre. Empregaste a torpeza para satisfazer torpes vocações. Que querias tu? Soffrer algumas contrariedades, e resurgir do abatimento de alguns dias com a paz no coração, e os braços do mundo abertos para te acolherem? Que tens tu soffrido, que expie as torturas de um pae, que se vê privado da sua filha unica, da sua companheira de velhice, da esperança toda do coração quebrado de amarguras... um pae, Azarias!... tu sabes o que é um pae, que conta os suspiros de sua filha, desde o berço até aos dezesete annos, para chamal-a uma vez, e ter em resposta: «a tua filha roubaram-t'a!» Sabes o que é a fome, que faz descer uma mulher de uma elevada posição ao estrado asqueroso, onde a obscenidade é uma condição, para não morrer de indigencia? Comprehendes o quinhão de infamia que tens na violencia imposta a sua filha por Anacleta? Aos olhos de Deus serias tu um homem punido, e regenerado, quando a mulher que te amára e te daria esse thesouro, se lh'o pedisses, acordava sobre a pedra, e não podia levantar os braços hirtos para agradecer á misericordia divina mais um dia de martyrio e arrependimento? Revoltas-te contra a Providencia, tu, que vês passar, sem uma lagrima, a fileira de espectros, que te fariam cair a face no chão, se não dominasse em ti o mais revoltante de todos os orgulhos... o orgulho no crime! *A fortuna ou a desgraça são o acaso*, disseste tu, homem fraco! A consciencia do justo, do bom filho, do bom irmão, do bom marido, e da boa mãe por que não é perturbada com as paixões abrazadoras que queimaram em tua alma o instincto da virtude? Eu, que tenho um crime, por que não sou casualmente feliz? Anacleta, que assassinára o pae de suas filhas, para enriquecer Maria Amalia, por que se viu roubada n'esse

thesouro caro de infamias, e por que viu sua filha com a cabeça partida sobre uma pedra? Olha as expiações como se encadearam!...

— Espera!... Eu fui portanto o instrumento da vingança de Deus... Não tenho a responsabilidade dos meus crimes...

— Também o carrasco é obrigado pela lei a apertar o laço no pescoço dos padecentes... O carrasco não é responsavel; mas os crimes que o trouxeram á posição que occupa entre os seus semelhantes? Quem é responsavel por elles? Quantas paixões ignobéis te perverteram até ao momento em que roubaste Anacleto? Quantos desgostos déste a teu velho pae, que obrigaste a fugir á deshonra, e á pobreza, que lhè preparavas em Portugal? Quantas immoralidades tuas deram brado em Lisboa, antes que a ultima coroasse a tua abjecta reputação?... Vês! Não foi o acaso que te escolheu para punires Anacleto. A sociedade entra na enxovia e offerece o patibulo ou o cutelo de algoz a um dos condemnados. O condemnado opta pelo cutelo, porque a infamia o fez covarde, diante do patibulo. A Providencia tambem escolhe os seus flagellos nas fêzes sociaes. Não verás nunca o homem honrado servindo de açoute ao criminoso. Os tigres despedaçam-se uns aos outros... Azarias! se a tua alma é de ferro, vae-te em paz! Deus te dê a consciencia, que eu não sei as palavras com que se arranca a primeira lagrima de contrição ao criminoso que, no fim de vinte annos, inventou o *acaso* para rebater os assaltos do remorso...

Azarias levantou-se, abraçou padre Diniz, e balbuciou na despedida palavras quasi inintelligiveis. O padre viu, com pasmo, a improvisa resolução do judeu; mas nem ligeiramente lhe estorvou a saída.....

No dia seguinte, oitenta mil cruzados eram entregues pelo snr. Salema a padre Diniz.

— Posso saber onde encontrarei a pessoa, que me envia este dinheiro?

— Não sei — respondeu o capitalista. — Azarias retirou-se a noite passada de Lisboa. Não sei que direcção levou.

— Faça-me um obsequio, e servirá o seu amigo... creio que Azarias é seu amigo?

— Não o conheço. Apresentou-me uma lettra de duzentos contos, sacada em Londres.

— Pois, senhor, tenha a bondade de dividir esta quantia em duas quantias iguaes. Uma deve ser entregue a D. Antonia Mascarenhas, secular no mosteiro de Odivellas; a outra, a D. Emilia Mascarenhas, moradora na praça da Alegria, n.º 22.

— E os recibos a quem devo apresental-os?

— A Azarias Pereira. É natural que de qualquer parte v. s.^a receba ordens, visto que deixou em seu poder...

— O que vae de oitenta mil cruzados para duzentos contos...

— Snr. Salema... V. s.^a gosa de uma boa opinião, e ninguém terá dúvida em lhe pedir um favor.

— Posso servil-o em alguma cousa?

— Às senhoras, que vae embolsar d'esses oitenta mil cruzados, não pronuncie o meu nome. Não ha necessidade alguma da minha intervenção n'este negocio.

— Fique socegado, que serão satisfeitos os seus desejos. Não vejo n'isso o menor favor... Diga-me, snr. padre Diniz, tem encontrado o nosso amigo Alberto de Magalhães?...

— Algumas vezes, raras. Sabe que elle seja meu amigo?

— Fallou-me de v. s.^a com bastante enthusiasmo, o que é raro no character d'elle... Sabe que está apaixonado?

— Não sabia...

— Pois, se eu me não engano, será a primeira vez na sua vida. O homem deu-lhe no gôto uma rapariga, que foi cousa muito intima do conde de Santa Barbara...

— Uma tal Eugenia?

— Justamente. O caso é que o rapaz... elle já não é rapaz; não pôde ter menos de trinta e oito a quarenta annos, a verdade é que está apaixonado, que vive só para ella, e que pouco se lhe dá do complicado commercio a que deve a grossa fortuna que possue...

— É muito rico esse cavalheiro?

— Riquissimo. Pôde dispôr de doze milhões de um momento para o outro.

— É muito em Portugal... Pois, senhor, eu desejo ao meu amigo todas as venturas que a sua paixão lhe pôde proporcionar...

— Dispõe em alguma cousa do meu prestimo, snr. padre Diniz?

— Queira honrar-me no seu serviço, snr. Salema.

VII

O snr. Salema fez guiar a carruagem para a praça da Alegria, n.º 22. D. Emilia, como sempre, veio á janella, chamada pelo ruido da carruagem, e recuou de espanto quando a viu parar á sua porta. Seu marido mal teve tempo de des-

pir um velho casacão de briche, e envergar uma casaca preta, que podia, sem favor, pleitear antiguidades com o casacão, seu irmão mais novo.

Salama batia, pela terceira vez, na porta da saleta, unica do mestre de solfa, quando deu de face com a personagem inesperada do snr. Joaquim dos Reis.

— Procuro a snr.^a D. Emilia Mascarenhas.

— É minha mulher; e eu sou seu marido.

— Agradeço a explicação; mas não é com o senhor que eu me devo haver.

— Pois ella alli está... Emilia, este senhor procura-te.

— Não tenho a honra de o conhecer — disse timidamente Emilia.

— Eu tambem não a conheço, minha senhora; mas, segundo informações que me deram, a pessoa com quem fallo é a snr.^a D. Emilia Mascarenhas.

— Uma creada de v. s.^a... Eu não sei com quem fallo, e peço perdão se tenho sido incivil por ignorar o tratamento que devo dar-lhe...

— Ora, minha senhora, deixemo-nos de bagatelas. Procurei-a para lhe entregar quarenta mil cruzados...

— A minha mulher? — balbuciou o mestre de musica, apanhando os oculos, que lhe resvalavam ao pendor do nariz.

— A mim! — exclamou ella, apontando-se com o dedo, e procurando de um relance uma lembrança que lhe justificasse a verosimilhança de tal surpresa.

— Justamente; salvo se a senhora não é Emilia Mascarenhas. Eu vou já saber-o por uma pergunta...

— Eu sou Emilia do Loreto Mascarenhas... mas poderá haver outro nome assim...

— Deixa fallar este senhor, Emilia — disse o snr. Joaquim dos Reis, pondo o lenço vermelho em postura de receptaculo á distillação do tabaco, que, no justo extase de tal surpresa, lhe caía nos bofes da camisa em grossas pingas.

— A senhora conhece Azarias Pereira?

— Eu que te disse, Emilia? — atalhou o inquieto consorte, violentando o nariz repleto a sorver uma pitada com solemne estampido.

— Conheci, sim, meu senhor!... — respondeu titubiando de vergonha a filha de Anacleto.

— Conheceu, ou não? parece-me que a vejo embaraçada na resposta.

— Conheceu perfeitamente... Isto são mulheres — occorreu o providente marido. — Envergonham-se de dizer certas cousas... Mas enfim, não ha remedio senão dizel-as... isto é uma historia comprida; mas lá vae...

— Este senhor — disse Emilia, córando — não te pediu ainda que lhe contasses alguma historia.

— Não pedi, nem quero. O caso é muito simples. Azarias Pereira manda entregar á snr.^a D. Emilia Mascarenhas quarenta mil cruzados. Tem alguma razão de suppor que este dinheiro lhe deve ser entregue, minha senhora?

— Tem, tem... — disse com vehemente enthusiasmo o snr. Joaquim dos Reis.

— Tenho... — confirmou Emilia, vendo que Salema esperava uma resposta.

— Pois bem. Queira passar o recibo... Eu chamo-me José de Campos Salema.

Emquanto Emilia escrevia, o millionario chamava da janella o creado da taboa, que entrava com uma saca de dinheiro em ouro, á qual o negociante juntou um masso de notas do banco, e letras sobre o erario. Passado o dinheiro sob as vistas titubiantes do pianista em disponibilidade, Salema retirou-se com o recibo, entrou na carruagem, e mandou tocar para Odivellas.

Emilia entrou no seu quarto, e accendeu a lampada a nossa Senhora da Rocha, diante da qual rezou quantas devoções sabia. Seu marido, menos susceptivel de fervores religiosos, olhava estupidamente para aquelle dinheiro, e receiava um ataque apopletico, receio que nunca o inquietára nas horas mais calorosas das suas perdidias creações de harpejos. Sigamos Salema a Odivellas. Antonia Mascarenhas era pela primeira vez ahi procurada por um homem estranho. Esta visita coincidia com o momento em que a irmã adoptiva de Sebastião de Mello contava as desventuras de sua mãe e as suas á condessa de Santa Barbara. Com os olhos mal enxutos das lagrimas, e o coração arquejando, Antonia pediu á sua amiga que a acompanhasse:

A condessa entrou com ella na grade.

— Qual das senhoras é D. Antonia Mascarenhas?

— Sou eu, senhor.

— Venho encarregado de entregar-lhe quarenta mil cruzados...

— Enviados por quem?

— Por Azarias Pereira.

— Esse infeliz ainda vive?

— Vive, sim, minha senhora. Nego, porém, que seja infeliz. Quem saca sobre minha casa duzentos contos de réis... será tudo, menos infeliz.

— Deus permitta que a sua felicidade lhe não venha só do ouro...

— Pois, minha senhora, queira passar-me um recibo, e receber a quantia...

— Não recebo, senhor.

— Não recebe? Essa é boa! Venho de entregar uma igual quantia á snr.^a D. Emilia Mascarenhas, que naturalmente...

— É minha irmã... Esse dinheiro não me pertence... Se v. s.^a está encarregado de fazer uma restituição em nome de Azarias, queira dirigir-se ao marquez do Val, a quem essa quantia pertence...

— Eu não me dirijo a mais alguém. Quem quizer que me procure em minha casa. Já cumpri, a pedido de alguém, obrigações que não tinha, e compromissos estranhos ás ordens que me foram dadas. O que posso, minha senhora, é deixar-lhe aqui o meu nome, a minha residencia, e a certeza de que este dinheiro será entregue á ordem de D. Antonia Mascarenhas, seja a quem for.

— V. s.^a pôde fazer-me um obsequio... De certo o não negará a uma mulher que lh'o pede com anciedade.

— Queira mandar-me, minha senhora.

— Na travessa da Junqueira, n.^o 44, mora um sujeito chamado padre Diniz Ramalho e Sousa. Tenha v. s.^a a generosidade de procural-o, e dizer-lhe que, de minha ordem, faça entregar essa quantia ao marquez do Val. Sei que elle cumprirá. Mereço-lhe este sacrificio?

— Cumprirei, sem a mais leve repugnancia.

Salama saíra, quando a condessa, como transportada de respeito e admiração, abraçou Antonia.

— Ah! que é um anjo, minha querida amiga.

— Em quê, snr.^a condessa? Eu que fiz, que não fosse um dever? Aquelle dinheiro era de meu pae; mas meu pae era um ecclesiastico...

— Que importa? Não foi perfilhada, D. Antonia?

— Fui; mas meu pae, nas agonias da morte, quando conhecesse que fora envenenado pela mãe de suas filhas, amaldiçoaria aquella desgraçada mulher, e a raça que bebeu o leite d'aquelle seio. Não posso... não podia ver um dinheiro, que fez de minha pobre mãe um verdugo... Perdoa-me, infeliz martyr!... Se estás na presença de Deus, condoe-te de tua filha, que, talvez n'este momento, recebeu de ti a inspiração; para rejeitar aquelle dinheiro, que tem o segredo de cinco cadaveres...

Antonia escondera o rosto no seio da condessa, e humedecera-lhe com lagrimas as mãos.

• Retiraram-se da grade, entraram na cella, onde, como duas flores de virtude, se respiravam mutuamente os aromas que brevemente deviam subir á presença de Deus, que as confiara ás vigílias de um anjo.

VIII

O snr. Salema tinha sobejas razões para afirmar a paixão de Alberto de Magalhães pela valida do defunto conde de Santa Barbara. Dias antes aquelle em que vimos o proprietario dos nove navios cumprir as ordens do israelita Azarias Pereira, procurava elle Alberto para negocios muito urgentes, que só com o chefe de uma vasta rede de corsarios podiam ser tratados.

Salema exigia que Alberto de Magalhães, a titulo de uma viagem a Constantinopla, saísse de Lisboa, para reconciliar com a sua presença desintelligencias perigosas de alguns commandantes de navios, por causa de uma preza que um tal Lima fizera nas costas da China, a qual, e contra os compromissos sagrados da seita, sonegara no inventario.

Salema sabia que o tal Lima se refugiára em Gibraltar, e procurava desquitar-se das obrigações de pirata subalterno, entrando em Portugal como um honesto brasileiro que se retira do commercio, e vem saudar na patria o formoso clima da sua infancia.

Era, portanto, forçoso punir um refractario; e o capitalista, alma d'estas complicadas operações, desde muito delegára em Alberto a supremacia, o imperio absoluto do mar sobre dez navios com mil e oitocentos homens, entre os quaes Alberto era conhecido por *Barba-Roixa*.

Salema allegára ao seu tenente-rei as razões urgentes da sua partida. Alberto ouvira-o com enfado, e respondera-lhe que deixasse o Lima em paz, que lhe não pozesse estorvos á sua entrada em Portugal, que todo o homem tinha direito a vir dissipar em terra as penosas economias do mar, que o Lima com vinte annos de serviço, apenas poderia recolher com oitocentos contos, e não havia de que pedir-lhe saldes.

Salema conceio na imperiosa decisão do inflexivel *Barba-Roixa*, e entendeu que o coração d'aquelle homem perderia a consistencia do ferro. A humanidade de taes sentimentos não era natural ao seu character. O millionario conhecera-o resfolgando sangue pelos olhos, quando, no alto mar, o faro da preza lhe vinha exasperar a sêde do ouro. Quem poderia transfigurar-lhe o genio? N'este mundo ha só dois milagres, que podem de um abysmo de perdição levantar um homem, morto para os sentimentos nobres, e insufflar-lhe a vida de um

anjo: é a religião e a mulher. Os sentimentos religiosos de *Barba-Roixa* eram, pouco mais ou menos, os de *Come-facas*. Alberto de Magalhães, na sociedade, tinha um atheismo illustrado; no mar, em face das tempestades, confessava Deus na sua consciencia; e como não podia conciliar a pequenez do homem com a magestade da tormenta, concluia que o vérmee não era responsavel pelas suas miserias. Ainda assim, quando uma vaga lhe mostrava as fauces verde-negras, *Barba-Roixa* não consentia que a maruja blasphemasse.

Não fora, portanto, a piedade que afeminára o coração, e enfraquecera o braço do corsario. Tinha muita razão o credor da divida insolúvel da matqueza de Penacova. Andava alli influencia magica de mulher. N'esta convicção, Salema farejou a lura onde a lebre esperava o macho — como elle grutescamente dizia — e deu com Eugenia nos suburbios de Cintra em uma carruagem, com Alberto de Magalhães, que lhe pousava languidamente sobre o hombro nú a cabeça, que, tantas vezes, desgrenhada pelas rajadas, no mar parecia desafiar a cólera dos elementos, e marcar com os olhos o mastro em que o raio, resvalando, devia abysmar-se a seus pés.

Eugenia era senhora do coração de Alberto. Contra todas as leis do habito, contra todas as precedencias do opulento viajante, que deixára nas capitães da Europa a reputação de facil conquistador, e mais facil desprezador de invejadas conquistas, Eugenia, sem querer encarecer-se por artificios, em cada novo dia, aos olhos do seu amante fascinado, irradiava uma nova seducção, uma belleza moral, espontanea e inesperada.

Sem ser aconselhada pela arte, a forçada rival de D. Angela de Lima sabia tudo o que o instincto ensina, e que a educação mais acurada não suppre em muitas mulheres de grosseira inflexibilidade.

A fidalguia das maneiras sem requebros estudados defronte de um espelho, sem quebramentos de pescoço e cintura, que muitas vezes confundem a mulher mais elevada com os geitos da mais envilecida, em Eugenia era tudo a tempo, occorriam as posturas e as palavras com encantadora naturalidade, compunham-se-lhe as formas tão ao proprio com as evoluções do espirito, que seria preciso ambicionar o impossivel para desejar algum novo dom n'aquella mulher.

E depois, veio-lhe de subito o que era para desejar-lhe algumas vezes: a melancolia. No principio, Eugenia, fóra das recordações pezarosas da sua escravidão, como ella lhe chamava, era galhofeira, finamente mordaz, e demasiado falladora, mas nunca desengraçada. Ora isto não se ajustava tal qual com o character sombrio de Alberto. Mas, a seu pesar, era

tal o melindre com que a tratava, que nunca elle ousou dizer-lhe o que lhe faltava para ser perfeita..

Não foi preciso. A natureza completou o trabalho d'aquella bella organização. Logo que o espirito se afeioou ao manjar, que Alberto lhe aconselhara, e que a leitura lhe engrandeceu o mundo da intelligencia, que apenas adivinhara pelo instincto, Eugenia era perfeita, entristecia-se sem azedume, scismava com os lindos olhos pasmados nos labios do amante, como se não quizesse deixar nos labios a pronúncia completa de uma ordem, antes de ser pelos olhos adivinhada e obedecida.

— Principio a sentir a verdadeira felicidade, Eugenia — disse Alberto, sentado em uma pedra musgosa dos Pisões, em Cintra, enquanto ella fazia um ramo de flores agrestes.

— És feliz, Alberto? Por me véres tão alegre, não é?

— A minha generosidade não iria tão longe!... Sou feliz, porque sou feliz... A ventura alheia... que importa ao egoismo do homem? Bem podera a tua alegria entristecer-me, por eu não poder sentil-a contigo!... Sou feliz... devo-te tudo, Eugenia. Hoje é que eu principio a receiar alguma grande tempestade n'esta minha vida, que tanto amo, que tão outra do que foi me amanheceu ha poucos dias...

— Pois que presentes, meu filho?! Não olhes assim para mim, que me fazes mal!... Meu Deus! tu tens lagrimas, Alberto! Que é? Esta solidão não é boa para ti... Arrependo-me de têr lembrado a nossa vinda para o campo... Vamos para Lisboa, amanhã, queres?

— Não. Tu não sabes o sabor d'estas lagrimas... Quando se é triste assim, é abençoada a tristeza... O amor faz isto, Eugenia!... Faz de conta que estas duas lagrimas são entre nós uma alliança eterna... Juntos toda a vida, Eugenia! Quando Portugal nos der um momento de mortificação, fugiremos d'aqui. O céu é bello em toda a parte do globo, quando a alma não está solitaria... Senti desesperações dolorosas no Oriente, no Meio-dia, no tumulto de Londres, e nas ruinas desertas de Carthago... em toda a parte a proscricção, o desalento, e a morte. Faltavas-me, Eugenia!... e nem sequer o coração me vaticinava a esperança de encontrar-te. Agora, sim... iremos de paragem em paragem... até descansarmos ambos em uma, onde digamos:—Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... Aqui, descansa-se no seio da morte.

— Tão triste, Alberto!... E vês tu... góso tanto ouvindo-te fallar assim!... É porque todos esses pensamentos são meus... adivinhaste-m'os... Eu tambem desejo abrir uma manhã os olhos para ver um mundo que nunca me visse... Pois sim, meu anjo!... quando receiares um desgosto em Portugal, vae, mas não me deixes, que, sem mim, não serás feliz em parte

alguma. Não te rias d'esta minha vaidade, não? Não deves... Eu sinto isto, porque penso que se não póde amar tanto, e amar duas vezes assim... Se o amor é hoje a tua felicidade, como esquecerás tu a pobre mulher, que te fez sentir alguma cousa do bem que lhe fizeste?

— Que te fiz, Eugénia!... Quasi nada!...

— Olha, Alberto!... vês estas flores?... são agrestes; nasceram alli, sem que ninguém as cultivasse, n'aquelle silvado. Eu era assim, quando me colheste entre espinhos. É no que eu pensava, quando fazia este raminho. Toma-o... Olha, tu de certo não lhe darias mais valor, se estas flores viessem de um jardim, cultivadas com grande esmero para ti... pois não?... responde... não penses...

— Não, de certo, Eugénia.

— Pois eu estou sendo para ti o que são essas flores... Ellas e eu devemos-te uma estimação, que ninguém nos daria... O peor é murcharem as flores... e eu não queria a sorte d'ellas... Que triste desenlace teve a minha comparação!

N'este momento, da estrada de Lisboa chegava o mordomo de Alberto, com um masso de papeis, que apresentou a seu amo. Este abriu, leu, e a meia voz disse ao creado:

— Entregue-os ao prior... diga-lhe que não falta nada; passado um quarto de hora, estarei lá.

— O cavallo vinha tão suado!... — disse Eugénia, referindo-se ao do mordomo.

— Era necessario vir de Lisboa com presteza...

— Mas não é nada que te inquiete, Alberto, pois não?

— Cousa nenhuma, filha. A nossa vida é tranquillã como o murmurio d'aquella fonte.. Todas as novas são sempre bem-vindas... Presagias alguma cousa triste?

— Eu, não... Não me vês tão contente, capaz de saltar de ramo em ramo como aquelles passarinhos?! Seria ingrata a Deus e a ti, se me não contentasse com a felicidade que tenho. Achas que o coração de uma mulher possa ambicionar mais?

— Póde...

— Póde!?... o quê, Alberto?

— Tu... Eugénia... falla-me com a sinceridade com que fallarias a Deus, tu não ambicionas mais nada?

— Muito... o impossivel... queria a immortalidade, mas assim como hoje a vida nos corre... Do contrario, não; ao menor dissabor, á mais pequena nuvem n'este hosso céu, quero a morte... Ora aqui tens a minha ambição, querido da minha alma!... Tudo o que não for isto... tudo o que forem cousas dos homens e da terra... acho-as pequenas; para valerem a ambição de uma mulher como eu, que adora um homem como tu...

— Que cousas da terra chamas tu pequenas?

— Ó que muitas mulheres... quasi todas... reputarão a suprema felicidade, a grandeza da sua missão, a realidade magnifica do seu sonho... Não me perguntes mais nada, Alberto. Ha cousas que se não devem perguntar a uma mulher na minha situação.

— Por quê?

— Teimas, máu?!

— Só esta e mais nenhuma. Qual é a tua situação, para que se te não devam fazer certas perguntas?

— Para quê?... porque o coração responde a ellas ingenuamente, mas o rosto não póde deixar de córar...

— Compreendi-te, minha filha... Agora mais pergunta nenhuma... Aqui tens tu a igreja parochial de Cintra... O exterior é mesquinho... queres vel-a por dentro?

— Pois sim; eu gósto muito do silencio das igrejas... e agora ao pôr do sol deve ser bonita a refracção da luz... Ella está aberta, penso eu...

— Está.

Entraram no templo, e foram direitos á sacristia. Acharam-se alli dois clérigos, o prior e o cura, e o mordomo de Alberto de Magalhães. Eugenia ficára observando um painel da esquerda do altar-mór, e ahi se conservava enlevada no enthusiasmo da arte, quando sentiu passos ao pé de si. Era Alberto, e o prior paramentado de sobrepelliz e estola. Eugenia não ligou importancia áquelle grupo, que parecia esperal-a na ultima escada do altar.

— Eugenia, — disse Alberto — vem aqui ajoelhar commigo.

A physionomia da esposada tinha alguma cousa de celeste. Por debaixo do véo transparecia-lhe o rubor do delirio, da alegria, da surpresa, de todas as paixões grandes reunidas, de todos os extasis abrazados em uma expansão unica, que devia matal-a ou endoudecel-a, se fosse duradoura.

Sem articular dois sons, Eugenia ajoelhou, e quando o ministro do sacramento lhe disse as palavras que ella devia repetir: «recebo por meu legitimo marido Alberto de Magalhães...», a trémula menina, vacillante sobre os joelhos, fez-se côr de cera, e segourou-se ao braço de seu marido, que acabava de jurar as ultimas palavras do sacramento.

Ao erguerem-se, ambas as faces tinham lagrimas. As de Alberto seriam, e eram filhas de uma paixão satisfeita, mas tambem eram, por ventura, o egoismo do homem que dava a uma mulher o gósto de ambições, que ella nunca sonhára. As de Eugenia... que importa explical-as ao homem?... O coração da mulher que as adivinhe... É a ella que Deus confiou o privilegio de idealisar as sensações que tocam immediatamente

com a divindade por todas as fibras nobres do coração humano. Enquanto os anjos não fallarem na voz do homem, serão as sybillas sagradas da religião do sentimento, serão as mulheres de eleição, as predestinadas do genio, as que possam decifrar, em palavras, as commoções e as lagrimas de Eugenia.

IX

A recommendação de D. Antonia foi lealmente satisfeita. O marquez do Val, que acompanhava D. Miguel, recebeu a boa nova dos quarenta mil cruzados, ao pé do Porto, e pediu immediatamente licença para vir embolsar, em Lisboa, uma quantia que, alguns mezes depois, lhe valeu muito na emigração. Ha quem diga que o marquez, em um excesso de reconhecimento a seu defunto irmão D. Theotonio de Mascarenhas, lhe rezára por alma, de um só jacto, tres *Padre-nossos*.

Cumprido o encargo, padre Diniz foi a Odivellas abençoar a nobre e virtuosa resolução da filha de Anacleto. Encontrou-a doente. As golfadas de sangue, com intermittencias de febre, repetiam-se de modo que a pobre senhora mal podia vir á grade, encostada á sua querida confidente, a condessa de Santa Barbara. A saude d'esta não prometia mais vida. O que a outra não tinha tanto era a fortaleza de organização, porque Angela de Lima, ha mais de um anno, fora julgada hectica.

Padre Diniz encarava as duas senhoras como duas lampadas a bruxolearem os ultimos lampejos. «D'aqui a pouco — dizia-se elle — a minha vida é completamente escura. Tudo que me rodeava vae desapparecendo. E Deus quer que eu veja de pé esta longa agonia das pessoas que me alimentavam o coração... Seja feita a vontade de Deus!»

Principiava o sacerdote fallando na restituição, quando bateram á porta interior da grade. Era uma creada da prelada, que pedia licença para sua ama fallar ao snr. padre Diniz. A dona abbadessa, entrando, não demorou a causa da sua vinda:

— Por lhe não dar incómodo, snr. padre Diniz, pedindo-lhe o favor de entrar na minha grade, vim, sabendo que estava aqui com as minhas amigas, e suas. O fim para que o procuro reverte em honra e gloria de Deus. A fama das suas virtudes chegou á cabeceira de um meu sobrinho, que se acha gravemente doente. Minha tia, condessa de S. Gens, pede-me que rogue eu a v. s.^a o obsequio de procurar meu sobrinho

Alvaro Faria, primo direito do general Gervasio Faria, fuzilado em 1817...

A prelada não continuaria, se reparasse na convulsão do padre, na pallidez de Antonia, e na perturbação de D. Angela.

— Para satisfazer-lhe — continuou a abbadesa — a grande devoção que elle tem de confessar-se com v. s.^a

— São obrigações do padre, minha senhora, que se não rogam, lembram-se-lhe. Irei, e muito breve, se é urgente a minha ida.

— Já, sendo possível. Eu sabia que v. s.^a vinha aqui hoje, por m'o ter dito a minha amiga condessa, e preveni-me, mandando vir uma carruagem, que está á espera de v. s.^a

— Irei já, minha senhora... Ao Lumiar é perto, e eu prefiro ir a pé; necessito d'este movimento; e Deus permittirá que o enfermo não perigue com a minha demora de alguns minutos.....

Padre Diniz entrou no quarto, onde um enfermo rodeado de filhos, e irmãos, e parentes de todas as ramificações do venerando tronco, não ouve uma só palavra que o console nas afflictivas angustias que lhe precedem a morte, como um cortejo de larvas.. O terrór está pintado nas physionomias que lhe contemplam, com impotente piedade, os tardios remorsos.

Alvaro Faria é um homem de cincoenta a cincoenta e cinco annos.. Uma velhice extemporanea arregoot-lhe profundamente os tegumentos do rosto, que parecem rasgados pela proeminencia dos ossos. Como em um rosto de réprobo, esculpido em cera, vêem-se dois globulos que volteiam, e saltam, e rodam nos eixos em vertiginoso delirio. São os olhos, que buscam na vista de cada circumstante o segredo do seu remorso.

Quando se abriu a porta do quarto, e appareceu o aspecto sereno do levita, os tocantes traços d'aquella formosa physionomia de velho, os magestosos contornos do peralvilho de outras eras, esquecidos para muitas pessoas que alli se achavam, e um dia viram Sebastião de Mello... quando padre Diniz appareceu, diziamos nós, retiraram-se todos.

— Tenho muita fé nas suas virtudes, senhor!... — disse o doente, estendendo ao padre a mão descarnada.

— Tenha muita confiança na sua contrição, e na misericordia divina.

— Desejo confessar-me.

— Ouvil-o-hei.

— Antes de principiar a confissão queira dizer-me se posso escolher a culpa, que mais me pesa na consciencia.

— Póde; e exponha a maior culpa com a mesma confiança

da menor. Ha crimes que é necessario uma grande violencia no arrancal-os do coração para os expôrmos na presença de um estranho. Esses receios tem-os o homem de pouca fé, e contrição tibia. N'esta posição, considere-me superior ao barro do homem. Veja-me como um instrumento de perdão, e esqueça-se de que eu posso ser um dos que não saldaram contas com a justiça de Deus.

O enfermo reanimou-se. O aspecto do ministro do Altissimo era mais eloquente que as palavras. Alvaro Faria, cumpridas as formulas penitenciarias do sacramento, fallou assim :

— Ha quinze annos que foi fuzilado por crime de rebellião meu primo o general Gervasio Faria. Na vespera de ser justicado, confirmou com um testamento a perfilhação de uma filha que tinha. Esta menina, no futuro, devia ser herdeira de seu pae, e eu procurei todos os meios de obstar a que ella crescesse com o conhecimento de ser filha de meu primo. Devorava-me uma ambição infernal! Eu era rico, mas com um crime ignorado podia ser riquissimo. Espionei a existencia d'esta criança, e soube que ella vivia em poder da ama que a creára, e que sua mãe desaparecera. Uma noite, com os meus creados, entrei na casa da ama, e arrebatei a criança do berço. Era uma menina de tres annos, linda como um anjo, e sorria-me de uma maneira, que então me parecia uma supplica de piedade, e hoje me parece um escárnio ás minhas ago-nias. Aconselharam-me que a matasse...

— E matou-a?

— Não tive coragem. Mande-i-a para uns caseiros que tenho no Algarve, e deixei-a lá estar até aos doze annos. Quando a menina chegou a esta idade, soube, pelos caseiros, que ella queria procurar em Lisboa uma casa onde servisse. Disse aos caseiros que a deixassem fazer a sua vontade. N'esta occasião appareceu no Algarve o mordomo de um fidalgo de Lisboa, viu a pequena, soube que ella queria servir uma casa, como creada grave de uma senhora, e trouxe-a consigo para casa de seu amo. Ha poucos mezes que essa menina existia... Devo restituir-lhe a herança de seu pae?

— Deve.

— Mas, senhor, os meus filhos ficam arruinados.

— Que mendiguem. Tem filhas, senhor?

— Uma.

— Deus não permittirá que ella encontre um amo, que a force á deshonra, como Eugenia.

— Eugenia!... esse nome é o da...

— Amante do defunto conde de Santa Barbara.

— Então o senhor conhece-a?

— Conheço... nada perde com isso...

— E é indispensavel a restituição?

— Se ella não a dispensar.

— Isso é impossivel!... Os meus filhos não podem ficar pobres!...

— V. exc.^a não me disse que era rico, antes de roubar essa menina, e a herança de seu pae? Se lh'a restituir, fica.

— Não é assim! Tudo que me veio d'essa herança... perdeu-se! Era um palacio em Campolide; devoraram-o as chamas, e não ficou pedra sobre pedra. Eram cem contos de réis em mãos de um tal Moysés, judeu, que falliu em Amsterdam, e os credores perderam tudo. Aqui tem, senhor, essa herança não a possuo; se a restituo do que é meu, meus filhos pedirão uma esmola.

— Imitarão o Filho de Deus, que a pediu, e não lh'a deram.

— É impossivel! A religião não põe assim o punhal ao peito de um moribundo!...

Os tregeitos do enfermo eram horriveis. Fechava os punhos, e nitria com os dentes, por entre os quaes a lingua respingava sangue. O padre, na presença d'aquelle espectaculo, cruzou os braços, e desviou os olhos, elevando-os para a imagem de Christo. Quebrado do accesso, Alvaro caiu em profundo somno, pouco diverso de outro somno de que se amanhece na presença de Deus. O sacerdote esperou.

Acordado em convulsões, o penitente, irreconciliavel com as condições um pouco sérias da restituição, ainda viu o padre, que o encarava com a mesma austeridade.

— Cuidei que se tinha retirado, snr. padre!... Emquanto á restituição, tenho de consultar algumas pessoas religiosas, que de certo não hão de querer que os meus filhos mendiguem, para que a filha bastarda de meu primo saia da vil condição de creada de servir para herdar os bens de meus avós... Ah!... agora me lembro... os meus bens são vinculos... não podem ser alienados fóra da familia...

— Isso é uma legislação absurda, snr. Alvaro: Os seus bens são vinculos; mas o rendimento dos seus bens é alienavel até á ultima geração. O direito civil não absolve o roubo.

— Isso ha de ainda discutir-se...

— Não se perca, senhor. A sua demanda vae decidir-se no tribunal de Deus; deixe a seus filhos litigarem a natureza dos seus bens... Vou dar-lhe uma esperança, não salutar para a alma, mas pôde melhora-lo no corpo, e o tempo fará o resto.

— Qual é?

— Essa menina, que v. exc.^a considera na vil condição de creada de servir, dispõe de doze milhões.

— O senhor está a zombar!

— Não acho opportuna a occasião para zombarias. Essa senhora casou ante-hontem em Cintra com Alberto de Magalhães.

— N'esse caso poderei salvar-me sem a restituição... que lhe parece, snr. padre?! Eu tenho muita fé na sua virtude! poupe-me os meus filhos de pedirem esmola...

— O que posso fazer a v. exc.^a é pedir a essa senhora que lhe conceda a esmola de cento e tantos contos a seus filhos.

— A esmola? Isso é uma affronta ac meu nome.

— N'esse caso pedirei a Eugenia que aproveite a occasião de receber a honra de não fallar a seus filhos nos cento e tantos contos... Snr. Alvaro, a ironia não fica bem ao meu character... Sou pequeno em virtude, ao pé da obduração em que está sua alma. Antes de quarenta e oito horas, v. exc.^a terá de Eugenia de Magalhães uma renúncia dos bens que poderiam pertencer-lhe de seu pae.

X

Alberto de Magalhães, encostado ao piano, com o contentamento de expansiva ternura nos olhos, escutava as maravilhas da arte, que só o talento creador de Eugenia, em tão pouco tempo cultivado, podia adivinhar.

Toda fragrancia e mimo, sensivel a cada olhar, estremecendo de carinho a cada palavra meiga, a cada gesto apaixonado, a ditosa esposa quizera exprimir no som do piano o que não podia trazer do coração em palavras. Tanta felicidade embriagava-lhe o sentimento em delirios de a tornarem febril. Tinham decorrido quarenta horas, quarenta fugitivos instantes, depois que pronunciára a palavra esposo. O somno não ousára tocar-lhe as palpebras, sempre abertas para ver bem junto aos seus labios o somno placido, povoado de sorrisos, em que o seu anjo parecia saborear os frutos de uma feliz consciencia.

Alberto viera enconral-a ao piano, e alli ficára enlevado na magica pallidez de uma noite mal dormida, que tão suave colorido augmentava ao viço das rosas no rosto infantil de Eugenia. Assim se deleitavam os dois entes absolutamente venturosos, quando foi annunciado padre Diniz Ramalho e Sousa.

Eugenia, como sorprendida, estremeceu e córou. Alberto, sem hesitar um instante, mandou entrar para aquella sala o seu antigo amigo Sabino Cabra, o cigano.

— Alberto... retiro-me?

— Não, filha... hoje queria eu que todo o mundo te visse...

Padre Diniz cortejára Eugénia, quasi sem a fixar. Com Alberto, abraçou-se, pela primeira vez.

— A que devo eu o prazer de o ver em minha casa?

— Venho felicitar-vos, Alberto de Magalhães; e reprehender-vos. Hontem foi o vosso casamento, e nem sequer vos mereço, já não digo um convite de amigo velho, mas ao menos a apresentação de vossa esposa. Aproximae-vos de mim, menina, e não repareis no tratamento que vos dá o velho padre. Estes cabellos dão-me direitos de paternidade.

Eugénia aproximou-se com timidez.

— Não vos quero assim acanhada. Conversae commigo, fallae-me de Cintra, dos amores de Bernardim Ribeiro com a ingrata Beatriz, que *menina e moça* foi levada de casa de seus paes; dizei-me se o vosso coração não tem muita vida aqui debaixo d'este céu, que o meu amigo Byron achou indigno d'esta raça de escravos... Pobre lord, encontrei-o em Veneza procurando nos canaes o cadaver de uma pobre rapariga, que se matou por elle!... Era um generoso coração! Queimava o cadaver dos amigos, desenterrava do lódo o cadaver das amantes, fazia versos á filha, e não lhe dava os sobejos das suas dissipações; vendia aos inglezes os poemas em que os insultava; pintava comicamente o character da mulher na mãe do D. João..., era uma excellente creatura, que nos dava a honra de nos chamar *barbaros*... Estou-vos enfastiando, meus amigos... Tendes razão.

— Pelo amor de Deus, não diga tal — atalhou Eugénia. — Vê como as suas palavras me restituíram o desembaraço?... Agora já sou outra... parece-me que o conheço ha muitos annos...

— Pois é assim que eu vos quero. Então, Alberto, já sabeis quem era a pessoa que me mandastes a casa?

— Já... disse-m'o Salema, que vos levou oitenta mil cruzados de uma restituição.

— Então não fallemos d'isso mais... Sabei que tenho fome... Dae-me de almoçar, senão recolho-me ao conventinho dos pobres monges, que lá estão em cima nas suas cellas de cortiça.....

Sentados á mesa dizia Alberto:

— Não sabe, meu caro padre, o que minha mulher me dizia um dia?

— Não digas, Alberto...

— Por que não ha de elle dizer? Se dissesstes mal de mim, Eugénia, fostes injusta.

— Mal... nunca! — acudiu ella.

— Mal, não, — tornou Alberto — disse que lhe tinha medo, e certo medo que não é antipathia.

— Valha-me Deus!... As rugas da velhice assustam as crianças... Já agora, filha, é sorte de velho!

— E quando eu lhe disse que padre Diniz sabia tudo quanto se passava...

— Enganastel-a...

— Quanto se passava debaixo do céu, sorriu se.

— E teve mais juizo que vós, Alberto... Dae-me um d'esses biscoitos torrados, Eugenia.

— E acrescentou que vos faria uma pergunta...

— Alberto! és um chocalheiro — disse Eugenia, com o sentimento do mimo.

— Uma pergunta?... dizei lá, menina; mas primeiro dae-me uma colher de assucar. Os velhos são como as crianças: gostam do doce. Agora dizei lá a vossa pergunta.

— Não digo, snr. padre Diniz; eu estava a brincar com Alberto: estou quasi zangada com elle...

— Isso é que eu não quero... Quereis ahí chá, Alberto?

— Se me faz o obsequio... Digo o que foi, Eugenia?

— Ha de ella dizel-o — atalhou o padre.

— Pois então... será logo — disse Eugenia, tentando em vão esconder o sobresalto.

Findo o almoço, passaram a uma sala.

— Agora, Eugenia... A pergunta?

— Meu Deus!... Ella não é vergonhosa, mas eu temo passar por louca, querendo achar em v. s.ª as qualidades de um adivinho.

— Dizei... riremos ambos, depois.

— Com essa condição... digo... Queria saber quem era meu pae e minha mãe.

— Sim? Amanhã vol-o direi, minha boa menina.

Eugenia, convencida da seriedade da resposta, ficou branca, tranzida e immovel. Alberto procurava na physionomia do padre um signal de brinquedo n'aquella resposta.

— Ficaes perplexos? Tendes razão. Olhae, porém, que não sou feiticeiro, nem desencanto genealogias. Amanhã, Alberto, estareis vós e vossa senhora em minha casa, ás duas horas. Jantareis commigo... Dae-me um abraço, filhos!... e adeus.

Padre Diniz saíra.

Eugenia, abraçada a seu marido, dizia:

— Isto é um sonho, Alberto?

— Não, filha. O padre Diniz é um homem superior... eu não t'o disse?

.....
Ao mesmo tempo, as seculares condessa de Santa Barbara

e D. Antonia Mascarenhas recebiam licença do patriarcha para estarem fóra do mosteiro o praso de tempo necessario para a restauração da sua saude. Esta licença ia acompanhada de uma carta de padre Diniz, que convidava as duas senhoras a apparecerem em sua casa, no dia immediato, á uma hora da tarde.

Medejava, portanto, uma hora entre a vinda das senhoras e a dos noivos de Cintra.

Um quarto antes de uma hora chegou a carruagem de D. Angela de Lima. As senhoras passaram, como familiares d'aquella casa, pela saleta de jantar, e viram cinco talheres e uma mesa, ricamente adornada de preciosas peças de ouro e prata. O luxo inesperado surpreendeu-as menos que o numero de talheres.

Padre Diniz entrava no momento em que as seculares se consultavam com os olhos, e sorriu benignamente áquelle pasmo em que as viu tão entretidas, que nem se voltaram para cumprimentar o dono da casa.

— Foram pontuaes, minhas amigas.

— Ah!... o snr. padre Diniz! — exclamou Angela, correndo com Antonia a abraçar-o.

— Aham demasiada opulencia em casa de um padre? Têem razão; mas o padre, quando as circumstancias o collocam a par das classes elevadas, é necessario sacrificar á decencia a humildade... Isto são cousas velhas, que minha irmã nunca viu cá em casa... Nem a mim me lembravam já...

— Mas quantos somos a jantar? — disse Antonia.

— Os talheres são cinco! — acrescentou D. Angela.

— É que são cinco os convivas — disse o padre, encaminhando-as para a livraria.

Nenhuma das senhoras cedeu á anciedade de saber quem eram as duas pessoas estranhas. D. Angela lembrou-se de seu filho... mas quem seja o outro? D. Antonia lembrou-se de sua irmã... de Azarias... mas seria possível este encontro?

— Já sabem uma nôva? — disse o padre — casou Alberto de Magalhães.

— De véras?! — interrogaram ambas.

— Ha dois dias, em Cintra.

— Com quem?

— Com uma menina pobre.

— Que virtuoso homem! — disse Angela — Naturalmente era alguma menina de boa familia...

— Descendente de duas familias muito illustres...

— Bastarda, não?

— Sim, minha querida Angela... é bastarda.

— Ora vejam! Alberto parecia um homem insensível... Quem sabe se foi um casamento de capricho!

— Casamento de paixão— disse o padre, com a firmeza da convicção.

— Ha muitos assim, que não acabam felizes como principiam... Mas taes serão as virtudes d'essa menina... Nomeou-se nos salões?... é muito natural.

— Namorou-a na rua... é extraordinario!

— Na rua?

— Na rua, snr.^a condessa.

— Não entendo bem, ou o acontecimento é original...

— Não é original... Encontrou-a, offereceu-lhe o seu coração, a menina aceitou-o, e por fim considerou-a tão elevada pelas virtudes, que a fez sua esposa, e rehabilitou-a de desventuras passadas, que a sociedade intitula *deshonra*.

— Pois ella...

— Tinha sido violentada a ser amante de um poderoso, que a tinha como serva.

— Mas não me disse que descendia de duas familias illustres essa menina?

— E confirmo o que dissê... A infelicidade não annulla o nascimento.

— Então foi abandonada por seus paes?— retorquiu Antonia.

— Ella é que lhe ha de contar a sua historia, minha irmã.

— Pois ella é a que vem...

— Com o seu marido jantar comnosco... Ahi está uma caruagem... São elles. Entrem na sala de visitas... Minha irmã, restituo-vos a vossa supremacia... Espero que fareis a honra da casa. Vinde receber a esposa de Alberto de Magalhães.

Antonia desceu alguns degraus da escada, para dar a mão á bella menina, que subia com o padre, que lhe dera o braço.

— Temos cá a snr.^a D. Antonia Mascarenhas! — disse Alberto — Como passa, minha senhora?

Entravam na sala, trocando-se os ditos communs da civilidade, quando Eugenia deu de face com a condessa de Santa Barbara. Eugenia apertou o braço do padre, como pedindo-lhe um apoio e uma razão d'aquelle encontro. A condessa, esvaída e corada ao mesmo tempo, não respondia ao cortejo de Alberto, que tambem não comprehendia a imprudencia do sacerdote. D. Antonia não participava das commoções que se passavam nas physionomias de todos, menos na do sacerdote, cuja impassibilidade estava sendo para Alberto uma suspeita de que aquelle homem, ao cabo de trabalhosos soffrimentos, entrava na crise de uma demencia. O facto inesperado, este absurdo encontro, não se explicava de outra maneira.

Padre Diniz, quando o silencio d'aquella falsa posição começava, disse tranquillamente :

— A hora dada para o jantar é mais tarde. Sentemo-nos e conversemos. Snr.^a condessa, vou communicar-lhe o resultado da missão nobre, que hontem me foi confiada pela senhora dona abbadessa de Odivellas. Tratava-se de confessar um primo do general Gervasio Faria, fuzilado em 1817. Eu não vou revelar o sigillo da confissão. É por ordem do céu, que vou cumprir uma promessa feita ao moribundo... D. Antonia... coragem! Vejo-a desmaiar!... O seu coração deve estar endurecido na dor, para afrouxar tão depressa debaixo de uma impressão que Deus lhe manda!... Então!... Bem!... Póde chorar, mas quero que me escute...

«Esse general tinha uma filha, que fez sua herdeira. Essa menina fora roubada dos braços da ama, aos tres annos de idade... Quem a roubou foi o meu penitente... Não a matou, porque a viu muito linda, e a coragem arrefeceu-lhe no coração pervertido pela ambição, porque, diz elle, nos labios d'esta criança voava um sorriso, que lhe parecia como uma supplica de piedade...

— Então a minha filha... vive!... — exclamou Antonia, correndo para o padre com as mãos erguidas.

— Já que viestes, minha irmã, sentae-vos aqui mais perto de mim... Ora ahi tendes o que é uma precipitação!... Aqui estão Alberto, e sua esposa, sabendo que tivestes uma filha... Não repareis, senhores... Esta senhora tem chorado assim, muitas vezes, com a face sobre o meu coração... Deixae-a chorar, e depois continuaremos.

— Continue... eu sinto-me capaz de ouvir tudo... — balbuciou Antonia, escondendo no lenço o sangue que lhe vinha com os fluxos de uma tosse quasi imperceptivel. Eugenia, sem acção, sem vida nas feições, olhava aquella senhora, e sentia em si os aturdimentos de um sonho, como nos instantes que se seguem ao despertar.

Padre Diniz continuou :

— A fortuna usurpada, por um mysterioso processo da Divina Providencia, desapareceu. O ladrão, á hora da morte, presente a eternidade das penas; quer salvar-se; mas não quer restituir, porque, se restitue, seus filhos pedirão esmola. A salvação d'este homem é possivel sem restituição? Elle quer que seja; mas o ministro de Deus não o absolve. Contra elle ha dois brados, que clamam vingança ao céu: o de uma pobre mãe, privada de sua filha; e o da filha, privada de sua mãe, e da sua herança, e do seu pão. Para que o meu penitente se salve, sem deixar seus filhos a mendigarem, é necessario que a mãe da menina roubada lhe perdoe as tormento-

sas afflicções de quinze annos!... Antonia! perdoareis a este homem?

— Sim, sim; mas, se minha filha vive, que m'a entregue.

— Bem... O moribundo já tem o vósso perdão; mas não basta isso... É necessario que a menina privada da herança, e de sua mãe, lhe perdoe a orphandade, a fome, os desastres que possam ter decorrido na sua existencia de quinze annos de abandono, e de miseria... Sem isso, a salvação do agonizante é impossivel... Eugenia!... perdoaes ao homem que vos privou de mãe, e da fortuna? Vossa mãe já perdoou... agora vós!...

Não tentaremos o impossivel. Esta scena não se descreve. Padre Diniz está em pé, com o braço direito estendido na postura em que o tinha, apontando para Antonia, quando disse: «Vossa mãe já perdoou!» Antonia, quando comprehende a significação d'aquellas palavras, e olha para o padre espavorida como interrogando-o pela realidade d'aquelle sonho, sente uma nevoa baça toldar-lhe a vista, e o alento que se lhe esvãe em uns braços que já não vê. É Eugenia, que ajoelha com sua mãe nos braços, e a condessa, tambem ajoelhada, que ampara a cabeça da sua amiga, chegando o ouvido á quasi exhausta respiração dos labios. O coração de Antonia bate debaixo da mão de Alberto, que dobrou um joelho, e não tira os olhos dos de sua esposa, que parecem nublarse. Padre Diniz, inferior a Deus, e superior a todos os homens, olha aquelle grupo com um santo sorriso, como o dos martyres glorificando a Deus. Alberto chama Eugenia, como receioso de a ver desfallecida.

— Não temas, — disse ella — esta força vem-me de Deus. Minha mãe não morrerá... pois não, snr. padre Diniz?

— Não, filha... Não vê que se lhe abrem os olhos? Quando estivesse morta, o amor de mãe resuscital-a-ia. Antonia! Não é um sonho... Eu adivinho as perguntas do vósso coração. Esta menina é vósso filha... Alberto é o seu esposo... Angela é a vossa querida amiga... Vêde, já o é tambem de vossa querida filha... Olhae como ellas se abraçam e choram... Parece que estão, como duas inimigas contritas, pedindo-se perdão com as supplicas da alma... Eu, que vos tenho nos braços, e no coração vos tenho tido, ha dezeseis annos, serei sempre o vósso irmão... Estaes melhor? penso que sim... Não tendes força para ir abraçar a vossa filha?... Olhae, é ella que vem beijar-vos a mão... Abençoa-a... Chora muito, que, na vossa situação, não ha palavras... Mas não quero que o banquete seja de lagrimas. Deixemol-as, Alberto... Vinde ver a minha mesa. Direis que Luculo convida Apicio a jantar.

.....

O jantar esperava as senhoras, quando Angela veio dizer que era impossivel conduzir Antonia á mesa; que a sua amiga estava gravemente incommodada do peito, e pedia licença para recolher-se á cama. Eugenia pedia licença para acompanhar sua mãe, e a condessa de Santa Barbara encarregava-se de as servir, levando-lhes uma gotta de caldo, e jantando com ellas, para compartir da felicidade das suas amigas.

Padre Diniz e Alberto de Magalhães, como organizações feitas na provação dos abalos, não abandonaram completamente o appetitoso jantar, que lhes era servido. Em fugitivos instantes deixaram a mesa, onde as palavras que trocaram foram muito poucas. Recolhidos em si, digeriam, por assim dizer, a impressão que receberam com coragem: mas o coração era de homens, e o homem não pôde evitar os effeitos de tudo que é sublime, pelo bello, ou pelo horrivel.

Passando ao quarto de Antonia, encontraram-a febricitante. A estas horas, era certo um crescimento, desde que padre Diniz a visitára, na sua volta de Santarem. Eugenia velava sua mãe; Angela de Lima juntava os desvelos de amiga aos desvelos da filha.

Padre Diniz chamou Alberto de Magalhães ao seu gabinete, e escreveu o seguinte bilhete:

«Eugenia de Magalhães renuncia á herança que tinha a receber de Alvaro Faria.»

— Dizei a vossa mulher, que assigne esse bilhete... Levae-lhe essa penna.....

Terminava o praso das quarenta e oito horas, quando Alvaro Faria recebeu o perdão da filha do general, conduzido por um frade capuchinho encarregado de lhe ouvir a sua confissão.

Ainda viveu alguns mezes. Foi necessário dizerem-lhe que o conde de Villa Flor estava defronte de Lisboa, para morrer de spasma... que de remorso... era impossivel.

XI

Estamos em 28 de agosto de 1833.

Alberto de Magalhães vive em Cintra com sua esposa, cada vez mais querida, e sua sogra, que pede com incessantes supplicas um anno mais de vida para conhecer, na sua carreira de quarenta e dois annos, um só de felicidade. Os carinhos de sua filha não a salvam. O outomno virá brevemente con-

fundir no sussurro da folhagem, que rola no chão, o ultimo gemido d'aquella mulher.

Na casa proxima á de Eugenia vive a condessa de Santa Barbara, só, desconhecida á sua propria creada.

Na quinta fronteira, em uma pobre casa de lavoura, vive padre Diniz, que, no dia 24 de julho, incapaz de sentir o entusiasmo dos liberaes na praça do Rocio, foi interrogado sobre *quem vivia*. O sacerdote, sem empallidecer, perguntou a Deus e á sua consciencia que peso teria a sua vida na balança dos partidos. O seu silencio ia ser punido, quando um homem de, entre as multidões, armadas de lanças e chuços e espadas, o tomou pelo braço e o afastou do holocausto. Era Alberto, cujo laço azul e branco impunha respeito, e mais ainda o seu nome impresso no catalogo dos benemeritos credores da causa da liberdade, para a qual o suspeito espião de D. Pedro contribuiira com muitos contos de réis. N'este conflicto, um homem de catadara sinistra abraçou Alberto, erguendo-o tres vezes ao ar.

— Não me conhece, intrepido Barba-Roixa ?

— Conheço...

— Viva a liberdade!

— Viva a liberdade!

— Somos todos iguaes!

— Justamente, todos iguaes!

— Viva o povo, povo de valentes, e de heroes!... Abaixo o despotismo!

— Abaixo o despotismo... — repetia sempre Alberto com um sorriso de escarneo.

— Uma nova época vae ser inaugurada! — continuava o orador.

— Diga-me... que fogueira é aquella? — perguntou friamente Alberto.

— São os moveis do Miguel Alcaide, que foi enviado ao diabo esta manhã! O povo faz justiça por suas mãos! o povo, é rei!

— Viva, portanto, o povo!

— E morram os frades!

— Elles morrerão...

— E tambem os padres! os infames! os hypocritas! os jesuitas! os inquisidores... morram os padres!

— Sois muito cruel, snr. Lima! — atalhou mansamente padre Diniz.

— Quem lhe disse o meu nome? Eu não conheço este sotaina! Olha o diabo, que aqui me apparece!

— Este sotaina — replicou o padre — é um homem que remiu em Inglaterra a sua vida, snr. Lima, condemnada a

carcere perpetuo por certas abórdagens nas costas da America...

Lima, o pirata, que o millionario Salema queria punido, encarou padre Diniz com respeito, curvou-lhe a cabeça, e estendeu-lhe a mão. O padre repelliu-o, e seguiu impassivel o seu caminho. Alberto de Magalhães, preparado para evitar qualquer aggressão do seu faccinoroso collega do mar, seguiu o sacerdote.

E desde esse dia nunca mais voltaram a Lisboa.

A condessa, afeita ao amor de Antonia, seguiu-a, porque a sua amiga não podia separar-se da filha. Padre Diniz convivia em ambas as casas, testemunhando uma felicidade, preparada por elle, como instrumento do céu. Pedia a Deus que o não deixasse sobreviver ás duas senhoras, que eram a sua familia, a nutrição dos seus affectos, o amparo d'aquelle coração, que não tinha, por morte d'ellas, senão a saudade de um anjo, e a esperança de encontral-o no céu.

Deus tinha disposto.

Antonia, após quinze dias de cama, rodeada de medicos, conversou uma noite com padre Diniz até ás tres horas da madrugada. Recordou os lances todos da sua vida. Contou-lhe episodios da infancia, a historia minuciosa, sentimento por sentimento, da sua paixão pelo pae de Eugenia. Pediu-lhe que repetisse o martyrio de sua mãe: as palavras que se trocaram, e a descripção da capellinha em que ella morrera.

O padre concebeu, um momento, esperanças de uma favoravel crise na doença. Principiava a dar-lhe consolações, e citar exemplos de curas inesperadas, quando Antonia, sorrindo á ternura do seu bemfeitor, murmurou:

— Meu amigo, meu pae... peça a Deus que me receba no seu bemdito seio, porque a minha vida está no fim... Devo á Virgem Santissima esta revelação... pedi-lhe sempre que me desse o presentimento da morte proxima... Morro feliz, meu anjo bom, morro feliz... podendo, na minha... talvez... ultima hora, dizer-lhe: «Padre Diniz... devo-lhe esta morte... Vou esperar-o na bemaventurança!...»

Antonia fechou lentamente os olhos, mas respirava. Era o somno precursor do somno eterno. O padre ajoelhou diante do crucifixo, quando entraram Eugenia e Angela.

— Morreu? — exclamou Eugenia.

— Ainda não! — murmurou o padre.

— Oh minha mãe! — bradou Eugenia, beijando-a na testa humida de suor. Antonia abriu os olhos, sorriu, levou ao coração as mãos de ambas, e perguntou por Alberto.

O merido da filha chegou ao leito, e afastou-lhe os cabellos da testa.

— Que é, minha querida mãe?... sente-se melhor?

— Sinto-me bem... e padre Diniz, onde está?

Olharam todos, e não o viram. Alberto procurou-o em casa, e soube que tinha saído; voltou a perguntar se deveria procurá-lo em casa d'elle; Antonia acenou que sim; e disse á filha: — Diz-me o coração que o não torno a ver.

Padre Diniz entrára em casa. Quando Alberto voltou, e disse que o não encontrára. Antonia murmurou: — Eu não vos dizia? Seja feita a vontade do Senhor... Angela, minha querida amiga, deixa-a depositaria d'esta lagrima que verto na sua mão... é de padre Diniz... diga-lhe que a moribunda não podia deixar-lhe outra lembrança... a ultima lagrima... Eugenia!... Angela!... Alberto!... a memoria da minha desgraçada vida ahí vos fica, para nunca vos esquecer esta pobre mulher...

Fechou os olhos... Os gemidos que chamaram por ella ouviram-se... mas na eternidade.

Eugenia desmaiou nos braços do marido. Angela apertou a mão do cadaver, e murmurou:

— Até logo, minha amiga!

Será verdade que uma grande afflicção purifica a natureza humana, santificando-a com o dom da prophecia?

Aquelle «até logo!» não seria inspirado por uma voz sobrenatural, que disse a Angela: «vem, oh martyr!».....

Algumas horas depois, a condessa de Santa Barbara recebeu a seguinte carta:

«Eu pedi a Deus, com todo o fervor da minha alma, que se cerrasse os meus olhos, cansados de ver e chorar, antes que o tumulto me escondesse dois anjos que me foram consolação na velhice, e vaidade, sem culpa, no coração.

«O Senhor não attendeu a oração do peccador. *Minha irmã*, a flor que levantei debaixo dos pés da sociedade, que fiz reverdecer com os meus desvelos, que ensinei a fortalecer-se na seiva de suas proprias lagrimas, a minha primogenita, deixae-me assim chamar-lhe, nas entranhas do coração... morreu!

«A estas horas, Antonia, que me estava na alma, no sangue, no pensamento de todas as horas, quebrou-se d'este vinculo de dezeseis annos, e deixou-me no mundo como guarda de mais um tumulto.

«Condessa de Santa Barbara, minha filha tambem, que te apparentaste commigo pelo martyrio, que respiraste commigo o ar que mata o pulmão, por onde se respiram as lagrimas na terra; Angela, tu podes, de um lance de olhos, compenetrar-te do meu drama em menos de vinte annos. D'aqui até

«ao meu berço... decorrem cincoenta e quatro... Os tormentos d'essa longa juventude... morrerão commigo.

«Estou rodeado de tumulos. Aqui, Pedro da Silva, o anjo da tua innocidade, Angela. Ao pé, sellado por um mysterio da Providencia, o tumulo do conde de Santa Barbara. Sobre o coração o peso da pedra, que me esconde as cinzas de Francisca Valladares. Alli, os ossos de minha mãe abraçados pelo cadaver dilacerado de meu pae. Além, a sombra de Anacleto, a martyr que conversa com a fempestade do céu no alto das montanhas. Aqui, na minha mão, o calor ainda do ultimo beijo que fechou os labios de Antonia.

«O que tenho eu sido na face da terra? O espectador sinitro que contempla todos os infortunios, e leva comsigo a morte ao desenlace de todos os dramas.

«Se ha generosos sacrificios na minha vida, quaes são as consolações com que a justiça eterna me indemnisa? A solidão, a orphanidade, a quêda de cada ente que levanto, mas a quêda em um abysmo, onde os gritos dá saudade não tem um ecco.

«Eu não blasphemo, Angela! O meu desalento não é um perjurio ás mortificações de Christo, que eu jurei adorar, como professo na vida da resignação, e como homem que procura, ha trinta annos, penitenciar-se com o riso nos labios, e com a mão estendida para o algóz.

«Não blasphemo, filha. Sinto que a ultima hora da minha expiação não tenha soado... sinto, porque estou fraco, porque não posso mais, porque ouço estalarem as molas d'este barro quebradiço.

«Quando vos deixei, pobres senhoras, recebendo o ultimo suspiro de Antonia, que devia ser vosso, ajoelhei, com os olhos no céu, e pedi ao Senhór que abrisse diante da minha velhice um largo horizonte, uma vasta peregrinação sobre espinhos, um grande amphitheatro, em que as carnes me fossem retalhadas, em que o martyrio saldasse as minhas contas com o supremo juiz.

«Era necessario fugir debaixo d'este céu. Era necessario fugir de ti, minha filha, para não ver o teu cadaver. O festo das minhas forças, e a pouca vida que as anima, devia gastal-as em me afastar d'estes sitios, onde brevemente fecharás os olhos, Angela.

«Quero ignorar o teu fim: quero imaginar que vives; quero sonhar que um dia voltarei a Portugal, rojando sob o peso da decrepitude, a expirar nos teus braços.

«E todas estas illusões, extremo ar da minha alma, morrerão onde eu viver. Partirei, Angela!

«Se um dia voltar, e me disserem que o penultimo tumulo

«se fechou... se tiveres morrido... ajoelharei sobre a ultima pedra que deve erguer-se para esconder o segredo do derreideiro conviva n'este banquete de desgraças...

«Condessa de Santa Barbara, não conspiremos contra a soberania de Deus! Face em terra, filha! e murmuremos uma acção de graças, quando o raio vos estalar sobre a cabeça...

«Alberto e Eugenia... são dignos do teu amor... Alberto tem a sciencia da desgraça... Eugenia tem a herança do coração de sua mãe... Nos braços d'elles podem correr tranquillos os teus ultimos dias.

«Teu filho será um dia o reflexo das virtudes de Angela de Lima... Se na sua volta a Portugal vos encontrardes... fallalhe de mim, e diz-lhe que em poder de Alberto de Magalhães existe o seu patrimonio. Um dia receberá o meu legado, que não é ouro com que se comprem baratas as virtudes, e que nutrem facilmente as paixões famintas... Será um livro.

«A benção de Deus afaste de sobre a tua cabeça os tormentos do remorso, minha filha, adeus.»

A condessa leu, com a mesma serenidade, a primeira e a ultima palavra. A vida exterior era a mesma; a morte, porém, estava dentro. Cada minuto era um anno; cada aspiração era um hálito venenoso, que lhe quebrava os vinculos do espirito a materia inalteravel.

Finda a leitura, Angela passou á sala de espera, onde estava o portador da carta.

— Onde lhe entregaram esta carta?

— Em Bellas.

— Disseram-lhe que tinha resposta?

— Não, minha senhora.

.....
Angela veio ao quarto de Eugenia, e pediu-lhe a sua caruagem para vir a Lisboa. Alberto, assustado por tão improvisto destino, pediu a significação d'este lance. A condessa entregou-lhe a carta.

Eugenia, que a ouvira ler, perguntou:

— É que faz com a sua ida a Lisboa, minha querida amiga?

— Quero despedir-me... abraçal-o como filha... é uma aniedade do coração...

— Mas tem a certeza de encontral-o?... De certo nenhuma...— replicou Alberto.

— Diz-me o coração que o verei... Se o não vir, paciencia... Deus me levará em conta este desejo vão...

Abraçaram-se. Eugenia chorava, e a condessa entrava na camara onde Antonia expirára, e dava um beijo nos labios roixos do cadaver.

.....

A carruagem partiu.

Na Porcalhota a condessa sentiu uma vertigem. Julgou que devia ser o resultado de uma horrivel impressão... encontrára alguns cadáveres do exercito realista, que estanciava n'aquellas paragens, e vira dois soldados cholericos a agonisarem encostados a uma ribanceira, ao lado da estrada, pedindo uma gotta de agua, que ninguem lhes dava.

A primeira seguiu-se uma segunda vertigem, caimbras, vomitos, arripios, e um suor glacial. A carruagem parou. Um cirurgião militar chegou á portinhola, e disse ao boleeiro que a recolhesse depressa a Lisboa, se não queria levar um cadaver. D. Angela pediu agua. Deram-lhe quanta quiz beber, e lançou-a logo. Alguns militares rodeavam a carruagem, e um de superior patente offereceu-lhe a sua casa. A condessa recusou, e pediu que a conduzissem depressa a Lisboa. Sentiu falta de ar, e olhou para as mãos, que de repente se tornaram de uma côr azulada. O cirurgião disse ao ouvido do seu vizinho:—Está morta dentro de uma hora... já tem a *cyanose*. Ora a *cyanose* na cholera de 1833, era o symptoma infallivel de uma proxima asphyxia.

A carruagem, a todo trote, parou na travessa da Junqueira, n.º 44.

O boleeiro ia bater, quando a porta foi aberta por padre Diniz, que correu a abrir a portinhola. Recuou... Angela tinha os olhos abertos, mas os labios mudos. Padre Diniz estendeu-lhe a mão, que devia apertar-lhe a sua... não se moveu. Reparou de novo na face da condessa salpicada de manchas azues, e viu que os olhos se tinham fechado. Tomou-lhe o pulso... nem uma palpação...

— Parece que está morta... — disse o boleeiro.

— Está... ajudae-me a tirar-a...

Padre Diniz subiu... depositou-a sobre um canapé, ajoelhou... e disse em voz, que tinha em si alguma cousa sobrenatural... um mixto de terror, de santidade e de sarcasmo:

— Está feita a vossa vontade, Senhor! Quem quizer servir-vos, ha de sentir-se esmagado debaixo da vossa cruz!... Senhor!... aqui estou! que quereis de mim?

NOTA

(Achava-se no fim do segundo livro, que formava o segundo volume da primeira edição.)

Comparando o primeiro com o segundo volume, salta aos olhos da critica (que tem olhos) uma desigualdade esthetica, uma desharmonia de conceitos, de fórma, e de estylo, que denuncia dois escriptores, ou duas indoles no mesmo escriptor. As paginas do primeiro volume são escriptas pelo auctor, que falla de si, que avulta no quadro que descreve, asombrando-o das côres melancolicas de que sua alma devia estar escurecida.

No segundo volume, do quarto ou quinto capitulo em diante já não é auctor o filho da condessa de Santa Barbara. O maço que o nosso amigo nos enviou do Brazil continha, além do primeiro volume organizado, poucos capitulos do segundo, e o resto eram apontamentos de que nos servimos, como genuínos, porque não podemos duvidar dos esclarecimentos que os documentavam. Enganar o publico, isso é que de modo nenhum.

Sem offender a arte, nem a verdade, continuamos o romance, e abstinemo-nos de attribuir ao cavalheiro, que morreu no Rio de Janeiro, o que era nosso na fórma, comquanto d'elle na substancia. Estas duas entidades (substancia e fórma), que deram muito que entender á philosophia escolastica da idade média, esperamos que não perturbarão a ordem em que se acha a litteratura moderna.

Deve notar-se mais que os pseudonymos de que nos servimos é um ultraje que fazemos ao trabalho de D. Pedro da Silva. O mysterioso amigo do guarda-livros, que nos honra com a sua amizade, era um historiador fiel, nomeava as pessoas com toda a evidencia do baptismo, descreve muitas como hoje as conhecemos, e mandaria queimar a sua obra, sem pretensões de Virgilio, se soubesse que um desastrado editor lh'a sacrificaria á lei das conveniencias.

Que a sua alma nos não persiga por esta infracção!

MYSTERIOS DE LISBOA

LIVRO QUARTO

I

Eugenia recebeu a chave do caixão de sua mãe, e partiu com seu marido para Lisboa.

Tinham decorrido dez horas, depois que Angela de Lima fechára os olhos na presença de padre Diniz. A filha de Antonia já não vinha em soccorro da sua amiga, que estava morta; mas... quem seria com padre Diniz, no angustioso conflicto de possuir um cadaver em sua casa, o cadaver da mulher a quem fora escripta uma tal carta, um adeus tão afflictivo!?

— Irei — dizia ella — consolar o protector de minha mãe; obrigar-o-hei, com ternura e carinhos de filha, a ser da nossa familia, Alberto, a viver na intimidade de nossos corações, a participar da felicidade, que restauraremos, quando a commoção d'esta desgraça estiver esquecida... Podemos fazer com que elle tenha alguma indemnisação, n'este mundo, do muito que lhe deve a minha familia... não é assim, Alberto?

— Não aceitará, Eugenia. Aquelle homem escapa a todos os calculos humanos. Tem virtudes incomparaveis; mas o meio por que chega a possuil-as é sobrenatural, ou inconcebivel para o resto dos homens, se não é para elle tambem. Sabes como eu o julgo, Eugenia? É um instrumento de Deus; mas tem sempre, a seu lado, um demonio, que faz que as suas virtudes sejam doces para a humanidade, e amargas para elle. Isto parece um absurdo, filha; mas o maravilhoso, chamado ao tribunal da fraca razão humana, dá de si um enca-

deamento de absurdos. Nós não sabemos nada. Vivemos e morremos materialmente. É necessario que appareçam estes meteoros de deslumbrante clarão, para desviarmos os olhos das mesquinhas que nos rodeiam, e acreditarmos que ha grandes segredos, acima do entendimento do homem ordinario, como eu.

— Tu!... um homem ordinario... tu!! que fizeste de mim o que sou... que me salvaste para a virtude pelo meio com que se abysmam na perdição muitas mulheres...

— E que nome darias tu ao homem que me levantasse do abysmo da perdição, para fazer de mim o que sou?

— Um Deus.

— E se esse homem empregasse os meios da corrupção para me elevar á altura onde todas as virtudes são faceis?

— Não concebo a pergunta, Alberto...

— Se esse homem, lembrando-se que me deixava no mesmo abysmo em que me encontrou, apenas me dissesse: «Toma lá com que sejas honrado um anno», e eu comprasse com essa dadiva novas deshonras, através das quaes cheguei a uma situação de ser virtuoso pela consciencia e pelo calculo? Que nome darias a esse homem?

— Um instrumento de Deus, chegando ao seu fim por veredas extraordinarias.

— É o que póde dizer-se de padre Diniz...

— Mas não é esse o homem que tu disseste, por comparação, talvez, que te levantou do abysmo da perdição...

— É elle...

— Padre Diniz?

— Ou Sebastião de Mello, ou... não sei como se chama... Quem dirá o verdadeiro nome d'este homem?

— Ha então um grande segredo na tua vida e na de padre Diniz?...

— Ha.

— Segredo, que morrerá contigo?

— Sim, Eugenia.

— Nunca mais fallarei de modo que me repitas que o teu mysterio é sagrado.

— Deixarias de ser um anjo, se transgredisses o teu juramento.

A carruagem parára defronte da casa de padre Diniz. A porta estava fechada. O creado da taboa bateu tres vezes, e não ouviu rumor de vida.

— Ah! não está ninguém n'essa casa — disse um lojista, que morava defronte.

— Pois não mora aqui um padre? — perguntou Alberto.

— Creio que morará; mas, ha cousa de duas horas, saiu

d'ahi em uma sege um esquite com uma senhora que saíu morta de uma carruagem, que, se me não engano, era essa mesma. Atraz d'ella saíu o padre, e os dois creados que tinha, e não tornaram...

— Mas tornarão, talvez... — interrogou Eugenia.

— Parece-me que não... Eu sei a quem os creados disseram que seu amo os despedira, porque não voltaria a casa.

— Mas — disse Alberto — se fallarmos com o senhorio da casa, poderemos saber se padre Diniz lhe entregou as chaves.

— O senhorio era elle. Ha mais de quinze annos que elle comprou essa casa a um outro senhor que ali viveu, e que, se bem me lembro, ouvi dizer que se chamava Sebastião de Mello.

— Que faremos? — perguntou Eugenia ao marido.

— Que faremos?... Não sei, Eugenia!... Creio que tudo está consummado. A condessa a estas horas é um cadaver confundido entre centenaes de cadaveres. Padre Diniz é impossivel encontrar-o... Das duas, uma: ou está morto, ou sepultou-se vivo.

— Não será assim, Alberto... Faz o que eu te digo... Vamos ao cemiterio...

A carruagem parou no campo de Ourique. Alberto interrogava os boleeiros de segues de praça que encontrava. O ultimo disse ser o conductor de um esquite, que saíra de uma casa na travessa da Junqueira. Não soube informar ácerca de padre Diniz. O cura da parochia, e mais ninguem, tinha sido o prestito do cadaver. Disse que a defunta ficava para ser enterrada na ultima valla do campo, á esquerda, para o lado de baixo.

A carruagem circumgирou aquella seara de mortos, sem numero, sem signal, accumulados aos tres e quatro da mesma familia, no mesmo fôssco, e envoltos no mesmo lençol. ⁽¹⁾

Além, do extremo do descampado, levantava-se uma como baliza, vigia de mortos, um vulto escuro, que Eugenia conheceu pelos olhos do coração.

— Queres vel-o?

(1) Não é exaggeração. Dos estragos da cholera-morbus em 1838, especialmente em Lisboa, não ha uma estatística, porque os espiritos d'essa época, preoccupados com a guerra ás portas da cidade, curavam mais de pensar os feridos em batalha, que computar os mortos da epidemia. Hei de lembrar-me sempre do estupendo pavor que recebi, aos sete annos, quando, em uma segunda feira, bati á porta de meu mestre de primeiras letras, e ninguem me respondeu: a razão do silencio era tristissima; não vivia ninguem n'aquella casa; e, comtudo, eu deixára alli, no sabbado, sete pessoas vivas. Até domingo ás tres horas da tarde, morrera o mestre, tres irmãs, o pae e dois creados.

— Quem?

— Padre Diniz... Olha, ao lado d'aquelle grupo, que despeja padiolas em um fôssco, não vês, para a esquerda, um homem immovel?

— Vejo... tens razão... é elle... ninguém estaria alli n'aquella postura... Depressa!...

A carruagem parou a pouca distancia da valla. Eugenia e Alberto apearam. Consultaram-se se deviam perturbar aquelle homem, de braços cruzados, e olhos mergulhados no comoro de saibro, como se d'aquelle chão devesse levantar-se o ente que suas mãos ajudaram a reclinar no leito gelado.

Eugenia parou quasi ao lado do padre. Alberto, com o chapéo na mão, e os cabellos eriçados do enthusiasmo d'aquellas scenas, em que o pé do terror esmaga os espiritos intrepidos, não ousava aproximar-se tanto.

— Senhor... — murmurou a filha de Antonia.

Padre Diniz voltou serenamente a face, como se não fosse surpreso.

— Eugenia!... também vieste visitar a ultima paragem da amiga de tua mãe!... Também aqui estás, Alberto?... Vinde para ao pé do nosso anjo, que nos deixou aqui o coração... Está aqui!... Olhae para este taboleiro de terra... é D. Angela de Lima, que se reduziu a isto!... Aqui tendes a formosura, as esperanças, trinta e quatro annos de martyrio... um coração que recebeu todos os golpes, uns labios que abençoaram todas as dores, uns olhos que choraram todas as lagrimas, e se fecharam quando a dor, que eu lhe causei, devia ser a ultima... Quereis que vos diga? É uma victima que eu fiz!...

— Não diga tal, padre! — atalhou Alberto.

— Pois que quereis, cegos? Não vêdes em mim uma aureola de fogo sinistro? Tudo que se aproxima de mim, cáe. Respiro a morte... Quem viver do ar que me rodeia, morrerá. Senão... vêde... Eu preparava-me para abandonar Portugal, e tinha dito a Deus: «Não permittireis que aquella... era esta que aqui está... não permittireis que Angela morra diante dos meus olhos... Eu vou, Senhor, trabalhar em vosso serviço... Na India ha martyrios para os que proclamam o vosso nome. Ainda bem! irei dizer que vós sois um Deus de justiça, e testemunharei com os meus padecimentos de longos annos a vossa vingança... Deixae-me satisfazer-a com o meu sangue, mas não violenteis o vosso servo a baixar os olhos sobre o cadaver da filha do seu coração...» A minha oração foi cortada pelo rodar de uma carruagem, que parou á minha porta. Desci, e vi Angela fechando os olhos.

— Ainda o viu? — perguntou Eugenia, soluçando.

— Ainda me viu...

— Ella tinha dito que o coração lhe dizia que o vinha encontrar.

— Encontrou-me, para me dizer na linguagem muda do ultimo suspiro...: «Deus não te fez a vontade... Aqui estou morta debaixo dos teus olhos...» Ora, vêde que vida a minha, bons amigos!... Dizei-me se não ha aqui alguma cousa que exceda as medidas do soffrimento humano! E, depois, olhae que é escusado chamar Angela. Está morta, não tem ouvidos, nem olhos, nem coração. Acabou-sê tudo aqui...

— Mas o céu... a eternidade... — disse Eugenia.

— Dizeis bem, minha filha... O céu, a eternidade!... O vosso coração é puro, não é?

— Puro!... meu Deus!... quem podera responder-vos, saindo do berço...

— Pois eu digo-vos que o vosso coração está cheio de sentimentos bons, de esperanças nobres, e de fé nos milagres, que Deus pôde operar em galardão de virtude, que lh'os pede... Olhae, filha, pedi ao Senhor que vos deixe contemplar Angela de Lima... podereis vê-la em um sonho, no céu, na elevação das vossas orações... Se a virdes, dizei-lhe que visstes padre Diniz chorando sobre esta cova... Adeus, Eugenia!... Alberto... sê sempre bom para esta menina.

— Padre Diniz, não o deixaremos; Eugenia disse que seria da nossa familia...

— A minha familia são os tumulos... Acaba-se em mim esta raça de desgraçados... Ide-vos em paz.

— Senhor, venha connosco, pelas dores que tem soffrido com tanta resignação...

— Não queiraes augmental-as... Sede generosos com o pobre velho. Ide-vos... obedeei-me.

Eugenia beijou-lhe a mão, banhando-lh'a de lagrimas. Alberto abraçou-o, e encontrou entre os seus braços trémulos um corpo frio, tranquillo, resistindo ás commoções d'aquelle adeus.

A carruagem parou ao longe. Eugenia queria, pela derradeira vez, contemplar o homem superior, que tinha em si o segredo de seu marido, salvando um anjo no abysmo da perdição... Já o não viu.

VIII

Cintra perdera os encantos para os felizes consortes. Ah! lhe amanhecera dias de perfeita ventura. Nunca o despra-

zer os escurecera, se não viessem duas mortalhas enturvar a luz do céu propício, que testemunhava os seus amores estremecidos.

Eugenia vivia triste. A solidão d'aquelles êrmos, que tão bons lhe tinham sido para pensar sósinha na sua felicidade, povoava-se-lhe agora de visões pavorosas; e tristes de mais para a sua alma enferma de saudades.

As imagens da mãe, da condessa, de padre Diniz, e até, por atribulada coincidência, do conde de Santa Barbara, aterravam-a, faziam-lhe girar o sangue alvoroçado, lançavam-a, como impellida por força estranha, dos braços de Alberto para o mais escuro do seu quarto, onde chorava. O extremoso marido não comprehendia aquella inquietação, e não podia duvidar do amor de Eugenia. A mistura com os caninhos vinham as lagrimas... que lagrimas, porém, eram aquellas? Saudade? peccava por excesso; não se explicava. Temor? de quem, ou por quê? Indole? Não era a sua tão melancolica... Pelo contrario, Eugenia, se tinha horas de melancolia, desde certo tempo, em que se habituára a viver pelo pensamento em um mundo diverso do da sua infancia, eram muitas mais as horas de uma vivacidade jubilosa, cheias de ditos galantes, de aneddotas graciosamente facetas, em que Alberto, por força, devia rir-se. Que lagrimas, pois, eram aquellas?

Voltando de Lisboa, onde fora, sem consultar sua mulher, pela primeira vez, Alberto encontrou-a triste; mas triste e mimosa de uma resignação, que não ousava perguntar a seu marido a razão d'aquella falta de estima. Conhecedor profundo de todas as almas, exceptuando a de padre Diniz, Alberto recompensou-lhe a humildade, dizendo-lhe que fora preparar o seu palacio em Lisboa, para se retirarem de Cintra ao dia seguinte. Eugenia lançou-se-lhe nos braços, exclamando:

— Bem hajas, meu querido!... eu desejava que saíssemos d'aqui, mas não ousava pedir-t'o.

— Por quê?

— Não sei; parecia-me que eras feliz aqui, e eu não queria mostrar-te que o era menos...

— Mas choravas...

— Chorava... não podia reprimir as minhas lagrimas; quanta mais coragem pedia a Deus, mais mulher me sentia.

— Que sentias? medo?

— Não sei, Alberto... não posso dizer-te o que era... um peso de ferro sobre o coração... falta de ar, de luz, de vida... Tenho-te só a ti; mas não podia dizer-te as minhas visões...

— Visões? Julguei-te mais forte...

— Sou muita fraca. Os vivos não me aterram... Parece-

me que, ao teu lado, sou superior a todos; mas os mortos... oh! meu Deus!... que frio sinto correr-me o sangue... Alberto, pela ultima noite, que passaremos em Cintra, não me deixes um instante sósinha... Tenho hoje mais medo que nunca...

— Medo! Que viste, Eugenia? Pelo teu amor, como por tudo que ha nobre na tua alma, diz-me o que viste...

— *Pelo meu amor...* dizes tu... Ó Alberto, para que invocaste o meu amor? Não posso esconder-te nada, se te serves d'esse testemunho... Eu digo tudo... Olha... lembra-te de me dizer padre Diniz que pedisse a Deus que me deixasse ver Angela?

— Sim.

— Pedi... pedi com muito fervor, quinze dias...

— E depois?

— Vi-a...

Alberto sorriu-se.

— Não te rias, que me fazes mal... Então começo a tremer de te contar o que vi... é uma profanação o teu riso... Escuta-me com piedade e religião, sim, Alberto?

— Diz, filha... que viste?

— Vi Angela...

Eugenia estava livida. Os olhos espantados fixava-os nas sombras agitadas nos escuros da sala pelos trémulos das luzes. Alberto, a seu pezar, principiava a sentir-se electrizado do pavor magnetico dos olhos d'ella. N'aquelle instante, passou-lhe fugitiva uma idéa:— Estaremos tocados do contagio sobrenatural d'aquelle homem?

— Como viste Angela?

— Como a conheci... em companhia de seu marido... Martyrisada... amaldiçoando-me no silencio do seu quarto... Vês?... eu não queria dizer isto... Agora, soffre commigo, Alberto!...

A convulsa senhora correu aos braços do marido, como quem foge de uma larva.

— Que tens, Eugenia? Que peso dás a essa apparição de um espirito exaltado?!

— Um peso de me não deixar viver feliz... Tenho-a visto assim muitas vezes, sempre assim... Mas é impossivel que ella me não perdoasse!... Contei-lhe tudo... ouviu-me a chorar... e beijou-me no fim com tanto amor... Será uma superstição, Alberto?...

— E... se o mundo tivesse pervertido a tua alma, não terias semelhantes visões.

Vinte e quatro horas depois estavam em Lisboa recebendo

a visita das notabilidades politicas, commerciaes e litterarias, que se felicitavam por terem em seu seio o generoso propugnador das idéas liberaes, e ao mesmo tempo lastimavam a perda da mãe e sogra dos ditosos conjuges, senhora, cujas virtudes eram notorias (supposto que nenhum dos circumstantes a conhecesse de vista nem de tradição). Faziam-se, n'esse tempo, os ensaios oraes do «artigo-necrológico», que depois se tornou um cargo especial dos talentos funebres da nossa terra, d'onde, apesar das innovações do genero, não foi ainda possível excluir o «a terra lhe seja leve» para todos; e o «era uma florinha no despontar da vida» para as donzelas, «era o modelo dos paes, dos amigos, dos esposos e dos cidadãos» para o velho que exerceu cargos municipaes, e o «era um character d'antes quebrar que torcer» para os fidalgos de raça. De resto, o necrologio, em Portugal, vae individualisando a nossa indole litteraria, como a parábola no Oriente, e a metaphysica na Allemanha. Ora, esta enfiada de palavras desatadas e sem proposito no romance, vieram para dizer que Alberto de Magalhães hospedava em sua casa a nata da gente nova, a alta sociedade que deslocára da sua peanha de sete seculos o idolo supersticioso da velha raça. Eugenia excitava o interesse dos illustrados admiradores do seu espirito, e fazia-se respeitar pelos mais audazes, que vinham do estrangeiro enfronhados em arrebiques da nova civilisação, e caracterisados á feição de certos homens, que viram em Paris, denominados «leões».

Nas salas, pois, de Alberto de Magalhães reuniam-se os primeiros leões, que tinham a generosidade de reputar «leão» a galante dona da casa.

Alberto, o homem do mundo, que annos antes encontrára em França, estranhos á boa sociedade de Paris, os que em sua casa ostentavam familiaridade com a melhor gente de *Saint-Germain*, ria-se em particular dos seus amigos, e convidava-os a contarem-lhe a vida de Paris, como quem desejava um dia entrar n'aquella terra sem a *gaucherie des parvenus* (como dizia o recente barão de Sá, que fallava pessimamente o portuguez e o francez).

— Em Paris — dizia o dito barão — madama, a vida é bella de tudo o que a vida tem de bom e dá *le plaisir au cœur*. As mulheres... perdão, madama!... Em Portugal não faz bom som na orelha a palavra «mulheres». Em França se diz *les femmes*, e eu não sei o que ha de *gauche* n'esta phrase posta em portuguez. *Les femmes ont cette coquetterie...* perdão; eu estou esquecido da minha lingua, e, *malgré moi*, fallo em francez quasi sempre por engano. As damas, dizia eu, tem este coquetismo... póde dizer-se *coquetismo*, Xavier?

— Péde... é genuino classico — respondeu o snr. Xavier, magistrado zombeteiro, que pisava a bota de verniz do seu vizinho, desairando-lhe dolorosamente o aprumo difficilimo dos callos, pouco parisienses.

— Tem este coquetismo — proseguiu o barão, puxando á esquerda o phantastico frisado de *la chevellure à Saint-Simon*, como elle seriamente a definia. — Ellas tem este coquetismo, que faz mal ao coração, e enthusiasma, *enivre*, embriaga a cabeça. Ellas sabem fazer o que as senhoras de Portugal não sabem, *c'est à dire*, ellas sabem *causer*...

— *Causer*?... Não o comprehendi, snr. barão — disse Eugenia com infantil artificio.

— *Causer*... madama, não tem em nossa lingua uma palavra energica, significativa, *tranchante*, que explique assás o sentido. *Causer* é uma especie de *conversar*.

— Ah!... já entendi... queira proseguir.

— Em Portugal, posso avançar que não sabemos o que é conversar *au coin du feu*. Faltam-nos este *verbe*, que, abstracção feita de raras damas, captiva o ouvido com conversas sempre palpitantes de interesse. Portanto, a mulher franceza conversa sempre em *négligé*. Ella nunca se impõe pretenciosamente por se fazer escutar banalidades. Ella tudo que diz é *petillant*, e por tudo dizer, não faz as grimanças de algumas *ridicules*, que não tiveram o seu Molière. Oh! eu amo as damas francezas.

— Com esse enthusiasmo pelas felizes senhoras de Paris deve ter sido muito venturoso nas suas empresas, snr. barão!... — disse Eugenia, recobrando toda a finura do seu caracter *railleur*, como diria o bom do barão, se fosse pateta uma polegada menos.

— Se vos apraz, madama, direi, sem vaidade, que *surmen-tei entraves*, que fariam recuar muitos outros. Quem não amaria em Paris, a não ter o coração *blasé*?

— Não lhe foi por isso muito doloroso o exilio... — atalhou Eugenia,

— A posição do exilado é sempre penivel, minha senhora; mas o bom Deus, como dizem os francezes, indemnizou-me com mão larga...

— E eu cuidei que os portuguezes não eram bem recebidos pelas senhoras francezas...

— Enganou-se, madama, eu estou ao facto de exemplos que provam o contrario.

— Sim?

— Aqui o nosso amigo — disse o magistrado — é o *alm-nach* das aventuras dos proscriptos. Sabe uma copiosa chronica

de escandalos, e promette, quando recuperar a perdida lingua patria, escrever «Os fastos do exilio».

— N'esse caso — disse Alberto — esperaremos essa preciosidade litteraria, moral e philosophica...

— Mas nem tudo sabes, meu barão, — proseguiu um conselheiro, que se vira em tratos para disfarçar os froixos de riso, que o acommetteram durante a algaravia do barão — não sabes tudo, e eu vou contar, ou *causer*, como tu dizes, ácerca de um acontecimento que vae provar a v. exc.^a, snr.^a D. Eugenia, que os portuguezes são bem recebidos pelas senhoras francezas.

— Estimo-o muito como portugueza, vaidosa dos cavalheiros portuguezes... É uma especie de nacionalidade, não é?

— De certo... Ah! vae a historia, barão. Faz as tuas notas. Em 1829 appareceu em Paris um cavalheiro portuguez, que dava pelo nome de Leopoldo Saavedra. Já sabem do que vou fallar...

— Isso é um bizarro successo, — disse o barão — mas não sei bem como isso foi... ouvi fallar *à vol d'oiseau*.

— Leopoldo Saavedra apresentou-se com recommendações do ministro francez no Brazil, e foi apresentado na melhor sociedade. Era rico, boa figura...

— Conheceste-o? — perguntou o magistrado.

— Não. N'esse tempo estava eu com o Palmella em Londres. Tratei muito de perto pessoas que o conheceram. Além de rico e gentil, era eloquente, fallava umas poucas de linguas, e conversava com os gregos na pura lingua de Homero. A melhor mulher de Paris, a flor dos salões de Carlos X, era a duqueza de Cliton, viuva com vinte e tantos annos de idade, e trinta mil libras de renda. Imagine, snr.^a D. Eugenia, uma dama tres polegadas mais alta que v. exc.^a, rosto comprido e magro, tez pallida, olhos grandes e negros, pestanas longas como franjas de setim, boca irreprehensivel em todas as linhas da formosura, um buço espesso, que se encaracolava voluptuosamente nos cantos dos labios, pescoço de cysne, larga dos hombros, musculosa quanto o escultor, inspirado pelo bello, quiz que o fosse a Venus de Guido, não quebrando pela flexivel cintura como milagrosamente, aprumando-se na linha recta em que uma rainha daria as suas ordens, olhando com intelligente soberania para a pequenez das cousas que a rodeavam, fallando com orgulho, saudando com soberba, deprimindo as invejosas, matando com ironias as paixões faceis dos leões parisienses... tal era a amante de Leopoldo Saavedra, nosso patricio...

— Mas quem é esse Leopoldo Saavedra? — disse Eugenia — não tenho ouvido pronunciar esse nome...

— Nem eu, minha senhora, fóra de Paris. Supponho que seja um rico brasileiro, que se deu esse nome, e que se retirou ao Brazil...

— Meu marido — tornou Eugenia — viveu algum tempo na America, pôde ser que o conhecesse.

— Ouvi fallar d'esse homem no Pará: mas não me interessei em saber quem era — respondeu Alberto, torcendo o longo bigode, cujas guias comprimia com os beiços.

— Seja como for, — proseguiu o narrador — devia ser um homem de pessimo character, ou então a sensibilidade depravada pelas paixões, não podia elevá-lo ao amor sublime da duqueza de Cliton.

— Era um *roué*, ao que parece! — disse com solemnidade o barão, congratulando-se do ensejo propicio de embutir o *roué*, que, de ha muito, lhe estava nos labios escorvados para a primeira occasião.

— Seria. O caso é que Leopoldo Saavedra, tido e havido como amante da duqueza, ostentava por ella, nos salões, a mais grosseira indifferença, chegando a vexal-a n'estes serios nadas, que constituem o amor proprio de uma senhora de nascimento... A duqueza tinha um irmão, cioso da boa nomeada de sua irmã, e duellista acreditado na seita dos timbrosos, que se deixam matar por causa de uma palavra aspera, ou de uma pisadella. Leopoldo disseram-me que o encontrava em casa da viuva, e affectava por elle o mais revoltante desprezo. A alta nobreza aparentava com a herdeira dos Clitons, famosos desde Carlos Magno, e soberbos dos seus braços ganhadados nas cruzadas, lembrou á duqueza a imprudencia de dar publicos signaes de afeição a um forasteiro, que só se fazia interessante unicamente pela opulencia. Pediram-lhe que esperasse da America informações mais precisas a respeito de Leopoldo Saavedra, antes das quaes a sua dedicação poderia ser o precipicio da sua dignidade, e o dissabor da familia. A duqueza disse que era livre como o pensamento; e, desde esse dia, o cavalheiro incognito apeava, á porta do theatro, da carruagem da duqueza, e conduzindo-a ao camarote, tomava junto d'ella a posição de uma escandalosa intimidade...

— Escandalosa! — disse, sorrindo, o magistrado — O conselheiro está procurando os adjectivos mais moralistas que temos! Nunca o vimos tão indignado contra...

— Os *tête-à-tête*... — interrompeu o barão de Sá, que as circunstancias forçavam a engulir muitos *à propos*, que lhe vinham, a *palpitar de momento*, aos labios engatilhados.

— Eu revolto-me contra todos os escandalos, — continuou o conselheiro — porque sou chefe de familia; e, quando o não

fosse, a honestidade manda que o narrador de uma historia immoral, na presença de uma senhora virtuosa, não applauda cynicamente as immoralidades, que conta...

— *A la bonheur!* — tornou o barão — vamos ao *mise en scene* das immoralidades.

— Leopoldo era malquistado nos salões. A inveja, o ciúme, e a intriga minavam-lhe a reputação, quando a duqueza o convidou a ser seu marido. Que suppõe, snr.^a D. Eugenia, que faria o supposto aventureiro, como os parisienses o intitulavam?

— Casou... se a estimava, se era effectivamente aventureiro...

— Muito longe d'isso; rejeitou a offerta; disse que o seu amor era um capricho, e que a sua vaidade não descia.

— Não achas celebre, Alberto? — perguntou Eugenia.

— Celebré, não... Parece-me natural a resposta.

— Não a amava... — tornou Eugenia.

— É o mais que póde deduzir-se.

— Mais alguma cousa ainda, snr. Magalhães... Não só a não amava, mas ludibriou-a, offereceu-a á irrisão pública, e o publico aceitou-a, porque a escarneceu, levando o escarneo a ponto de lhe affixar pasquins na porta do camarote...

— Sabe o que os pasquins diziam, snr. conselheiro? — disse Eugenia.

— Vi um: era um verso que traduzi assim: — « *A alma de Ninon transmigrou no flexivel corpo da gentil Cliton. Mancebos, esperae! o sol nasce para todos... A vossa vez virá tambem... O forasteiro portuguez dobrou o cabo das tormentas como o seu patricio Gama, e preparou para vós as vantagens da descoberta* » A duqueza não mais foi vista no theatro, nem recebeu alguém, á excepção de Leopoldo, cujas visitas acabaram pela da despedida. Saiu de Paris, a título de comprar em Florença uma quinta onde a duqueza devia viver como sua simples... sua simples...

— *Maitresse... femme entretenue*... — acudiu o barão, contentissimo de ter salvado o conselheiro de uma séria difficuldade.

— Justamente. Tinha passado a fronteira belga, quando o irmão da duqueza caminhava a par com elle. Desafiou-o. Leopoldo não aceitou o duello.. Tiveram um encontro sem testemunhas; não sei, porque ninguém sabe os meios por que o francez foi assassinado. O cadaver appareceu, é o grande caso, sem uma beliscadura, e ao pé do cadaver uma pistola disparada. Leopoldo ou morreu do tiro, ou soube evadir-se de modo que nem a duqueza, nem a policia diplomatica conseguiram encontral-o.

— E a duqueza vive? — perguntou Eugenia, visivelmente commovida do infortunio de tal mulher.

— Creio que sim, minha senhora. Em 1832 vivia, mas afastada da sociedade, triste... creio que viajava desde 1829.

— *Répliee sur elle-même*... — disse o barão, fazendo rir o magistrado.

— Ora ahí tens, barão, uma boa pagina para os teus «Fas-tos do exilio» — disse o conselheiro.

— Deixa-o restaurar primeiro a lingua de seus paes... — atalhou ironicamente o magistrado.

.....
Era meia noite. O salão estava deserto, e Alberto de Magalhães profundamente triste.

III

A subita melancolia de Alberto resistiria ás caricias de Eugenia, que, no silencio de sua alma, perguntou a Deus se a sua felicidade de cinco mezes fora uma illusão, que morrera n'aquella noite. A pobre menina não tinha ainda visto os olhos cavos e sombrios de seu marido, accusando remorsos, ou fixando no futuro um inimigo, que vinha pagar-lhe um debito de soffrimentos. Por um receio, que immediatamente assalta o coração da mulher casada, no momento em que sente esfriarem-se os carinhos do esposo, Eugenia imaginou-se aborrecida, e importuna ao homem que a fizera sua por um capricho, ou illusão, que devia despoetisar-se cinco mezes depois.

Esta suspeita era angustiosa! Eugenia não podia supportar a com tranquillidade, em paciente silencio, privilegiado dom das almas pequenas, ou das que tocam pela grandeza o sobrenatural.

Alberto, para maior tormento de sua mulher, entrára, á meia noite, no seu gabinete de leitura, e ás duas horas da manhã era ainda esperado por Eugenia. Duas longas horas de atribulados raciocinios tinham sido aquellas para a filha do general Gervasio; e para Alberto... Deus sabe o que ellas tinham sido...

As tres horas, Eugenia bateu á porta do gabinete, e foi-lhe aberta. Aquelle quarto não tinha luz!

— As escuras, Alberto?!... isto que é, santo Deus?

— Nada, Eugenia... É um desmaio moral de algumas horas... passará quando o tributo estiver pago...

— Que sentes, filho?... este soffrimento é novo...

— Velho para mim...

— Parecias-me feliz, ha poucas horas...

— E sou...

— És!... triste felicidade!... Por prazer não se fecha a gente em um quarto tres horas, a pensar, a empallidecer, e a martyrisar caprichosamente uma mulher, que te dá a vida para que não saibas o que são cinco minutos de dor...

— Vamos, Eugenia... Eu estou bom... não vês que o estou?... Não ha tempestade moral, que resista á tua voz, minha filha... Por que não tinhas vindo ha mais tempo?...

— Cuidei que me aborrecias...

— Aborrecer-te?... a ti!... Que não possas ver a minha alma n'estas tres horas, que passaram por ella!

— E olha, Alberto... eu vinha dizer-te uma cousa...

— Que vinhas dizer-me?

— Agora... não sei se t'o diga...

— Diz... basta que eu seja o mysterioso... O meu passado tem abysmos, e não quero que tu lá desças... o presente... tem segredos... são as feridas do passado que sangram... Tenho de ser mysterioso, por piedade para contigo e para commigo... Mas tu, não. Sei todos os minutos da tua vida; não quero que me occultes um só pensamento... é impossivel que o tenhas de maneira que te seja vergonhoso denuncial-o... Que é o que vinhas dizer-me?

— Tens razão, não devo fechar no coração o pensamento, que devia dar-te, e dará ainda alguma felicidade... Ouve-me e perdôa-me, Alberto... Eu sou uma mulher: basta isto para não satisfazer as necessidades do coração de qualquer homem mediocre em ambições... Sou uma mulher como todas as mulheres communs, não me prevaleço de merecimentos que não sejam triviaes, e tu és um homem que eu imagino ser unico, superior a todos, insaciavel na alma, e facil de esgotar em poucos dias todo o amor que eu posso dar-te em muitos annos. Devo ser-te enfadonha, ou já, ou passado algum tempo... Estudo o teu character, amoldo-o por certos typos que a leitura me tem dito que são o teu, adivinho a tua alma, por muito que m'a escondas talvez por commiseração... Pois bem; sejamos irmãos, quando não podémos ser amantes. Como tua irmã, faz-me o que padre Diniz fez a minha pobre mãe. Dá-me uma cella em um convento; um abrigo em que me considere tua, porque esse abrigo me foi dado por ti... Parece-me que receberia com lagrimas de gratidão uma esmola, que me viesse da tua mão... Quando isso acontecer, Alberto, se a tua mão não póde fazer a felicidade de outra mulher, o teu coração está livre... livre, meu Deus!... Alberto... que

te fiz eu?... não posso consentir que o teu coração seja de outra...

A transição da naturalidade, com que expunha o plano futuro de um amigável divórcio, para a vehemência com que soltou a palavra «livre», parecera a passagem do intervalo lucido para o accesso febril da demência. Impetuosamente lançada nos braços de Alberto, que a beijava, commovido e maravilhado, Eugenia, figurada na imaginação dos que vêem com os olhos da alma o sublime d'aquelle quadro, era como um protesto contra as injustiças, com que um scepticismo infame, galardoado pela moda, fulmina a mulher depositaria do pouco, que a divindade deixou da sua essência, entre os homens.

Quantos lances assim obscuros!

Quantos heroísmos assim esquecidos, ignorados nas torpezas communs, como a perola envolta no cisco, que a tempestade róla na praia!

Quantas mulheres fechadas em um tumulto com o segredo da sua voluntaria abdicação de uma corôa de rosas, para cingirem a de espinhos, que a mão do homem lhe ageitou na frente, á feição da sua perfidia!

Alberto viu-se pequeno na presença d'aquelle mulher, e achou frivola a expressão humana para responder ás condições com que Eugenia lhe pintava a sua futura felicidade. As palavras d'ella tinham-lhe feito no coração uma cura milagrosa. Feridas rasgadas na cicatriz de uma antiga paixão foram como fechadas, de improvisio, pelo bálamo da paixão nova. Qualquer que fosse a sua superioridade, Alberto era um homem como todos os homens, susceptível de cair no mais escuro desamparo da esperança, e fácil de abrir diante dos seus olhos, enxutos por mão de mulher, um vasto horizonte de esperanças confortadoras.

A aurora viera encantadora da sua luz continuar a primavera dos felizes amantes, um momento atribulados. O dia seguinte, e seis mezes successivos não tiveram um minuto de sombras. A magnificência, a consideração pública, a fama caprichosa, e o servilismo até, formavam o prestito da fortuna, que se desvelava em adivinhar os desejos dos venturosos consortes. Alberto de Magalhães era o modelo dos cavalheiros, Eugenia a inveja das espirituosas, e muitas vezes o osso em que mordiam as virtuosas equivocadas. Em todo o caso, boas e más, amigas e inimigas, entravam nos seus salões, cortejavam as primorosas rendas dos seus vestidos, calculavam a faustosa prodigalidade das peças de Sevres e Saxonia, modelavam as miniaturas da sua ambição tacanha pelos magníficos moldes com que os salões de Magalhães deslumbravam os

olhos cubiçosos dos nobres de improviso, já que na sua casaca um crachá resplandecia.

A natureza do homem teria soffrido uma grande revolução, se a riqueza de Alberto de Magalhães não fosse o estímulo de curiosidades maledicentes, e conjecturas mais ou menos irracionais. O filho de D. João VI continuava a ser, para alguns, da régia estirpe, e para muitos, de principios aventureiros. As qualidades, que lhe eram attribuidas nos salões da condessa de Alfarella, abandonados em 1833, e esquecidos em 1834, acrescentava a nova geração dos syndicos da vida alheia, que os milhões de Alberto de Magalhães provinham de falsificação de moeda, derramada por toda a Europa, e quinhoadá pelos primeiros homens de cada paiz. Verdade ou não, attendendo a que o dinheiro do uso ordinario de Alberto eram legitimas libras, e boas peças de D. Maria I, os seus numerosos amigos não se dedignavam de compartilhar no fausto grangeado com moeda falsa. Excellentes e tolerantes pessoas!

Commensaes effectivos do suspeito millionario eram o conselheiro chronista da duqueza de Cliton, e Leopoldo Saavedra, o magistrado integerrimo que mordía a verbosidade barbara do seu companheiro de emigração, barão de Sá, que nunca perdeu as esperanças de largar um dia os tregeitos de desgraçoso macaco, para sacudir a juba crespa do leão parisiense na jaula em que D. Eugenia, involuntariamente, o tinha preso pela cadeia do ridiculo.

Infallíveis á mesa, também o eram no camarote, nos cochins da carruagem, no passeio a cavallo, em tudo finalmente, em que o estomago ou o espirito podesse funcionar de modo, que o ouro pródigo de Alberto lhes garantisse a irresponsabilidade das suas algibeiras, que principiavam a organisar-se em 1834 com os desperdícios dos sybaritas que estiveram sentados oito seculos em volta da primeira toalha, e principiaram, em 1833, uma penosa indigestão das iguarias temperadas com sangue... da qual indigestão alguns arrotos, hoje, são inoportaveis pela nausea...

Menos politica, e mais romance.

Escutemos este dialogo entre dois elegantes da plateia do theatro de S. Carlos:

— Que te parece Lisboa?

— Civilisada. Vejo aqui mulheres que me parecem as mulheres de Paris. Ha vida n'esta geração nova, e um toque especial n'estas physionomias que olham para a gente sem sentirem o beliscão traiçoeiro do pae, ou da tia beata. Vejo que sabem pegar em um oculo. Em 1828 as mães d'estas creaturas angelicas, se vinham a S. Carlos, punham o leque diante dos olhos, quando as dançarinas exhibiam a perna escanda-

losa. Graças á reforma, seis annos de civilisação fizeram que a perna fosse installada no catalogo dos espectaculos honestos. Olha lá... quem é aquella mulher do 13 da segunda ordem, que fixa o oculo em um camarote fronteiro?

— É D. Eugenia de Magalhães...

— Casada?

— Sim, com o mysterioso Alberto de Magalhães..

— Ouvi já fallar n'esse homem, e ainda hontem vim do Porto.

— É um problema.

— Tem muito dinheiro?

— Muito. Ha quinze dias attribuiam-se-lhe doze milhões; hoje deve ter vinte e quatro. Morreu ha dias um tal Salema, proprietario de nove navios, e deixou-lhe tudo.

— Por que lhe chamam vossês problematico?

— Porque ninguem sabe quem este homem é. Filho de D. João VI, salteador, cavalheiro de industria, espião, corsario, falsificador de moeda...

— É tudo isso?

— Cada opinião quer que elle seja uma das cousas.

— Se a industria produz vinte e quatro milhões, declaro-me seu cavalheiro... O que eu prescindo, a beneficio de algum tolo, é do nascimento por obra e graça de D. João VI. De resto, tanto se me dá que me chamem Conrad, como S. Francisco Xavier... O caso é que a mulher é boa... Quem é ella?

— Filha bastarda do general Gervasio Faria.

— Fuzilado em 1817?

— Justamente. A mãe é, ou foi uma D. Antonia Mascarenhas, filha de um parvo fidálgo, que era conego, arcediago, bispo, ou não sei quê...

— Era um grande patusco, que quiz ser representado por aquella bonita rapariga. Quem é aquelle que entrou?

— É o marido.

— Eu já vi aquelle homem.

— Onde?

— Penso que na Belgica... Foi justamente na Belgica. Tinha quatro orças inglezas, e um phaetonte com ornatos de prata; mas... não se chamava Alberto de Magalhães.

— Então?

— Disseram-me que era judeu, que vivia na Hollanda, e, se bem me recordo, chamava-se Tobias Navarro.

— Será o mesmo...

— É... juro que é... e poucos dias depois que o vi, desapareceu; e em logar d'elle admirei uma outra notabilidade... uma tal duquesa de Cliton, que se vestia de homem, e procurava um homem, que se chamava Leopoldo Saavedra, e que

eu, na minha consciencia, entendi que era Tobias Navarro. Ha quantos annos está em Lisboa o tal problema?

— Ha tres.

— Ha cinco foi que eu o vi... Vaes a casa d'elle?

— Vou.

— Apresentas-me?

— Com muito gosto.

— Agora?

— Agora?!

— Que dúvida. Parece que não estiveste em Paris!...

— Então... vamos.

Sigamol-os.

D. Eugenia recebeu affavelmente o apresentado.

Alberto de Magalhães saíra do camarote, e passeiava no salão, mordendo o bigode, e passando a mão pelos cabellos, habito adquirido nos momentos de afflicção. Os cavalheiros, que visitaram o seu camarote, vieram encontral-o no salão. Alberto recebeu friamente o apresentante e o apresentado. Respondeu com enfadados monosyllabos aos ditos rotineiros do acto, e recebeu com intima satisfação a despedida.

— E elle... — disse o apresentado — Noto que é grosseiro...

— Pelo contrario; nunca vi homem mais cortez. É que estava abstrahido! Tem grande cousa que o mortifica.

— Serão ciumes?

— Da mulher?

— Sim.

— Pelo amor de Deus! a mulher é um anjo.

— Não reparaste nos requebros em terceira mão, e nos galanteios requestados do barão de Sá?

— Isso é um tolo.

— Tanto melhor para elle... Os tolos são felizes; eu se fosse casado eliminava os tolos de minha casa. Cada cidadão, que me fosse apresentado, não poderia sel-o sem exhibir o diploma de socio da academia real das sciencias. Olha, criança, decora estas duas verdades, que o Balzac não menciona na *Physiologia do Casamento*. Um erudito, ao pé de tua mulher, falla-lhe na civilização grega, na decadencia do imperio romano, na civilização da mulher pelo christianismo, em economia politica, em direito publico, e até em chimica applicada ao extracto do espirito de rosas. Confessa que tudo isto o maior mal que póde fazer a tua mulher é adormecel-a. O tolo não é assim. Como ignora e desdenha a sciencia, dispara á queimadura na tua pobre mulher quantos galanteios importou de Paris, que são originaes em Portugal, porque são ditos em um idioma que não é francez nem portuguez. Tua mulher, se tem a felicidade de não ter em ti um marido doce e meigo,

começa a comparar-te com o tolo que a lisongeia, e acha que o tolo tem muito juízo. Concedido o juízo ao tolo, concede-se-lhe razão; concedida a razão, concede-se-lhe tudo. Ora ahí tens porque eu antes queria ao pé de minha mulher o padre José Agostinho de Macedo, em cuecas, do que o barão de Sá coberto com a capa d'aquelle grande piegas José do Egypto. Ris-te?... Se queres ser feliz abdica da intelligencia, convence-te, e convence os outros de que és um paria do senso commum, entra n'esses camarotes, e diz que a lettra do *Barbeiro de Sevilha* é de Voltaire, e a composição do maestro Spinoso; vira-te para a victima predestinada, e diz-lhe que a musica é a voz mystica dos anjos confidentes das paixões delirantes, que dos olhos d'ella deviam partir as inspirações que arrebataram Raphael de Urbino, que farás auctor da *Norma*. Se ouvires uma gargalhada insoffrida, deixa-os rir; continúa; faz-te victima interessante, acolhe-te á piedade da dama, e falla-me depois...

Correra o panno para o segundo acto da *Somnambula*.

Os dois diletanti, entrando na plateia, olharam para o 13 da segunda ordem, e viram Eugenia que se retirava. A curiosidade trouxe-os ao perystilo do theatro, e viram partir a carruagem de Alberto.

Entraram no camarote, e perguntaram ao barão de Sá a causa d'aquelle retirada.

— *Mã foi! je n'en sais* — respondeu elle, cravandó o oculo em um camarote fronteiro.

— Quem te prende assim a attenção esquiva, meu caro barão? — perguntou o apologista dos tolos.

— *Celle femme là qui me frappe au cœur*.

— Traduz.

— Aquella mulher é frapante no coração.

— Que ta disse eu? — murmurou ao ouvido do companheiro o sincero admirador dos parvos... — Dás licença — continuou para o barão — que se veja a benemerita frapante do teu coração?

— *Volontiers*.

O cavalheiro do Porto, apenas fixou o oculo, murmurou:

— Celebre cousa!

— O quê? — perguntou o seu amigo.

— Logo... O barão, conheces aquella mulher?

— Não, e tu?

— Conheço.

— Quem é?

— A rainha de Sabá.

— Onde fica Sabá?

— Na extrema occidental da Europa.

— Mas ella está sósinha.

— Viaja com o título de condessa de Minturnes.

— Podes apresentar-me?

— Não; estou indisposto com ella...

— Por quê?

— Por causa de uma questão de voltarete, que jogamos em casa do representante de Marrocos em Londres. Adeus, barão.

— Vês as vantagens de ser tolo?— dizia o zombeteiro português ao seu amigo de Lisboa — Esta noite sonha com a rainha de Sabá, e amanhã vae contar a Eugenia que foi apresentado á condessa de Minturnes, de quem recebeu um lisongeiro acolhimento... Agora serio... viste aquella mulher?

— Vi.

— Queres saber quem é? A duqueza de Cliton.

— A que procurava na Belgica o Tobias Navarro?

— Em corpo e alma. Cá para mim está explicada a abstracção de Alberto, e a saída rapida do camarote.

E tinha razão aquelle homem, que conhecia toda a gente. Fora isso: Alberto, apenas entrára no camarote, deu de frente com uma mulher, que lhe fixava um oculo immovel, suspenso em um bello braço, guarnecido de rendas e perolas. Aquelle oculo, com seu tamanho, escondia meio rosto. Alberto não foi o primeiro a corresponder á estranha attenção. Eugenia, meia curiosa, meia ciumenta, olhou de relance para o camarote fronteiro, e disse para o marido:

— Não a conheço... Se não é tola, quer fingir que o é.

Alberto olhou, por sua vez, mas não olhou dois segundos; o braço estremeceu debaixo do oculo, as faces empallideceram, as perguntas vacillaram-lhe, e o coração impellia-lhe á cabeça impetus de sangue, que parecia romper-lhe as veias da fronte.

— Alberto... tu que tens?— perguntou Eugenia assustada.

— Nada, filha.

E, pouco depois, saiu para o salão, onde o vimos.

A duqueza de Cliton, se devemos acreditar o elegante que da plateia lhe não perde um movimento, raros instantes afastou o oculo de sobre Eugenia, que não podia supportar a curiosidade d'aquella mulher. A quantos entraram perguntou quem era ella; apenas o magistrado lhe soube dizer que não era portugueza. O conselheiro, narrador da historia de Leopoldo Saavedra, se estivesse presente, poderia precisar as suas explicações mais satisfactoriamente.

Do theatro a casa, Alberto de Magalhães não pronunciou uma palavra. Eugenia, trémula e acanhada pelo respeito que a situação de seu marido lhe impunha, apenas quebrava o silencio com mal reprimidos suspiros.

Chegados a casa, Eugenia, que profundára o caracter de

seu marido no que elle era sondavel, deixou-o entrar sósinho no gabinete de leitura.

— Vem cá, Eugenia... — disse elle — Senta-te ao meu lado... conversemos... Um bom marido deve explicações a uma boa esposa, quando o oculo de uma mulher o faz fugir de um theatro. Aquella mulher é a duqueza de Cliton, e eu... sou... ou fui Leopoldo Saavedra...

— Oh! meu Deus!... — exclamou Eugenia, levando as mãos ao rosto.

— Que é, filha?

— Oh! meu querido Alberto, aquella mulher vem trazer-nos a desgraça.

— Acho singeleza no teu terror... Escuta, Eugenia... quero-te mais varonil. Ouviste a historia do conselheiro?... foi justamente, ha seis mezes, n'aquella noite das tres horas de trevas n'este gabinete. Soffri muito então...

— Saudades?... remorsos?

— Nem uma cousa, nem outra... Soffri os effeitos da calamnia. Collocado eu em uma outra posição social, sem ti, o homem, que contou uma infamante fabula, teria saltado da janella. Aquella mulher é uma duqueza, que se me vendeu por oitenta mil francos. Foi um contrato. Eu tinha tido os manuscritos de Richelieu, em que as primeiras mulheres tinham á margem do seu nome a cifra por que se vendiam, e concebi o plano de avaliar o quilate da duqueza de Cliton. Achei-lhe o preço; não faltei ás condições estipuladas no contrato, e quiz retirar-me com honra, como o locatario que pagou a renda do predio, e retirou deixando a propriedade no estado em que a encontrou. Aquella mulher perseguiu-me. Lembrei-lhe que fui pontualissimo na exactidão dos meus compromissos: offereci-lhe uma quantia suplementar para rescindir alguma questão de dolo, e ella não a aceitou. Disse que queria a minha alma, porque eu era um homem que não podia fazer escravas e desamparal-as. Sorri á lisonja banal, exprimi o legitimo desprezo em que a tinha, e vi a meus pés uma carteira em que deviam estar as cédulas de oitenta mil francos.

«Esta mulher pareceu-me nobre, e desgraçada. Imaginei uma loucura. Perguntei ao futuro se a convivencia com ella faria que ella fosse interessante á minha alma. O futuro não me respondia. Sacrifiquei-me, e disse:

«— Junta a esta quantia sessenta mil libras. Compra uma quinta em Italia, viverei contigo, e o tempo decidirá a posição que devo ter a teu lado.

«Rejeitou. Perguntei-lhe o que queria de mim?

«— Quero ser tua mulher — me respondeu ella com certo

entono, que me fez saltar dos labios uma exclamação, e um sorriso de escarneo.

«Deixei ficar no chão a carteira, e retirei-me. No dia immediato parti para a Belgica. Dois mezes depois de mim, chegava o irmão da duqueza, temido em Paris, e conhecido nas fronteiras pêlos repetidos triumphos que alcançara em duellos.

«Desafiou-me: rejeitei, porque rejeito sempre o duello. Encontrou-me; disparou-me uma pistola, que me feriu mortalmente; apertei-lhe a garganta com as mãos, e larguei-o morto. Cheguei moribundo a Luxembourg. Ao cabo de oito mezes de padecimentos infernaes, ergui-me salvo.

«Aqui tens o meu segredo, Eugenia...

— Mas tu não podêste supportar os olhares d'aquella duqueza... Sentes amor, ou receio... Se te é indifferente...

— Indifferente... não. Conheço-lhe o caracter... Sabes o que é, Eugenia? É o amor que eu tenho a esta vida tranquilla que vivemos, depois de longos trabalhos, de sobresaltos criminosos, de esquecidas vergonhas, e tumultuosos abalos de consciencia. Descóro, enfraqueço, e sou pequeno aos meus proprios olhos, quando um leve sópro ameaça tempestade no remanso d'esta nossa vida...

— Mas que receias, Alberto?...

— Por mim nada: eu nada temo debaixo do céu; mas por ti, tudo... tudo que possa inquietar-te, minha filha, e desvendar a candura da tua alma, e o estremecimento com que respondes aos meus temores.

— Pois bem... has de fazer o que eu te pedir...

— Tudo.

— Abandonemos Portugal...

— Sim, e muito breve... não importa saber para onde vamos... Sou outra vez feliz, Eugenia!... Ha em ti uma mulher para o coração, e um anjo para a alma... Aponta-me sempre o meu destino... Amanhã darei todos os passos para a minha saída.

.....

IV

O barão de Sá, todo elle oculo constantemente assestado na heroica rainha de Sabá, realisava em toda a sua plenitude as theorias do portuense, ácerca dos tolos. A duqueza de Cliton respondia prompta ás demonstrações inequivocas do barão.

Finda a opera, o ditoso parvo esperava na descida, com o coração em corcovos, a gentil condessa de Minturnes. Ao vel-a, sentiu-se tranzido de um gélido torpor, que o bestializava. Na effervescencia da sua sandice, o leão sobre-posses não sabia combinar a elegancia da perna direita com a da esquerda. O amor entusiasta espiritualisára-lhe as carnosas massas das pernas em arames trémulos. Os braços, por não encontrarem um apoio em que se dêssem uma aria distincta, passaram para as costas, formando, em sentido opposto, a sephaphica attitude de S. Francisco das Chagas.

A duqueza, ao perpassar, sorriu-se. O barão duvidou; mas a dúvida era gloriosa. Reanimou-se. Foi collocar-se ao pé da carruagem. A rainha de Sabá, com um pé no estribo, voltou-se para elle, e disse affectuosamente, em francez, na lingua apaixonada do barão:

— Boa noite, cavalheiro. Desejo as vossas relações.

Perdido, allucinado, deslumbado, febril, tolo, enfim, o barão seguiu a carruagem da duqueza, e viu-a parar no Izidro.

Irresoluto, entre recolher-se a scismar no estranho caso, ao aproximar-se, quanto possivel, do ar, que a prodigiosa rainha disfarçada respirava... subiu. Entrou em uma sala, e viu uma mesa rodeada de gastronomos provincianos, que comiam de noite, e de dia atulhavam as arcadas do terreiro do Paço, e assaltavam José da Silva Carvalho, ou Agostinho José Freire, na rapida fuga da sege para o gabinete de ministros.

O barão, para cohonestar a sua entrada, pediu chá e fiambre, e sentou-se a uma pequena mesa a um canto da sala. O seu coração precisava de expandir-se. Chamou o creado, e disse-lhe com aquella familiaridade que lhe dava a sua boçal alegria:

— Amigo, a que horas se levanta a condessa de Minturnes?

— A...? — perguntou o creado, envesgando a bôca aberta, e fechando o olho esquerdo.

— A condessa de Minturnes.

— É creatura que não conheço.

— Não conhecees? pois ella é cá hospeda da casa.

— Nada, não, senhôr; só se viesse ha dez minutos para cá.

— Então é que veio... vae saber...

O creado foi e voltou, emquanto o barão, distrahido, talvez, funcionava admiravelmente com o estomago, demonstrando assim que não ha incompatibilidade entre duas sérias paixões.

— Não está cá essa pessoa em que falla.

— Pois eu não a vi entrar para cá, e por signal que vinha do theatro?

— A condessa de Maturras?...

— De Minturnes, homem.

— Qual condessa nem qual açafate... Aqui está uma mulher franceza, que vem procurar um testamento que deixou seu marido, que morreu nas linhas do Porto.

— Estás enganado.

— Estarei... mas não diga nada.

— Queres que eu te diga quem é essa mulher? É uma rainha!

O servo calou-se: aquelle silencio, bem apuradinho, queria dizer: *este homem é doudo!*

— É a rainha de Sabá.

— De Sabá? Isso é lá p'ro fim do mundo...

— Qual fim do mundo... é na extrema occidental da Europa...

— A rainha de Sabá — atallhou o erudito — foi uma rainha que levou presentes ao rei Salomão.

— Historias da carochinha, meu amigo. Deixa-te do teu Salomão, e falla-me da condessa de Minturnes...

— Então ella é rainha, ou condessa?

— Rainha; mas viaja disfarçada...

— Então alguma quer ella pregar...

— Não é isso... Os reis, quando viajam, para se livrarem *des hommages*...

— *Das ommagens!*... dos santos?

— Não... das homenagens, dos cortejos, entendes?... costumam disfarçar-se...

— Ah!... Ora quem tal diria!... por isso o consul francez aqui vem todos os dias...

— É o que te digo... Conta-me cá: a que horas se levanta ella?

— De madrugada.

— E que faz?

— São, e torna ás nove; almoça, e fecha-se no quarto até ao meio dia; depois vem o consul, que são á uma hora; depois...

— E não é visitada por mais ninguem?

— Apparece ahi um encapotado que não deixa ver a cara...

— Essa é boa!... E não sabes onde ella vae de manhã?

— A fallar-lhe a verdade, disseram-me ahi uma cousa, que eu não acredito...

— Que foi?

— Que ella vae para o campo, e que se põe a atirar tiros de pistola a um alvo.

— Ora essa!...

— Assim me disse o boleeiro da sege que a leva todas as manhãs, mas pediu-me muito segredo; mas eu ao senhor digolhe isto, em paga de me dizer muitas cousas que eu não sabia.

— Pois então, cala-te; não digas a ninguém o que eu te disse...

— Nem ao proprio Padre Eterno.

— Eu amanhã ao meio dia hei de vir aqui visital-a... Adeus.

O barão retirava-se, quando outro creado lhe saíu ao encontro, dizendo-lhe que uma senhora, hospedada n'aquelle hotel, lhe pedia o favor de entrar na sala proxima, porque pretendia fallar-lhe.

Não se explica a estupefacção do titular! N'aquelle momento João Fernandes fez mais do que faria Cesar! O portuense tinha razão. O parvo colhia louros sobre louros. Um homem de mediocre intelligencia, experimentado em triumphos, não attingiria, em mezes de aturada paciencia, a altura que o tolo, em poucas horas, attingiu! Convencido de que um destino superior o impellia, o barão entrou na sala.

A duqueza de Cliton, despiando os accessorios do luxó, vestira os da estudada elegância. Sentada na ottomana, recostada negligentemente, bamboava com o pé as franjas de uma manta escosseza, que não tinha o egoismo de esconder os hombros largos, torneados, e alabastrinos de sua dona. Era, com effeito, a mulher pintada pelo conselheiro; mas o retrato, ao pé do original, era uma sombra pallida, um daguerreotypo desvanecido pela imperfeição da machina.

A appareição do ditoso aventureiro não compôz ligeiramente a negligencia da dama. O barão gaguejava, corcovando-se, um frio cumprimento, a que a duqueza respondeu, indicando-lhe uma cadeira estofada, em que (tão perto estava) descaía, como por descuido, a fimbria da sua manta de xadrez.

— Fallaes o francez? — perguntou ella.

— Alguma cousa, madama, para portuguezes; mas na vossa presença ser-me-ia necessario conhecer as subtilizas da lingua.

— Vejo que vos fazeis comprehender, senhor; é quanto ambiciono. Conheceis-me?

— Conheço, madama... Tenho essa honra...

— Quem vol-o disse?

— O coração annunciou-me que vós ereis uma grande personagem: e alguém confirmou as suspeitas do coração.

— Quem?

— Um cavalheiro que viajou...

— Naturalmente aquelle cavalheiro pallido, de olhos negros, e bigode á Solimão...

— Perdão, madama, não era esse. O cavalheiro a que alludis é Alberto de Magalhães, o outro...

— Alberto de Magalhães!...

- Sim...
- Casado com aquella gentil dama do oculo branco?
- Justamente.
- Casado ha muito?
- Ha um anno.
- Por paixão?
- Creio que sim.
- Quem vos disse o meu nome?... não foi elle?
- Já tive a honra de dizer a vossa magestade que não.
- Vossa magestade!... Olhae que a minha corôa é simplesmente ducal.
- Já disse que vos conhecia...
- Sou?
- A rainha de Sabá.
- Por Deus! Zombavam da vossa boa fé, ou escarneciam de mim!
- Perdão, snr.^a condessa de Minturnes.
- Condessa de?
- Minturnes: é o vosso disfarce.
- Crêde que estaes enganado, cavalheiro. Os titulos que me deram são uma caricatura. Sabá não tem rainha; e Minturnes é uma lagôa... Se vos apôz,izei ao vosso informador que lhe desejo uma longa vida no meu condado...
- A duqueza ria-se, e o barão encarava-a com ar de estúpida incerteza.
- Parece que duvidaes, cavalheiro? Hei de punir-vos pela falta de fé... Não vos direi quem sou...
- Assim o quer a minha desgraça... Se me dizeis que não sois a pessoa que eu suppunha, creio que sois rainha...
- Já vos disse que não sou...
- Sois rainha dos corações... o vosso imperio não tem limites; de pólo a pólo fareis vassallos.
- Agradecida pela lisonjeira consideração que me daes... Permitti que eu vos dirija algumas perguntas, porque me pareceis um perfeito homem do mundo, um consummado parisiense.
- Vivi lá dois annos...
- Bem o denunciaes pela correcção da lingua que fallaes... e pelas maneiras distinctas com que acolheis a extravagante forasteira, que se vos apresenta sem mais titulos á vossa attenção que os que lhe são devidos pelo facto de ser mulher...
- Acrescentae... como poucas, como nenhuma, cheia de encantos, fascinadora e deslumbrante.
- Não vos illudaes, senhor... Creio que me fallaes a muito sangue frio, para que deva acreditar-vos...
- A sangue frio!... Concebeis porventura os effeitos de

um vosso olhar, que vae direito aos mais intimos segredos da alma?...

— Quereis convencer-me de que vos mereci uma attenção fóra do commum? Isso seria da minha parte uma renuncia do juizo, e da vossa uma chimera momentanea, um engano de optica moral. Deixae os vossos phantasmas, e vinde ao mundo real... Sois amigo do snr. Alberto de... de...

— De Magalhães? Conheço-o perfeitamente... A vossa pergunta, madama, denuncia...

— Interesse por elle?

— Certamente... um interesse extraordinario...

— Espero não vos fazer ciumes do amor que lhe consagro...:

— Sinto-os já, madama... Elle conhece-vos?

— Crêio que sim...

— Novos motivos para que eu deva acreditar...

— Que o amo? Isso é uma leviandade!...

— Perdão!... O amor é injusto...

— Ouvi-vos dizer que Alberto de Magalhães era afeiçoado a sua mulher...

— Muito.

— E correspondido?

— Muito... sei-o por experiencia... é uma fortaleza invencível aquella mulher...

— Resistiu-vos?

— Até hoje... No futuro...

— Esperaes?... é justo. N'esse caso, essa mulher... adora-o?

— Loucamente.

— Fazeis-me um serviço?

— Mandae, madama.

— Dizei ao vosso amigo, que uma estrangeira deseja conhecê-lo... Dizei-lhe que sou a mesma em quem elle fez a graça de fixar o seu oculo, hoje.

— Não vos mereço outro conceito?

— Todo... e sinto dizer-vos que a vossa hesitação revela pouco habito do *grande mundo*...

— O coração hesita, porque vos não pôde ceder aos merecimentos de outros homens...

— Tranquillisae-vos... Não tereis causa de arrependimento...

— Deverei apresental-o eu?

— Não; quero recebê-lo só: assim fostes recebido, cavalheiro... Da nossa entrevista resultou alguma affronta para meu marido, se eu fosse casada?

— Não; mas com elle...

— Serão iguaes os inconvenientes... Eu tenho estas facilidades, sem consequencias... Posso respirar todos os hálitos sem contaminar o pulmão... Os venenos da sociedade não me corrompem... Aprendi com Lucusta a alcançar a invulnerabilidade de Mithridates.

O barão não a entendeu. Cuidou que Mithridates era uma mulher celebre, que não se facilitava nos primeiros encontros. Não aventurou perguntas, porque o passado importava-lhe pouco.

— Cumpriréis, cavalheiro?

— Amanhã sereis visitada pelo meu amigo.

— Tenho a honra de saudar-vos e agradecer-vos. É uma hora da noite... Não me opponho ao vosso repouso.

O barão, desapontado pela transição repentina, rosnava alguns disparates sobre a despedida, quando a duqueza, feita a ultima mesura de cabeça, no limiar da porta, entrou no seu quarto.

O leão, em ferias, saíu trombudo cordeiro; e, pela primeira vez na sua vida, ouviu a voz da consciencia que lhe chamava «tolo»!

Assim mesmo, o barão de Sá respondeu á consciencia: «Veremos».

V

Alberto de Magalhães, na manhã do dia immediato, entrando na carruagem, recebeu uma carta do barão de Sá, datada ás duas horas da noite.

Não ia pessoalmente — dizia o barão em francez — *por evitar embaraços de D. Eugenia, visto que a entrevista era melindrosa, e precisava ser tratada muito a occultas com o marido de uma senhora zelosa.*

A carta contava apenas o que tocava directamente com Alberto. O estylo encobria uma certa reserva. Ou o barão fora afinado pelo ciume, ou não era tão profundamente necio como o suppunham, e havia sobejos motivos para o suppor.

Magalhães não pensou muito tempo no que devia fazer. Entrou no banco, fez escala por algumas casas commerciaes, entrou na do seu companheiro do mar, o millionario Lima, que contava o preço por que acabava de comprar o melhor edificio monastico de Lisboa, e parou á porta do Izidro, mandando entregar um bilhete á snr.^a duqueza de Cliton.

Os creados, primeiro, responderam que não morava alli

tal senhora, e um d'elles, apesar do compromettimento em que ficára de não revelar ao proprio Padre Eterno os segredos do barão, perguntou se sua excellencia procuraria talvez a rainha de Sabá, que viajava disfarçada em condessa de Malturnias.

Um ligeiro sorriso desenrugou a face de Alberto. Conhecedor do character extravagante da duqueza, julgou impossivel a barbara nomenclatura por que era conhecida no hotel, titulos que, por honra da França, se não achariam no seu passaporte.

Estas dúvidas desvaneceu-as a creada particular da duqueza, que, no tópo da escada, dizia que o cavalheiro podia subir, que a senhora o estava esperando.

Alberto entrou na sala, em que era esperado pela duqueza, que palitava os dentes, com estudada indiferença, ou com a mais tranquilla familiaridade.

— Senhora duqueza... — disse Alberto, elegantemente cerimonioso.

— É esse o meu titulo; outro tanto não posso eu fazer... Qual é o nome que tendes hoje, meu senhor?

— Não tenho nome permanente; sou geralmente conhecido como desprezador de argucias parvas e ironias de melodrama. Com este nome tenho viajado por entre todas as sociedades; prefiro o meu incognito ao da rainha de Sabá, e da condessa de Minturnes.

— Não vos entendo, cavalheiro... O epigramma é de mau gosto... Não tenho culpa em que os vossos amigos sejam tolos. Eu, quando me disfarço, desço da minha condição, não me levanto, porque não preciso. Nasci com um nome grande, e não preciso do ouro astucioso, ou de um titulo comico para avultar aos olhos de Portugal. Creio que n'esta terra o maior sois vós; e eu preciso descer para nivelar-me convosco e com os vossos patricios. N'este hotel sou conhecida como a viuva de um capitão, que morreu nas trincheiras...

— Prescindo do seu romance, snr.^a condessa. Precisa de mim no seu serviço?

— Não, senhor. Mas preciso contar-vos o meu romance, e vós não sereis tão incivil, que volteis as costas a uma senhora dos salões de Carlos X, que vem de proposito visitar-vos a Lisboa. Tende a condescendencia de aceitar esta cadeira, que vos offerece a duqueza de Cliton.

Alberto sentou-se. O coração aconselhava-lhe uma grosseiria; mas a cabeça, sempre fria, mandava-o ser cavalheiro na presença de uma mulher arrogante, bella, e radiosa de uma cólera que lhe incendiava tragicamente os olhos.

— Conheci-vos em Paris — continuou a duqueza, modu-

lando, pelo som de uma conversa familiar, a sua voz — quando a vossa presença excitava a curiosidade das mulheres, que vão atraz do mysterioso, escondida nas riquezas de um homem de talento, que surge de improviso sem ninguem saber d'onde veio. Fizestes-me a honra de procurar o meu cónhecimento; recebi-vos em minha casa; fallei de vós com enthusiasmo ás minhas amigas, e aconselhei a muitas que vos captivassem, porque vós ereis um perfeito cavalheiro. As minhas amigas requestaram-vos, e foram desprezadas. A preferida era eu, que, desde certo tempo, recordae-vos, evitei as occasiões de vos dar um desengano, ou um triumpho. Recebi uma carta vossa, em que me offerecieis oitenta mil francos: essa carta chegou á minha mão duas horas depois que eu perdera trinta mil no jogo. Aceitei a proposta, e recebi-vos ás duas horas da noite na minha camara, como se recebe um marido odiado que compra uma mulher necessitada. Devo dizer-vos, senhor, as minhas tengões. Como mulher honrada não devia faltar ás condições do contrato; seria vossa por oitenta mil francos; mas dois segundos depois deveria com a ponta de um punhal esconder em vosso coração o segredo da minha infamia... e o da vossa temeridade feliz. A porta do meu quarto foi-vos aberta como a antecâmara de um tumulo. Entrastes com não sei que pezar escripto na face. As vossas maneiras eram acanhadas, as vossas palavras requintavam em delicadeza, os vossos olhos encaravam-me com certo respeito... parece que dizeis no fundo da alma: «Esta mulher era digna de melhor sorte! Devia ser soberana e virtuosa como o mundo a respeit... Custa-me tratá-la como uma bella machina que se aluga por oitenta mil francos!...» Fallae-me sinceramente... não sentieis isto?

— Sentia.

— E, portanto, n'esse momento, alcançastes em minha alma um triumpho, que vos devia dar mais gloria que o outro! Admirei-vos tão honesto em face de tamanha corrupção! Perguntei-vos se o mundo veria aquelle quadro por debaixo da cortina que vossa mão levantasse, respondestes-me que primeiro abraçarieis a deshonra como profissão. As cinco horas da manhã saeis da minha casa, e olhaveis espantado para mim, quando vos disse: «D'este quarto saiu ha tres annos um esquife com um cadaver; era o do meu marido. Desde esse dia o primeiro homem, que entrou aqui, fostes vós.» Respondestes-me com um sorriso sarcastico. O punhal tremeu-me no punho... Não tive coragem... amava-vos! Momentos depois, o meu credor, que era entre tantos o mais ardiloso con-corrente ao meu coração, era embolsado de trinta mil francos: e, no dia seguinte, anticipei um contrato dos meus ren-

dimentos, e fui, pessoalmente, levar-vos oitenta mil francos. A machina estava resgatada, e apparecia a mulher nobre da sua paixão, forte da sua imperiosa vontade, fraca em suas lagrimas de deshonra nunca choradas, pedindo-vos um sentimento do coração em paga do sacrificio comprado com ouro. A vossa resposta foi o pasmo, e depois do pasmo a zombaria. Pedi-vos que consultasseis os precedentes da minha vida, que pedissem o testemunho das minhas infamias aos mais depravados infamadores de Paris, respondestes-me que os meus precedentes eram nobres, mas que a transacção, feita com-vosco, não era legitimamente honesta para lisonjear o amor proprio de um marido, zeloso da sua honra. Mereci-vos a generosidade d'esta resposta em minha casa, onde vos levou o orgulho para contemplar-me, rainha do baile, que pouco antes se aviltára a vossos pés, miseravel escrava. Atirastes-me aos pés uma carteira com cento e oitenta mil libras. Era esta. É uma restituição, que venho fazer-vos; mas... consentireis que vol-a conduza a casa, porque um credor honrado não procede de outra maneira. A carteira é um episodio. Deixae proseguir o meu romance, como tivestes a benevolencia de intitular a minha deshonrosa peregrinação de cinco annos. Eu tinha um irmão, que se ennobreceia com o meu orgulho, e saudava todos os dias os triumphos que a minha honra grangeava no seio da immoralidade parisiense. Este homem, informado da vossa fuga miseravel, pequena, e deixae-me dizer, nauseenta, de Paris, assistiu como amigo ás minhas luctas de saudade e de remorso. Pronunciei em delirio o vosso nome, snr. Leopoldo Saavedra, e meu irmão, valendo-se d'esta involuntaria revelação, profundou o segredo da minha deshonra, e encontrou-o, senão humilhante como ella era, ao menos consequencia funesta de uma paixão invencivel. Perdoou-me; mas não quiz perdoar-vos. Disse que a duqueza de Cliton podia ser fraca, como a ultima das mulheres, mas não podia ser ludibriada pelo primeiro dos homens. Meu honrado irmão enganára-se com-vosco... Procurou-vos na Belgica, onde se fallava de um rico judeu, chamado Tobias Navarro. Pediram-se á Belgica os traços principaes d'este cavalheiro: eram os vossos. Fostes desafiado; rejeitastes a arma da honra; fostes ferido, e empregastes em vosso desforço a arma do carrasco... Meu irmão foi estrangulado! A força era o vosso predominio. Com a força bruta do dinheiro deshonraeis uma mulher; com a força muscular do braço esganaveis o irmão d'essa mulher... Força moral, vigor de coração, não devieis ter nenhum, cavalheiro... Mas eu é que tinha duas dvidas a saldar com-vosco: a do dinheiro e a da força. A da deshonra e a da vida... Vejo-vos sorrir!... Ainda bem que a vossa alma envilecida

não pôde elevar-se ao remorso, que commove a piedade no coração de uma inimiga!... Ride, nobre senhor! No alto mar, o corsario sanguinolento aprende a rir das lagrimas... Que é?... empallideceis! Coragem, valente *Barba-Roixa*! Afrontae com bravura esta onda de cólera e de vingança! Diante de uma mulher não ha covardes, quando a força moral não gela os alentos do homem! Força moral, já vos disse que não tendes nenhuma!... Agora sabeí, senhor, que vos persigo ha quatro annos!... Se não encontrasse, ha seis mezes, em L'Hassé, um missionario portuguez, que embarcava para o Japão, e que me disse existir em Portugal um homem com os signaes de Leopoldo Saavedra... nunca vos encontraria. Suspeitei ainda mais a vossa existencia aqui, porque esse padre me animou a procurar-vos, quando eu lhe disse que tinha duas dividas de honra a pagar-vos. O missionario não se enganou... O Leopoldo Saavedra de Paris, o Tobias Navarro da Belgica, o Barba-Roixa do Mediterraneo, era o Alberto de Magalhães de Portugal... Tenho abusado da vossa paciencia, senhor! Levantae-vos e sai d'esta casa!

A duqueza, erguida, e trémula, sem erguer os olhos do chão, apontava a saída da sala a Alberto, esmagado no seu orgulho, entorpecido em todas as faculdades moraes que reagem até á morte do brio, ébrio, se assim pôde chamar-se-lhe, do rancor suffocado, que, reprimido em excesso, produz a paralyisa do corpo e da alma, retirou-se como um somnambulo! Como explicaes tanta altivez, tamanha soberania recalçada? O facto aconteceu. Estes insondaveis mysterios repetem-se! Não duvideis da sua verdade, almas que atravessaes uma longa existencia sem um abalo, sem um lance, que vos obrigue a pensar no que é o coração do homem!

VI

Luva a estalar na mão rebelde ás costuras de seda preta: frisado á phantasia, byroniano, ondeante, em arrippios, que querem dizer *talento*; bigode com anneis symetricamente hirtos, em prumo, por milagroso cabelleireiro; collete de setim alvissimo, apenas assertoado na cintura, para que o peito de engommados arabescos, e scintillantes pedras não ficasse obscuro; gravata branca, pedestal marmoreo de um queixo decorado de lourejante péra; casaca de tufo nas hombreiras, e lapelas de setim; calça preta, cosida á perna musculosa, impando no joelho, e terminando em botões de madre-perola, que se destacam no escuro cordovão do sapato; e mais que

tudo isso uma cara festival, um olho de fáuno, outro de carneiro moribundo; bochecha rubida, e ventas amplas de um nariz triangular, sem cavalleto, que rompe os tecidos globosos da testa estreita; isto tudo e o mais que se não diz por não valer especial menção, quer dizer que a dita pessoa não pôde ser senão o barão de Sá.

Sua excellencia acaba de apear de um tylburi á porta do Izidro. O jockey da almofada subia a annunciar o barão de Sá, a quem?... isso não sabiam elles dizel-o... a uma senhora estrangeira hospedada n'aquelle hotel. Entretanto, o admirador da rainha de Sabá sacudia das botas o imaginario pó, retesava os collarinhos, que emigravam no cylindro da gravata, levantava os hombros para chamar a casaca ás rigorosas linhas dos chumaços, e recolhia apressadamente um mólho de cabellos de um caracol que se desfizera na região occipital.

Volto o jockey, annunciando que a senhora recebia com muito prazer a visita do cavalheiro.

O barão subia, tossindo, sem vontade, uma tosse especial que acommette os tolos na presença de certas mulheres, que tem a desventura de relacionar-se com elles.

A duqueza mediu desde o frisado até á ponta do verniz do sapato o oppressivo cavalheiro, commissario do seu recado a Alberto de Magalhães. Recebeu-o com ar de sobrançeria. Tinha nos labios um sorriso de formal etiqueta para os cumprimentos anilados do odorifero barão. Levou algumas vezes o lenço aos labios, e através da cercadura de rendas poderia o irrisorio leão divisar um sorriso desdenhoso, e, mais ainda, de ceremonioso escarneo.

Findo o tiroteio das frivolidades, a duqueza de Cliton agradeceu ao barão a prompta execução que generosamente dera ás rogativas de uma estrangeira, que se retirava de Portugal profundamente reconhecida a um dos primeiros e mais obsequiosos cavalheiros d'esta terra.

— Retiraes de Portugal?

— Brevemente, creio eu.

— Tenho comprehendido... — disse o enfiado barão.

— O quê, senhor?

— A vossa vinda a Portugal tinha um fim...

— Certamente... Portugal não é terra que se visite, por simples prazer, sem um fim.

— O vosso fim era prender o coração de Alberto...

— N'esse caso, lamentae-me, porque me retiro, e o coração de Alberto fica solto...

— Se me tivesses consultado, dir-vos-ia que tal homem não se apaixona, é de bronze; o coração que tem, se o tem, é de sua mulher.

— Ditosa mulher!... póde cantar como a trigueirinha do canticos dos canticos...

— Tende a bondade de repetir.

— Tive a honra de vos dizer que a mulher de Alberto é bem feliz; não é?

— Conta com a lealdade de seu marido... e não póde re-
ceiar que as estrangeiras infelizes lhe questionem a posse...

A duqueza mordeu o beijo, e murmurou « miseravel! » De-
pois, com a mais admiravel naturalidade:

— Confessae que sou uma desgraçada tola em me apaio-
nar por tal homem!...

O barão não tinha critica absolutamente alguma. O sorriso da desconhecida parecia-lhe natural. De máus figados, e crassa ignorancia, o titular concebeu desforrar-se, apurando com ironias, da sua estôfa, o supposto despeito da condessa de Min-
turnes, rainha de Sabá, viuva de um capitão, ou industrioso demonio que viera perturbar-lhe a pacifica bestialidade.

— A vossa vaidade, madama, deve ter soffrido muito...

— Muito...

— Quando se é gentil, ardente...

— Vive-se no fogo como a salamandra... é uma calamidade!

— É uma affronta... Eu sinto muito ter sido commissario da vossa recommendação para um homem que vos voltou as costas cruelmente...

— Agradecida... Tendes tido semelhantes infortunios?

— Não, madama. Eu tenho sido absolutamente ditoso com as mulheres...

— Fazem-vos justiça, senhor!... Sois casado?

— Detesto o casamento... Sou inacessivel.

— Inacessivel! Quem o diria?! Tanto fogo nos olhos, tanto ardor na phrase... é impossivel! Ou vós sois um cadaver galvanizado, ou as mulheres que se roçam por vós são de marmore. O fogo communica-se; os póros do sentimento nunca se fecham; o coração, na vossa idade, e com o vosso temperamento, deve estar sempre constipado.

— Constipado!...

— Apaixonado... fallei figuradamente... Estive, ha annos na Asia, e aprendi muitas metáphoras.

— Metáphoras!... Fallae com seriedade...

— Por Deus!... achaes que zombo?! O coração não vos diz que sois superior? Sel-o-heis na crueldade? Penso que sim. Tendes-me pulverizado com os vossos sarcasmos. Sois um Jupiter de ironias fulminantes! Por que vos não conheci eu em uma idade em que podesse tentar a conquista da vossa alma inacessivel!? Aos trinta e cinco annos, uma mulher não

serve senão de facil triumpho a conquistadores da vossa intrepidez, aos Alexandres Magnos do mundo das paixões!... Se quizesseis ser Cesar, eu não se me dava de morrer por vós, desprezada Cleopatra...

— Não vos entendo, senhora; fallae mais de vagar... Não sei, como já vos disse, as phrases menos usadas em francez.

— Fallar-lhe-hei em portuguez, cavalheiro.

O barão, quando ouviu a correcta pronúncia portugueza das ultimas palavras da extravagante mulher, imaginou-a cousa muito superior aos calculos da humanidade.

— Falla portuguez?

— Gostei do idioma; como sabia soffrivelmente o hespanhol, foi-me facil e agradável o conhecimento de uma lingua, que eu imaginei teria de fallar um dia...

— Com Alberto de Magalhães... — interrompeu o ciumento amante, rindo em ar de mofa intelligente, mas denunciando a crassa toleima dos seus chascos inoportunos. A duqueza riu-se d'elle. Quem os não conhecesse pelos precedentes, pensaria que eram ambos tolos.

— Está prodigiosamente comico, snr. barão de Sá. Agora sim, dou este testemunho de que vossa excellencia é inacessivel... Veja que fraca mulher! Concebi o plano extravagante de o captivar... Pobre Dido, que desembarquei nas praias occidentaes, procurando um Eneas de sapato de verniz, e gravata de cambraia!...

E continuava a rir-se de um modo que sopitou o jovial barão em tragica seriedade.

— Não me responde... não me anima, cavalheiro? Illudame, se mais não póde... inscreva-me no catalogo das suas perseguidoras, mas dê-me uma delicada esperanza de lhe tirar, com os meus suspiros, uma faúla das cinzas do coração d'essa desolada Carthago, sobre que eu venho chorar, como Pompeu.

— V. exc.^a zomba de mim?

— Por todos os santos e santas da côrte celestial, presentes e futuros, como dizem os hespanhoes, juro que não acho em vossa excellencia uma pessoa de quem se zombe. Fallo-lhe uma linguagem figurada... já lhe disse por que... vivi no Oriente, sentei-me na base das pyramides, ouvindo os contos arabes; pernoitei na cabana dos indios, ouvindo o *Ramayan* e o *Maha-Barat*; sentei-me nas areias do deserto, como Agar, perguntando ás caravanas a significação d'aquelle hymno de sirôco, palavra eterna de maldição que rebôa nas plagas infinitas do solo amaldiçoado... A minha vingança rugia aqui dentro como a onda abrazada do simoum... A victima buscava o algoz entre as feras da Libia...

O barão, que, pouco antes, não entendera as subtilezas da lingua franceza, confessava ingenuamente que não entendia melhor as da sua patria, se quizesse ser franco. Esquecida da pessoa com quem fallava, pessoa com cujo quilate intellectual em poucos minutos avaliára, a duqueza ia cedendo á expansão, imperiosa necessidade do talento, ao desafogo de uma dor, que pôde esconder-se com artificios de amargas ironias; que pôde aturdir-se na embriaguez de um affectado cynismo; mas que tantas vezes desmente a arte, exhalando-se em transportes de eloquente amargura!...

Elevára-se, e quando reparou na physionomia boçal do barão, que porventura exprimia assim a sua admiração por tudo que lhe era imperceptível, a duqueza arrefeceu, deaceu da tragedia para a farça, e afivelou a mascara, que por pouco lhe caía na presença de um espectador ignobil para compenetrar-se do sentimento de uma grande dor.

— Acha-me bem fastidiosa com as minhas *reveries*, snr. barão, não é verdade?... É necessaria muita paciencia para atarrar uma mulher meio homem, meio litterata... Somos ridiculas aos olhos dos entes positivos, despoetisados, e incompreensíveis, como o amyantho, por mais que os toquem as faiscas do coração de mulher, como eu tenho a desventura de ser... Gosta de mim, snr. barão?

Esta pergunta de improviso, especie de disparate com que a duqueza fechou o periodo, atarantou o fidalgo, a ponto de lhe roubar provisoriamente a correccão da phrase portugueza, e mais ainda o dom de articular as poucas palavras com que se recolhera da emigração, que lhe esterilisava os conhecimentos exportados da patria; e sobre todas as perdas o espoliára lastimavelmente do senso commum. José Maria de Sá, um dos primeiros barões do seu appellido, foi a preexistencia prophetica de todos os outros,

— Não me responde?! — tornou ella, decifrando as revoluções que se alternavam na physionomia grutesca do barão — O seu silencio, cavalheiro, não é delicado. Franqueza: gosta de mim?

— Se gósto de v. exc.ª!... Devora-me o ciúme, como não ha de ser palpitante o meu amor!

— Não me capacito... Desconfio sempre das paixões que fazem estylo. Acho que a pequenez do amor está na razão inversa da grandeza das palavras. Simplifique as suas respostas, snr. barão. Gosta de mim?

— Immensamente.

— Ah! está uma palavra muito grande!... Assim não quero. Tenho scisma com os adverbios... Não fuja do verbo da pergunta. Terceira vez: gosta de mim?

— Como quer que lhe responda?... Não ha linguagem humana que responda convenientemente a tal pergunta.

— Pois não ha? Ora, barão, pergunte-me se gósto de v. exc.ª

— Gosta de mim?

— Gósto. Aqui tem!... Ha lá nada mais natural? Já sabe como eu quero o estylo em materias de amor. Outra pergunta: que quer de mim?

— Adoral-a, amal-a eternamente; beijar humildemente os seus vestigios, dar a ultima gotta de sangue pelos seus suspiros, contemplar-a extaticamente...

— Tres adverbios, que sommam dezeseis syllabas. Não ame assim, sr. barão. Não vê que tudo caminha para o espiritualismo? Subtilise as suas phrases, espiritualise-as, basta de materia o indispensavel!... Que quer de mim? Não responde!... Não me quer nada!... Ora vejam que amor tão frio!... Nem tanto espiritualismo, cavalheiro... Pecca pelo extremo!... Se me dissesse francamente que me queria fazer sentir o ardor de seu sangue, as palpitações das suas arterias, o aroma dos seus suspiros, as lucidas cambiantes dos seus bellos olhos... eu diria que o estylo é uma bonita maneira de encobrir certos pensamentos, que não tem estylo nenhum, pelo menos auctorisado nos bons classicos francezes e portuguezes. Ora agora... amar-me *eternamente*, beijar os meus vestigios *humildemente*, contemplar-me *extaticamente*, tudo isso, além de ser impossivel no estado actual do coração humano, é uma promessa assustadora, e um futuro insupportavel que me annuncia. *Amar eternamente!*... Deus nos livre d'isso, não ha amor que resista a vinte e quatro horas de philosophia! Eu de mim não aceito o programma; se promete amar-me tres dias...

— É impossivel!... Abandone-me; mas eu hei de amal-a emquanto sentir no coração uma gotta de sangue!

— E sanguinario, barão! Já me fallou em sangue duas vezes!... Adopte uma linguagem mais pacifica. Não gósto de Catões no amor. O sangue será muito proveitoso nas funcções da vida animal; mas no nosso caso, dispensa-se. Acho-o até prosaico...

O barão abria a bôca, e franzia a testa. O que elle exprimia com semelhante carêta, não saberemos nós dizel-o, nem a duqueza o saberia. Escarnecido, ridiculisado, victima sem consciencia de uma vingança que a ultrajada amante de Al-berto de Magalhães estava exercendo, o barão de certo não ouvira o rancoroso epitheto de «miseravel», que a duqueza rosnára, quando elle lhe disse que Eugenia contava com a

lealdade de seu marido, e não receiava que as estrangeiras felizes lhe questionassem a posse.

Por fazer justiça á duqueza de Cliton, não duvidamos afirmar que o miseravel barão não seria de certo um holocausto digno da sua vingança, se ella tivesse que fazer. Devemos aceitar-lhe como divertimento, ou capricho, a zombaria que pesava sobre o fidalgo, zombaria cruel que devia rematar por uma originalidade, que ainda não vimos contada em algum romance, e cuja publicidade estava reservada para nós.

— De véras prosaico — proseguiu ella, dando-se uns ares de nausea, que afundavam ainda mais as rugas da testa do leão, mudado em bode expiatorio. — Snr. barão! ahí vae um rasgo de character, que faz honra ao meu sexo e á minha patria. Uma mulher tem obrigação de ser franca, visto que os homens são os que se servem das palavras para esconderem os pensamentos, como disse um meu patricio.

— Eu não sou assim, madama.

— Sois!... devieis, a estas horas, ter impedido a minha franqueza, que, pelo descostume, sempre fere mais ou menos o pudor de uma mulher, ainda que ella seja franceza, e tenha uma cadeira das que ficaram nos salões da filha do Regente, e sympathise cordialmente com as *cartas* theoricas de Ninon de Lenclos, e com a prática, um pouco mais eloquente, de Marion de Lorme.

O barão, diga-se a verdade, não a entendia, e fazemos votos por que, n'este momento, a capacidade intellectual das leitoras não seja mais ampla que a do barão.

Entretanto, a duqueza, que sabia mais que todos nós, continuou :

— Franqueza, meu querido snr. barão. Amo-vos!

— Que dizeis, mulher divina?! — exclamou o fidalgo, subitamente erguido, levando as mãos á altura comica de um pae que vae abraçar uma filha, que julgava perdida.

— Já vol-o disse... Amo-vos... Quizera ser rainha de Sabá, para vos fazer rei de Sabá, e conde de Minturnes!

— Senhora, permitti que, de joelhos, vos beije a mão!

O barão de Sá, quando pedia a dramatica permissão, estava de joelhos, e esperava que a mão da divindade lhe viesse ao encontro dos abrazados beijos, que, n'este homem, não eram verdadeiramente labios. Com grande pasmo seu, a mão não vinha, nem a duqueza o mandava erguer-se.

— Deixae-me sentir o nobre orgulho — dizia ella, meigamente soberana — de ver a meus pés o primeiro leão portuguez, supponho eu que o sois, nobre fidalgo da Hespanha. Não vos mando levantar, como é estylo nas tragedias de *Corneille*, porque o meu coração é soberbo, e só se rende á hu-

mildade. Gloríe-vos de ter conquistado o coração de uma mulher, que só tem a mancha de ter sido desprezada pelo vosso amigo Alberto de Magalhães. É vosso, porque elle o não quiz: mas será vosso, como não pôde ser de mais alguém...

Ouviram-se passos no corredor. O barão queria erguer-se da postura incommodativa e burlesca; mas a duqueza, retnendo-o suavemente, proseguiu:

— Dou graças aos deuses tutelares, por me terem encaminhado aos braços de um cavalheiro, que...

Abriu-se a porta, e entrou o consul francez, que, ferido pelo espectáculo estranho, recuava enfiado. O barão erguia-se vexado, quando a duqueza, soltando uma gargalhada sem nome, de um genero novo de desconhecida zombaria, disse ao consul:

— Viestes a tempo, snr. consul, para desfrutar o final do ultimo acto de um *Vaudeville*, que este senhor representou commigo. Acabava de beijar-me a mão, intitulado-me rainha de Sabá!...

O barão estava verde! A transpiração momentanea ensoopou-lhe a goma dos colleirinhos. No rapido esforço, que fez ao levantar-se dos pés da duqueza, rompeu a calça no joelho direito, e estalou dois botões da polaina retesa na posição, que o alfaiate não previra.

O consul fitava-o com desprezo, primeiro, e, com compaixão, depois que a duqueza de Cliton lhe disse:

— Snr. consul, se tendes alguma influencia nos agentes da policia de Lisboa, fazei que este senhor, que me parece uma pobre pessoa, seja recolhido a um hospital de doudos!... Forte desgraça!... Quem vem a Portugal depara encontros extraordinarios!... A Byron appareceu-lhe um malvado, que o espancou; a mim appareceu-me um doudo...

— Tenha a bondade de retirar-se, senhor! — dissé o consul com severidade ameaçadora.

— Esta mulher é uma infame, uma devassa! — bradou o barão, fazendo ouvir um ranger de dentes, que fazia lembrar as trevas inferiores, de que falla o Evangelho.

— Vêdes, snr. consul? — dizia a duqueza — De mais a mais é furioso!... Vou fazer entrar os meus creados...

— Retire-se, senhor... quando não vae ser obrigado a pontapés... — disse o consul, tomando o barão, violentamente, por um braço, até ao cimo da escada. N'este momento a duqueza olhava para a porta, e viu recuar o consul, tângido por um prodigioso murro que o estendeu no meio da sala. O desarmado diplomata apalpava cuidadosamente o nariz fracturado, quando o tylburi do barão de Sá entrava na rua de S. Paulo, mui de vagar.

Fiquem sabendo que o tolo, na opinião publica, sabia dar, a proposito, murros sublimes, verdadeiramente portuguezes. Honra lhe seja feita!

VII

Alberto de Magalhães, que affrontára intrepido as borrascas da variada existencia, sentira-se pequeno, vil, esmagado pelo abalo que lhe fizera na consciencia uma mulher, que reputára desprezível como vingadora da sua deshonra; mas respeitavel como insidiosa intrigante.

Ha homens desamparados, sem um amigo, sem um recurso, impellidos de infortunio contra infortunio, desprezados pelos olhares da sociedade, mordidos pela propria consciencia, finalmente sós com a sua vergonha e o seu remorso. Estes, expulsos de todos os braços, segregados da convivência dos grandes e dos pequenos, nutrindo-se do seu proprio fel, experimentando em cada novo dia uma affronta nova, não podem considerar-se inteiramente abandonados, se entre mil mulheres, que os desprezam ha uma só que os acolha com a familiaridade do amor, com a confiança da estima, acolhimento ineffavel á semelhança do céu no remate de tormentosas penas. Ha d'estes homens, e Alberto de Magalhães, quando desceu as escadas da duqueza de Cliton, era um homem assim.

Fulminado, com um vulcão na cabeça, com todas as paixões accumuladas, sem respirar nenhuma, o pensamento unico, a unica elevação pura de sua alma, o nome e a imagem que lhe vieram á superficie das fêzes amargas, que lhe não cabiam no peito, foi Eugenia. Diante de seus olhos estava o vulto repulsivo da duqueza, vomitando imprecações, cuspidolh'as na cara como frechas de lume, accusando-o de crimes appensos á sua vida de corsario, assoberbando-se do segredo com que parecia ameaçar-lhe a reputação em Lisboa, onde tanta gente anciava descortinar o segredo da fortuna d'elle.

A par do demonio, afigurava-lhe a imaginação atormentada a imagem do anjo. Eugenia era a unica pessoa, que vivia da sua vida. Só ella o absolveria dos criminosos conflictos que ennegreciam a historia da sua inesgotavel riqueza. Uma só pessoa do mundo, Eugenia, cairia com elle ao abysmo da deshonra. Com o peito pequeno para os saltos do coração, o terror na face, e a cabeça esteril de recursos, Alberto de Magalhães desafogava nos braços de Eugenia, como criança resen-

tida, a mais varonil, a mais dilacerante das torturas humanas. A mulher, perante quem o corsario quizerá ser um rei, saberia brevemente que seu marido fora um ladrão no mar, e adquirira á custa de ouro os arminhos de uma impostura, infame mascara que lhe avelára nas faces a ella, para que ao mesmo tempo a saliva da deshonra cuspissem em duas caras descobertas.

Eugenia, aterrada do silencio com que Alberto a tomára nos braços, sentindo-lhe as precipitadas pulsações do coração, vendo-lhe lagrimas impossiveis nos olhos de tal homem, sentiu uma grande desventura, e não ousou interrogar-o.

— Alberto... nada te pergunto... — lhe disse ella, sorrindo e chorando — Sei que somos muitos infelizes. Assim devia ser. Era impossivel que isto durasse muito. No mundo não ha felicidade. Paciencia, filho; recebâmos os golpes da Providencia com resignação, mas abraçados, sejam elles quaes forem. Colhemos as flores... colhâmos agora os espinhos... Bem sei... Aquella mulher atormenta-te... sei tudo...

— Sabes tudo?!

— Adivinho tudo... O amor faz a gente propheta... Ha uma ligação de vida e de morte entre ti e aquella mulher...

— Não é assim, Eugenia... Eu já te disse... esta mulher, o mais que póde é quebrar a quietação d'este góso que principiou, ha pouco tempo, na minha trabalhosa vida... Veio a Portugal depois de me seguir o rasto, quatro annos. Encontrou um padre, que lhe deu signaes certos da minha existencia. Este padre, Eugenia, suspeitas quem seja este padre?...

— Padre Diniz?!

— Não póde ser outro. Um padre portuguez, que encontrou em L'Hasse, passando para as missões, não póde ser outro. Vês o contacto d'aquelle homem o que é? Tudo que roça por elle, cáe em terra. Foi elle que o disse... Traz consigo o contagio da morte; esta mulher impelliu-a elle para aqui...

— Oh Alberto!... crês que o padre fosse nosso inimigo?!

— Não. Era amigo do conde de Santa Barbara, de D. Pedro da Silva, de D. Angela de Lima, de D. Anacleto, de tua mãe, de D. Francisca Valladares, devia sel-o de seu pae... e onde estão os amigos de Sebastião de Mello? São seis mortallas... É nosso amigo, eu sei que o é; mas padre Diniz é o instrumento cego de Deus; dá um osculo de amor, e traz o veneno da morte nos labios; prepara para os seus amigos um leito de flores, e a sepultura está por baixo d'ellas. Foi elle, Eugenia, é impossivel que o não fosse... Não deixei vestigios meus em parte alguma do mundo. Ninguém soube a minha nação, porque eu fallava todas as linguas, ninguém descobriu no mar a esteira dos meus navios, porque... ninguém ousou

perguntar quem ia dentro d'elles... Só um homem, superior, tocado por Deus ou por Satanaz, poderia apontar-me, e dizer: «o homem que procuras está em Portugal, e chama-se Alberto de Magalhães.»

— Seria elle, meu filho, mas evitemos a desgraça, se é possível... Que receias?

— Já te disse que tudo por ti...

— Pois seja por mim... Poupa-te, Alberto; porque se me matam...

— Se te matam?!...

— Sim... perdes uma verdadeira amiga... Todo o teu ouro não te dará um coração semelhante ao meu...

— Matarem-te, Eugénia!... Quem?!... Que Deus ou que demonio pôde tanto! Onde está o poder do ouro e do punhal, que consinta inimigos em redor de ti!... Emprazo a Providencia covarde, e todas as legiões de demonios!

Eugénia, se tivesse conhecido *Come-facas*, ou *Barba-Roi-xa*, ou *Tobias Navarro*, no momento em que estrangulava o irmão da duqueza, ou Alberto de Magalhães arremessando ao Tejo D. Martinho de Almeida, não recuaria, como aterrada da ferocidade que brilhava nos olhos de seu marido. A allucinação fizera-o levar a mão ao lado esquerdo, e comprimir o punho de um ferro, no momento em que pronunciou a palavra *punhal*. Eugénia vira-o sempre alegre ou melancólico, mas em ambas as paixões dominava a suavidade das indoles boas. Aquelle aspecto era-lhe novo. Pareceu-lhe como transfigurado pela cólera em um d'esses caprichos tyrannos, que a pintura da idade média idealizou pelos traços moraes de Nero ou Caracalla. Organização fina, e de mais a mais espiritualizada pelo amor, e mimosa, pelo habito de ouvir suspiros, e não rúgidos, Eugénia soffreu um receio, que lhe coagulou o sangue... A tremer, encarava-o indecisa, e no pasmo da surpresa não ousava tocar-lhe, porque tinha ouvido dizer a seu marido, que tivera horas, n'esse tempo, de appetecer uma embriaguez de sangue do genero humano. Se, em algumas d'essas revelações, lhe perguntára a que attribuia elle esses accessos, Alberto respondera-lhe: «a um defeito da organização adulterada pela sociedade, que fazia os infames, e mandava-os subir ao cadafalso.» Estas respostas eram precedidas de tristeza, e seguidas de um beijo, que parecia a ultima respiração de um ar envenenado que lhe dilacerava os pulmões. Este lance, porém, era muito diverso dos outros.

Fatigado das contracções nervosas, que vieram depois da apostrophe enfurecida, Alberto caiu extenuado sobre uma cadeira, e anciava como se viesse de lutar braço a braço com um gigante.

Eugenia aproximou-se, silenciosa, e afastou-lhe os cabellos da testa. A mão ficou-lhe humida de suor frio.

— Vae passando, Eugenia... — disse Alberto, tomando-lhe a mão, que levou aos labios — Abençoada sejas, minha filha, que com o teu silencio reprehendeste a cólera vertiginosa do homem sanguinario. Nunca mais me digas que te matam; porque em mim ha o homem que obedece ás fatalidades, e o tigre que salta por cima dos vérmes que o rodeiam. Eugenia! vae entrando no abysmo do meu carácter. Se tenho alguma qualidade boa, a ti a devo. Se me vejo sem ti, com força no braço, e a ferocidade no coração, morrerei afogado em sangue... Aterraram-te as minhas palavras. Bem o vejo... D'aqui a minutos seremos felizes...

— Deus o permitta, Alberto...

— *Deus!*... Pois sim... seja Deus que o permitta...

— Quando retiramos de Portugal?

— Brevemente... não sei em que dia; mas não é possível ser já...

— Se o fosse, ainda que custasse todo o ouro que nos rodeia, e que é de mais na nossa felicidade...

— De mais, filha... sim... *de mais*... disseste uma verdade, cuja extensão nem tu conheces... É justamente este ouro que me tem aqui preso uma hora... e quantas serão ellas!... São cadeados de ouro, que me amarram a um poste de ignominia...

— Que dizes, Alberto?...

— Nada... um desvario da minha cabeça perdida...

Não era um desvario. O pensamento de Alberto occulto a sua mulher, era muito discreto. Lembrava-se de que a duquesa de Cliton, se elle se retirasse repentinamente de Portugal, propalaria, quaesquer que fossem os documentos com que podesse justificar-o, o boato dos infames precedentes de *Barba-Roixa*, conhecidos d'aquella mulher. É o que devia demoral-o em Lisboa; do contrario, os cabedaes immensos de Alberto, quasi todos no banco de Inglaterra, não precisavam de espaço para a sua liquidação.

Reanimado por qualquer idéa salvadora, Magalhães saiu, a pretexto de apressar a sua retirada.

A sua carruagem parou á porta do Izidro. Apeando, Alberto reparou em um homem, que vinha descendo, quando elle subia as escadas da duquesa. Este homem occultára o rosto, e, protegido pela tibia claridade do crepusculo, passou por Alberto como quem receia ser conhecido.

— A snr.^a duquesa? — perguntou a um creado.

— A senhora, que v. ex.^a hoje de manhã procurou?

— Sim.

— Saiu.

— Quando?

— Não ha dez minutos.

— Naturalmente era um vulto, que me pareceu um homem que encontrei, quando subia.

— Não, senhor. Esse vulto era um homem que jantou hoje com a senhora... duqueza... eu não sei se é duqueza... seja lá quem for...

— Seria o barão de Sá?

— É pessoa que não conheço...

— Um homem da minha idade, louro do cabello, com...

— Nada, nada; eu mal o vi; mas o homem pareceu-me velho...

— A que horas costuma recolher a duqueza?

— Não sei, senhor. Ella nunca saiu a estas horas. Hoje vae ao theatro, e não tardará para se vestir, que lhe leva boa hora e meia, segundo dizem os creados.

— Foi de sege?

— Sim, senhor.

— Dás-me ahi um quarto onde espere por ella?

— Pois não... queira entrar n'esta sala.

Deixemol-o esperar, scismando no vulto da escada, e no plano que delineou.

Sigamos a duqueza de Cliton. A sege parou á porta de Alberto de Magalhães. A duqueza mandou-se annunciar como uma estrangeira que desejava fallar a s. exc.^a Responderam-lhe que o senhor não estava em casa; mas que a senhora mandava subir a pessoa que procurava seu marido.

Admiremos o character de Eugenia.

Quando se lhe annunciou uma estrangeira, a esposa de Alberto não hesitou um momento em crer que a duqueza de Cliton procurava seu marido com sinistra intenção. E não lhe viram um ligeiro signal de perturbação. Quem visse seu pae, dezoito annos antes, dar a voz de fogo ás espingardas que deviam vomitar-lhe as balas no peito, juraria que Eugenia era filha do bravo general.

A duqueza estava irresoluta se devia aproveitar o offerecimento. Uma idéa subita fel-a saltar garbosamente da sege.

Atravessou tres vastas salas, e encontrou uma mulher, que a impressionou, a seu pezar, extraordinariamente.

Eugenia, com a ponta dos dedos da mão direita assentes na borda do marmore de uma jardineira, e a direita na attitude orgulhosa da estatua de Minerva, indicava-lhe com soberania o sofá, em que a duqueza, cortejando-a ligeiramente em bom portuguez, se sentou.

Eugenia, sem o menor trémulo na voz, abriu assim o dialogo:

— Diriam a v. exc.^a que meu marido não estava em casa? Pareceu-me que uma senhora da sua qualidade não teria relações com meu marido, sem podel-as ter commigo.

— Não acertou, minha senhora. Contrahi com o marido de v. exc.^a uma dívida, antes que o matrimonio os unisse, de modo que as dividas contrahidas com o esposo se considerem dividas da esposa.

— Comprehendo-a, senhora.

— Felizmente. Não terei a fatigar-me em explicações. V. exc.^a terá a summa delicadeza de entregar ao snr. Alberto de Magalhães cento e oitenta mil francos, contidos n'esta carteira; e visto que se considera socia no commercio de finanças com seu marido, queira passar-me um recibo...

— Não recebo a carteira...

— E, por consequencia, não passa o recibo... É o mesmo, minha cara senhora. Confio na pontualidade da entrega, e peço-lhe as suas ordens.

— Queira v. exc.^a levar a carteira.

— Não me forçará a isso... Supponho-a delicada bastante, minha senhora, para m'a não mandar prender ao pescoço. Ora, como importa saber quem deixa este dinheiro, eu vou deixar aqui o meu nome...

— É ocioso, snr.^a duqueza de Cliton.

— Ah! conhece-me... É muita honra, snr.^a D. Eugenia. Em todo o caso, deixarei um bilhete de visita... Que pena! Não trago nenhum no meu indispensavel!... Não importa... ha um meio em recurso extremo.

A duqueza tirou um lapis, chegou em passo de rainha de tragedia á parede, e escreveu:

MÁNEL, THÁCES, PHÁRES.

D. Eugenia reparou, e riu-se.

— Achou galanteria nos meus appellidos? — perguntou a duqueza, persuadida do riso ignorante de Eugenia.

— Galanteria, não; parece-me ridicula a sua mão, querendo arremedar a mão de Deus no festim do rei de Babilonia!

E continuou a rir-se com a mais pungente zombaria. A duqueza enfiou.

— Ria, senhora; mas imagine aquellas letras escriptas com sangue, e não com fogo...

— Isso é muito bonito em romances, snr.^a duqueza; mas aqui... repare... uma pouca de saliva e uma luva faz desaparecer a sua legenda.

Eugenia cuspiu no letreiro, e com uma luva deixou apenas uns laivos escuros.

— Acho-a sublime, senhora! Vejo que é legitima metade de um corsario! Já dançou sobre as vagas do mar? Já assaltou, de punhal na mão, a amurada de algum navio mercantil?

Eugenia não comprehendeu a pergunta da rival; mas empallideceu.

— É pena que nascesse em tão pequena terra! — continuou a duqueza, contando com o triumpho que lhe fugia — Mulheres assim, corajosas e desenvoltas, devem respirar por mais largo. No mar, são infinitos os horizontes, e as commoções estrepitosas. Nobre dama, a quantas abordagens felizes acompanhou o intrepido Barba-Roixa?

— Não a comprehendo, senhora! Poupe-me o desgosto de a mandar sair...

— Pois sim... saírei, primeiro, delicada senhora!... V. exc.^a sairá depois com os olhos fixos n'aquelles traços negros... É preciso que a mulher de Balthazar abandone ás chammas os seus reaes aposentos.

A duqueza saiu. Eugenia entrou rapida no seu quarto, e caiu de joelhos, a chorar, diante da imagem de uma *Nossa Senhora*, que sua mãe lhe dera, e recommendára como protectora nas suas maiores afflicções.

VIII

Alberto, alguns minutos depois que entrára na sala do Izidro, esperando a duqueza, recebeu da mão de um seu creado da carruagem uma carta.

— Quem te entregou isto?

— Não conheci; senhor; era um homem que não deixava ver um bocado da cara; parece-me que era o mesmo que descia as escadas quando v. exc.^a subia.

— Elle espera resposta?

— Não, meu senhor: retirou-se logo.

A carta continha o seguinte:

Alberto de Magalhães, retire-se d'esta casa. Evite encontrar-se com a duqueza de Cliton. Não pense dois minutos, depois que receber esta intimação. Vá hoje infallivelmente ao theatro.

A lettra era-lhe desconhecida: embora; ninguem, que não fosse uma personagem muito interessante no drama, que ia correndo, escreveria semelhante carta. Força sobrenatural obrigava-o a respeitar a intimativa de tal ordem. O temor de pequenas cousas faz as grandes superstições. Alberto reti-

rou-se. Entrando na carruagem, sentiu o rodar de uma sege. Palpitou-lhe o coração que a duqueza vinha alli; mas o preceito anonymo mandava-o evital-a. Seguiu a rua opposta, e entrou em sua casa, menos exaltado que de manhã, mas muito mais maravilhado da figura mysteriosa que apparecia annexa ao plano aniquilador da sua felicidade.

Eugenia, contra o seu costume, não veio encontral-o com o beijo carinhoso da saudade.

— A senhora? — perguntou elle.

— Está no seu quarto. Deu ordem que não a chamasse, se entrassem visitas.

— Deu-se algum acontecimento enquanto estive fóra?

— Veio aqui uma senhora estrangeira. Demorou-se poucos minutos; e, logo que ella saiu, a snr.^a D. Eugenia entrou no quarto, e levava os olhos rasos de lagrimas...

— Vá dizer-lhe que preciso fallar-lhe; se me dá licença que entre no seu quarto.

Eugenia, porventura absorta nos pensamentos que a faziam chorar, não ouvira a carruagem. Quando a creada lhe deu o recado de seu marido, que não esperava tão cedo, correu a abraçal-o, exclamando:

— Tu aqui!... Estava pedindo á Mãe de Deus que te acompanhasse...

Entraram no quarto. O leitor suppõe as revelações que Eugenia vae fazer a seu marido. Deixemos Alberto n'essa dolorosa provação da sua coragem moral; n'esse martyrio, sem nome, que a palavra *corsario*, pronunciada por sua innocente mulher, lhe fará soffrer.

Vamos á residencia da duqueza de Clíton, que ha momentos se recolheu.

Quando a creada vinha ajudal-a a despir os enfeites incommodativos, foi repellida.

— Deixa-me!... — bradou ella, atirando-se ao canapé, e arrancando a pedaços as luvas, que não saíam promptamente das mãos. Tregeitava com os olhos, com os labios, com os braços e com as pernas. Parecia assaltada por uma legião de insectos, que a mordiam em todas as fibras. Possessa de rancor impotente, cruzando a sala a passos largos, parando um momento para redobrar os impetos, fazendo estalar os nós dos dedos, e fremir os suspiros que lhe não cabiam no peito arquejante, a vaidosa duqueza accusava a sua propria covardia, por ter deixado incolume a mulher de Alberto de Magalhães. Indecisa se devia tentar outra vez a entrada em casa d'ella, resolvera-se pela ida, escondera duas pistolas na algibeira interior de uma murça de pelle de tigre, e levantava o fecho da porta, quando a porta se abriu por mão exterior. A duqueza

recuou primeiro, depois, reconhecendo a pessoa que lhe impedia a saída, offereceu-lhe a mão.

— Não vos esperava agora... — disse ella, sentando-se — A vossa vinda é uma providencia, ou uma desgraça...

— Vejamos qual das duas missões devo aceitar... — disse o vulto desconhecido de Alberto de Magalhães, deixando cair a capa dos hombros, e recostando o cotovêlo á cadeira da duqueza.

— Quero uma vingança!...

— Já sei que é esse o vosso pensamento, snr.^o duqueza.

— Mas quero-a prompta, hoje, e já.

— Augmentaram os estímulos d'esse odio implacavel?

— Exasperaram-m'os!... A mulher de Alberto insultou-me com sarcasmos... Quiz beber um golo do fel, que o infame me verteu no coração... ha de bebêl-o...

— De que modo, snr.^a duqueza?

— De que modo? Não sei... o odio me aconselhará...

— Não tencionaes disparar uma pistola no peito do marido?

— Sim.

— Que mais quereis? Sé privasseis da vida a viuva, em vez de vos vingardes, far-lhe-íeis uma esmola, porque Eugénia ama esse homem com delirio.

— Tendes razão, senhor!... Não tocarei n'essa mulher... mas a minha vingança quero-a hoje. Sabeis a historia dos meus padecimentos... é preciso que eu tenha uma hora de felicidade... estou suffocada: sinto aqui na garganta uma corda, ha cinco annos... quero respirar...

— Respirae: O perdão das injurias é uma respiração; mas essa não vos aconselho eu. A Providencia de Deus tem seus tribunaes na terra. Vós sois o algóz que recebeis o cutelo da mão providencial.

— Eu não cumpro designios da Providencia... Vingo a morte de meu irmão, que foi morto quando salvava a minha honra.

— E, comtudo, o sangue de vosso irmão não lavou as nódoas do vosso caracter...

— Não: e que importa isso? Que me importa a faez que tenho voltada para o mundo? Desprézo com todo o asco a opinião publica. A minha consciencia é que me dá preceitos, as nódoas que tenho, e que me vêdes, não as póde lavar o sangue de meu irmão; mas veremos se tranquilliso a consciencia com o sangue do assassino covarde...

— Alberto de Magalhães?

— Sim!... e quero que seja hoje...

— Seja hoje.

— Aconselhae-me, já que viestes seguindo os meus passos para dirigir as minhas tenções.

— Não me dissestes, duqueza, que o vosso odio vos aconselharia?

— Pois então de que me servis?

— Acompanhar-vos-hei... e quando o vosso braço fraquear...

— Conto com o vosso? Não precisarei. As minhas pistolas são boas, e a pontaria é infallivel.

— Quereis um conselho?

— Dizei... senhor... ia-me enganando... nem a sós com-vosco, devo chamar-vos pelo vosso nome?

— Não.

— E o caso é que vos obedeço prodigiosamente.

— Naturalmente aos cabellos brancos.

— Não sei... Vós tendes na physionomia um sêllo sobre-humano. Conheço-vos, vi-vos ha seis mezes; conheço-vos ha tres dias, e penso que estou debaixo de uma influencia magnetica ha muitos annos...

— No vosso character, duqueza, é uma maravilha que me faz honra... Reparae bem que sou um homem, pouco mais ou menos organizado como o barão de Sá... O que tenho mais que elle... são os annos, o sangue arrefecido, a cabeça quasi como o coração...

— Mas... eu não comprehendo isto!

— O quê, duqueza?

— O interesse que tomaes na minha vingança...

— Não tomo nenhum.

— Nenhum? Cada vez sois mais problematico!

— Aconselho-vos, e nada mais. Nem ao menos tenho o interesse do advogado, que aconselha o seu cliente...

— Mas, em tal caso, deverieis aconselhar-me para o bem...

— Que chamaes vós o *bem*?

— O perdão das injurias.

— Escarnecerieis, e os vossos creados não me deixariam entrar na vossa casa, segunda vez.

— O que devo então pensar? Que quereis a minha gratidão de uma maneira ou da outra?

— De nenhuma.

— Por Deus! Isto parece-me um trocadilho de phrases... Que mysterioso homem sois! Dizei-me por quanto ha: devo julgar-vos a pessoa que encontrei ha seis mezes?

— A mesma pessoa.

— Com outras idéas?

— Com as mesmas idéas, e seis mezes de mais. Resumi as vossas perguntas, que se faz tarde.

- Tarde!... para qué?
- Vesti-vos.
- Que me vista!... onde vou?
- Ao theatro.
- Com que fim?
- Vereis Alberto de Magalhães.
- Sim?
- Sim, duqueza.
- Duvido...
- Não duvideis.
- E sua mulher... irá?
- Não sei.
- E depois?
- Entrarei convosco na carruagem, antes que a de Alberto tenha partido. Pararemos na rua proxima da de Alberto, e apearemos.
- Depois?
- Á meia noite é cerrada a escuridão. Ninguem nos verá escondidos na esquina do palacio. Quando Alberto apear...
- Que farei?
- O que o odio, vosso leal conselheiro, vos disser.
- Agora comprehendí-vos, senhor!
- De que maneira?
- Tendes odio a Alberto de Magalhães.
- E não tenho coragem para uma vingança directa, é o que queréis dizer?
- Não digo tanto...
- Pensae o que quizerdes, duqueza.
- Seja o que for... a vingança é minha! Se quizesse recuar, não poderia, depois que vos ouvi... Sois imperioso... esperae que eu me vista.
- A duqueza saiu, e deixou a murça com as pistolas sobre a jardineira. O confidente do assassino viu as pistolas uma a uma, voltou as costas para a porta d'onde podia ser observado, e esteve assim alguns minutos.
- N'essa noite as aias não tiveram senão que admirar a rapidez do toucador da duqueza de Cliton. Voltando, encontrou o seu hospede sentado, profundamente distraído comsigo, se o julgarmos pela immobilitade em que a cabeça, entre as mãos, se conservou.
- Prompta! — disse ella, e foi tirar as pistolas da murça. Ergueu os pèrros varonilmente, e trocou por outros os fulminantes.
- Sois prevenida, senhora duqueza...
- Achaeis?
- Não vos falta o menor ademan de um jogador de ar-

mas... Sois a Judith dos tempos modernos... A França dá todos os seculos uma Joanna d'Arc...

— Aceito a comparação... Vamos?

— Ide. Eu vou a pé. Não entro no theatro. Á saída encontrar-me-heis á portinhola da carruagem.

— Ai que loucura! — exclamou a duqueza — eu não mandei tomar bilhete de camarote!...

— Esqueceu-me dar-vol-o, senhora. Está aqui, n.º 10 da segunda ordem.

A duqueza aceitou, maravilhada. Desceram ambos, e separaram-se no pátio do hotel.

IX

Quasi simultaneamente chegavam duas carruagens, e abriram-se dois camarotes, em S. Carlos.

Em um entrava a duqueza de Cliton. No outro Alberto de Magalhães, e sua mulher. Os oculos encontravam-se ao mesmo tempo; depois, desceram da posição observadora, para nunca mais se encontrarem.

Eugenia recebia, como sempre, affavel e desvelada as visitas successivas. Cortejava com o seu sorriso de encântadora sympathia os cavalheiros da plateia, que porfiavam em merecer-lhe uma d'essas frivolas atenções, mais para reparo dos seus vizinhos, que para gosto seu. As damas dos camarotes acenavam-lhe com os leques, e por acenos lisonjeavam-lhe o gosto do seu penteado de canudo de trancinhas enfioreadas, que era o supremo luxo das damas de 1836.

A leitora não admira tanto o gosto do penteado, como a paciência de Eugenia em alindar-se caprichosamente, na mesma noite, de um profundo abalo á sua tranquillidade e de uma formal ameaça á vida de seu marido. Duas palavras de um bilhete aponymo explicam tudo. Como viram, Alberto entrou no quarto de Eugenia. Ouvira em poucas expressões, arrancadas como gemidos, a apostrophe sanguinaria da duqueza. Caíra, a seu pezar, em um profundo abatimento, de que sua mulher tentava salvar-o. Era esta a dolorosa situação de ambos, quando um creado, fóra do quarto, pedia que lhe recebessem uma carta, que devia ser immediatamente entregue.

Eugenia tremeu de encontrar n'aquella carta a revelação de um novo infortunio, se podia havel-o; mas recebeu-a com anciedade, e entregou-a a Alberto.

Continha isto: *Filha de Antonia Mascarenhas, não tremas pela vida de teu esposo. Vae passando a nuvem. Sorri a novos dias de felicidade.*

A letra d'esta carta era semelhante á que Alberto recebera no hotel. Como a voz de um anjo invisível, que falla em nome de Deus, aquellas palavras levaram a convicção ao espirito de ambos. Um nome passou de relance pelo coração dos dois, mas não ousaram proferil-o. Era impossivel!... Padre Diniz áquella hora devia estar no Japão... Era, talvez, um milagre!... Um enviado da mãe de Eugenia!... Esta piedosa idéa tocou a supersticiosa intelligencia dá esposa de Alberto; mas, tão extraordinaria lhe parecera, que não ousou communicar-a a seu marido, quasi sempre armado de um sorriso de incredulidade para as chimeras espirituas da visionaria de Cintra.

Alberto devia ir ao theatro: o preceito, depois que viu a segunda carta, parecia-lhe inviolável. Eugenia queria acompanhá-lo, sentindo um dobrado prazer de encontrar-se face a face com a furiosa rival; precisava de ferir-lhe o amor proprio, juntando ás liberalidades da natureza quantas a arte podia inventar-lhe. Foi, e nem um signal de soffrimento, nem um instante de melancolia lhe notaram. Era tudo, n'aquella phisionomia, irradiação de jubilo, e n'aquelle corpo de fada, resplandor de rendas, de ouro e de brilhantes.

Não assim a duquesa de Cliton. Os seus bellos olhos mergulhavam em um abysmo cavado pela imaginação procellosa sobre a turva dos frivolos, que, n'aquelle instante contemplavam uma linda mulher, que, mal diriam, meditava um assassinio, realiado poucas horas depois. Pallida, mas por isso mais á feição romanesca dos espectadores, a duquesa nunca dera tanto nos olhos, nem excitara tanto o appetite de ser conhecida.

O barão de Sá, que fora victima, mas victima que dera um gentil sóco nas ventas audaciosas do consul de Luiz Filippe, estava contente na plateia, cercado de bons esturdios, contando a seu modo a aventura estranha, dominando a gargalhada ruidosa que perturbava o espectáculo, e recrudesendo a sua vingança a ponto de capitanear uma bateria de binoculos assestados na livida duqueza.

O cavalheiro do Porto, que mettera em semelhantes entalas o barão, era o mais estridolo nas risadas, applaudindo-se da sua obra, e compromettendo-se a provar ao barão que a estrangeira da aventura continúa a ser rainha de Sabá e condessa de Minturnes. Novas gargalhadas, novas observações, chasco d'aqui, agudeza d'acólá, attenção de todos e sobre tudo o indispensavel sô dos pacíficos burguezes, que tinham em resposta um «fôra, parvos!» ou outra equivalente amabilidade.

Alberto de Magalhães observava do seu camarote as affrontas directas á duqueza. Eugenia acompanhava-o n'esta analyse, e murmurou ao ouvido de seu marido:

— É com ella?

— É.

— Por qué?

— Não sei... Vejo que o motor principal é o barão de Sá.

— Acho aquillo infame.

— De certo.

Esta ultima palavra foi dita já fóra do camarote. Alberto entrou na plateia: o oculo da duqueza acompanhou-o até ao grupo dos que a insultavam, e a tinham obrigado a esconder o rosto com o leque, e ao ver que elle se associava aos outros, temeu verdadeiramente, e retirou-se para o fundo do camarote, soltando uma risada nervosa, um como rugido de hyena, quando chega a hora de cevar-se.

Entretanto, Alberto parou defronte da duzia de cavalheiros, que lhe prestaram attenção, e se gloriariam de merecer-lhe um sorriso, se elle o tivesse por sua galhofa.

— Sois uns miseraveis covardes, senhores! Insultaes uma dama, que não tem um homem no seu camarote. Olhem que deshonram suas irmãs, abrindo o exemplo!

Se levantasse um pouco mais a voz, poderia ser ouvido no camarote da duqueza. Resposta, nem um monosyllabo! Realmente os folgados mancebos não eram tão valentes como espirituosos. O proprio barão de Sá, que fora feliz na ultima refrega, não tinha confiança em si, nem esperava dar mais, na sua vida, um segundo sóco do calibre do primeiro.

Alberto retirou-se placidamente, sem lembrar-se de que o somno do dia seguinte poderia ser-lhe perturbado por algum cartel.

A duqueza nunca mais viera á frente do camarote. A indignação contra o barão de Sá, e seus sequazes era geral. A auctoridade, se não receiasse algum bofetão, de certo interviria no escandalo; mas, na turba, avultava o commandante de um corpo, e a espada n'aquelles dias cheirava ainda a sangue, perfume que revolta o olfacto das auctoridades civis.

O resultado foi encrucecerem-se os odios da duqueza. No seu apaixonado raciocinio, aquella galhofa de barbaros fora promovida por Eugenia e Alberto. Faltava-lhe, para completa evidencia, vel-o a elle na roda dos miseraveis adulaadores do ouro do corsario. Logo que o viu, os seus olhos não podiam ver mais, precisavam retrahir-se a uma scena infame. Foi quando ella soltou a gargalhada, ouvida nos camarotes proximos, que tiveram a leviandade de a reputarem meretriz; mas nem assim applaudiam o desfaçado insulto á desgraça. De-

pois da gargalhada, vieram as lagrimas, excitadas por um mixto de raiva, de orgulho, de dignidade, e até de compaixão de si mesma. Por que não se retirava do camarote aos insultos? Porque não podia quebrar uma alliança feita com o seu officioso conselheiro, interprete fiel do immenso odio, que lhe fazia de cada minuto, que decorria, um seculo sem vingança. No meio do quarto acto, os da plateia inferior repararam na saída de um homem de cabellos brancos, oculos azues e longas barbas.

Findou a opera. A duqueza de Cliton, quando saía do seu camarote viu um homem embuçado, hombro a hombro com ella.

— Vinde a meu lado.

Era-lhe desconhecida esta voz. Quando descia, a turba dos insolentes fazia roda no peristilo do theatro, por onde ella devia passar. O encapotado, figura celebre e anachronica fóra de Veneza e dos dramas arripiados, parou com todo o sinistro da arte defronte do grupo. Não fallou; mas a roda abriu duas alas, e a duqueza não ouviu um remoque. Pôucos passos distante d'esta scena, estava Alberto. Quaes as suas intenções eram, poderia adivinhar-lh'as quem soubesse o que, nos olhos d'elle, queriam dizer os raios de sangue. Eugenia esperava Alberto, trémula, encostada ao braço do conselheiro, que tinha dito com grande surpreza: «Oh!... esta mulher... é a duqueza de Cliton?» e maior foi o seu espanto, quando Eugenia lhe respondeu: — É.

A duqueza e o encapotado entraram na carruagem.

— Vou cheia de fel, senhor!

— Sei-o.

— Presenciastes?!

— Presenciei.

— Não me dissestes que não vinheis ao theatro?

— Vim... segue-se que vos enganei, duqueza.

— Que é isto? — disse a duqueza, vendo o seu confidente despegar umas longas barbas, e levantar das orelhas umas cangalhas.

— É o homem com todas as suas variantes...

— Cada vez mais inintelligivel...

— Sou um jerogliphico humano, senhora duqueza! Este nó gordio ha de partil-o o tumulto... — disse elle, sorrindo amargamente.

— Então viste o infame Alberto na roda dos que me insultavam?

— Não vi.

— Desmentis-me, ou não reparastes?

— Desminto-vos.

- Senhor! — exclamou a duqueza, saltando sobre o coxim.
 — Alberto fez calar os insolentes.
 — Mentis!
 — Mercê, senhora duqueza!... Se me dizeis, com consciência, que menti... confesso que não reparei.
 — Dizei antes assim... e perdoae a minha exaltação.
 — Affronta por affronta... não tenho que perdoar-vos.
 — A minha vingança é cada vez mais legitima.
 — Deixae a Deus esse juizo.
 — Não me falleis em Deus!... Eu não creio em Deus.
 — Haveis de crer.
 — Quem me forçará?
 — A desgraça.
 — Maior desgraça do que esta?! Qual?
 — A de vossa mãe...
 — Minha mãe!... conheceste-a?...
 — Sim... duqueza de Cliton.....

.....
 A carruagem parára na rua indicada pelo homem das barbas postigas ao boleeiro.

— Cobri-vos com esta capa e com este chapéu, senhora duqueza.

— E vós?!

— Tenho outro chapéu e outra capa... Apeae-vos. A carruagem de Alberto vem atrás de nós.

Apearam.

— Olhae lá... O homem, que ides assassinar, está ao pé de nós. Dentro de tres minutos deve ser um cadaver. Tendes coragem?

— Tenho!... — respondeu ella com impetuosa energia.

— Não vos treme a mão na cronha da pistola?

— Não.

— Vinde... encostae-vos a essa porta. Quando elle saltar da carruagem... desfechae.

— Para onde ides? — perguntou ella a tremer.

— Estou perto de vós.

A carruagem parou. Alberto saltára, e ao voltar-se para dar a mão a Eugenia, ouviu o estalo de um fulminante. Quasi ao pé de si estava o vulto, que lhe batera uma pistola. Eugenia caía desmaiada para o interior da sege, quando Alberto corria sobre o supposto assassino com um punhal. O punhal descia sobre um vulto, quando outro susteve o braço de Alberto, ao mesmo tempo que a duqueza desfechava a segunda pistola, com o mesmo resultado. Alberto arrancava o braço da mão que lh'o suspendera, quando ouviu estas palavras:

— Alberto de Magalhães, é uma covardia assassinares uma mulher!

Palavras, que o fulminaram! O punhal caiu-lhe das mãos. A convulsão do rancor converteu-se na sinistra immobilidade do cataleptico. Os joelhos dobravam-se-lhe, sem que a alma os mandasse... Arrancando a voz á suffocação da surpresa, exclamou :

— Oh padre Diniz!... dizei-me que sois um Deus, porque é preciso adorar-vos.

E ajoelhava.

— Erguei-vos, senhor! Não pronuncieis esse nome... Alguem houve chamado assim... quem quer que foi... morreu!... Duqueza de Cliton, se este homem devesse ser morto por vós, Deus não permitiria que eu vos encontrasse... Segui-me!... Alberto, dizei a Eugénia que sua avó era martyr, e sua mãe uma santa... e que os soffrimentos do mundo lhe são indemnizados em beneficio d'ella... Adeus.

Padre Diniz guiava pelo braço um automato, sem vontade e sem accção; era a atrophia moral, a surpresa que retrahe a sensibilidade em um spasma estúpido.

X

A duqueza de Cliton, apenas apeou na hospedaria, pediu licença ao seu conductor para retirar-se ao seu quarto, porque sentia necessidade de deitar-se.

— Sim,— respondeu padre Diniz — mas sentae-vos alguns momentos n'este canapé. Eu tenho necessidade de fallar-vos, e vós de me ouvir. O vosso incómodo é todo espirital, e a cama e a solidão são o peor dos refugios para quem soffre da alma. Sentae-vos, duqueza... conversemos. Olhae para mim, que sinto uma angustia sobrenatural, quando vos vejo os olhos... e eu gósto das angustias... são o meu alimento, e recaio em um torpor tedioso quando me faltam commoções que me laceram a vida pedaço a pedaço. Olhae para mim, filha de Blanche de Montfort!

A duqueza estremeceu, e encarou involuntariamente a face rugosa do padre.

— Que vos pareço? que juízo fazeis d'este homem que aqui está?

— Nenhum... não sei o que sois... tremo até de o saber...

— Odiaes-me?

— Por quê? Acho que devo ser-vos agradecida, porque me não deixastes morrer ás mãos d'aquelle homem.

— Tendes para commigo uma obrigação mais solemne...

— Qual?

— Não consêti que o matasseis...

— Isso não o devo a vós, se é motivo de gratidão... Devo-o ás minhas pistolas, que me atraçoaram...

— As vossas pistolas foram fieis: fizeram o que podiam fazer... não estavam carregadas...

— Isso é falso... carreguei-as eu.

— Não é falso, duqueza, as pistolas...

— Que é d'ellas?

— Estão aqui descarregadas...

— N'esse caso atraçoaram-me... Deu-se uma infamia, que eu ignoro... Fui atrozmente enganada por alguém...

— Por mim...

— Por vós?... Descarregastes as minhas pistolas?...

— Vêde, senhora, tenho aqui n'esta algibeira a pólvora e as balas.

— Mas isso, senhor, é uma infamia, uma traição, uma ignominia que não tem nome!... Quem vos deu o direito de entrar na confidencia dos meus segredos, para me atirar ao ridiculo?

Padre Diniz, sorrindo, e humedecendo os labios, que pareciam de repente calcinados, abriu uma carteira de marroquim vermelho, tirou uma carta, já cortada nas dobrás, como escripta ha muitos annos, e offereceu-a á duqueza.

— Conheceis esta lettra?

— Creio que sim!... Esta lettra... deixae-me reparar... esta lettra é de...

— Fallae baixo, senhora... é justamente de quem suppondes... A assignatura desengana-vos... olhae... *Blanche de Montfort*...

— Minha mãe!

— Sim... vossa mãe... Lede estas quatro linhas.

— Não posso!... Estou perdida da cabeça... Minha mãe morreu ha vinte e sete annos... Com que direito possuis esta carta? Que ligações vos prendem a minha desgraçada mãe?... Respondei, senhor. Se me dizeis que ha Deus, que ha commiserção, que ha virtudes práticas por amor de Deus, tende para commigo a virtude de me dizer quem sois!

— Quem sou!... Duqueza, essa pergunta é-me feita ha mais de cincoenta annos, tenho-me consultado para responder a ella, e nunca respondi ao meu proprio desejo de saber quem sou...

— Isso é dramatico, é mysterioso, deve lisonjear bastante

o vosso character sobrenatural; mas, na situação desgraçada em que me vejo, não acho prazer em apreciar a vossa missão extraordinaria, não quero saber por que força occulta Alberto de Magalhães vos ajoelhou. O que preciso, o que não dispenso saber é o dominio que quereis exercer sobre mim, a virtude que vos manda acompanhar cavillosamente os meus passos, e atraçoar os meus planos.

— Ouvi as quatro linhas, snr.^a duqueza: *Se uma imprevisita eventualidade fizer desgraçada minha filha, não a deixeis abysmar-se. A infeliz é a vergonteia de um tronco corroido de vermes: serão amaldiçoados os seus frutos.*

— A prophesia não se realisou! — disse a duqueza, recuperando toda a energia varonil do seu character.

— Bemdito seja Deus, se a prophesia se não realisou!... E eu cuidava que sim...

— Não! repito-vos que não! Resvalei em um abysmo, mas ergui-me! Não estou deshonrada!

— Silencio, senhora!

A duqueza viu repentinamente empallidecer o padre. Aquellas duas palavras assustaram-a, como um ecco dos tumulos. O velho cerrava o punho esquerdo, ao qual encostára a cabeça; mas o braço tremia, e a convulsão fazia ranger a cadeira, a que elle se encostava.

Passaram-se minutos. A situação de ambos é uma agonia superior á concepção de quem procura em um romance avaliar o exterior dos soffrimentos sem uma cicatriz no coração.

Este conflicto é interrompido por uma creada, que annuncia um cavalheiro que precisa absolutamente fallar com a duqueza de Cliton.

A duqueza recusa-se; mas as instancias redobram. Padre Diniz, que ouvira silencioso as respostas d'ella, ergue-se em um impeto, e abre a porta da sala. Alguem, sem outro convite, entrou atropelladamente... É Alberto de Magalhães:

Padre Diniz recua, e deixa cair os braços quando o cavalheiro faz menção de abraçá-lo. A duqueza, perplexa e livida, presenciei immovel o lance inexplicavel.

— Que quereis, snr. Alberto de Magalhães? — perguntou o padre em um tom severamente rancoroso.

— Estranho-o, padre Diniz!...

— Abreviae a vossa resposta: a quem procuraes?

— A snr.^a duqueza de Cliton.

A duqueza, restaurada do primeiro torpor, evadira-se da sala. Padre Diniz disse em alta voz:

— Snr.^a duqueza!...

Uma creada veio dizer que a senhora não podia vir á sala.

— Bem vêdes que é inutil esperal-a, snr. Alberto. Quereis alguma cousa de mim?

— Dizer-lhe, ao menos, que não mereço a aspereza com que me recebe... Que mal lhe fiz, senhor?

— A mim... nenhum...

— Então... o seu procedimento inqualificavel.

— Estes cabellós brancos não admittem uma reprehensão. A velhice, curtida de dores, tem orgulhos, snr. Alberto. Sai da minha presença!... Espero que me não estrangulareis pelo meu *inqualificavel procedimento*.

— Oh senhor!... veja que me cospo o maior dos insultos!... Repare que tenho a affronta no coração e a vergonha no rosto!... Esqueça-se de que falla ao homem que encontrou ha dezoito annos!... Se admitte que a regeneração da virtude seja possivel... se me concede estímulos de homem, seja generoso... seja para commigo um pouco da divindade que tem sido para todo o mundo! Accuse-me!... diga o mal que lhe fiz!... Deus é testemunha da minha innocencia!

— Snr. Alberto... mereço-vos alguma estima?

— Estima, e respeito, senhor!...

— Não procureis mais esta mulher. Não me procureis a mim. Não balbúcieis os nossos nomes. Sai d'esta casa.

Alberto retirava-se, pela segunda vez, estupidamente somnambulo, d'aquella casa. Qualquer conjectura que possâmos attribuir ao que elle sentira, será sempre um esforço de analyse impotente. Quando o coração é aturdido por um tumulto de oppostas idéas, o character exterior fecha-se, escurece-se, e não deixa rasto de luz que encaminhe o observador mais provado na experiencia das dores que o homem esconde com egoismo á fria curiosidade dos estranhos. Quem poderá conceber, em lance tal, o tropel de angustias que embruteciam Alberto de Magalhães?.....

Depois que Alberto saíra, a duqueza entrou na sala e não viu padre Diniz: É que tambem saíra para entrar em uma ordinaria *casa de pasto com dormida*, na rua de S. Paulo.

Ahi, ás tres horas da manhã, sentado a uma pobre banca, alumiado por uma vela quasi extincta, tiritava de frio, aquecendo as mãos na chamma da vela, o confidente da duqueza de Cliton; acabava de escrever no *Livro Negro* algumas paginas, de que copiamos as ultimas linhas, e não as copiamos todas, porque o *Livro Negro* de padre Diniz é um volume que se destaca do contexto dos MYSTERIOS DE LISBOA, e será, por isso, em seguida.

Este homem, lembre-se o leitor que o encontramos no declinar da vida, aos quarenta annos de idade, respirando no tumulto de Francisca Valladares, a freira de Santa Apollonia,

os derradeiros alentos das paixões mundanas, que deviam ter sido tempestuosas até áquella idade. Os vinculos que o prendem á duqueza de Cliton, se não forem significados nas linhas que vão ler-se, a biographia do homem prodigioso ⁽¹⁾ virá depois alumiar as obscuridades em que se escondé um grande crime, a que o levita attribue a longa expiação de profundos dissabores dos ultimos vinte annos.

A pagina, fielmente copiada, dizia isto:

.....
 «Era esta a paragem que me faltava. A ultima estancia do peregrino, que se avizinhou do tumulto, e a vergonha, o ultraje, devorado surdamente, a ultima palavra da condemnação proferida pelos labios d'essa infeliz...

«Era forçoso que eu encontrasse esta mulher, meu Deus!

«Era forçoso que, antes de consumir o resto de vigor em serviço da humanidade, apregoando o vosso nome á barba-ros, o martyrio da alma, a trituração das fibras espedaçadas, precedesse o martyrio do corpo.

«Tenho visto, Senhor! Não quereis que o meu soffrimento seja commum! Quem no futuro contar aos homens a existencia do vosso servo, terá inventado uma fabula, um mytho, que apenas moverá a dor da imaginação, e a piedade dos incredulos.

«Que obscuros martyrios em velhice tão infeliz, em punição tão longa!... E não me queixo, Senhor! Mas consenti que a victima gema, já que lhe seccastes a fonte das lagrimas!

«Prevendo todos os flagellos, não tinha imaginado este, meu Deus! Não pensei que devia seguir os passos d'esta mulher deshonrada, que se vendera para remir os seus creditos em refens, hypothecando a honra por oitenta mil francos!

«Era muito!... era nova esta angustia entre milhares de angustias que rodeiam o crime, eternamente expiado!

«Perdoae-me, Senhor; mas eu quiz avaliar francamente a natureza da vossa vingança! Eu vi-a que o meu contacto era como a mordedura do escorpião. Uma sentença de morte fora escripta no céu para bons e máus, que sentissem no rosto o meu hálito, embora os salvasse da indigencia ou do crime. Julguei que Alberto devia morrer assassinado por essa infeliz mulher: ou devia ser o assassino da pobre, que a voz de um tumulto, fechado ha vinte e sete annos, me mandava salvar. Seria um decreto sobrenatural espedaçarem-se esses dois entes? Faltavam dois cadaveres para o meu cortejo de larvas?

«E resisti á Providencia ou á fatalidade! Roubei a bala que devia matar o homem que recebera Eugenia dos braços

(1) Vide *Livro Negro* de padre Diniz.

de Antonia moribunda. Suspendi o punhal que descia com a morte ao coração da... filha de Branca de Montfort...

«Eu venci, Senhor! Elles vivem! Mas se esta resistencia aos vossos decretos deve ser punida, que novo castigo póde inventar um Deus misericordioso!?.....

XI

Á hora em que estas linhas eram escriptas, a duqueza de Cliton não invocava, porque o não conhecia, o Deus das tribulações. Sósinha, com a sua desesperação, enfurecia-se nas trevas mysteriosas, que adjudicavam a sua vontade a um desconhecido, que lhe impunha o preceito da obediencia, em nome de sua mãe.

Incredula, mas supersticiosa até ao absurdo, qualidade repugnante, mas inherente aos incredulos sem a segurança que dá a muitos o estudo da corruptora philosophia dos atheus, a duqueza de Cliton, abrazada na imaginação, e talvez febril, julgou que via o espirito de sua mãe, mandando-a cegamente obedecer ao homem enigmatico, que lhe falseára a sanguinaria vingança. Excitada pela apparição imaginaria, abriu um babú, tirou o retrato de sua mãe no tamanho natural até á cintura, collocou-o na mesa do quarto, defronte de si, e sentou-se, fixando-o com assombro, e estremecendo a cada frémito que o seu proprio vestido fazia ouvir nas mais silenciosas horas da noite.

O retrato era um prodigio de arte. O vulto saltava da tela. Aquelles bellos olhos seguiam os menores movimentos da duqueza. As rugas d'aquella testa espaçosa pareciam contrahir-se. Os labios, tristemente cerrados, pintavam-se-lhe trémulos na imaginação espavorida. A visionaria, muitas vezes, quiz afastar dos olhos o painel; mas, ao lançar-lhe as mãos, recuava estremecendo; e se tentava fugir para as trevas da sala, já não era o retrato que a aterrava, mas sim o vulto de sua mãe, suspenso na escuridão, arrastando a longa cauda de uma mortalha branca. Era a febre; porque o sangue queimava-lhe a cabeça, e o coração batia convulso contra os espartilhos que a suffocavam.

A duqueza chamou as creadas, quiz muitas luzes, mandou-as esperar na sala proxima, e esteve até ser dia, defronte do retrato, sem derramar uma lagrima, nem articular uma supplica. O terror supersticioso não lhe ensinava o desafoço

da dor, a eloquencia de uma filha atormentada, que pede á memoria de sua mãe uma inspiração salvadora.

O creado do hotel, que abriu a porta da rua, pouco depois de amanhecer, espantou-se vendo um homem embuçado, justamente o que vinha algumas vezes procurar a rainha de Sabá. Seja dito de passagem que este tolo, fiel á sympathia e identidade de indole que o prendia a outro tolo, jurou sempre nas palavras do barão de Sá, e por conseguinte, a duqueza de Cliton, na sua opinião, continuava a ser representante da antiga hospeda de Salomão.

Franqueada a porta, padre Diniz subiu, sem interrogar o creado, que não ousava embarçar uma resolução assim definitiva! O mais que fez, e ninguém deve levar-lh'o a mal, foi commentar o caso de modo que a cousa mais equivocca, que n'aquelle dia lhe amanhecera, ficava sendo de certo a honra da rainha de Sabá. Um tal homem, e a taes horas, de certo, no entender do circumspecto interlocutor do barão, não era o primeiro ministro da rainha. Para amante achava-o jarreta; mas quem sabe se debaixo da velha capa estaria disfarçado um rei da Babylonia, ou do Egypto, nações conhecidas do moço, que ao mesmo tempo philosophava d'este modo, e engraxava as botas dos hospedes?

A porta em que bateu padre Diniz communicava para a sala em que estavam duas creadas da duqueza, cabeceando com somno, depois que se fartaram de annotar as excentricidades de sua ama, que, a acreditá-las, ha cinco annos que cumpria fado, especie de Loba-mulher, ou Lobis-homens femmea, se os ha, como nós sinceramente acreditamos.

A porta foi immediatamente aberta. O padre, que, sem o pensar, incutia terror prestigioso nas creadas, perguntou pela ama. Disseram-lhe que passára o resto da noite a pé e que a ouviram passeiar no quarto.

Davam-se estas explicações, quando a duqueza appareceu á porta do quarto, acenando ao hospede que entrasse.

D'esta vez, as creadas não duvidariam cantar um terceto acompanhado de rebecca com o moço da hospedaria...

Padre Diniz deu um passo dentro do quarto, e recuou de modo que teria caído, se o não amparára o alisar da meia porta fechada. A duqueza comprehendeu depressa a causa do successo; mas esta comprehensão, por assim dizer, perturbava-lhe ainda mais as mil conjecturas em que trazia perturbado o espirito, ácerca d'aquelle homem.

Foi o retrato que produziu a scena inexplicavel. O padre não soltára uma exclamação, nem fizera um só dos muitos esgares que andam appensos a todas as surpresas, e que fazem as delicias dos pintores e dos actores de tragedias pavorosas.

Pallido, sim, porque a pallidez era a sua côr natural; mas além de pallido, o que poderia ver-se-lhe de mais era o brilho extraordinario dos olhos, que se engravavam, pasmados e immoveis, nos olhos, não menos vivos, do retrato. Esta situação durou cinco minutos. É de crer que prolongada outros cinco, nem o coração nem a intelligencia podessem supportal-a; porquanto, padre Diniz, ao cabo d'aquelle espaço de silencioso dialogo, se o era, com a sombra de Branca de Montfort, tinha á flor dos labios um sorriso, que a duqueza não podia encarar, porque tinha mêdo de uma demencia, ou talvez receio de alguma estranha visão que a sua febre lhe afigurava.

A transição, porém, é maravilhosa:

Padre Diniz lança um profundo olhar á duqueza. Estende-lhe a mão com affectuosa meiguice. Conduze-a ao pé do retrato de sua mãe, e diz:

— Sim, Branca; tua filha será uma virtuosa mulher!

A duqueza tiritava de susto, e esforçava-se por soltar a sua mão da de padre Diniz.

— Quer fugir-me, duqueza? É mêdo? de quê, senhora?! Não foi este retrato a sua companhia até agora?

— Foi... e mais ainda que o retrato... Eu vi minha mãe... de outra fôrma...

— Não diga isso, duqueza... O seu espirito é varonil de mais para essas fraquezas infantis... Sua mãe está aqui... é justamente esta mulher... O que aqui lhe falta é um sôpro de Deus que lhe dê uma alma. Essa não será restituída á humanidade, que lh'a não comprehendeu, que lh'a cercou de trevas e desalentos, que lh'a despregou do involucro da carne, cortando-lhe fio a fio as ligações que o prendiam... O que pôde ver-se n'esta vida de sua mãe... é isto, duqueza. O mais é uma loucura das imaginações abrazadas, ou a estupidez dos espiritos rasteiros... Tire d'alli aquelle retrato, e venha para esta sala.

A duqueza obedeceu machinalmente. Voltando á sala, encontrou o creado da hospedaria, recebendo as seguintes ordens de padre Diniz:

— Chame gallegos que conduzam a bordo de um navio os behús d'esta senhora.

O creado retirou, e o padre proseguiu sem ser interrompido:

— Comprehendeis, snr.^a duqueza, que saís de Portugal...

— Já?!

— Sim; ás oito horas saê a escuna franceza *Sacre-cœur*.

— Ficaes em Portugal?

— Não: acompanho-vos até Paris.

— E depois? Abandonaes-me?

— Se vos abandono!? Não! Sigo o meu destino.

— Qual?

— Aquelle que me embaraçastes...

— Não será assim... Eu, a minha vida... precisa de vós...

— D'aqui em diante... não. Entrego-vos a Deus. Supposto que o não acrediteis, será o que tem sido para convosco. Se blasphemastes... a Providencia não se dóe das blasphemias do reptil. Ha desgraças que absolvem as injurias da creatura contra o Creador; Deus vos dará dias de paz e de amor, duqueza.....

.....
A escuna levantou ferro. A prôa viram um homem de cabellos brancos, e os olhos rastos de lagrimas, olhando para terra com aquelle olhar derradeiro de um proscripto para o horizonte, onde lhe fica uma desamparada mãe, ou uma filha desvalida.

Quem ficava ahi, em Portugal, que merecesse uma lagrima de padre Diniz?

Uns poucos de tumulos.....

.....
Ao anoitecer d'esse dia, na alta sociedade de Lisboa corriam diversas versões sobre a estrangeira, apupada em S. Carlos. Dizia-se que Alberto de Magalhães, amante d'essa mulher, que tinha o parvo despejo de intitular-se rainha de Sabá e condessa de Minturnes, fora desafiado até ao meio dia por seis cavalheiros, insultados na plateia. Era esta a versão mais authentica, e ao menos, na segunda parte verdadeira.

O primeiro cartel era assignado pelo coronel de cavallaria Jorge Pimentel, o segundo pelo barão de Sá, e os outros, até seis, por firmas notaveis na burguezia nobilitada de fresco.

Alberto serviu-se da phrase, com que respondeu ao primeiro, para todos os outros: *Não se batia.*

O coronel, que não era homem de contemporisações, n'esse dia e no seguinte conservou a espada, virgem, na opinião dos seus camaradas, no inseparavel telim. Ao terceiro, como não encontrasse Alberto nas vizinhanças do quartel, d'onde se não alongou muito, arrumou a espada para melhor occasião.

O barão de Sá, posto que professor no pugilato (*vide o nariz do consul*), ha quem diga que não safu de casa tres dias.

Os demais cavalheiros, aliás timbrosos, a pedido de suas familias, tambem ficaram em casa, jogando o voltarete pacificamente. Prudentes pessoas!

De maneira que Alberto, convidado a jantar n'essa tarde com o seu velho amigo e devedor insolúvel, marquez de Cozimbra, atravessára os logares mais frequentados de Lisboa, a pé, e não teve o dissabor de aquietar os cavalheirosos arrufos dos feros espadachins.

Eugenia, que não podera resistir ao abalo da vespera, não saíra do leito esse dia; nem por isso dera a seu marido signal de que o desejava a seu lado. Alberto de Magalhães era homem de segredo para todo o mundo, mas já o não era para Eugenia. Outra mulher, dadas semelhantes circumstancias, veria na saída de seu marido, depois da scena que a fizera desmaiar na carruagem, um horrivel mysterio: ella não; recebeu-o carinhosamente na volta, e nem sequer, por indirectas palavras, tentou o váo do insondavel coração de tal homem. Isto mesmo era reconhecê-lo; porque não é, interrogando-os, que se conhecem os problemas de certos espiritos, que se nos escondem.

Por agentes mysteriosos, Alberto soube que a duqueza de Cliton tinha partido, e que na repartição competente fora tirado passaporte para padre Diniz Ramalho e Sousa. As suas investigações chegaram a Paris, d'onde lhe disseram que a duqueza estava na sua quinta de Cliton, e que certo padre hespanhol, especie de capellão que a acompanhára na sua viagem por Italia e Portugal, tinha embarcado em Marselha, para as missões do Japão, com os missionarios francezes da propagação da fé. Acrescentavam os esclarecimentos que a duqueza vivia muito retirada, com pouco fausto, e que, por de-lação de uma creada, fora possível saber-se que a pobre senhora estava maniaca, e tinha dias de beaterio. Ultimamente, rematavam as informações, dizendo que o rendimentos da duqueza eram escassos, por isso que o melhor das suas propriedades fora hypothecado a usurarios, que lhe offereceram avultadas sommas dissipadas por ella na sua extravagante viagem de quatro annos e tantos mezes.

Dias depois que estas informações chegaram, saía de Lisboa um commissario de Alberto de Magalhães, que devia entrar em Paris com um nome supposto, fallando inglez. Este homem era o portador de letras sacadas em Inglaterra sobre commerciantes de Paris. Deveria informar-se com determinada pessoa ácerca dos credores da duqueza de Cliton, dos quaes cobraria recibos na qualidade de procurador da duqueza ausente.

E, consummadas as prescripções, a duqueza recebia na sua quinta de Cliton, da mão de um inglez, um maço de recibos que acabava de cobrar por ordem de um padre portuguez, seu constituinte, que embarcára para o Japão. A duqueza viu-os com sobresalto, e achou solvido um credito de duzentas mil libras. Na atonia moral em que a deixára surpresa, não pôde logo interrogar o supposto procurador do padre, e quando, capaz de reunir as idéas amotinadas, ia interrogá-lo, o inglez, sem ella dar por isso, tinha saído, meio maravilhado da grosseria ou aristocratica insolencia com que fora recebido.

Sabedor do bom andamento do seu negocio, Alberto de Magalhães sentiu-se superior a si mesmo. Na commoção da sua expansiva alegria, revelou a sua mulher o segredo que lhe escondera, sem receio de desapprovação, mas receioso de vel-o mallogrado por qualquer coincidência desastrosa. Eugenia, abraçando-o com fervente enthusiasmo, exclamou :

— Oh! como é bom ter um marido assim!... Alberto, cada vez me vejo mais pequena ao pé de ti!... Quantas vezes eu terei sido obstaculo para esses heroismos, que me fazem orgulhosa de ser tua a ponto de receiar que Deus me castigue!

É por isso que Alberto de Magalhães se reputava feliz, e tremia de sonhar com um abalo á felicidade domestica, que, annos antes, lhe parecera uma utopia de almas pequenas, e faveis de contentar-se com pequenissimos prazeres.

O arroio limpido da sua ventura entrára outra vez no leito d'onde saíra agitado pela tempestade de alguns dias. O céu, o sol, o ar, o theatro, a opulencia, o amor, a esperanza, a ternura, o piano de Eugenia, o cortejo dos parasitas, a amizade sincera de algum raro hospede, tudo, outra vez, lhe sorria como dias antes, e lhe embalsamava a existencia dupla de suaves perfumes.

Se a presença do barão de Sá fosse necessaria para encher um vacuo nas passadas regalias de Alberto, nem esse ornamento das suas salas lhe faltou. Boa pessoa, o barão de Sá, que não era valente, fôra do sóco de improvisio; nem odiento, passados cinco minutos depois que o apoquentaram, viera pessoalmente dar explicações a Alberto, que o recebeu perfeitamente na sala do jantar, e o serviu de sópa, a que o barão chamava *potage*, e de uma perna de Perú, iguaria que, como quasi *toutes les sauces* (disse elle) lhe captivava a sympathia, a julgar pelo ruido que fazia na sôfrega mastigação, e semelhança dos companheiros de Ulysses.

O barão de Sá tinha sufficiente critica para não roçar de leve o nome da duqueza de Cliton. Queria dar explicações do seu indiscreto desafio; mas Alberto não lhe deixava brecha. Por fim, reanimado por dois calices de champagne, reanimação que muitas vezes pediu emprestada á liberrima garrafa, o barão principiou, meio franceza, e meio lingua nehumna, a descripção do famoso sóco, que fez rir muito Alberto, e que obrigou Eugenia a retirar da mesa com as mãos nas ilhargas. O barão reputava-se venturoso por ter arrancado estas sinceras gargalhadas, justo galardão do seu triumpho sobre as Gallias, que acabava de commentar um pouco mais chistosamente que Cesar.

Se fosse homem de reservas, o barão não perdoaria nunca ao esturdio do Porto, que lhe metteu na cabeça os titulos ir-

risorios da duqueza. Esse, sim: lá lhe feriu um pouco a sua susceptibilidade leonina, e por pouco, no salão do theatro, não viu sobranceira a segunda edição do murro, que fez mor-der o pó ao bravo representante *des Tuilleries*, como lhe chamou no relatório homérico, pronunciado em presença de Alberto de Magalhães. Por fim, o coração entrou-lhe nos ordinarios diques, e o cavalheiro do Porto podia, sem receio, dizer ao barão que a rainha de Sabá o nomeára ministro da fazenda.

Ha mais alguma cousa que a benevolencia manda dizer a respeito d'este fidalgo. Não é absolutamente liquido se as atenções para com Eugenia eram puras. Os maliciosos quizeram ver na familiaridade do barão um ressaibo adulterino, que o cavalheiro do Porto, ardente Plutarco dos tolós illustres, julgava não só possível, mas até facto consummado. N'este melindroso ponto, a calumnia não passava do murmurar impotente de meia duzia de detractores de profissão, e outras tantas senhoras infames, que o acaso deslocára do alcouce, e viera sentar nas cadeiras estofadas de Alberto de Magalhães. Desculpae, leitoras susceptiveis, se a phrase da legitima indignação nos resalta dos bicos da penna. Se tivésseis conhecido Eugenia, se soubesseis quantos anjos de virtude, como Eugenia, ahí são mordidos pela vibora cevada nas almas torpes de demonios, infamadores de profissão.....

É possível que o barão de Sá, mais por estupidez que por maldade, aninhasse nas entranhas lóbregas do coração de lama, um pensamento impuro, talvez excitado pela natural affabilidade da neta de D. Theotónio de Mascarenhas. É muito possível, porque o fidalgo saíra de Portugal em 1828 com uma aduêla de menos, e perdera outra em Paris. Sem embargo, porém, d'essa consideravel perda, o improvisado amante da duqueza de Cliton respeitava Eugenia, e confessava-se conscienciosamente miseravel, quando o salteavam os fogachos de pretendente infeliz. Eis aqui uma virtude que eleva o caracter do barão de Sá duas polegadas acima do ordinario. Conhecemos raros patetas com a intuição clara de que o mundo assim os acclama, porque realmente a caprichosa natureza assim os fez. A esta boa qualidade deve o nosso excellente barão o muito que nos temos occupado da sua pessoa, que, se nos ler, como é natural, suppomol-o ingenuo bastante para se não julgar desconsiderado nem desfavorecido no retrato que remettemos á posteridade.

XII

É tempo de procurarmos novas do filho da condessa de Santa Barbára, D. Pedro da Silva, que, anno e meio antes, partira para Londres, e entrára no collegio de mr. Hunt, *suspension Bridge, Hammersmith*, que, por esse tempo, gosava grandes creditos.

As saudades da patria esvaeceram-se mais depressa do que deveria suppôr-se das lagrimas e tristezas d'aquelle adeus a padre Diniz. Absolvamol-o d'esta leviandade, se' o foi, porque não temos direito a inculpar certas organizações. Exaltações febris tão facilmente se abraçam como arrefecem em espiritos, ordinariamente infelizes, porque a inconstancia é a suprema das enfermidades humanas.

Quem leu o diario das sensações de Pedro da Silva, no primeiro volume d'esta verdadeira historia, tinha sobeja razão para crer que tanta sensibilidade daria com a pobre creança em uma phytica pulmonar. Nós mesmo, despeitado observador das paixões incendiarias, quando liamos aquellas lacrimosas estrophes da elegia filial, esperavamos, nos subseqüentes apontamentos, um desenlace funebre, um contagio do *spleen* inglez, que precipitasse o sensível collegial nas ondas do Tamisa.

Felizmente, a organização do joven era outra, ou a Providencia lh'a modificou.

Pedro da Silva, nos primeiros mezes, escrevia a padre Diniz, queixando-se da austeridade de mr. Hunt, director do collegio. Não era o peso da sciencia que o mortificava, nem mesmo as tarefas litterarias, britannicamente indigestas, lhe causavam o máu humor de suas cartas. O que elle não podia soffrer era o *improper* inglez, as minucias rabugentas dos mestres de gravata branca, casaca ponte-aguda, e calça a meia-canella. Obrigavam-o a sentar-se com as pernas perpendiculares, e o pescoço a prumo. Pedro da Silva, pelos modos, queria cruzar uma perna sobre a outra, e dar ao pescoço todos os giros que a provida natureza planisára quando deu ás vertebbras cervicaes o movimento. Mandavam-o comer, direito e retesado, um palmo afastado da mesa, de modo que uma linha perpendicular tirada da ponta do nariz caísse sobre os dois joelhos hermeticamente chegados, como os do aprendiz do sapateiro que não póde com o rebolo. Mandavam-o, finalmente, fallar pouco, e esse pouco obrigavam-o a fallar com a garganta, penoso arbitrio que D. Pedro da

Silva cumpriria facilmente se mettesse na guela uma espinha de peixe, condição necessaria para fallar o inglez sem auxilio de mestre.

Estas e muitas outras razões allegava o collegial nas suas cartas a padre Diniz. As escriptas a sua mãe eram muito poucas. A condessa de Santa Barbara nas cartas a seu filho, em estylo ascetico, revelava uma transfiguração moral, que, graças ao frade franciscano, tambem desfigurava os sentimentos exaltados que lhe vimos por seu filho. Metade da sua alma tinham-lh'a fanatisado: a outra metade, votada para o mundo, era de padre Diniz.

Pedro da Silva, porém, não comprehendia semelhantes distincções. Retirando de Portugal, o resentimento ia com elle. Sua mãe, pelo facto de ser virtuosa viuva do conde de Santa Barbara, não a julgou elle obrigada ao sacrificio dos deveres contrahidos com seu pae antes de ser esposa do algoz, que só á beira do tumulto fora honrado.

Se o mancebo tinha razão, não o diremos nós. A questão é toda moral. Que a resolvam os moralistas como devia de ser aquelle austero capucho, de cuja instrucção duvidava padre Diniz.

Do que fica dito não se deduza que Pedro da Silva era uma alma banal, futil, e neciamente folgazã. Do contrario queixavam-se os mestres e os discipulos. Aos dezeseis annos, os proprios inglezes, que parece monopolisarem o enojo melancolico, admiravam-lhe a habitual concentração, o amor do ermo, a rudeza do trato, e o fastio com que olhava os divertimentos dos collegas.

Á hora da aula, procuravam-o no quarto para o reprehenderem, e encontravam-o absorvido em meditações improprias da sua idade. Perguntando-lhe se queria voltar á patria, respondia que não: se queria sair do collegio, que não: se lhe desagradava a sciencia, que não: se tinha alguma cousa a pedir, *que o deixassem*.

Note-se; todavia, que a sciencia não podia ser-lhe dissaborosa, porque em boa verdade era manjar que elle não tinha provado em Inglaterra.

De livros inglezes devorára todas as novellas de Anna Radcliffe, e traduzira os *Mysterios de Udolpho*, que lhe merecera, entre todos, uma predilecta preferencia.

De resto, não lia nada util, nem abria as paginas dos livros da aula. Pedro da Silva era poeta. As extemporaneas melancolias, que o indispunham contra a sociedade frivola, que o rodeava, e contra os estudos indigestos dos primeiros annos, eram a incubação do estro, o doloroso parto da primeira poesia, que nasceu balbuciante ao pé de uma flor. Avarento dos

seus primeiros sonhos metrificados, ninguém lh'os conheceu, ninguém lh'os entenderia, porque, tres annos depois, o proprio poeta não pôde conceber o estado de sua alma quando os escrevera. Era o amor? a saudade? a esperança? Era tudo, sentido no mundo interior do moço aos dezeseis annos, e exprimido pela palavra nublada, que depois se esquece, como palavras que nos foram ditas por uma fada em um sonho venturoso.

Não idealisemos muito, que o tempo não vae para isso. Materialmente, não ha nada inexplicavel; todos entendem. Subtilezas de espirito, deixemol-as a cargo de cada um que sentir em si o ether expansivo dos arrôubamentos.

A ultima carta que recebera de padre Diniz annunciava-lhe a morte de sua mãe, occultos quasi todos os promenores do ultimo quadro d'essa tragedia.

O filho da condessa de Santa Barbara reconcentrou-se, chorou raras lagrimas, pensou longos dias e noites interminaveis; pediu, allegando as razões que tinha, dispensa das obrigações de collegial, e inspirou receio aos mestres.

O director, que continuava a receber regularmente tudo que era preciso para o seu alumno, doia-lhe na honrada consciencia a despeza infructuosa do collegial, e dirigiu-se á pessoa que em Londres curava da sua educação. Disseram-lhe que em Lisboa já não existia a pessoa com quem se entendia; mas que, por via de uma outra, continuava a receber reiteradas recommendações para que Pedro da Silva não sentisse a mais ligeira falta, nem as contrariedades que era costume oppor aos moços, educados em Inglaterra. Estas recommendações vinham da casa Salema & C.^a, até certo tempo; depois, fallecido Salema, e extincta a sua casa commercial, as ordens vinham de um particular.

O leitor recorda-se de ter sido entregue a Alberto de Magalhães o patrimonio do filho da condessa, quarenta contos de réis, que o padre recebera da mão d'aquelle que, quinze annos antes, recebera quarenta peças, preço do neto do marquez de Montezellos, da mão do padre, na quinta das Alcaçovas.

Alberto, conservando o segredo que pedira energicamente ao cigano Sabino Cabra, transfigurado em padre Diniz Ramalho, encarregára o seu amigo Campos Salema de fazer vigiar em Londres os menores desejos do filho de Angela de Lima. Salema, porém, morrera passados mezes; e os encargos acerca de D. Pedro da Silva passaram para um nome supposto, visto que Alberto, de modo nenhum, queria figurar n'este negocio, qualquer que fosse a sua maneira de ver as cousas.

Mr. Hunt, honrado director do collegio, dois annos depois que recebera o alumno, e tão pouco aproveitado o tempo via, fez saber para Lisboa que, além de despezas inuteis, a saude do discipulo era cada vez mais debil, e a idade perigosa, especialmente nos nevoeiros de Londres. O correspondente portuguez mandou que D. Pedro da Silva fosse transferido para Paris, se o quizesse. De certo, queria. Recebeu a boa nova com sobresalto, e installou-se em Paris, não em collegio, mas entregue aos cuidados de uma familia que vendia muito caros os seus cuidados, mas emfim cuidava de inventar carinhos novos para ajuntar á mensalidade novas libras.

D. Pedro vivia em Paris, menos ocioso e meditativo. Frequentava um curso de bellas-lettras. Mudára de paladar intellectual. Detestava Radcliffe, sua litteratura favorita de dois annos antes; enthusiasmava-se com Lamartine, e via tudo colorido do melancolico azul do poeta das *Meditações*. O lyrismo trazia-o por aereas regiões. A anciedade precoce de um amor indefinido convidava-o a provar o pomo, cujo sabor espiritual as endeixas da época disputavam ao materialismo da escola que expirou, quando as estrophes de Lamartine, bebidas na prosa de Chateaubriand, poetisaram a dor como um adorno das almas privilegiadas.

O nosso mancebo estava francez, em toda a extensão da palavra. Em redor tumultuava-lhe uma sociedade, rica de encobertos thesouros, que lhe excitavam o coração mais apaixonado que curioso. Balzac desflorava-lhe muitas illusões, e Pedro da Silva detestava Balzac. Por esse tempo Gautier publicava as *Obras humoristicas*, e não esteve longe de ser desafiado pelo candido collegial de Londres. O que elle queria era ser homem, quinhoar do fel e do maná, que trasbordava nos romances e na poesia, sua predilecta. Queria, emfim, vasar-se nos grandes moldes, que phantasiára na imaginação escandecida.

Aos dezenove annos era-lhe insupportavel a obscuridade. As portas do *grande mundo* estavam-lhe fechadas. No tumultuar dos salões do bairro *Saint-Germain* não ciciavam os murmurios apaixonados da sua alma atormentada pela sêde d'aquelles gôsos.

Estes desejos manifestou-os á familia com quem vivia, e poucos dias depois saíam de Lisboa cartas, que serviriam de apresentação de Pedro da Silva ás notabilidades da aristocracia de sangue e de dinheiro. Não era só isto. O joven, perplexo da felicidade que não ousára prever tão cedo realisada, era possuidor de um carro, dois cavallos, dois lacaios, e o luxo correspondente.

Á sua entrada no ambicionado edefn não encontrou o anjo

do gladio ardente a estorva-lhe o passo. Foi bem recebido, e bem aconselhado. Os mancebos, mais velhos poucos annos, diziam-lhe que era necessario desembaraçar-se. As damas davam-lhe camelias e jasmims para assumpto de ligeiras poesias, que o acanhado moço não lia, mas entregava com a mão trémula, e o pejo de noviço no rosto.

O bando dos arruinados no corpo, na alma, e na fortuna, rodeavam-o, mas quasi nunca o encontravam só para o iniciarem liberalmente nos mysterios da seita. A sombra de Pedro da Silva era um velho fidalgo, que lhe não tolhia o gôso, do que era legitimo gôso, e media-lhe a polegadas o profundo abysmo que o ameaçava por debaixo de um alcatifado de flores.

O mancebo foi docil, emquanto a obediencia não era sacrificio. O que devia decidil-o não eram os conselhos pater-naes do velho ministro de Luiz XVIII; mas o coração, motor despotico de todas as molas da machina humana, esse sim.

Na primavera de 1837, D. Pedro da Silva acompanhou o seu mentor aos suburbios de Angouleme, onde o visconde de Armagnac costumava passar o estio em uma quinta. O mancebo, ainda poeta de coração, almejava as flores, o matiz verde dos campos, a lympba crystallina dos regatos, a borboleta namorada do botão esquivo do lirio, os horizontes, e o céu, e as brizas eternamente azues de Lamartine.

Não foi, portanto, forçado para a provincia. O idyllio, com o seu cortejo de fáunos e dryades, acenava-lhe de lá com uma grinalda de rosmaninho e madre-silva. Não se riam, leitores, da languidez do estylo: na mocidade sente-se isto; e se não se lembram de o terem sentido, nem saudades lhe veem de lá, podem ser excellentes pessoas, podem ter provado tudo que é bom para o corpo; mas o que não tiveram, nem já agora terão, é o paladar dos gôsos da intelligencia. Isto é por fallar, melindrosos leitores. Eu creio piamente que todos sois, além de boas pessoas, mais ou menos poetas. Se me engano, não perdemos nada de parte a parte.

O filho de Angela de Lima nada perdeu tambem, saindo de Paris.

A sociedade, vista de perto, parecera-lhe cousa muito differente do que os romances lhe pintaram. Não vira heroínas nem heroes. Em toda a parte se comia, conversava, passeiava, e dormia da maneira mais positiva e trivial que é possivel. Os episodios estrondosos, poetisados por paixões devastadoras, não os presenciou, nem lhe constou que se dessem. Nos salões as damas frivolas fallavam de vestidos, as preciosas questionavam o merito litterario das *Meditações* e das *Orientaes*, com grande enfatuamento e prodigalidade de sandices

ditas com muito espirito, que é o que as francezas têm de mais nobre todas, as hermaphroditas do mundo moral. As velhas faziam tregeitos enjoados, a cada momento, estudados das novas. Os homens fallavam em fundos, em Luiz Filippe, em Henrique V, em Argel, e em outras muitas cousas que reduzem o poeta á condição de um ente nullo nos graves negocios da vida.

E por isso, Pedro da Silva começava a aborrecer-se de Paris, e da sua decantada sociedade, quando saiu para Angoulême. Verdade é que lhe não era indifferente a certeza de absoluta privação de sociedade na quinta do seu amigo, onde apenas alguns fidalgos circumvizinhos tomavam o chá do antigo ministro, e discutiam as necessidades do departamento até ás dez horas, em que era um escandalo não estar na cama.

Qualquer que fosse a vida enfadonha a que se sacrificava por alguns mezes, o poeta, aborrecido do rumor incessante de Paris, saudava a solidão, e esperava cantar todas as arvores da encosta, todas as luas cheias, todas as fontinhas suburbanas, e até se promettia procurar em alguma parte as brizas azues de Lamartine, brizas de certo exóticas em Paris, onde não as vira, com grande mágua sua.

Installado nos quasi pardieiros feudaes do seu amigo, Pedro da Silva recebeu uma impressão suavissima como todas as melancolias que vem da natureza ao coração, e não vem do pezar do coração a vestir de luto a natureza que nos rodeia.

Ao romper da alva, no primeiro dia de residencia na pittoresca aldeia, uma legua distante de Angoulême, o bardo ergueu-se, sófrego de inspirações matutinas, abriu a sua janella, que dominava uma extensa ribeira, murada de castanheiros seculares, bebeu o ar puro d'aquelle céu de azul, como todos os céos de Lamartine, acreditou nas brizas da mesma côr, e escreveu as primeiras linhas de uma ode, que devia servir de prefacio ás suas impressões quotidianas.

Em frente, no alto de uma collina, a um quarto de legua, viu Pedro da Silva um magnifico palacio, menos romantico que o castello esboroadado, que parecia ter sido a primeira habitação do senhor feudal das immensas varzeas, que se desenrolavam, aos pés do gigante de granito, como um tapete coberto de esmeraldas. Quem viverá alli? — perguntava-se o anhelante sonhador de romances, poveando o castello de damas esquivas, rodeando a barbacã de trovadores suspirosos, e fazendo erguer a ponte levadiça que deixára sair o nobre senhor para alguma caçada, com o gerifalte em punho, e a matilha dos lebreus, açodada ao som da trompa indispensavel.

N'estes extasis, que são a vida dos dezenove annos, veio encontral-o o hospede.

— Que vos parece este panorama, Pedro?

— Encantador!

— Sentis a sacra flamma mens diviniore? poetisaes? tendes o *magna sonatorum* do velho Horacio?

— Não se pôde descrever este quadro; mas reconheço que se pôde ser poeta com este céu, com este silencio, com tudo isto que é superior a tudo que tenho lido... De quem é aquelle palacio?

— Aquelle palacio é de madama Elisa de Montfort, duqueza de Cliton.

— Ouvi fallar d'essa senhora em Paris. Ella vive alli?

— Ha anno e meio-que d'alli não saiu.

— Pelo que vejo é romantica...

— Parece-me que é mais desgraçada que romantica...

— Desgraçada!... por quê?

— Segredos, que quasi sempre morrem no coração das mulheres orgulhosas, como ella tem sido.

— Alguma grande paixão...

— Parece que sim. São cousas que a vossa idade dispensa saber. A verdade é que a duqueza de Cliton foi o ornamento dos salões de Carlos X, solteira, casada, e viuva. Depois chegou-lhe a hora aziaga de pagar o tributo de lagrimas á sua fraqueza, perdeu o irmão em um duello, viajou perto de cinco annos, e recolheu-se áquella casa, que detestava antes dos seus infortunios.

— Que detestava!... pois não tinha razão! A casa é lindissima!...

— Por fóra...

— Está arruinada por dentro?

— Não é isso... Alli ha mysterios horriveis entre aquellas paredes. Se perguntardes ao povo d'essas aldeias o que lá se passa, ouvireis dizer que os mortos dão alli os seus bailes, e que saltam por esses prados, com as suas mortalhas, como ursos brancos. Dá-vos o riso? É o que vos digo. A vossa predilecta Radcliffe, se conhecesse aquelle castello, dava-vos mais vinte romances, e morria atormentada por mais vinte mil phantasmas da sua lavra, como Magdalena Scudery.

— Não zombeis da minha pobre inglaterra, que me encheu a cabeça de bellas illusões, ha tres annos... Dizei-me o que ha de positivo n'aquella casa, que valha a pena de chamar-se mysterioso...

— Isso é que eu não sei, meu amigo. O que posso dizer-vos é que a mãe d'esta senhora, chamada Branca de Montfort, suicidou-se alli, ha de haver vinte e tantos annos, perto de trinta...

— Por quê?

— Sois impertinente, meu menino! Os vossos dezenove annos são curiosos de mais!... Quereis uma cousa? Imaginae um romance, uma tragedia, uma ballada como as da vossa peninsula. Tendes o esqueleto, vesti-o de carnes. Ahi é que está o milagre da imaginação. Tende, porém, cuidado em me não fazer figurar na vossa lenda, porque eu temo estes litteratos modernos que põem sempre a responsabilidade das suas phantasias sobre os hombros de algum velho, que lhê conta as extravagancias...

— Estae certo, meu querido amigo, que não farei ballada nenhuma; antes queria conhecer a duqueza mysteriosa.

— Isso é difficil. No anno passado, nem se dignou mandar saber como eu cheguei. Este anno provavelmente aconteçe o mesmo.

— Ella vive só?

— Com as creadas, e os creados, e um mordomo, e um capellão.

— É rica, não é?

— Por que o perguntaes? Vêdes um casamento em perspectiva?

— Deus me livre!... Perguntava se era rica, porque aprendi em Paris a fazer esta pergunta ácerca de cada pessoa que nos cumprimenta, ou de quem ouvimos fallar.

— O que se segue é qué tendes doze costellas em verso e doze em prosa. Tendes já o vosso bocado de materia... Um poeta nunca pergunta se uma mulher é rica. Não se lhe perdoam perguntas que não sejam estas: é espirituosa? tem aspirações? idealisa a existencia? vê em cada flor que murcha uma alma de virgem que se destaca do corpo? ouve em cada frémito da folhagem um suspiró de amor? contempla melancolica em cada gotta de orvalho, que aljofra a flor, uma lagrima de saudade? E tudo que não forem estas perguntas é um crime de lesa-poesia, é um insulto feito ao vosso Lamartine, que nunca ha de chegar de gatinhas onde voou o meu querido Luiz Racine, que almoçava familiarmente com Apollo... A proposito, vamos almoçar. Sejâmos francos: isto é bello... deslumbra os olhos, mas o estomago é alguma cousa superior ás brizas azues do gentil-homem.

— Deixae o gentil-homem, snr. visconde. Lamartine é o primeiro poeta do mundo.

— Estudae, meu menino, que saistes hontem do collegio...

— Não preciso estudar. O coração nasceu commigo tal qual o sinto e sentirei até que elle não pulse:..

— Isso é bonito... Quereis dizer que...

— Lamartine é o rei da harmonia.

— Então recitae-me com harmonia este verso do vosso idolo:

C'est Dieu, c'est ce grand tout, qui soi-même s'adore.

— E este:

Il produit l'infini chaque fois qu'il respire...

— Confessae que é extravagancia suppôr que Deus respira o infinito!

— É uma sublime extravagancia! Eu noto que ha cousas escriptas para uma geração nova...

— Obrigado! passaes-me diploma de inválido!... Não sei entender o vosso poeta!

— Não digo tanto a vosso respeito, snr. visconde; mas de certo me não dareis versos do vosso Racine que valham tanto...

— Por que não? Quereis ver o rei da harmonia, copiando do meu valido poeta? Ouvi: Racine disse:

*Ó cieux! que de grandeur, et quelle majesté!
J'y reconnais un maître à qui rien n'a coûté,
Et qui, dans vos déserts, a semé la lumière,
Ainsi que dans nos champs il sème la poussière.*

— Ouvi agora Lamartine:

Dieu...

*De ses puissantes mains a laissé tomber le monde
Comme il a dans les champs repandu la poussière
Et semé dans les airs la nuit et lumière.*

— Confessae que é flagrante o plagiato!... Quereis mais? Penso que é na *Meditação X* que vem este hemistichio:

... Le flot fut attendif.

— Ora Quinault disse:

Le flot fut attendif.

— A cópia é fiel... tem o merito da lealdade!... E este: *Ó temps, suspends ton vol!* é a cópia litteral de Thomas... Ainda mais... a *IV Meditação*...

— Está o almoço na mesa — interrompeu o creado.

O creado salvou-vos da importuna erudição do detractor de Lamartine, ditosos leitores! Deus nos livre de zoilos em jejum!

XIII

Findo o almoço, em que a reputação de Lamartine teve a sorte do fiambre, annunciaram ao ardente sectario de Racine o padre capellão da duqueza de Cliton.

— Fazei-o entrar na sala dos retratos.

— É admiravel! — reflectiu o visconde — No anno passado não mereci á snr.^a duqueza esta civilidade. Tive a delicadeza de ir saber pessoalmente d'ella, e nem se dignou mandar-me entrar!... Emfim, celebridades da snr.^a duqueza... Vamos lá. Entretanto mandae preparar os cavallos, que vou mostrar-vos Agouleme.

O capellão vinha, da parte da duqueza, cumprimentar o visconde, e rogar-lhe a especial graça de entrar em sua casa, se eventualmente passeiasse por aquelles sitios. O corteção retribuiu affavelmente os cumprimentos, e fez saber á snr.^a duqueza que, duas horas depois, iria receber as suas ordens, como o ultimo dos seus servos, e o primeiro dos velhos amigos de sua casa. Era o antigo estylo.

Transtornára-se, portanto, o plano do passeio á capital da provincia, a que D. Pedro condescendia por urbanidade. Saciado de bulicio estava elle. O que lhe aprazia mais era a solidão, povoada pela phantasia, que tão fecunda lhe poetisava os silenciosos moradores seculares d'aquelle castello.

Deixal-o, pois, immovel no terraço, amurado de ameias e setteiras, pelas quaes a imaginação lhe afigurava ouvir o silvo das frechas, que escreveram com sangue a historia de Frédegonda, que o visconde affirmou ter estanciado alli, quando perseguia o rei de Australia no seculo setimo!

O visconde, representante, por isso, de uma familia de doze seculos para cima, saíu para Cliton. Entrou na grande sala, e esperou a duqueza alguns minutos. Esperava encontral-a velha, doente, extenuada, e até enfadonha! e viu-a ainda bella, pallida, mas não d'aquelle desgraçoso colorido de um convalescente; alquebrada sim, mas docemente, graciosamente alquebrada. O que tinha em Cliton, e que em Paris o visconde lhe não vira, era o luto, rigoroso não, porque o preto era do melhor setim, das melhores rendas, e dos enfeites menos vulgares.

— Snr. visconde, a vossa promptidão é um castigo bem merecido que infligis á minha desatenção do anno passado...

— Oh!... snr.^a duqueza... não poderéis nunca ser desatenciosa...

— Se se é desgraçada, perdem-se até as reminiscencias do bom tom, e... deixae-me dizer assim, brutifica-se a consciencia do dever. Quando me fizestes a honra de procurar-me, senhor, eu estava a braços com a crise mais tormentosa da minha vida... O mundo ignorava os surdos martyrios com que de lá vim flagellar-me n'esta casa desamparada de tudo que faz a felicidade, sósinha, e parece que edificada aqui de proposito para se penitenciarem as victimas de uma pessima organização... Adiante, snr. visconde... Desculpae a confiança com que vos fallo; mas eu sei que sois meu amigo, que o fostes de meu pae...

— Que vos tive n'estes braços, criancinha de tres annos...

— Que me vistes crescer, brilhar, e emmurcheçar como uma flor desfolhada por mão amaldiçoada...

— Snr.* duqueza! choraes, se as lagrimas vos são um desafogo... não vos envergonheis... guardae para vós a causa d'ellas; mas deixae-as correr livremente...

— Agradecida, snr. visconde... Sinto-me melhor... Cuidei que era mais forte...

— E sois, duqueza! A verdadeira coragem é esta vida que viveis.

— Coragem!... não, não é! Coragem é affrontar a opinião publica; avalial-a no seu justo preço; atirar-lhe á cara com os escandalos e com o ouro; passar com a cabeça alta por diante dos *tartufos*... matilha de cães que nos rasgam as franjas dos vestidos, mas só isso!...

— Essa é a coragem do cynismo, e a duqueza de Cliton tem sentimentos elevados, e sabe que n'este momento é ouvida (*apontando para as paredes*) pelos retratos das gerações de doze seculos. A verdadeira fidalguia, a herança dos *Montforts*, é soffrer surdamente, curvar a cabeça na solidão, mas levantar a soberba na presença da sociedade.

— Da sociedade!... e que sociedade, snr. visconde!...

— Não vos fallo da sociedade de Paris de hoje: isso é um mixto de elementos repugnantes, de ouro e de fézes... é uma canalha, perdoae-me a expressão. A sociedade é outra cousa; é aquella sociedade em que abristes os olhos nos salões de Luiz XVIII, e que dominastes nos de Carlos X, e em que brilhareis ainda nos de Henrique V...

— O quê, senhor?... Em que brilharei?... Ah! não vêdes o meu coração... O mundo esqueceu-me, e eu esqueci-o. Saldamos as nossas contas... vou pagando um eterno debito de lagrimas...

— Mas o velho visconde não quer que a sua amiga, que lhe dava beijos, e lhe arpellava a cabelleira, faça tal... Ha de tornar a Paris...

— Isso nunca, senhor.

— Sois terminante, snr.^a duqueza! Pois não tendes ainda idade para dominardes absolutamente nas vossas acções... Que julgaes vós que é Paris em 1837? Pensaes que existe alli um código de moral que julgue o vosso passado, qualquer que elle tenha sido? Olhae que não. Esse tempo era aquelle em que a virtude se envergonhava de dar a mão ao crime; e, se a consciencia não bastava para punir os viciosos, lá estavam os juizes, que castigavam com um jasto desprezo.

— Perdoae, snr. visconde; mas eu tomo a liberdade de lembrar-vos que sois um juiz apaixonado dos crimes e das virtudes da sociedade, da qual como que sois um ornamento pela nobreza do sangue e das acções. Eu penso que a immoralidade de 1737 é a immoralidade de 1837, e de todos os tempos, e de todas as sociedades.

— Isso é uma heresia, snr.^a duqueza!

— Pois então... lamentae-me, porque morrerei hereje.

— Ha uma differença espantosa...

— Differença... tambem eu digo que a ha... e a meu ver é esta: d'antes a immoralidade era a retalho; hoje é por atacado... Sorris? Pois eu acho que o riso franco e expansivo é mais nobre! Prefiro a lhaneza dos vicios á luz da civilisação, que os absolve, ao impudor que lavrava nas entranhas da sociedade antiga, e estudava todos os recursos da hypocrisia para se illudir a si proprio, mentindo a Deus, que juravam em vão, e mentindo ás classes inferiores, ás quaes se impunham como exemplo.

— É maravilhosa a vossa linguagem!...

— Excedi-me, não é assim? Pois desculpae-me, snr. visconde... Não é espirito de contradicção. É esta franqueza, talvez impolitica, que se adquire nos longos monologos de uma mulher solitaria, que lê constantemente o livro da consciencia, e estuda sem cessar os quadros do mundo, que abandonou, sempre vivos na memoria... Mudemos o assumpto... Tencionaes permanecer muito tempo no vosso castello?

— O tempo do costume, snr.^a duqueza; cinco mezes...

— Habitado á sociedade, deve ser-vos penosa a solidão... Os vossos amigos d'aqui de certo vos não alimentam o espirito...

— D'esta vez, terei companhia.

— Vosso genro e filha, naturalmente...

— Não, duqueza: é um joven 'que me foi recommendado de Londres e de Lisboa, um verdadeiro neophyto do mundo elegante, por quem me interesso, e que não quiz deixar em Paris, abandonado ás suas visões romanescas...

— É inglez?

— Não, minha senhora... é portuguez.

— Portuguez? são tão raros...

— Os elegantes portuguezes?

A duqueza còrou, e não respondeu. A pergunta do visconde, se não era cruelmente sarcastica, parecia-o.

— De mais a mais, o meu Telemaco gosta immenso d'estes sitios. Encontrei-o hoje de manhã poetisando as florestas que rodeiam o vosso palacio, e mal elle sabia que bella castellã podia realisar todas as suas phantasias de provençal!...

— É uma honra ser incentivo das vossas espirituosas ironias, snr. visconde! Se vos apraz, imaginae-me a suspirosa beldade de algum trovador de bandolins, que se fina de saudades a gemer trovas na margem crystallina do regato...

— Comvosco, snr.^a duqueza, só pôde dar-se uma ironia... é diminuindo o quilate das vossas bellezas, é...

— Isso é excellente... Ahi está o que a sociedade nova não tem... O privilegio da galañteria acabará comvosco. O vosso hospede é da vossa escola?

— O meu hospede... ainda não tem nenhuma. É um joven de dezenove annos, amando flores e brizas azues, apaixonado por Lamartine, perguntando ás fontinhas a causá de seus murmurios, e á rôla as penas do seu canto gemebundo. É um silpho humano, que vive da viração da tarde, e da lua, que prateia os mares, e do hymno da philomela, que agradece ao Senhor as fragancias matutinas. Ora aqui tendes o meu hospede... é uma criança...

— Bem feliz! O peor é que perto vem o sópro, que lhe desfolha as boninas illusões...

— Não ha de ser aqui n'este eden, em que por força se é poeta, em que o fui nos meus bons tempos, e onde ainda hoje me parece que vejo os zephyros e as graças, que doudejavam em redor da minha lyra...

— Olhae que fizestes uma bonita estrophe em prosa, snr. visconde de Armagnac!

— Fiz, duqueza? Ainda bem que vos faço sorrir com as minhas prosas!... Daes-me licença de vos apresentar o meu hospede?

— Sim, com toda a vontade... elle chama-se?...

— D. Pedro da Silva.

— Pelo dom...

— Vê-se que é fidalgo velho. Se fosse hespanhol poderia ser qualquer belfurinho, ou mercador de lãs.

— Conheci algumas familias portuguezas da principal nobreza, nas minhas viagens. De quem é filho?

— Da defunta condessa de Santa Barbara. Mas espero receber-vos a graça de não lhe fallardes em sua mão, porque

ha motivos para que elle queira ignorado o seu nascimento... Ouvistes fallar d'esta condessa, duqueza?

— Não, senhor... Teria morrido quando eu estive em...

A duqueza calou a ultima palavra, estremecendo, e chorando. O visconde não reparou, porque limpava a luneta embaciada.

— Sim... eu creio que morreu ha quatro annos, pouco mais ou menos... Ordenaes-me alguma cousa, snr.^a duqueza?

— Peço-vos que me deis, quando vos não for penoso, a honra da vossa convivencia.

— Se vos não importuna a minha visita, amanhã, no fim da tarde, com o meu hospede...

— Sempre que vos aprouver...

.....
O visconde encontrôu D. Pedro a meio caminho, montado em um fogoso cavallo, que parecia reprovar com bravos corcovos o mau piso dos bécos e encruzilhadas.

— Olá! — disse o visconde — temos rapaziada? Quereis morrer prosaicamente arrebetado debaixo do vosso andaluz?

— Está folgado! Cuida que brinca nos *boulevards*!... Deixal-o saltar. É um generoso animal que fareja as ossadas dos seus antepassados, que aqui caíram na reclaguarda da vossa hospeda Frédegonda...

— Perguntae-lhe se respira as brizas do vosso poeta.

O visconde pagava ironia com ironia.

— O meu cavallo é classico, meu caro visconde... Pertence á escola dos fautores de Apollo...

— Será o Pégaso? Então vae enganado com o cavalleiro... que lhe não dá muita honra...

N'este trocadilho de picadelas, sem intenção offensiva, aproximaram-se como dois condiscipulos. O visconde era bizarramente rapaz, e o seu fraco, além de Luiz Racine, era ser tratado por *tu* pelos rapazes.

— Então... queres saber? — disse o visconde.

— Da saude da snr.^a duqueza? Estimo que seja excelente...

— Adivinha lá o que se passou!...

— Faço idéa... passou-se muito bem... O snr. visconde sabe tirar proveito, como ninguem, dos lindos nada. Inda vos não perguntei a idade da duqueza, minha senhora, como se diz nos castellos, penso eu...

— Trinta e tantos annos, com toda a belleza dos dezoito.

— Sim? abençoados, portanto, são os soffrimentos de uma dama que se conserva, aos trinta e tantos, bella como aos dezoito!...

— Os vossos romances inglezes não fallaram d'estas mu-

lheres? Pois ha d'isso muito em França, onde o espirito, por isso que é mais sublime que a matéria, soffre, sem tocar nas bellezas do corpo.

— Não entendo bem a vossa physiologia, snr. visconde. Eu pensava que a mortificação em cada minuto fazia passar um anno. Conheci minha mãe, com trinta annos de idade. Disseram-me que fora linda aos dezoito, e eu vi-a tristemente feia e envelhecida fibra a fibra. É verdade que minha mãe não era franceza; mas permitti-me que eu duvide da distincção que fazeis entre as dores de cada paiz.

— São excepções, meu caro Pedro. Vossa mãe poderia ter enfermidades organicas.

— E a duqueza não tem nenhuma... Tanto melhor para ella... Temos naturalmente o meu visconde apaixonado!...

— Sois crijança... Eu é que receio muito por vós...

— Por mim? Sois piedosamente compadecido das fraquezas do proximo! Em Paris apontaveis-me um abysmo em cada sala, um crocodilo em cada mulher, e um cavalheiro de industria em cada rapaz que me apertava a mão. Tendes sido o meu anjo custodio... E aqui?... tambem ha abysmos e crocodilos?

— Não, e eu vos digo por quê... Olhae que vou fallar-vos serio... Até aqui fallou o amigo; agora falla-vos o pae. A duqueza de Cliton é um mulher perigosa. Eu lembro-me de seis duellos por causa d'ella...

— Espero que não me baterei; meu caro visconde...

— Nada de galhofa... Eu bem sei que vos não batereis, porque essa duqueza de Cliton, cujos sorrisos custavam uma bala ou uma estocada, já não existe. N'esse tempo a duqueza namorava para esmagar o amor proprio de alguns homens e de algumas mulheres. O desfecho dos seus namoros foi sempre tragico; mas escandaloso nunca. Ninguem ousava dizer: «a duqueza é amante d'este, ou d'aquelle.» O que se seguiu d'ahi foi odiarem-a, e applaudirem o primeiro infortunio que a fez cair da altura do seu orgulho.

— Pois, por fim, caiu?!

— Desgraçadamente... e n'essa quéda arrastou a vida de seu irmão, que era um bravo moço, brioso como seus avós, e chorado pela velha fidalga.

— Foi morto em algum duello?

— Sim; mas em duello infame...

— Por quem?

— Por um vosso patricio, dizem uns; por um demonio incomprehensivel, sem nação, sem nome, sem familia, dizem outros...

— Um meu patricio!... como se chamava?

— Em Paris era Leopoldo Saavedra; na Belgica, Tobias Navarro; em Londres... não sei o que era, nem sei o fim que levou. Dizem que a duqueza o perseguira quatro annos, sem encontral-o. Eu soube pelo consulado que ella esteve algum tempo em Lisboa; que suspeitou a existencia do impudente cavalheiro alli; mas enganou-se, e parou finalmente em Cliton, cansada de uma peregrinação pouco honesta. Já vêdes que uma tal mulher não é mulher que se ame, porque se aquelle coração tem amor, não ha verdade sobre a terra. Deve estar morto, ou cheio de fel. Previno-vos, mancebo. Não tencionei dizer-vos isto; mas, logo que recebi licença de apresentar-vos, mudei de proposito. Sois como a flor temporã que o sópro de abril desfolhou. Vêde que tenho meus assomos de poesia! Não tivestes ainda um d'esses abalos que decidem do coração humano. Quem sabe o que vos reserva a fatalidade n'esta mulher! Prudência, pois. Encarae-a com' mais philosophia que sensibilidade. Se a virdes sorrir, reparae bem que esse sorriso é um expediente astucioso com que se escondem as lagrimas. Se lhe ouvirdes facecias, passadas de fina ironia, recebei-as como um escarneo sempre ou ás vossas illusões ou á sua propria amargura... Não tenho mais a dizer-vos. Recebei isto como receberieis um conselho d'esse padre que velou a vossa educação até aos quinze annos, e cujo nome não pronuncias sem profundo respeito. O que elle vos disse, quando se despediu de vós, é uma eterna verdade: «A primeira mulher que se ama decide de toda a vida do coração de um homem.» Agora, mudemos de character: a conversação é pouco bucolica; acho-a mais propria para os salões de Paris, onde é necessario entrar com Balzac debaixo do braço esquerdo, e o direito prompto para fazer uma cruz ao demonio... Cuidado com o cavallo... se ides n'esses galões, deixae-me passar duas milhas para diante... Tendes-me enchido de lama com as vossas proezas equestres... Quereis forçosamente que eu seja o Sancho-Pança d'esta aventura!... não vêdes como vae quieto o meu inglez!... Dir-se-ia que tem o *spleen* dos seus compatriotas!... Vae trauteando o *Good save the king*.....

.....
Durante o jantar, questionaram em cousas de litteratura, e o visconde fallou entusiasticamente da grande confiança que merecera a Talleirand, a mr. Villele; e a Carlos X, e chorou, quando, em estylo de sibylla prognosticou a ingressão de Henrique V ao throno de S. Luiz.

Passando á sala de armas, saudaram com enthusiasmo religioso as armaduras dos avoengos, ascendentes, entre as quaes o visconde mostrava o arnez e a lança de Bernardo VII, senhor de Armagnac, guerreiro do seculo xiv, e um capacete,

e umas grebas, que elle dizia pertencerem (posto que o não jurasse) a Raymundo de Poitiers, principe de Antiochia, tio da rainha de França, Leonor, valente entre os mais valentes da segunda cruzada. Mais que tudo isto, a preciosissima raridade que o velho gentil-homem apontava, sem lhe tocar, era uma cabeça troncada de uma estatua, grosseiramente sinze-lada. Pelos modos, aquella cabeça era o idolo de Irminsul, a imagem de Arminius, que Carlos Magno derrubára no seu templo, quando o grande rei vingava os padres francos dos ultrajes recebidos na Germania. Historiada a galeria das frias laminas de ferro, onde pulsaram os corações de tantos heroes, o visconde recaiu na sociedade actual com todo o peso da sua cólera, e fulminou-a. Depois tomou tranquillamente café, e bebeu dois calices de genebra.

D. Pedro da Silva crêra infantilmente em tudo aquillo, e achára prosaico e burguez o café, depois de espiritalisar-se nas venerandas reliquias, sobre as quaes tinham passado nove seculos.

Todos os homens, assim, são bons, são credulos, vivem muito á superficie da vida universal, e são felizes, quando a sociedade os chama á barra da utilidade publica, e lhes pergunta a que vieram.

XIV

É annunciada a visita dos dois cavalheiros á duqueza de Cliton. O seu primeiro gosto é de enfado: parece que se arrepende de ter quebrado o silencio doloroso, sim, mas tranquillo de quasi dois annos. As conveniencias, porém, mandam-a mascarar-se com o sorriso da polidez, com as maneiras herdadas da sua natural gentileza, e entra no salão, em que é esperada com indifferença pelo visconde e com indecifrável sobresalto por D. Pedro da Silva.

A duqueza responde aos cumprimentos acanhados do nosso poeta com certo desleixo e reservada frieza, que faz muitas vezes aborrecida uma mulher, que se julga por isso mais austera com os seus deveres de senhora da alta sociedade. Depois volta-se para o visconde, e repete os logares communs, que são o martyrio da sociedade mais culta e da menos culta. Ainda se não inventaram idéas novas que melhorassem a falsa posição de um hospede que se senta symetricamente em uma cadeira, e não tem a familiaridade precisa para se deitar em uma ottomana, pedindo fogo para accender um charuto.

— Parece-me que teremos uma linda primavera, snr. visconde.

— De certo, minha senhora...

— Tem muitas flores no seu jardim?

— Não, snr.^a duqueza. Desde que minha filha casou, as flores murcharam como ella. Eu não pude substitui-la, porque as minhas tinham murchado muito antes...

— Sempre fallando em estylo figurado...

— É a sorte dos velhos... Quando lhe falta a naturalidade graciosa da phrase, não ha remedio senão fazer estylo...

— Oriental?... É um bonito estylo... Eu penso que as almas da Asia são muito diversas das almas do Occidente. Isto aqui é tudo tão claro, tão correcto, tão grammatical, que chega a aborrecer... Creio que esta maldita vizinhança da fria Alemanha e da formalisada Inglaterra fizeram da França uma terra de austeros pensadores, e de philosophos materiaes, que não são capazes de conceberem outro mundo mais transparente que o globo em que vivemos, comendo, e bebendo, e commerciando. Devia ser deliciosa uma republica de poetas.

— Em que o presidente fosse Lamartine...

— Justamente...

— E a duqueza de Cliton a oitava musa...

— Ai!... Deus me livre de tal... só se me denominassem a zanga, que eu já vi invocada em um poema patricio d'este cavalheiro, que, se bem me recordo, o snr. visconde me disse que era portuguez...

— Sim, snr.^a duqueza, sou portuguez — disse D. Pedro da Silva, que se estava julgando de mais n'aquelle dialogo.

— Ha muito que deixou Portugal?

— Ha quatro annos.

— Sem saudades?

— Tive muitas, minha senhora... Depois habituei-me a novas relações...

— E esqueceu as da sua patria... que naturalmente eram relações de familia, que são as que mais facilmente se trocam por outras. Gosta de França?

— Não tenho ainda tempo de conhecer a França, snr.^a duqueza.

— Por qual das faces? A França artistica é o gigante no berço, que annuncia uma corpulenta robustez; a França politica é um cháos de nuvens, que annuncia umas poucas de trovoadas de sangue; a França intellectual é a primeira nação do mundo; que lhe resta conhecer?... a França moral? isso é uma mulher nervosa com uma vontade em cada minuto, com uma virtude abraçada a cada torpeza, hoje pallida de cansaço, amanhã corada pelo auxilio de carmim; hoje apostolisando e

Evangelho de Christo, amanhã proclamando Robespierre, o summo pontifice da Razão... A França é tudo isto, snr. D. Pedro, e, se me acredita, não esqueça este esboço confusamente poetico, porque ha de enconral-o verdadeiro; e, senão, o snr. visconde que o diga.

— Eu não poderia pintal-a com tanta graça; mas tenho querido mostrar a França ao meu joven amigo pelo prisma da snr.^a duqueza. Elle, porém, diz que o talento tem o privilegio de colher em todas as plantas agras o mel da intelligencia, como as abelhas...

— Ail! engana-se... — atalhou a duqueza — O genio é uma mortificação. Não sei que francez disse que o talento era uma longa paciencia. Soffrem muito os que não olham para tudo isto com o riso nos labios, e a pitada nos dedos. Não vê, snr.. D. Pedro, que os poetas choram constantemente? São os Achabs e os Jeremias das modernas Jerusalens... Não vê como chora Lamartine?

— Mas Voltaire cantava... — atalhou o joven.

— Ah! sim... é porque Voltaire era um illustre truão. A sua missão era aquella. O ridiculo precisava ser morto pelo ridiculo, como disse Lafontaine, e Voltaire morreu no dia em que a sociedade velha, recheada de supersticiosas pieguices, morria injuriada pela hilaridade dos seus inimigos... Eu peço que me desculpem o entono com que estabeleço axiomas... É um defeito das francezas; é mais uma sincera feição que eu sensivelmente ajunto ao quadro que vos pintei ha pouco, snr. D. Pedro...

— Essa feição é muito lisonjeira para a França, snr.^a duqueza, — replicou o mancebo — mas supponho que será a menos vulgar das feições nas damas francezas.

— É engano. Aqui, quasi todas as mulheres de salão fallam assim. Somos as netas d'aquellas que mereceram a Molière uma chronica muito conhecida... Snr. visconde, se vos apraz iremos mostrar o meu jardim ao vosso hospede...

— Oh! sim, snr.^a duqueza, o meu hospede acha em cada flor uma ode, e em cada murmurio da folhagem uma harpa eolia...

— Sim...

— O snr. visconde é-me devedor dos seus ditos mais finos... — atalhou D. Pedro — Tem muito lindas zombarias commigo, e eu sou feliz por ser o motivo d'ellas, se forem agradaveis á snr.^a duqueza de Cliton.

O visconde soltou uma gargalhada inoffensiva, expressão eloquente da sua alegria, e até da sua bondade. Á duqueza, porém, a resposta do portuguez pareceu-lhe uma delicada ironia. A formosa castellã galardoára-lh'a com um sorriso,

que faria endoudecer todos os imaginarios trovadores das bal-ladas de D. Pedro.

Deixal-os ver as flores, e vejamos nós o que nem a duqueza nem o visconde poderiam devassar no coração do discipulo de padre Diniz.

A primeira impressão, que recebera da gentil duqueza, foi a confusão, o embarço, o natural enleio dos dezenove annos. Ouvindo-a fallar, como que esquecido da pessoa que acabava de ser-lhe apresentada, sentiu-se molestado no seu amor proprio, e desejou terminada a primeira para ser a ultima visita. Obrigadô a responder á primeira pergunta, que lhe era feita por duas palavras e um sorriso mais doce que ellas, o portu-guez respondeu, córando, e córou, não de pejo, que seria de-masiado pejo, mas de surpresa, porque alguma cousa vira, nova e surpreendente, na physionomia distincta da zombeteira Desdemonia d'aquelle barão de Sá, vergonha eterna dos Othel-los de contrabando.

No correr do dialogo, D. Pedro da Silva não se maravilhára tanto da eloquencia, que se julgasse uma pedra arrastada pela lyra de Orpheu. Preso aos olhos, e aos labios, e ás vertiginosas evoluções da physionomia d'ella, fitava-a com ternura, com pasmo, com idolatria, e o que menos via nos seus exta-sis era o que os olhos costumam ver. N'aquella idade juramos que o coração via tudo. Com mais seis annos, jurariamos que o coração era o órgão mais cego, e concederíamos uma vista dupla a certa alma que Platão denominou concupiscente, e que Theophile Gautier, amigo intimo de D. Pedro da Silva, asseverou que tinha visto (do que sinceramente duvida-mos).

Querem, portanto, saber se era amor o que sentiã o pupillo de Alberto de Magalhães? É muito attendivel a exigencia, e todo o homem que faz romances está, *ipso facto*, constituido na obrigação de devassar a vida do seu semelhante, quando elle proprio não a diz. D'esta vez, porém, será o proprio que nos salve de um vicio de mulher de soalheiro, hermaphroditismo moral de que me vejo inculpado por força de circum-stancias:

«Passeiavamos no jardim (diziam os apontamentos que co-pio), e a duqueza colheu uma rosa desbotada, quasi murcha, que me offereceu. Aceitei-a sem comprehender logo a signi-ficação. Mais adiante cortou uma frança de myrtho, que offe-receu ao visconde. O velho cortezão retribuiu com uma sau-dade, e a duqueza retorquiu com um martyrio. Em tudo isto andava eu candidamente imbecil. A linguagem das flores, feita para crianças, parecera-me um estudo ridiculo. Concebi o entendo d'aquelles symbolos, quiz fazer-me interessante na

comedia muda que se representava, colhi um suspiro, que não ousei offerecer, supposto pedisse licença para o cortar.

«— Temos poesia a um suspiro?—perguntou-me o visconde.

«— Ha poesia em um suspiro?— disse a duqueza.

«— Muita... imagiao eu...— respondi com ingenuidade.

«— Eu acho mais nas lagrimas — replicou ella melancolicamente.

.....
 «Anoitecera. O visconde esperava n'essa noite alguns hospedes de Angouleme. Era necessario partir, e eu achei cruel esta separação tão cêdo. Pareceu-me que a duqueza se sentiu da nossa partida, porque ficou triste quando o visconde deu o signal da partida, erguendo-se com um sorriso e uma banalidade por despedida. Eu, por mim, se a franqueza é uma virtude, n'este momento detestei o meu amigo Theophilo Gautier, que me dissera dias antes que não ha nada mais ridiculo que o olhar seraphico de um aprendiz de amor, que pela primeira vez se aparta de uma mulher com os olhos rasos de lagrimas. Eu lagrimas não tinha, mas o effeito da impressão, a violencia irresistivel da sympathia, o desejo de alli ficar, a saudade d'aquella voz, d'aquelles olhos, d'aquella melancolia, sem arte, nem intenção, all essa senti-a com toda a minh'alma, com todo o fervor da minha candura, assaltada de improviso por um affecto que devia purificar-se em uma paixão.»

.....
 É elle que o diz. D. Pedro da Silva amava a duqueza de Cliton. Realisaram-se as prophcias do visconde; aquella mulher era perigosa; e aquelle joven não tinha ainda encontrado o primeiro tomo de tal obra, que o livrasse das seducções previstas do segundo. Não porque as mulheres sejam volumes em quarto ou em oitavo, mas ha volumes que se parecem com as mulheres. Quem lê o primeiro de certas obras privilegiadas não admira as maravilhas do estylo do segundo, nem se deixa embair das falsas consequencias de principios falsos; mas quem vae ler no segundo as consequencias deduzidas dos falsos principios do primeiro volume, perde-se como um alumno de seminario, que saíu ha quinze dias de ouvir a theologia do ex-frade, e vem ao *Marrare* ou ao *Suisso* escutar as preleções dos litteratos, que atiram á religião com Strauss, e Victor Cousin, e ficam contentissimos de si, não tendo dito nada seu.

Alinhavada esta nesga de erudição, continuemos a historia.

D. Pedro da Silva, que achava superlativamente fastidiosos os hospedes do visconde, fechou-se no seu quarto, imaginando quantas hypotheses inventa o coração de um moço propenso para o maravilhoso, e electrísado pelo amor. Pegou da pen-

na, cuidando que abria no papel uma fonte caudal de versos apaixonados, e, com grande pasmo seu, sentiu-se esteril, e prosaico com a dissertação sobre finanças, que acabava de ouvir a um dos hospedes do visconde, antigo *maire* em Angouleme.

Teimando com a musa, por não ter cousa melhor em que occupar-se, tomou como assumpto o suspiro que colhera, e dissertou em vinte quadras o melhor que podia dizer-se da dita flor.

À meia noite, o visconde procurou-o no seu quarto, e encontrou-o mergulhado na sua obra. Pediu-lhe que a lesse, e fez o favor de dizer-lhe que era bonita. Com mais quatro zephyros, alguns fáunos, as tres graças, e a deusa Thetis, a poesia de D. Pedró da Silva teria arrancado ao idólatra de Luiz Racine um sincero applauso.

No dia seguinte, deviam partir para Angouleme, e partiram. O filho da condessa de Santa Barbara ia triste, taciturno, e tetrico, se o querem assim. Angouleme com a sua magestosa cathedral, com o seu velho castello, em cujos alicerces estava a pedra tocada pelo primeiro conde do Perigord, Vulgrime I, que vivera no seculo xix, com as suas muralhas que suaram sangue em 1351, assaltadas por Carlos-o-Máu, de horrivel memoria; finalmente com as suas memorias de ter sido o berço illustre de S. Gelais (santo pouco conhecido), de Balzac, da rainha Margarida de Valois, e de Ravailiac (que seria a esta hora o segundo santo da terra, se andasse mais recatado e prudente, quando cravou o punhal fanatisado em Henrique IV); finalmente, todos esses interessantes attributos de Angouleme enfastiaram D. Pedro da Silva, assim como me enfastiam a mim e aos leitores tambem. O que elle queria era voltar á quinta de modo que se não feehasse o dia, sem, ao menos, saudar com os olhos, leaes interpretes do coração, os ultimos raios do sol, que purpureavam as vidraças da duqueza de Cliton.

E o visconde de Armagnac começava a suspeitar isso mesmo, quando lhe disse, com intenção de fazer-se passar aos olhos do seu joven amigo por homem perspicaz:

— Que vos parece a duqueza?

— Achei-a bella e triste.

— Poetica, sylphidica, radiosa, scintillante, fatal, archanjo, sibylla, fada... e que mais?

— Eu cuidei que a pergunta fora feita seriamente, meu caro visconde...

— E foi: o mais que fiz foi acrescentar os adjectivos, que forçosamente se dão *rendez-vous* com o substantivo *mulher*. É a linguagem hybrica e coruscante do vosso amigo Theophile

Gautier, que é a alma vil de Voltaire, no século XIX... E, então, achas... (fallemos serio) achas que a duquesa de Cliton vale bem a pena de quatro lamentações lamartinianas? Fallaes franco?

— Acho que vale. Quem fora poeta! quem dera ter uma forte cabeça para exprimir a sensibilidade de um forte coração!...

— Ah!... sim?... Por consequencia estaes apaixonado.

— Não digo tanto; mas sinto alguma cousa nova... Se entendes que é perigoso amal-a, fazei-me sair já d'estes sitios...

— Fallaes serio?

— Fallo-vos, snr. visconde, como fallaria a meu pae. Amal-a apaixonadamente... isso não; mas podel-a amar... era preciso não a ter visto para dizer que não...

— Eu previra isso mesmo!... Sou um propheta na minha terra! Quereis; portanto, deixar a minha casa?

— Já vos disse... Se me haveis de impedir amanhã amal-a, fazei-o hoje...

— E se ella vos não amasse?...

— Se me não amasse...

— Sim... esta pergunta é muito natural. Da vossa parte, vejo que ha as melhores disposições; mas não basta isso: falta metade. Se ella vos repellir?

— Se me repellir... desprezo-a!...

— Sem soffrer?

— Sim: o meu amor proprio reagiria contra a fraqueza do coração.

— N'esse caso entendo que não ha perigo nenhum.

— Quereis dizer com isso que não serei amado pela duquesa de Cliton?...

— Penso que não, e já vos disse por quê. Aquella mulher é o simulacro da antiga duquesa de Cliton. Foi um meteoro: queimou-se no excesso de luz. Pois não concebeis o que é uma mulher sceptica?... Estaes muito atrasado na moderna physiologia do coração humano...

— Sceptica!... por quê?

— Porque amou delirantemente, vulcanicamente, como Helena, como Cleopatra, como Virgínia, e foi desprezada, como Dido, pelo perjuro Eneas, vosso patricio. Compreendeis a causa?

— E por isso, não póde amar, não póde sentir...

— Não. A materia bruta gasta-se: e o coração é como a materia bruta. Harvei provou que o coração era o órgão principal do systema sanguineo, e mais nada...

— Estaes eruditamente chistoso, snr. visconde... Se eu possesdes desmentir-vos...

— Dava-vos a minha quinta, e a edição illustrada dos meus dois Racines, pae e filho... Quereis apostar? O vosso cavallo diabolico, que me tem enchido as calças de lama... Quereis?

— O meu cavallo está ás vossas ordens. Acho, porém, ultrajante a aposta de um cavallo, quando se trata de uma mulher como a duqueza.

— Bravo! estaes quinta essencia de macassar, ethereo, espirito puro de Kant, átomo de Descartes, aroma de flor, sô-prô, briza... Valha-te Deus, criança; tu sabes tanto de mulheres como de equitação... Desviae para lá esse hypogripho, que dilata as ventas como um hypopotamo, capaz de me cravar as patas nos hypocondrios!

— Pareceis-me um grego... do baixo imperio com os vossos *hypos*!... Ora dizei-me, meu caro amigo, vamos hoje á duqueza?

— Vamos... quereis recitar a vossa poesia almiscarada, anilada e azul?

— Deus me livre!

— Deus vos livre! Demais a mais sois envergonhado como um collegial de Inglaterra, que foi passar as ferias com tres *Miss* hirtas e direitas como as sentinellas de Black-Friars. Se fazeis de donzella timida, de *puer Ascanius*, desmentis a ousadia peninsular da vossa raça phenicia, carthagineza, sueva e arabe. Nada de pieguices, que são a missanga com que se adorna o amor das crianças. A duqueza não vos quererá assim melhor do que de outro modo. Não vos aconselho que sejaes audacioso; como manda o satanico auctor da *Lagrima do diabo*, mas quero que sejaes homem. Recitae a vossa poesia, sede o Lamartine d'estas aldeias, e cantae todas as flores da minha terra, que eu vos prometto uma medalha honorifica da sociedade botanica de Paris.

O visconde de Armagnac, sempre epigrammatico e fecundo em ironias salgadas ao sabor voltaigeano (que elle christãmente detestava), era, no fundo, uma excellente pessba, e um raro amigo.

Prevendo uma fatalidade, no caso possivel de se abraçarem os elementos da paixão innocente do seu joven amigo, ensaia-se nas armas do ridiculo, para, mais tarde, matar essa paixão, como se matam em França todas as cousas sérias.

Vejamos como as armas se lhe quebram nas mãos.

XV

Recolhidos a casa, mudavam de fato para visitarem a duqueza, quando o mordomo de Cliton chegava com um convite para um jantar no dia immediato. D. Pedro quiz ver mysterio n'este convite. Parecia-lhe extraordinaria esta interrupção na vida solitaria da duqueza. Queria que alguma razão mais imperiosa que a polidez aconselhasse semelhante jantar. Teve até a innocente vaidade de se imaginar a causa proxima d'aquelle convite. A candura tem seus pedantismos, assim como os pedantes, ás vezes, têm canduras irrisorias. São os extremos que se tocam.

O jantar no dia immediato não dispensava a visita projectada n'aquelle dia. Foram, e d'esta vez a affabilidade da duqueza, recebendo-os, era mais franca, mais jubilosa, e menos aristocratica nas phrases da tarifa, e nas empavonadas gesticulações da cabeça.

Pedro da Silva é que não perdera nada da sua timidez do dia anterior, mas também não perdia o mais ligeiro accionado, e mais indifferente gesto dos olhos de Elisa de Montfort. As perguntas respondia concisamente; aos gracejos do visconde respondia corando, e muitas vezes mordeu nos labios a resposta, que poderia ser um desagradavel sarcasmo.

Quando o visconde lhe pediu que recitasse o seu *suspiro*, escripto na vespera, e digno de quinhoar na gloria da poesia moderna, o poeta esquivou-se, dizendo que não tinha de memoria a poesia que escrevera. O visconde, porém, tirou do bolso o fatal papel, que passou ás mãos da duqueza, com permissão do auctor. A duqueza, sem instar com D. Pedro na leitura, leu-a mentalmente, e elogiou-a muito, supposto que de proposito ou eventualmente lançasse sobre o poeta, cujo coração tremia, um olhar mysterioso, uma especie de silenciosa interrogação. Aquella poesia fallava de um suspiro de amor, e aquelle amor nascera onde o suspiro fora colhido. As bellezas vaporosas do pequeno poema não as comprehendera o visconde; mas a duqueza, que sabia pelo menos o indice de todos os capitulos escriptos no coração humano, entendeu, sem orgulho, que D. Pedro da Silva era uma criança com a susceptibilidade de apaixonar-se infantilmente.

Esta crise passou: mas outra mais penosa para o pupillo de Alberto de Magalhães succedeu áquella.

O visconde era procurado por uma alta personagem, que

não o encontrando em sua casa, vinha alli cumprir certa mensagem politica. Retiroy d'aquella sala para outra, e D. Pedro ficou face a face da duqueza. Esta calamidade é a maior de todas que a Providencia pôde mandar a um amante de vinte e quatro horas, com dezenove annos de idade! Não a previra o pobre rapaz; e a propria duqueza, que lhe adivinhára o coração, sentiu, por elle, semelhante incidente. Era necessário evitar uma tortura áquella criança. A duqueza convidou-o a entrar na sala proxima, onde estavam os retratos, os paineis preciosos, as paisagens dos melhores auctores, que poderiam servir-me aqui de immensa gloria, se eu tivesse a paciencia de copiar uma duzia de nomes, e a crueldade de apurar a dos meus leitores, como tem sido apurada a minha por fazedores de romances, que são capazes de vos dizer a côr dos tapetes de uma sala, a madeira dos moveis, as flores das jarras, o fabricante do piano e o numero das oitavas, e finalmente, os auctores dos quadros, que são necessariamente Raphael de Urbino, Ticiano, Miguel Angelo, Spanholetto, Gerardo Dow, Claudio Loreno, Murillo, Corregio, Julio Romano, Rembrandt, Velazques... Emfim, cada qual escolha d'ahi á sua vontade, e imagine que os paineis da galeria da duqueza de Cliton eram preciosidades gloriosas de alguns, ou de todos esses nomes.

É no que se entretiveram a duqueza e o seu hospéde, ao que devera apparentemente julgar-se. Mas D. Pedro ouvia o som das palavras d'ella, e pouco se entusiasmava na admiração da arte.

— Parece que não sois poeta!... — disse ella, sorrindo com a meiguice que não tinha a virgem de Foligno, a mais graciosa cabeça de uma phantastica Fornarina.

— Não vos pareço poeta? Se eu realmente o não sou, nem vol-o disse que o era!...

— Sois; mas aqui, defronte da poesia que manou em ondas do pincel, pareceis-me friol!...

— Não posso mentir-vos... Não sinto os enthusiasmos que desejára sentir para ser um verdadeiro poeta...

— Não amaes a pintura?

— Amal-a-ia, muito, penso eu, se estas madonas representassem a existencia de uma raça de lindas mulheres extinctas; mas se os originaes existem ainda...

— Não vos extasiavam as cópias... Tendes razão; mas não tendes *poesia*, que é uma cousa muito diversa da razão... As cópias são bellas para se amarem. Os originaes deixam sempre máguas, como as sentiu o grande poeta, que nos deixou tantas cópias da formosa mulher que lhe queimou a imaginação até aos trinta e sete annos...

— Foi infeliz, porque viveu de mais...

— De mais? isso é uma excentricidade!

— De mais, snr.^a duqueza... Eu penso que...

D. Pedro reteve-se, como quem procura a phrase propria, ou suspende a impropria.

— Dizei... — instou a duqueza, esperando com interesse.

— Eu penso que se tem vivido de mais, quando... em vinte e quatro horas...

— Dizei...

— Se sente o mais que póde sentir-se.

O mancebo córou como uma donzella, ao terminar a resposta, que lhe saiu interrompida, palavra por palavra.

A duqueza não se sorriu, como a leitora imaginou. Desviando os olhos para o quadro, onde D. Pedro fixava machinalmente os seus, quando respondia, disse alguma cousa sem reflexão a respeito de certa paisagem.

N'este conflicto, entrava o visconde, pedindo desculpa da sua demora, e dissertando largamente sobre os heroicos ascendentes da duqueza, cujos retratos occupavam a maior extensão das quatro paredes, afóra um que vimos no Izidro em Lisboa, e que fizera recuar e transpirar um suor frio a padre Diniz. O visconde notou a falta, mas por delicadeza não a fez sentir.

A fragancia do jardim convidava-os a passeiar. O visconde observou que a duqueza não fallava desafegadamente com o seu hospede. Achou alli uma reserva, que poderia dizer-se o despeito de uma namorada, ou o desdem de uma astuciosa. Ambas as conjecturas eram inverosímeis. «Quem sabe, dizia elle consigo, se esta criança caiu na imprudencia de fazer-lhe uma declaração, que ella recebeu como affronta á sua dignidade?»

O sangue frio dos velhos julga sempre assim. Por mais experimentados, o coração, já desceórado das reminiscencias de bons tempos, falsifica sempre os seus juizos.

A duqueza, realmente, parecia melancolica, ou abstracta. As flores já lhe não eram incentivo para as puerilidades de um dialogo mudo com o refinado cortezão de Versailles. Colheu uma lagrima, e teve-a entre os labios, até que insensivelmente caiu, cortada pelo pé. D. Pedro parecia refugiar-se em cada gruta de myrtho e lilazes, aos olhos da duqueza. Atormentava-o a dúvida: não podia decifrar o silencio da duqueza: recordava-se de tudo que o visconde dissera quando lhe prophetisava os perigos da fascinação por tal mulher. Cada vez mais receioso e convencido da loucura que praticára, arrependera-se de ter deixado ao coração a liberdade de fallar, e promettia á sua consciencia de nunca mais soltar um mono-

syllabo, que denunciasse a sua alma. Era a promessa do poeta Ovidio.

O visconde interrogára, pela quarta vez, a melancolia da duqueza, e receberá sempre em resposta um sorriso e um gesto negativo. Depois, com ar sombrio e a testa enrugada, o honrado velho encarava D. Pedro, e por um outro gesto, e um olho meio fechado, significava-lhe as suas suspeitas, a que o moço respondia com olhar pasmado, que, traduzido litteralmente, queria dizer: *Tens razão...*

Era noite. Os hospedes retiravam-se: A duqueza, com soberana desplacencia, chamou D. Pedro, já quando o visconde estava no vestibulo do palacio experimentando as cilhas do cavallo.

O trémulo mancebo invocou toda a sua coragem para entrar sem desaire na sala. A duqueza veio-lhe ao encontro com um papel na mão:

— Quiz entregar-lhe os seus versos, que ficaram aqui por esquecimento. Asseguro-lhe um glorioso futuro na historia litteraria de Portugal. Continue a cultivar a poesia, que é uma bella prenda, e uma pedra de grande brilho para deslumbrar os olhos das mulheres. Mas consagre os seus *suspiros* ás da sua idade, porque as outras raro terão a alma bastante pura para comprehender-lh'os... Boas noites.

D. Pedro ficou, como devem imaginal-o, fulminado. Saiu da sala, quando se viu sósinho. Desceu as escadas como cego, e, por nos servirmos da sua propria idéa, o rubor da cara ou lhe injectára sangue nos olhos, ou lhe pintava de escarlate todos os objectos.

Montou a cavallo, sem responder a uma pergunta muito natural, que o visconde lhe dirigira. Esta pergunta foi repetida:

- Que tivestes com a duqueza, Pedro?
- Poupae-me o desgosto de responder-vos.
- Mas eu tenho direito de interrogar-vos.
- Não vos responderei, snr. visconde.
- Deixastes de ser meu amigo?
- Sou vosso amigo, hoje, mais do que nunca.
- Fui propheta?
- Fostes.
- Foi portanto uma desgraça a vossa vinda para aqui...
- Foi.. Esta desgraça tinha sido prevenida por outro homem antes de vós...
- Antes de mim?!... por quem?
- Por padre Diniz... Foi elle que me disse: «A primeira mulher que se ama, decide de toda a existencia do coração de um homem...» É uma verdade fatal! Eu já vol-o disse...

— Pois devo acreditar que amaes assim uma mulher que vistes ha quarenta e oito hgras?

— Amei... agora já não; detesto-a; mas a minha alma ficou ferida para sempre. Se fosse um homem que me ultrajasse assim, cravava-lhe os dentes no coração.

— É incrível! Que vos fez ella para tanto?

— Respeitae a minha vergonha!... Como não quero balsamo para a ferida, deixae ver se o esquecimento a cura... A vossa amizade é impotente.

O visconde interrompeu o seu inconveniente interrogatorio.

Aquella noite foi uma noite infinita para D. Pedro da Silva. Fechado no seu quarto, verteu as primeiras lagrimas por uma causa nova. Nem elle sabia definir-se. Alternativamente odiava a duqueza, e sentia necessidade de cair de joelhos aos pés da imagem d'ella, que se lhe não afastava um instante da imaginação. Queria cerrar os olhos, violentando o somno, ou carregando a phantasia de sombras que lhe escurecessem o quadro da sua recente desgraça... era impossivel! Invocou o espirito de sua mãe, que lhe tinha dito que a invocasse nas suas tribulações, chamou em seu soccorro todas as palavras de padre Diniz... e o espirito de sua mãe era mudo, e as palavras do sacerdote não lhe desciam da memoria ao coração. Abriu a janella para refrigerar a cabeça afogueada, e não pôde retirar os olhos do vultô escuro do castello de Cliton, onde n'aquelle instante a imaginação lhe desceu o crepe, que Emilia vira no castello de Udolpho. A manhã estava fria; o léste gelava-lhe o rosto; mas as fontes latejavam-lhe como calcinadas interiormente. Purpureavam-se os horizontes; o sol ia nascer; os operarios entravam na quinta, quando o infeliz, que vaticinava longos infortunios, fechou a janella para continuar as trevas da noite. Organização debil, sentiu esvaecimento de cabeça; encostou-se ao travesseiro, pedindo a Deus uma hora de repouso; pareceu-lhe que fora ouvido, porque principiava a esquecer-se da vida atormentada d'aquelle noite. Não era somno: era a prostração da febre; as forças da alma extenuada que passavam para o giro impetuoso do sangue.

As oito horas, o visconde, receioso, abriu a porta do quarto, e encontrou o seu hospede com as faces escarlates, as palpebras amortecidas e azuladas, as mãos ardentes, o sangue em tropel batendo contra as veias tumidas dos pulsos, e os labios rôxos como se fossem cauterisados.

Assustou-se.

As primeiras palavras disse-as Pedro da Silva:

— Mandae preparar os meus cavallos, que quero partir já.

— Para onde?

— Paris.

— Não podeis... Vós estaes muito doente.

— Não estou. É uma ponta de febre que o ar puro me curará.

D. Pedro ergueu-se, e não se susteve de pé. Caiu em uma cadeira, e forcejou por tornar a erguer-se. Conseguiu dar alguns passos. Saiu do quarto, passeiou na sala proxima; mas minutos depois sentou-se, murmurando surdamente:

— Não posso!

— Eu não vos disse que não podieis? — disse o velho, tomando-lhe o braço — Vinde deitar-vos.

O filho de D. Pedro da Silva, que morrera tísico, e de D. Angela de Lima, que morrera tísica se a cholera-morbus não a fulminasse, entrou no quarto, e lançou-se sobre a cama.

O visconde fizera corrêr o seu melhor cavallo para que o medico viesse, uma hora depois. O doutor, menos charlatão, ou menos erudito que o de Santarem, indagou os precedentes d'aquelle accesso, e concebeu o que podia conceber da molestia, e nada lhe receitou. Não obstante prohibiu a saída, e applicou-lhe distracções, se o effeito d'aquelle typho moral não fosse debellado pela mulher, que era de todas a melhor triaga para tal veneno.

N'esse dia era o jantar da duqueza, para o qual estava convidado o medico, que foi o portador das desculpas do visconde. Elisa de Montfort afastou-se da sala em que recebera alguns convidados de Angouleme, para interrogar particularmente o medico:

— Que é o que tem o hospede do visconde?

— Tem a peor de todas as molestias, porque não ha medicina para ella.

— Tísico?

— Lá irá ter... mas por enquanto, snr.^a duqueza, o mal do pobre moço é uma paixão por não sei que Beatriz, que o faz arder em febre.

— De véras?!

— Positivamente, snr.^a duqueza... Nada lhe receitei, porque não tenho que lhe fazer. Se eu podesse transformar-me em bonita creatura do sexo amavel, queria passar pelo desgosto de não poder usar da medicina, para ter a gloria de salvar aquelle bonito rapaz, que falla deliciosamente um francez misturado de inglez e hespanhol.

.....
A duqueza, durahte o jantar, esteve sombriamente triste. Os convivas entenderam que era um serviço á dona da casa o distrahir-a com a conversação interessante. Para elles, depois de annos e meio, era maravilhoso verem-se alli reunidos

n'aquella casa, fechada longo tempo ás antigas relações e parentes dos Montforts.

Mr. de Colomb, e mr. de Poltrot, a o deão da cathedral de Angouleme, eram, entre os fidalgos analphabetos do bânquete, os mais distinctos por letras, por espirito e por virtudes. Mr. de Colomb fallava nas suas recentes viagens na Europa; mr. de Poltrot lastimava a decadencia da litteratura franceza, e mordia os romances de Gautier, de Dumas e de Paulo Féval. O deão queria que o ouvissem seriamente sobre os felizes resultados da associação propagadora da fé na America e no Japão, o que, em verdade, era difficil, não obstante estar rodeado de catholicos-apostolicos-romanos.

— Que vos pareceu Lisboa?— perguntou a duqueza a mr. Colomb.

— Lisboa é um *desapontamento*, snr.^a duqueza. O Tejo é como o véo de lindos matizes, que esconde o rosto de uma feia mulher. A capital da Lusitania, que dizem os portuguezes ser fundada por Tubal, neto de Noé...

— Isso é falso!...— atalhou o deão — Tubal nunca foi ao Occidente... A Biblia não diz tal embuste.

— Eu tambem creio que não... Como vinha dizendo, Lisboa não tem monumentos, nem magnificencia, nem civilisação, nem sociedade. Conserva-se como a deixou Byron. É uma terra de barbaros de casaca e chapéo de castor.

— Pois não frequentastes a sociedade de Lisboa?— tornou a duqueza.

— Estive em alguns salões... dois ou tres que representam a aristocracia monetaria, porque a outra caiu com a mudança da politica. Eu levei de Londres cartas para um tal Alberto de Magalhães, que é o unico homem de bom-tom que encontrei em Lisboa. Deu-me um baile, em que vi duzentas mulheres, pouco mais ou menos, e entre tantas, só a dona da casa fallava correntemente o francez commigo, e o inglez com o embaixador. É uma perfeita dama, tanto mais admiravel, quanto, segundo ella me disse, deve a sua educação ao marido. Se a ouvisseis fallar em litteratura, mr. de Poltrot, haviéis de desejar que tal mulher não tivesse nascido entre hotentotes...

Ninguém reparava na pallidez da duqueza de Cliton. Mr. de Colomb continuou:

— Fui testemunha de um escandalo que me fez rir muito...

— Passado n'essa casa?— atalhou a duqueza.

— Sim, snr.^a duqueza. Eu vou contar... Um dos concorrentes era um tal barão de Sá, ridiculo petit-metre, com pretensões a leão, vesuvio de tolices, um fatuo, finalmente, que deveria ser uma preciosidade incalculavel, se nascesse em

terra onde os seus patricios soubessem desfrutal-o. Representa quarenta e tantos annos. Usa bigode á Solimão II, gravata branca a toda a hora, e é um martyr da religião do verniz, porque comprime os callos em um sapato que o traz sempre em pulinhos, como se a tarantula o mordesse nos calcanhares. Desculpae as minuciosidades, snr.^a duqueza, porque era preciso dar uma cabal informação ao auditorio, que parecia prestar uma benevola attenção ao meu querido amigo o snr. barão de Sá. Eu creio que já disse que a sua mania era o galanteio ás mulheres, ás quaes fallava na civilisação americana, onde nunca fora, e nos salões de Paris, onde nunca entrara. Além d'isto, dançava e dançava sempre, todas as quadrilhas, todas as walsas, e sentia profundamente que tivesse passado de moda o solo inglez. Ainda mais; fazia *calembours*, e forjava epigrammas para os seus amigos. Está definido summariamente o barão de Sá, se não vale a pena dizer que elle trazia sempre o cabelo anediado como a cabeça de uma creada de servir aos domingos. Estavamos pois em casa de Alberto de Magalhães, e eu gosava o delicioso fidalgo com todo o enojo da minha indignação, quando entrou um outro cavalheiro, a quem chamavam *barão dos Reis*. O nosso amigo soltou uma estridorosa gargalhada, quando o seu collega entrou com uma velha pelo braço, que diziam ser sua mulher. O barão dos Reis tinha uma presença regular: Era homem de cincoenta e tantos annos; vestia como os outros, andava e fallava como todo o mundo de Portugal, e eu não vi razão para a gargalhada do meu cicerone, nem para os sorrisos de outros elegantes que vieram fazer côro com o barão de Sá.

«— Não sabeis por que a gente se ri? perguntou-me elle. — Não, não sei. — Eu vos digo, tornou elle, aquelle homem foi feito barão, ha dias. Chamava-se Joaquim dos Reis; foi meu mestre de piano; mas um pessimo mestre, que nunca foi capaz de me fazer tocar o harpejo da *Joven Lilia abandonada*. Era um sordido, que me sujava as teclas do piano: e quando viu que não levava a vida executando musica, deu-se ao officio de copista de solfa de igreja. Haverá quatro annos que um tal judeu, vindo não sei de d'onde, lhe restituiu um dinheiro, roubado não sei se á mulher, que é aquella velha, e o caso é que o snr. Joaquim dos Reis entra em jogo de fundos, compra com os papeis do governo um convento em Santarem, empresta ao ministerio uma bagatella, e appareceu-nos barão, ha dias, de mais a mais com a insolencia de apresentar-se aqui na grande roda! — O meu imbecil amigo terminou a biographia do mestre do piano com outra gargalhada, e foi direito a elle perguntar-lhe se estaria já habilitado para lhe

ensinar o harpejo da *Joven Lilia abandonada*. Esta pergunta incitou a hilaridade em alguns rapazes, que o seguiram, e o pobre barão phylarmonico retirou-se immediatamente do salão com a pallida mulher. Minutos depois, o creado do cavalheiro Magalhães entrou na roda dos elegantes, onde estava o barão, e disse em alta voz: — O snr. Alberto de Magalhães manda-me conduzir immediatamente o snr. barão de Sá para fóra das suas salas!

— É original o acontecimento! — interrompeu a duqueza.

— Muito original. O barão de Sá retirou tão corrido como o barão dos Reis; e os seus amigos, que se tinham rido do sarcasmo, a seu ver muito espirituoso, ficaram louvando o procedimento do dono da casa, e cortando cruelmente a reputação do expulso com ignomínia.

— E depois?... — interrompeu um sobrinho do deão, que tinha a honra na ponta do nariz — O vosso bizarro amigo, que nos fizestes a honra de apresentar, não desafiou a Alberto?

— Essa pergunta é de selvagem! — retorquiu o deão — Quem falla aqui de desafios? Estamos em terras de cafres, ou somos do paiz mais civilisado do mundo?

— Meu querido tio, o duello é a civilisação — retorquiu o espadachim, empinando um copo de Bordeaux, em que era mais perito que nos duellos, graças ao exemplo de seu tio, perfeito conego, que passára uma regalada vida comendo, bebendo, apostolisando a propagação da fé, lamentando a decadencia do christianismo, e dormindo.

— Não fallemos em cousas desagradaveis — disse o capellão da duqueza, por não trazer á memoria de sua ama e senhora os funestos resultados do duello de seu irmão — Como vão os trabalhos da propagação da fé, snr. deão?

— Bemdito seja Deus, os effeitos são divinos, porque a causa é a causa do Senhor. Mr. Petit, o anjo do Evangelho, escreve de Chichipe-Outipe, e diz que vive entre os Potowatonuas, que conservam ainda a tradição dos jesuitas, os quaes denominavam os *homens negros*. Já sobem a mil e duzentos os christãos. Um padre portuguez, varão apostolico, homem predestinado, foi-lhe mandado como auxilio do céu pela Providencia Divina. Mr. Petit diz que, sem o soccorro d'este enviado do céu, não teria colhido tantos frutos da semente lançada entre os espinhos do paganismo. Acrescenta que a sua figura faz lembrar os apóstolos da primitiva igreja, e que a sua palavra, sempre cortada de gemidos, faz chorar o auditorio, e leva ao espirito a união de um S. Paulo, e do antigo patriarcha das Indias. O seu nome é padre Diniz Ramalho...

— Padre Diniz Ramalho!... — exclamou a duqueza.

— Sim, snr. duqueza. Embarcou em Marselha, haverá

dois annos, com os padres francezes. Elle e o padre Petit são os unicos que sobreviveram aos trabalhos, ás sêdes, e ao martyrio... Vejo-a enthusiasmada com o triumpho dos meus dois queridos missionarios, snr.^a duqueza! Dou graças a Deus por lhe ter causado essa boa commoção!... Mas não quero que chore! isso é de mais...

— Não são amargas estas lagrimas, snr. deão — disse a duqueza, que não podera disfarçar a commoção.

— Ora, meu tio, — atalhou o sobrinho do relator dos triumphos apostolicos — reserve esses beatificos quadros para contar a minha mãe, que acaba sempre por dar mais quatrocentos francos para a obra da propagação da fé.

— És um imbecil, meu talentoso sobrinho — gaguejou o deão, engulindo um damasco de calda, que teve de fazer recuar nos limites da garganta com um copo de champagne.

Findo o jantar, que fora para a duqueza uma prolongada lucta de crueis recordações, de vergonhas intimas, de remorsos suffocados, os importunos convivas esperavam a illustre hospeda na sala onde o chylo se purificaria em espirituosa conversação, se lhes não fosse annunciado, que a snr.^a duqueza, por incommodada, se recolhera á sua camara, e pedia desculpa aos seus amigos.

Retiraram-se com hypocrito pezar, excepto o medico, a quem era obrigatoria a visita ao quarto da sua nervosa doente, que elle curava sempre com quatro anedotas de Paris, contadas com linguagem decente.

D'esta vez, porém, a panacea não aproveitou. Não quizera saber de anedotas a duqueza. Estava mais que nervosa. Era alguma cousa parecida com o phrenesi, o que ella tinha. Inquieta, enraivecida, abraçada, franzindo a testa com tregeitos de aborrecida, a rival infeliz de Eugenia recebera o doutor com estranho máu modo, e por pouco lhe não disse desattenciosamente que a deixasse só.

O medico, da sua parte, não era paciente bastante para atarrar caprichos de mulheres, visto que curava os da sua com dieta de palavras.

Pegára portanto no chapéo e na bengala, quando a duqueza, que até alli parecera indifferente aos frios lenitivos do perplexo doutor, o chamou com a costumada suavidade da sua voz e das suas maneiras:

— Vae zangado, doutor?

— Não, minha senhora... zangado não; mas... quem não sabe decifrar charadas é um dromedario se é teimoso...

— Tendes razão... Eu tenho sido uma charada, e a vossa sciencia é outra...

— Mas a minha charada tem um conceito...

— De certo... são os epitaphios... e bonitos conceitos que elles são, até mesmo porque ha *conceitos* bons que é necessario serem escriptos sobre a sepultura para se estabelecerem...

— Bonito *calembour*, snr.^a duqueza! O que vejo é que passou a tempestade... estimo muito... Vamos a ver este pulso... Noventa pulsações por minuto... É a digestão que se faz irregularmente... isto não é nada... Nunca vos vi semelhante ataque... fizestes-me lembrar vossa mãe, snr.^a duqueza. Tinha dias insupportaveis! Então, era eu rapaz pouco experiente da organização problematica das senhoras, e tinha medo de vossa mãe. Depois, casei, e quiz Deus que minha mulher tivesse uma organização com todos os segredos. Tem sido uma anatomia que me não fica barata, mas tenho aprendido muito n'ella. Receio que me succeda como a Bichat, que foi victima das suas observações no cadaver, e uma autopsia em mulher viva, é cousa um pouco mais séria e perigosa... A snr.^a duqueza ri-se? Pois olhe que eu tenho chorado muitas vezes, porque não pude ainda descobrir a pharmacopeia com que se curam as mulheres dos médicos. Cuidei que curava a minha com um decocto de papoulas...

— Pois destes papoulas a vossa mulher?!

— Nada... tomei-as eu, porque, se é verdade o Evangelho, a minha mulher é a carne da minha carne, o osso dos meus ossos, e os remedios que eu tomar devem influir n'ella como em mim. É o que eu pensava, como bom logico que sou, quando tomei as papoulas. Imaginei que dormindo eu, dormia ella, e dormindo ella, estavam ambos calados. Enganei-me, como um charlatão, como um Paracelso de ridicula memoria. Minha mulher fallava tanto, que me acordava! Acreditaes, snr.^a duqueza, que a medicina está muito atrasada enquanto virdes que os medicos não vivem bem com as suas mulheres... O mais tudo se cura; não ha molestia acabada em *ite* que não tenha uma abundante pharmácia. As proprias paixões se curam com um pouco de extracto de *Molière*. Agora tenho eu um doente, que espero curar com duas risadas applicadas a tempo... Já sabeis quem é o meu doente?

— Não.

— O hospede do viscondé de Armagnac...

— Pois está apaixonado?

— Como um Sardanapalo em miniatura!

— Como o soubestes?

— Disse-m'o o visconde.

— De que maneira?

— Muito simples. Uma declaração desprezada...

— Onde?

— Não fui tão longe nas minhas indagações. O que me

disseram foi só isto. Perguntei desde que tempo duravam aquelles soffrimentos, respondeu o visconde que não havia muito...

— Será romanticismo de criança...

— Ah! a snr.^a duqueza... acha... que será... romanticismo?...

— Fazeis-me essa pergunta com um tom...

— Sem intenção... e, se a tivesse, não ha aqui pensamento máu... Bem podia ser...

— O quê?

— Uma criança audaciosa...

— Por Deus!... achaes que eu tenho attractivos de apaixonarem um homem em quarenta e oito horas?

— Hei de ler os meus auctores a esse respeito...

— Não incommodeis os vossos auctores por semelhante motivo. Eu não me interesso n'esse estudo... Ides ver o vosso doente?

— Tenciono lá passar a noite, se não disserdes o contrario, snr.^a duqueza.

— Tentaes, portanto, cural-o...

— Não, minha senhora... tento...

— Fallae serio como um medico...

— Fallo serio, como sempre, em serios negocios. O menino apaixonado quer sair, e o visconde não o deixa sair sem que eu lhe garanta o nenhum perigo da saída.

— Que perigo?

— O perigo de uma congestão cerebral, ou cousa que o pareça... Os symptomas que hoje lhe vi eram assustadores. É o amor mais febril que tenho encontrado nos casos variadissimos d'esta epidemia...

— Então não vos quero demorar. Ide, e fazei-me o favor de testemunhar o meu desgosto pela falta do visconde e do seu hospede, muito especialmente por causa do imprevisto incómodo.....

XVI

O coração da mulher é um abysmo. Este axioma é já tão velho, que não é habilidade nenhuma repetil-o. Habilidade é sondar o dito abysmo e adivinhar a mulher. Muitos o tentam, e poucos conseguem vir a lume com a pedra philosophal. É uma exploração perigosa como a dos exploradores. É como as

viagens do pólo, em cujos géllos ficam sepultados os nautas atrevidos. E, se não fosse assim difficil a conquista, a mulher não valia nada. O que a faz preciosa é o segredo.

A duqueza de Cliton, angelicas leitoras, era uma mulher superior á analyse do medico penetrante e do experimentado visconde. Vereis que o auctor é muito mais esperto elle só, que os dois cavalheiros juntos, porque, descosendo as pregas d'aquelle coração com a tesoura da maledicencia, indispensavel n'este nosso trabalho de physiologia, vae mostrar-vos a mercancia de Alberto de Magalhães.

A duqueza já nós sabemos que se retirára a Cliton, onde vivia sósinha. Esta violencia, imposta á sua indole, durára anno e meio. As creadas reputavam-a maniaca, e muitas fugiram atemorizadas, suspeitando alguma furiosa demencia em sua ama. Os dias de profunda melancolia, seguidos aos accessos de phrenesi, reputavam-os beaterio: e não os reputavam mal, porque a duqueza, n'esses dias, rezava com fervor, chorava como Magdalena, e tinha outras muitas virtudes de muitas outras santas, que nos não lembram agora. N'esta alter-nativa de santa e de phrenetica, passaram-se dezoito mezes, até que, uma bella manhã, a duqueza de Cliton, melhor avisada, entendeu que não nascera para tal vida, nem tinha motivos razoaveis para viver assim. Esta judiciosa deliberação coincidiu com a chegada do visconde de Armagnac á sua quinta. Resolvida a conviver, cumprindo os deveres de senhora do tom, mandou cumprimentar o melhor amigo de sua casa, raciocinando d'esta maneira: «o visconde ha de querer concellar-me com o mundo; primeiro resistirei; depois, por muito rogada, consentirei que venham a minha casa as antigas relações de Angouleme: e mais tarde irei a París, onde está a minha sociedade, onde se respira o ar da vida que eu preciso respirar. A minha reclusão de anno e meio deve ter movido o interesse e a sympathia das turbas a favor das minhas desgraças. A maledicencia não exige virtudes para se calar; e eu espero que a maledicencia me considere uma mulher superior e me veja através de um prisma de superstição, que eu saberei sustentar com a minha riqueza, e com o calculo, filho da experiencia.

A duqueza planisára assim; mas a reacção era tão impetuosa, que lhe não deixou seguir com vagar o fio dos acontecimentos. O convite para o jantar foi uma precipitação, que maravilhou o deão, e os outros convivas, menos o viajante e o litterato, que absolviam todos os caprichos e celebridades de uma mulher, franceza de mais a mais. Para estes, o isolamento da duqueza era uma phase tão natural como a convivencia. Se a vissem irmã da caridade hoje, e amanhã elan-

güescida em um sofá, arquejando cansada de uma walsa vertiginosa, julgariam ambos os factos como necessidades da organização. E, n'isto, não nos levam vantagem mr. de Colomb, e o seu amigo; porque sabemos que ha organizações assim.

D. Pedro da Silva era uma individualidade inesperada na sua nova época. Amestrada em todos os relances de olhos, e em todos os silências significativos, a duqueza adivinhou depressa a temperatura do coração do seu apresentado. Não se julgou radicalmente amada; mas viu as labaredas do vulcão repentino, embora superficial, que queimava por dentro o manecbo. Bem sabia ella que não era este o primeiro triumpho seu! Tinha visto assim abraçarem-se muitos vesuvios em redor do géllo da sua alma, que só Leopoldo Saavedra soubera derreter, não diremos se com o fogo das suas palavras, se com o metal candente de oitenta mil francos. Fosse o que fosse. Por esses tempos, Theophilo Gautier escrevia o seguinte: «A mulher que resiste a cem mil francos, cederá a duzentos mil... Todas são corruptíveis... a cifra é que varia...» Mas a nossa questão não é esta.

A duqueza de Cliton para saber que era amada não precisava de ler o *suspiro* do portuguez em versos francezes. Convinha-lhe, porém, aceitar o cortejo de D. Pedro da Silva?

Este grave quesito inquietou-lhe o somno da noite, que precedeu o dia do jantar. A essas horas o atormentado manecbo refrigerava ao ar da noite a cabeça escaldada. A duqueza não suppunha tanto; mas combinando umas cousas com as outras, esperava alguma cousa, e reprehendia-se da demasiada severidade das expressões com que lhe entregára desdenhosamente a poesia.

O resultado excedeu a expectativa. Não queria tanto; mas sentiu-se orgulhosa de alguma cousa. As mulheres, de tempo a tempo, quando principiam a duvidar da sua formosura, gostam de colher bons resultados das taes experiencias. Se ha alguma superior a estes louvaveis caprichos, não a conhecemos. As mais veneraveis matronas, as Octávias que levam a mão ao nariz quando as incommodam os perfumes das Lesbianas e das Marcias, essas mesmas, que seguem á letra as imposições do sacramento, que as fez boas esposas e boas mães, não se mortificam demasiadamente se o binoculo impertinente de algum importuno as persegue, inclusivamente na terceira ordem.

A duqueza era como todas as outras, e tinha alguma cousa mais, que muitas outras não tem: era muito linda, muito espiírituosa, muito rica, e muito vaidosa com sobeja razão para sel-o.

O peor foi a conversação do jantar. Os elogios de mr. Colomb a Eugenia de Magalhães deixaram-a atrozmente resenhada. O lume do rancor não se apagára nas cinzas de um apparente esquecimento. A vingança, baldada por um homem superior que o destino lhe deparára, só poderia desvanecer-se por influencia religiosa, que a duqueza não estava disposta a receber. Perdoára por impotencia: este sacrificio não tinha merito nenhum. Parecia-lhe impossivel perdoar, depois de consumir quatro annos e meio atraz dos vestigios da sua victima predestinada. Recebera da America uma carta de padre Diniz; mas essa carta não lhe fallava em Alberto de Magalhães, nem lhe impunha o perdão do ultraje. Não prescindira da sua vingança!... Mas o que tem uma cousa com a outra? Tem muito. Encadeia-se infernalmente o odio entranhado da duqueza com o amor rejeitado de D. Pedro da Silva. Jogava uma paixão vertiginosa entre a criança que nascera, dezenove annos antes, na quinta das Alcaçovas, e o sicario do marquez de Montezellos, que a vendera por quarenta peças, para quinze annos depois a dotar com quarenta contos.

Podiamos aquí já levantar o segundo véo da tragedia occulta no coração da duqueza; mas antes queremos que os leitores sintam a innocente vaidade de levantá-lo.

D. Pedro da Silva estava mais tranquillo quando chegou o medico, portador dos cumprimentos da duqueza, que repetiu na presença do doente. Já prevenido por suspeitas, o doutor reparou que o mancebo ouvira em sobresalto os termos banaes da etiqueta, convenceu-se da *causa morbus*, e achou que tinha dado um grande passo na sciencia, mas para a cura de certo não dera nenhum.

Interrogado pelo visconde, se, no dia seguinte, poderiam partir, o medico respondeu que sim, se a distracção era o fim da saída.

Na manhã do seguinte dia, o medico; antes de recolher-se a Angoulême, visitou a duqueza, que o esperava anciosamente, e deu parte das melhoras do portuguez, que se retirava para Paris. A duqueza sentiu uma mordedura de víbora no coração. Este desenlace era o menos ajustado possivel com os seus calculos.

— Já partiu?— perguntou ella, não sabendo esconder a commoção.

— Ainda não... Partirá de tarde. O visconde tem negocios que o não deixam sair de manhã, e disse-me que viria despedir-se da snr.^a duqueza.

— Sim?

— Sim, minha senhora...

— E...

— Bem sei o que quer perguntar-me... Creio que também virá...

— Sabe que vem?

— Ouvi dizer que sim.

— A quem?

— A elle... A snr.^a duqueza não acredita que o medico é duas vezes confessor... e duas vezes adivinho... que sabe o que se passa na alma, e o que se passa no corpo...

— Quereis dizer...

— Que o meu doente tem razão para adoecer... Os ares aqui são sadios, o céu é bom, as aguas são puras, mas os olhos têm a cholera-asiatica...

— Gracejaes, doutor?

— Com a snr.^a duqueza de Cliton não se graceja. O caso podia ser mais serio... Quem vence os corações sem entrar em batalha, mesmo por caridade com o proximo, não deve apparecer nunca... E não me detesteis por estas franquezas de velho...

O doutor foi interrompido pela noticia da chegada do visconde de Armagnac e D. Pedro da Silva.

— Vê?— continuou o penetrante adivinho do corpo e da alma, como elle modestamente se reputava — Elle ahí está... Era preciso que fosse muito pouco orgulhoso para não vir... Ouço dizer que estes homens da Hespanha são netos dos arabes.

.....
O doutor saía, quando entravam os cavalheiros. A duqueza apertou a mão a D. Pedro da Silva, encarando-o com certo ar de dignidade, que lhe não ia mal.

— Tive um verdadeiro pezar — disse ella — com o vosso incómodo, snr. D. Pedro. Fosse qual fosse o motivo por que não aceitastes o meu convite, quizera que não fosse uma doença de algumas horas...

— Uma passageira doença...— disse D. Pedro.

— Saudades de Paris?

— Justamente.

— Depressa se desenvolveram tão dolorosamente.

— Cuidei que seria superior, mas enganei-me...

— Superior... a quem?

— Á saudade, snr.^a duqueza.

— A solidão não é lenitivo para quem foge ás multidões de Paris, com saudades de Paris...

— É assim, snr.^a duqueza.

— Criança... criança... atalhou o visconde, que adivinhára as intenções orgulhosas do seu amigo.

— Não pensam assim as crianças...— retorquiu a duqueza,

rindo sem vontade — Já não ha crianças... Que annos tem, snr. D. Pedro?

— Dezenove.

— Aos dezenove annos é-se homem pelo coração... ama-se tudo, e, em primeiro logar, a mulher, não é assim?

— De certo, snr.^a duqueza, em primeiro logar, a mulher digna de todo este amor...

— E ha alguma digna de tanto amor?

— Ha, minha senhora... Se conhecesseis a que eu amo...

— Deve ser um ente perfeito, uma mulher invejavel... é de Paris?

— De Paris.

— Da vossa idade?

— Justamente da minha idade. É d'aquellas *que comprehendem os meus versos*, é me repelliria como indigno d'ella, se soubesse que eu tinha consagrado versos a quem m'os não entendesse.

A duqueza mordeu o labio inferior, e continuou:

— E foi por causa d'ella que eu tive o desgosto de vos não ter hontem no meu jantar?

— *Desgosto*, não, snr.^a duqueza. Ella de certo não tem a pedir-vos desculpa de um desgosto... e eu tambem não, porque ha fraquezas que devem tolerar-se a um rapaz de dezenove annos... Minha senhora, eu tenho roubado a palavra ao meu amigo visconde, que parece querer dizer-vos que tem necessidade de retirar-se a tratar de negocios, porque tem a bondade de acompanhar-me a Paris.

— Pois partem hoje?

— Hoje ás cinco horas — respondeu o visconde. — Vamos passar a noite a Angoulême.

— Se partem ás cinco horas... são ainda tres.

D. Pedro da Silva já tinha o chapéo na mão, e meia curvatura em ar de despedida. O visconde seguiu o exemplo do seu heroico amigo, cuja coragem lhe estava dando em que pensar e maravilhar-se.

A duqueza, apertando a mão ao portuguez, disse com dôcura:

— Snr. D. Pedro da Silva, serei indiscreta se vos pedir uma cópia da vossa poesia a um suspiro?

O mancebo estremeceu a esta pergunta, antes de responder, titubeando:

— Indiscreta, não, minha senhora!

— Bem pôde ser que o seja, porque ousou pedir-vos cópia de uma candida inspiração, tão lisonjeira para a pessoa que vos faz poeta de tão sentidas poesias... Este desejo... é mais orgulho de sexo... que outra cousa. É delicioso pertencer,

supposto que no ultimo gráu da escala, ao do ente que vos apaixonou assim... Daes-me a cópia da vossa poesia?

— Enviar-vol-a-hei, snr.^a duqueza.

— Não a receberei... Peço-vos que sejaes o portador... Ha outro motivo de menos consideração para ousar pedir-vos tanto. Queria fazer-vos uma recommendação de viva voz para uma minha amiga de Paris, a duqueza de Choiseul. Conto com a vossa urbanidade?

— Sim, snr.^a duqueza... É uma honrosa commissão, que me daes, qualquer serviço de que me julgueis digno.

— E portanto, não partiremos hoje...— atalhou o visconde.

— O peor é se eu sou o desarranjo dos vossos planos, snr. visconde...— dissé a duqueza com ar infantil.

— Não temos planos, snr.^a duqueza. Vós sois a que traçaes o destino aos vossos servos... Pena é que não hajam grandes transtornos com o adiamento da nossa saída, para fazermos jus á vossa gratidão...

Sairam.

D. Pedro da Silva estava sem saber definir a sua situação.

O visconde beliscou-o, quando montaram a cavallo, e disse, piscando um olho:

— Ah, maganão!...

XVII

Formosa de todo o viço possível aos trinta e sete annos, airoosamente sentada sobre um galhardo murzello, que relinchava orgulhoso de sua dona, acompanhada de dois creados de rica libré, respondendo com um sorriso protector aos aldeões circumvizinhos, que corriam da lavoura á beira da estrada para a cortejarem com alaridos, a duqueza de Cliton ao fim da tarde, passeiava no caminho, onde devia passar D. Pedro da Silva:

Já perto dos muros do visconde, encontrou o moço, que por pouco não solta uma exclamação de surpresa quando a viu tão bella, tão risonha, tão radiosa, e tão de tudo quanto podiam encontrar os olhos ambiciosos de um poeta, e os vossos tambem, leitor sensato!

O cavallo de D. Pedro, pesadêlo fatal do visconde de Armagnac, levantou as patas dianteiras para afagar grosseiramente o cavallo da duqueza. Este, que não era impassivel ás lisonjas do seu collega, ergueu-se tambem, guinchou, soprou duas columnas de fumo pelas ventas trémulas, e mostrou exuberantemente que tinha algumas lições de pugilato. Pedro da

Silva receiava a queda da duqueza; a duqueza, porém, sorria do perigo, e afagava com a elegante mão as crinas eriçadas do seu cavallo.

Restabelecida a harmonia entre os dois generosos adversarios, entraram a par na estrada; corcovando-se, encaracolando-se, nitrindo nos freios, esgarvando garbosamente, emfim, dando-se certa importancia, que fazia valer os cavalleiros mais cento por cento. Isto, que parece futil e pequeno, mal imagina o leitor o valor que tem em idênticas circumstancias. É impossivel dizerem-se cousas grandes e tocantes duas pessoas, que se amam, se caírem na imprudencia de montarem dois jumentos. Experimentem, e verão.

Posto isto, não queremos attribuir á equitação sómente o seguinte dialogo:

— Quereis deixar a minha aldeia, snr. D. Pedro? Tendes razão... isto aqui é muito triste...

— Para mim de certo...

— E para todos... Para vós é que eu, antes de hontem, o não suppunha... Parecieis-me tão feliz... dizíeis da minha terra cousas tão lindas... promettíeis poetisar tanto estes ermos, que não tiveram nunca o seu cantor! De certo vos enganaveis!... Eu bem sabia que vos devíeis aborrecer depressa... O vosso coração não estava aqui, pois não?

— Estava... snr.^a duqueza.

— Adormecido, não é verdade?

— Adormecido... foi uma desgraça acordarem-m'o.

— Com uma carta lacrimosa de Paris?... Não me respondeis?

— Que devo eu responder-vos, senhora!...

— Não me quereis para vossa confidente... e eu quero sel-o... Já vos pedi a poesia... que é d'ella?

— Aqui está, snr.^a duqueza...

— Dar-m'a-heis em minha casa; mas, se me daes uma poesia que não é minha, alguma confiança vos mereço. Dizei-me tudo, ou resumi tudo que tendes a dizer em uma palavra... Amaes?

— Amo.

— Compreendem-vos?... Não admireis esta pergunta. Agora são moda o homem e a mulher *não comprehendidos*. Sereis um d'esses... Compreende-vos a mulher que amaes assim?

— Deve comprehender-me; que eu não conheço nenhuma mais intelligente...

— Que mais desejaes?!

— O que desejo?... Não desejo nada... Queria esquecer-a, porque era mais feliz se não a conhecesse...

— Mas ides procural-a a Paris!... Não é bom systema de esquecer mulheres...

— Chama-me a fatalidade... Hei de esquecel-a em Paris...

— Ides sacrificial-a a outras?

— Não á sacrificarei... Ella é inteiramente insensivel. Não se magoará com a preferencia...

— Então é indigna de vós...

— Não é: eu é que fui um temerario em levantar os olhos para ella...

— Quereis vós uma cousa? Não vades.

— Que não vá?!

— Sim... eu prometto todos os meus esforços em dar-vos um lenitivo aqui... Posso pouco; mas posso contar-vos como é que as illusões expiram na vossa idade... É um serviço que me agradecereis, passados annos; chegareis a ser um homem do grande mundo, sem lá ter ido pagar o tributo das bellas afeições, que vos impellem o coração a trashedar de sympathia por uma flor. Quereis?

— Morrer no coração... suicidar-me... não, snr.^a duqueza, não quero. A vossa generosidade não me deleita, nem me alivia. O que eu quero é o amor, é a vida...

— E receiaes que eu vos dê a morte?

— Receio...

— É que eu sou tambem uma das mulheres não comprehendidas... Gostaes d'este sitio? Olhae o sol!... parece a cabeça abrazada de um gigante que sae detraz das montanhas para se rir da nossa pequenez... Este silencio é tão suave para o coração... Paremos!... Como deve ser bello este mundo para quem for feliz!... São tão poucos os dias que aqui se vivem!... Se não fosse a desgraça, com que saudade o moribundo se lembraria do céu, das flores, das estrellas, e do amor!...

— Sim, sim, do amor... mas o amor é a desgraça, não é, snr.^a duqueza?

— É... acredita-me que o é, meu amigo... Desgraçado aquelle que encerra as suas ambições em uma paixão unica! Eu invejo a felicidade d'aquella pobre mulher que canta além. Para aquella o seu mundo está resumido alli, no trabalho, nas esperanças pequenas, que nunca lhe mentem, nas ambições mesquinhas, que ninguem lhe estorva... O tumulto, as tempestades, as afflicções são para nós, almas soberbas, avarentas de gózos impossiveis, sempre com os labios na fronte e a sede a queimar-nos as entranhas... Não é assim, com esta linguagem, que eu devo mitigar-vos as saudades, D. Pedro da Silva; mas estudae em mim o soffrimento, e vereis que o vosso é pequeno. Tende piedade de mim, e sentireis menos as vossas dores.

Estavam diante do portão de Cliton. D. Pedro conduziu a duqueza pelo braço, deixou-a na sala de visitas, e passou á galeria enquanto ella mudava de trajes.

Os quadros importavam-lhe pouco. Este ultimo dialogo, que não fez impressão nenhuma no leitor, avivará mais o lume, que a duqueza arditosamente ignorante, promettia abraçar. Se a verdade deve ser nua nos romances, como cá fóra na vida prática, diremos que o filho de Angela de Lima não se lembrava já de Paris, e, se tivesse por quem, mandaria dizer ao visconde que desfizesse as malas.

A duqueza mandou chamar o poeta para o seu *boudoir*. O *boudoir* da duqueza, ou antecâmara, que é mais portuguez, era um capricho de opulencias orientaes ao paladar de França. Os perfumes da Asia impregnavam os átomos, escandeciam a cabeça, e embriagavam frouxamente o coração. Os estofos elasticos, submissos ás posturas voluptuosas do corpo, parece que tinham sido construidos ao sabor das voluptuosidades do espirito. O resplendor dos crystaes, a opala, o charão de mil visagens grutescas, o marmore negro em que tremia o reflexo das luzes, as molles esteiras, que pareciam calar os eccos dos passos, como um segredo de sua dona, que devia ser uma fada... e muitas outras cousas, que delectavam Pedro da Silva, e que de certo não servirão de deleite ao leitor, tornavam encantadamente phantastica a existencia do nosso patricio n'aquelle viveiro de delicias.

Era ahi que a princeza de um conto arabe esperava o poeta de suspiros e jasmíns.

— Não repareis no desalinho de tudo isto... Vae em cinco annos que mandei recolher de Paris estas insignificancias ao meu solar. Enquanto viajei, tudo isto esteve para ahi amontoado. Quando volvi á casa onde nasci, pouco ou nada se me dava d'esta ostentação esteril, que não melhora a condição de pessoas infelizes como eu tenho sido...

— Sois infeliz, sr.^a duqueza?

— Muito... Não fallemos de desgraças... Seria da minha parte uma rude franqueza chamar-vos a minha casa para vos contar infortunios de mulher, que não passam de tormentos e insignificancias do coração... Dae-me a vossa poesia...

— A *minha* poesia?

— Sim...

— Não queria eu que ella fosse *minha*...

— Pois então não seja *vossa*... Quereis que vos diga a poesia da vossa querida Beatriz, meu caro Dante? Pois sim... Lêde-a vós... Deve ser mais bella... As palavras devem sair com a fragrancia do coração...

— Vós já a lestes...

— Que importa? Eu tenho lido os sonetos de Petrarcha; mas imagino que os comprehenderia melhor se o auctor viesse lermos... não se me dava de o receber aqui, envolto na sua mortalha, contando que me viesse fallar da sua Laura...

— Mas eu não posso fallar-vos da minha...

— Não? Sois mais mysterioso que um poeta da vossa terra, a quem mataram os amores da filha de um rei.

— Admiro-vos, snr.^a duqueza! Conheceis a minha terra, e os poetas da minha terra como se lá tivesséis vivido!...

— Não vos admireis... Minha mãe era uma senhora muito illustrada, conhecia a lingua portugueza como a franceza, e lia os melhores livros de Portugal! Se visitardes o meu quarto encontrareis muitos livros na vossa lingua... E, não sei porque capricho, me fez aprender o portuguez, que ainda hoje fallo, com pequenas difficuldades... Ides ler a vossa poesia, não ides?

D. Pedro da Silva, com a voz trémula, respirando a custo, e o coração convulso, leu a poesia, que a duqueza ouviu, sorrindo, e encontrando com meigo olhar os olhos do poeta, que procuravam, no fim da leitura, adivinhar-lhe o sorriso indefinível. D. Pedro esperava uma palavra de elogio, isso só, porque seria loucura esperar outra cousa. E o silencio continuava, e o sorriso não se desvanecia nos labios, que pareciam reprimir a gargalhada, que fulminára, uma noite, a cabeça impermeavel do barão de Sá.

A duqueza recebeu graciosamente a poesia, sem descer os olhos da face rosada do mancebo. Depois dobrou-a vagarosamente. Abriu a sua carteira de madre-perola, despejou aos pés de D. Pedro os papeis assetinados e flores murchas que ella continha, e introduziu a poesia, inclinando languidamente a cabeça e abrindo um pouco mais o seu sorriso.

— Eu quero que ella esteja sósinha... A minha carteira é a imagem do meu coração...

D. Pedro fez o que nós fariamos. Não respondeu ao galanteio com um monosyllabo, e elle proprio não sabe dizer se o comprehendeu no mesmo instante. O que elle confessa é que sentiu frios e calores, quando a duqueza, pegando-lhe na mão, lhe perguntou:

— Tendes alguma offensa de que me accuseis? Sai d'esse estado de perplexidade... Vêde que vos fallo com toda esta familiaridade... Respondei-me... Eu offendi-vos?

— Não me podíeis offender.. Magoastes-me, snr.^a duqueza.

— Perdoaes-me?

— Oh senhora!... por que me pedis perdão?

— Esta poesia era minha... completamente minha... e eu repelli-a... perdoaes-me?

— Quem vos disse que eu soffri tanto por causa d'essa repulsa?— disse D. Pedro com a voz commovida e os olhos inundados de lagrimas...

— O meu pezar... o meu coração, que tem o remorso que lhe lembra as suas injustiças... Sabeis qual tem sido a minha vida, D. Pedro da Silva?

— Tendes soffrido, não preciso saber mais nada...

— Precisaes... Sabeis que eu não posso amar-vos?

— Não sei; mas devo acreditar-o, porque me é dito por vós... Não me surpredestes, que eu já sabia que era forçoso este soffrimento... Mas fizestes mal em me chamar a vossa casa para um desengano assim...

— Era necessario que viesseis, e vireis todos os dias. Preciso ver-vos... quero a vossa amizade, e não ousou aspirar a uma paixão, que não posso corresponder-vos, porque sou indigna de vós.

— Indigna de mim?

— Sim, indigna! É necessario muita coragem, ou nenhum amor proprio para semelhante confissão... Embora!... quero expiar o que vos fiz soffrer, rasgando da face um véo, que vos deixe ver as sombras da escuridade em que tenho esta pobre alma... Eu seria uma infame mulher, se vos captasse com meiguices calculadas, uma a uma, para, ao cabo de quinze dias, vos dar este desengano. Se me daes um sentimento bom da vossa alma infantil, deixae-me colher essa flor sem espinhos; mas não quero tocar-me com ella, porque a minha cabeça tem fogo do inferno, e a flor murcharia logo! D. Pedro, não me julgueis douda... Eu reconheço infelizmente que tenho todas as faculdades na melhor disposição para serem a minha tortura... Preciso de um amigo, com o coração puro, com a candura na innocencia das palavras. Quero adorar-o, quero queimar-lhe o incenso que tenho salvado das tempestades do mundo; mas não quero dar-lhe o que sou, porque não sou nada... sou um corpo, um falso triumpho, que não póde fazer a vaidade de ninguem... Reparae que não estou boa... Está chegando a minha terrivel hora de reconcentração. Concedei-me a liberdade de vos despedir... Vinde amanhã jantar commigo, e fazei que venha o visconde.

D. Pedro da Silva sentiu que a mão da duqueza apertava a sua com estremecimento. Quiz despedir-se com algumas lagrimas euphonicas; mas o coração n'aquella idade não tem á sua disposição um diccionario de synonymos, ou a reminiscencia salvadora de um romance.

Duas noites antes, retirára atordado da repulsa. Por causa opposta, D. Pedro da Silva não ia agora menos confuso. Entendo, porém, em colloquio tranquillo com a sua consciencia,

entendeu que era o homem mais feliz do globo. Entendeu mal. O homem mais feliz do globo é o idiota.

XVIII

Seja curioso o diário successivo dos dialogos da duqueza de Cliton e D. Pedro da Silva, no decurso de tres deliciosos mezes. Os manuscriptos, que nos enviaram, não nos auctorisam a inventar cousas que se não disseram. Attendendo, porém, á espezteza inequivoca dos leitores, e tambem á minha, poderemos calcular pouco mais ou menos que em noventa entrevistas, a uma por dia, não podiam dizer cousa que não tenhamos dito muitas vezes nós.

Para muita gente dá que entender o como é que se entretém o fogo sagrado entre um amante, honesto como Florian, e a respectiva amada, que se venera como uma Vêstal. Acham pequeno o vocabulario da lingua humana, para em cada novo dia dizer uma cousa nova. Chegam os taes a persuadir-se até que o aborrecimento ha de vir por força enjoar dois amantes que procuram descobrir o motu-contínuo do palavriado. Enganam-se.

O visconde de Armagnac, que, n'esta especie, fazia côro com os sobreditos, perguntava ao cabo de dois mezes de visitas successivas, em que é que entretinham o tempo.

— Eu vos digo — respondeu D. Pedro com toda a candura e verdade do seu coração. — A duqueza de Cliton tem sempre uma cousa nova a contar-me das suas viagens. Apaixonadissima pelo Oriente, falla da Grecia com mais enthusiasmo que o Byron, e do deserto com mais poesia que o meu proprio Lamartine. Ás vezes exprime-se em um estylo de inspirada, e da exaltação da febre do talento recae em uma especie de somnambulismo, que me faz lembrar aquella grega que prophetisava a queda da paganismo.

— Com effeito...—atalhou, sorrindo, o visconde — Eu não sabia que a duqueza de Cliton tinha talento com febre, e era somnambula!... Quando a conheci em Paris estava sempre acordada como uma raposa, e tinha os olhos vivos e buliçosos como a propria antílope, de que falla Buffon.

— Não zombeis, visconde.

— Por Deus, que não zombo, meu caro Pedro... E quando não está somnambula, nem tem febre no talento, que fazeis?

— Ha sempre boas inspirações, assumptos do coração, que nos fazem parecer curto o tempo.

— Pelo que vejo, defendeis theses sobre o amor. Isso deve ser delicioso. E quando as theses são discutidas, lavraes a acta, academicamente fallando, da sessão?...

— Não vos entendo, visconde...

— Que candura! Hoje que tencionam fazer?

— Leremos as *Noites de Young*.

— E amanhã?

— O *Paraizo perdido* de Milton.

— E depois?

— Depois... é domingo?

— É... que lêdes no domingo?

— As vossas *Memorias sobre o ministerio de Talleyrand*.

— Então quereis dormir como o crédor ao sétimo dia... Angelicas creaturas!... Ora olhae para mim... Tendes fallado seriamente?

— Como sempre vos fallo, snr. visconde.

— Só trataes de somnambulismo, e de febre no talento? Só adormecejs com as minhas *Memorias sobre o ministerio de Talleyrand*?

— Na vossa pergunta ha uma intenção deshonesta, impropria...

— Estylo inglez... *improper*... É pena que não useis capa...

— Capa?! que quereis dizer?

— Queria ver se virieis um dia sem ella... Conheceis a historia de Joseph do Egypto?

— Conheço perfeitamente... e vós conheceis a historia da Suzana no banho?

— Perfeitissimamente... Os velhos eram lascivos, por isso que não acreditavam na febre do talento.

.....
A prática tornou-se pouco edificante. Basta o que fica escripto para avaliarmos a cordialidade de Pedro da Silva, cuja moral, formada em Inglaterra, estava sendo inoffensivamente chasqueada pelo velho, que votava pela restauração dos costumes da Regencia, salvas as apparencias. A corrupção não era cousa que se applaudisse, mas o visconde não duvidava recebê-la como facto consummado. Não arruinar a casa nem a saúde, era este o ponto onde convergiam as sollicitudes do velho a favor do seu joven amigo.

O certo é que os amores do pupillo de padre Diniz não podiam ser mais honestos. O coração interessava-se nas viagens da duqueza; o espirito alimentava-se do pábulo do espirito, e a materia não exigia nada. No seu platonismo sincero, o legítimo poeta, como todos deviam ser para accumularem ao mesmo tempo as funcções de contraltos na capella Sixtina, ou

a guarda das portas invioláveis do harem, visto que a poesia não basta para viver — o legitimo poeta, diziamos nós, coraria, se a duqueza lhe dissesse que a escola dos espirituálistas não grangeava martyres no *boudoir* de uma mulher de triata e sete annos, sem deveres a cumprir com seu marido.

Diga-se a verdade: a duqueza não era capaz de metter em taes embarços o seu extremoso amigo. No coração d'esta mulher estavam tres corações, pelo menos. O de que ella se servira para nutrir as ideias ambições de D. Pedro da Silva, era um coração ideal, como o da amavel leitora, que nos faz a honra de nos ler, e acreditar o mais que vae dizer-se a respeito do caracter inconsistente da confidente de padre Diniz.

A duqueza calculára, amando o portuguez, ou fingindo amal-o, crear um inimigo contra Alberto de Magalhães. O mancebo apaixonado, propenso ao romanesco, saudoso dos antigos brios da cavallaria errante, seria um instrumento cego nas habeis mãos da mallegrada condessa de Minturnes do barão de Sá. Amor não lh'o daria ella sem condições; ora o amor que se dá com condições, como quem lavra uma escriptura de doação de bens com o onus de certas tenças, um tal amor... imaginemos que amor poderia ser!... Uma segunda scena, supposto que mais tragica, da comedia representada com o ridiculo barão, que andava por Lisboa usando a bilis nas nedeas bochechas do pobre Joaquim dos Reis.

O calculo era aquelle: mas o coração da duqueza, isto é, o coração numero tres desmanchava os calculos do numero um.

O primeiro mez de namoro, como se diz nos cafés, e cremos que nos salões também, transtornou os planos da duqueza. O habito de tratar com um joven ingenuo, apaixonado, nunca surprehendido em uma mentira d'essas que as mulheres toleram, pagando-se com usura a familiaridade, e depois as boas maneiras, a gentil presença, e a poesia sempre ardente de D. Pedro da Silva, porventura tudo isto, e muitas cousas mais, fizeram palpar-lhe o coração, inactivo desde muito, o coração das idealidades, das esperanças, das afeições generosas, e da intima estima, que é o mais caro sentimento que devemos ás mulheres, que foram anjos antes de serem o que são.

D. Pedro, sem comprehender a metamorphose, estranhou a intimidade carinhosa com que era recebido. E que até então, esgotados os enthusiasmos da cabeça, a frieza do coração gelava o rosto da duqueza, que, nem artificiosamente, já sabia manusear os ardis calculados para a sua vingança.

Era, portanto, amado D. Pedro da Silva, e amado como devia ser-o por tal mulher, que, desde viuva, apenas sentira odios e caprichos. O delirio por Leopoldo Saavedra fora uma

lava de orgulho que respirára inflammada pela faísca da vergonha de si própria. Se lhe chamássemos amor a esse ciúme rancoroso, degradariamos muito aquella virtude.

A mulher, porém, que fingira um sentimento nobre por D. Pedro da Silva, com a perversa doblez de o atirar com um punhal ao coração de Alberto de Magalhães, seria susceptível de uma affeição sublime, chegaria a envergonhar-se da ultrajante idéa em que quizera fazer cumplice um nobre mancebo, que, cheio de fé, se lhe dava com toda a innocencia dos dezenove annos?

É o problema que vae resolver-se..

Eram, pois, passados tres mezes, depois que a duqueza adoptára como seu o *suspiro* do nosso poeta.

Em tarde calmosa de julho, debaixo do transparente céu, que parecia sorrir ao seu retrato reflectido no lago, cantavam os passarinhos, murmuravam as fontes, ciciavam em redor do mirto as borboletas, recendiam as flores, zumbiam os insectos e murmuravam languidos colloquios a duqueza de Clifton, encostada ao hombro do seu ditoso poeta.

Embragado pelo nectar da suprema felicidade, o alquebrado amante não sabia dizer o que tinha de celeste no coração, e imaginava que o horizonte da sua alma abrangia a realisação de tudo que sonha o talento, do mais a que podem ir as aspirações ambiciosas do homem.

Da apologia bucolica do panorama, que os rodeava, vieram á silenciosa concentração, mudez das almas privilegiadas, na extrema alegria, ou na dor profunda. Foi a duqueza que quebrou o silencio com a sua voz maviosa, unico som que faltava para o hymno do crepusculo:

— Pedro, ouviste o que eu te disse?

— Não!... tu fallaste agora?

— O meu coração fallou tanto!... cuidei que me ouviras!... Será necessaria a palavra, quando o fio electrico se interpõe na linguagem muda de duas almas? Não é, não... Olha... eu ouvi-te...

— Sim? Devias ouvir bellas cousas... repete-m'as, Elisa...

— Queres? Scismavas no futuro, e perguntavas ao tempo, á fatal sibylla que escarnece os calculos humanos... perguntavas-lhe se a nossa felicidade de hoje seria exterminada um dia... Era isso?

— Elisa!... tu és um anjo!...

— Por quê?

— Vieste ao fundo do meu coração, e viste o invisivel para todo o mundo! Como pôde isto ser? Aventuraste-te a adivinhar, ou a minha alma é tão clara para ti, como têm sido verdadeiras as minhas palavras?

— O anjo és tu, Pedro da Silva... O anjo és tu, que não viste a traição que te preparava cavillosamente uma mulher da infame sociedade d'este mundo...

— Uma traição!...

— Sim... mas não me peças a significação d'esta palavra... Hoje, filho, adoro-te com toda a unção de um espirito juvenil! Hoje pede-me sacrificios, que eu dou-te a vida... Diz-me que queres uma expiação do crime, que me faz chorar estas lagrimas, e eu provarei todas as amarguras, tomarei de tuas mãos todos os sacrificios...

— Não falles assim, Elisa!... Antes quero ver-te soberana. O teu orgulho tem suavidades para mim... Quero-te orgulhosa; não te culpo por vaidades legítimas... Eras vaidosa, porque devias sel-o. As humiliações, se me forçasses a ellas, eram proprias de mim, que me sinto insignificante quando ousou chamar-te *minha*...

— *Tua*!... — atalhou ella com tristeza — e serei eu tua!...

— Se o serás, Elisa?!

— Sim... sabes que sacrificios eu te custaria?

— Não....

— Não? Pouco valho então para ti, Pedro!...

— Elisa... eu não comprehendí a tua pergunta. Que me dissesse?

— Na minha posição, sabes com que condições uma mulher se renuncia inteiramente a um homem? .

— Sei... e recebo-as todas...

— Eu não t'as offereço... não pôde realisar-se a tua generosidade... Não podes ser meu marido...

— Bem o sabia...

— Sabia-o?

— Sim... tu és a duqueza de Cliton... Eu sou um forasteiro, que não posso sequer pronunciar os nomes de meus paes... Sou rico; mas não sei d'onde vem esta riqueza. O filho bastardo não tem a quem peça uma genealogia que possa emparelhar com a tua...

— Cala-te... Tu não levantas o teu espirito á altura do meu. Sou muito pequena a teus olhos.... e tens razão... porque realmente... sou pequenissima... Não posso ser tua mulher!... vê tu que pequena eu sou!...

— Por quê, Elisa?... quem te domina?

— A consciencia, que tem um escrupulo, e o coração, que tem uma dóda...

— Amaste um homem...

— Não o amejei... é uma infamia sem nome! Esse demonio deixou-me um punhal de fogo enterrado no coração... para toda a vida... Este lume queimaria a existencia d'aquelle que

tentasse identificar-se com o meu espirito... Mas não me aborrecas por isso, meu caro amigo. Sé meu irmão, já que esse malvado me matou o unico irmão que eu tinha...

— E foi elle?

— Pois não sabes a minha historia!?... É uma maravilha que t'a não tenham contado... Vejo que devo uma grande fineza ao visconde de Armagnac... Silêncio, pois... Eu não quero captivar-te com lagrimas de falsa contrição. A mulher, que correu cinco annos atraz da vingança, não está contrita... Pedro da Silva... Não temos nós sido felizes, ha tres mezes?

— Sim... feliz... mas tu não és feliz...

— Não... não sou... Sustento esta mascara... tenho um dominio de ferro sobre as minhas lagrimas, quando quero; fallo com as mulheres felizes, porque obedeco ás reminiscencias dos meus bons tempos, tão depressa corridos da tragedia da minha vida...

— Elisa... tu choras?!

— Vamos d'aqui... Já não acho bellezas n'isto... Vejo tudo coberto de luto... Olha, Pedro da Silva, fizeram-me desgraçada e má... Eu era boa e feliz...

Sairam do jardim e entraram silenciosos na sala. Esta situação durou longo tempo. Pedro da Silva meditava uma pergunta arrojada. Luctou com mil receios oppostos. Revestiu-se de uma audacia de homem, farto do mundo, ou sequioso de grandes commoções; tomou a mão da duqueza com estranha intrepidez, e disse-lhe em um tòm pouco natural na sua idade:

— Elisa... responde-me... esse homem ainda vive?

— Vive.

— Onde?

— Em Lisboa.

— Como se chama?

— Que te importa o seu nome?

— Cuidei que esta pergunta merecia a confidencia d'esse nome.

— Com que intenção m'a fizeste?

— Com a intenção de vingar a mulher que me chamou «irmão»...

— Agradeço-te o cavalheirismo; mas não aceito a generosidade... Não tinhas outra intenção?

— Tenho... Vingar o irmão da duqueza de Cliton.

— Aceito, em nome de meu irmão... Esse homem chama-se, em Lisboa, Alberto de Magalhães.

A duqueza ergueu-se convulsivamente, e apertou com jubilo satânico a mão de D. Pedro, que procurava recordar-se do homem, cujo nome lhe não era inteiramente desconhecido.

— Conheces este homem?

— Não conheci... Eu quando saí de Portugal só conheci um padre que me educou, a irmã d'esse padre, e minha mãe, que já não vive...

— És um perfeito homem, Pedro da Silva. Agora sim, avaliei a tua alma!... Ouve-me... Quero a tua vida: não consentirei que tenhas a menor intelligencia com o assassino de meu irmão. Promettes-me?

— O quê, Elisa?

— Absoluto desprezo para tal homem.

— Não prometto... juro pela memoria de minha mãe, que vingarei teu irmão.

— Pedro da Silva!...

A duqueza estava abraçada ao pescoço de D. Pedro, quando sentiu passos, e suspendeu a réplica ao juramento do manco. Era o visconde de Armagnac, que vinha do passeio e fazia escala pelos paços encantados da rainha das fadas, como elle costumava, nos subscriptos perfumados dos seus bilhetes, indicar a residencia da duqueza.

A conversação, quasi toda a cargo do visconde, tornou-se profusamente banal como as suas *Memorias sobre o ministro Talleyrand*.

.....
A duqueza, no seguinte dia, entrava no seu toucador, e viu sobre uma salva de prata uma carta, que abriu sôfregamente. Era este o seu conteúdo:

«É necessario ser digno de ti, como amigo da memoria de teu irmão. Estas amizades, contrahidas com um morto, são impercedouras. Quero um dia poder ajoelhar contigo sobre o tumulto do teu amigo, e dizer: «nosso irmão! foste vingado!»

«*Pedro da Silva.*»

Elisa, allucinada, escreveu duas palavras; mandou-as ao seu destino; esperou anciosa a resposta. Devolveram-lhe a mesma carta fechada... Pedro da Silva, á meia noite, saíra para Paris.

O visconde de Armagnac, espantado de semelhante repente, que não pôde suster, deu razão ao diabo, por não querer nada com rapazes.

XIX

Treze dias depois, Alberto de Magalhães recebia do seu correspondente em Paris uma carta que fallava de passagem em Pedro da Silva, nas seguintes linhas:

«Disse-vos, ha tempos, que D. Pedro da Silva saíra para Angouleme a passar a estação na quinta do seu amigo visconde de Armagnac. O honrado velho interessa-se extraordinariamente pelo rapaz. Hoje mesmo, porém, chegou elle aqui, e sacou quinze mil francos. Disse-me que saia de França por alguns mezes, sem me dizer que paiz viajava. Em cumprimento das vossas ordens, não duvidei entregar-lhe a quantia pedida.»

.....
Alberto, lida a carta, disse a Eugenia:

— O filho da condessa saiu de França.

— Para onde?

— Não sei. Não poderá ir longe com o dinheiro que sacou...

— Aquelle rapaz, com tanta liberdade, pôde perder-se...

Por que o não sujeitas á influencia de alguém?

— De quem? Não quero que elle tenha uma privação... Deixá-lo ser rapaz; tempo virá em que seja homem com as decepções de todos os homens. É preciso que nos habituemos a considerá-lo pessoa da nossa familia.

— Por isso mesmo, Alberto, é que eu me interesso no seu futuro. Tu podes fazel-o rico; mas feliz de certo não, porque elle é filho de uma desgraçada mãe, e de um pae, que morreu despedaçado de angustias...

— Eugenia!...

— Ah! sim... não fallemos n'esse homem... Empallideces sempre que te fallo n'elle... É tão mysterioso o teu passado, meu querido amigo!... Tomára eu que um dia te levantasses sem memoria... Queria que te recordasses sómente d'estes ultimos quatro annos, em que devemos tanto á Providencia...

— Se a Providencia te ouvisse... Sim, Eugenia... eu queria esquecer-me... Só assim poderia reputar-me o mais feliz dos homens.. E não será orgulho... Tudo o que temos seria um meio de consolar infelizes...

— Se realisasses o teu pensamento de saír de Portugal...

— É o meu querido pensamento... Sairemos, Eugenia; mas eu preciso deixar cair a mascara diante do filho de Angela de Lima. É preciso que elle venha a Lisboa, que me conheça, que me ame, e que nos siga. Uma terceira pessoa na

nossa familia é uma necessidade para o coração... Eu considero-o-hei meu filho, e tu sentirás por elle a ternura de irmã. Logo que elle torne a França farei que venha a Portugal... Ha de vir... parece-me que receberei uma bella commoção quando vir o mancebo, que tive n'estas mãos, criancinha, com meia hora de existencia...

— Tu!... não me tinhas dito isso...

— De certo, não... e basta que saibas isto, Eugenia...

— Cuidei que só o viras ha cinco annos, em casa de padre Diniz... E elle conhece-te?

— Pelo nome, de certo não. Diante d'elle foram poucas as minhas palavras... eu creio que nenhuma. Estou que me não conhecerá se me vir.

— Dizes-me uma cousa, meu querido Alberto?

— Qual é?

— Este menino é teu... digo... é teu filho?

— Não... não tem commigo parentesco nenhum. Não te disse tantas vezes que era filho de Angela de Lima, e de D. Pedro da Silva, da casa de Alvações?

— Disseste... mas perdoa-me... esta curiosidade, que é toda do coração... Não te perguntarei mais nada.

.....
No pátio de Alberto de Magalhães parou uma sege de praça, e o sujeito que apeou, annunciou-se com um bilhete, em que vinha escripto a lapis o seguinte:

UM EMISSARIO DE MR. ARTHUR DE MONTFORT.

Alberto ficou estupefacto com semelhante extravagancia, e escondeu de Eugenia o bilhete, pedindo-lhe que se retirasse.

— Oh! filho!... até o nome das tuas visitas é um segredo para tua mulher!... murmurou ella, retirando-se mais despeitada do que deve entender-se das suas palavras.

A pessoa annunciada entrou em uma sala de espera; esperou alguns segundos, e foi conduzida a outra, onde encontrou Alberto de Magalhães. Este, ao vel-o sentiu uma commoção, que o emissario de Mr. Arthur de Montfort não concebeu, D. Pedro da Silva, que o leitor adivinhou sem que lh'o dissessem, foi immediatamente conhecido por Alberto de Magalhães. O discipulo de padre Diniz, quando encarou o assassino do seu constituinte, suspeitou que era elle o homem, que vira uma vez em casa do padre, nas vesperas da sua partida para Londres. Esta suspeita embarçou-o a ponto de perder da memoria as primeiras palavras do seu mandato.

— Posso saber — perguntou Alberto, contrariando a perplexidade — quem é o cavalheiro que me procura?

Esta pergunta desvaneceu a suspeita de D. Pedro, que recobrou a energia perdida, respondendo em claro portuguez:

— O meu bilhete dá uma perfeita idéa de quem eu sou.

— É effectivamente o emissario de Arthur de Montfort? Arthur de Montfort morreu ha perto de nove annos. Vem por consequencia do outro mundo... Como se vive por lá?

Este sarcasmo desarmou momentaneamente o pobre moço, que se suppunha funcionando em pleno mundo de Anna Radcliffe. Subira-lhe a côr ao rosto; devemos, porém, crer que n'esse rubor havia mais cólera que vergonha, pela resposta que deu:

— Por lá... vive-se mais tranquillo que por cá. Lá, os assassinos repousam. Aqui, os assassinos esperam a sua hora.

— Pela declamação, vejo que o senhor é admirador da escola dramatica de Victor Hugo... Antes de fallarmos do outro mundo, que deve ser uma interessante palestra, fallemos um pouco d'este valle de lagrimas, em que tenho a honra de encontral-o. O cavalheiro é portuguez?

— Sou portuguez; mas não venho disposto a fazer a minha biographia.

— Tem razão. Quem vem da região dos espiritos não deve gastar tempo com as materialidades cá de baixo. Queira dizer a sua embaixada, que eu todo sou attenção.

— Arthur de Montfort foi assassinado ha nove annos.

— É o mesmo que eu já lhe tinha dito.

— Peço-lhe a delicadéza de me não interromper, quando não esqueço-me de que estou em casa de um cavalheiro, e offereço-lhe já uma pistola.

— Agradeço a offerta... — respondeu Alberto com uma ligeira continencia, e um sorriso o mais fulminante que pôde imaginar-se — Queira fallar, na certeza de não ser interrompido.

— Tenho pouco a dizer-lhe. Depois de nove annos, não se considera prescripta a vingança de Arthur de Montfort. Exijo que o assassino d'este cavalheiro me responda no campo da honra, com as armas na mão.

— E' um duello que vem propor-me. Deixe-me meditar alguns minutos... Fuma, senhor... não sei o seu nome... mas dispensem-se esta formalidade de baptismo... se quer bons *havanos*...

— Não fumo.

— Mas o fumo não o incommoda?

— Não, senhor... Digne-se responder-me com brevidade.

— Um pouco mais... um minuto no seu relógio... pontualidade ingleza! Sabe perfeitamente o que é pontualidade ingleza... Vejo-lhe apparencias de que tem visto muito mundo, e tem representado em lances rasgados, como este que vem

propor-me!... Sou o primeiro a maravilhar-me da grandeza da alma com que vem de além dos tumulos pedir saldo de contas ao assassino do seu amigo. Castor e Pollux existiram uma vez, e agora é a segunda. É admiravel, porém, que na sua idade se fortaleçam os vinculos de amizade, que o prendem com tanta honra ao tumulto do seu amigo! Quando esse cavalheiro morreu, que idade poderia ter o meu digno adversario? Dez annos. De certo nunca o viu... Ha, porém, uma pessoa que dá muitos ares de Arthur de Montfort. É a duquesa de Cliton, que mora nos suburbios de Angouleme... Quem sympathisar com as feições da gentil duquesa pôde, se for romantico, sympathisar com a sombra mortuaria do irmão... Passou o minuto, cavalheiro... Agora respondo: aceito o seu duello; mas tenho a fazer-lhe uma pequena reflexão, que espero não desattenda. Um duello não se propõe assim. A praxe não prescinde de testemunhas...

— Não conheço ninguém em Portugal.

— Não? N'esse caso, eu vou relacional-o com dois cava-theiros, que receberão a honra de ser seus padrinhos. Onde se hospedou?

— No Izidro.

— No Izidro? Naturalmente está no quarto n.º 7...

— Sim... justamente... n.º 7.

— Deve ter encontrado lá o aroma das perfumarias da duquesa de Cliton...

— Não comprehendo o motejo, snr. Alberto de Magalhães.

— Na sua idade ignoram-se muitas cousas, snr. D. Pedro da Silva.

— Como lhe é conhecido o meu nome? — disse o mancebo, fixando o flegmatico zombeteiro com a immobildade do pismo.

— O seu nome é como a luz que não deve esconder-se debaixo do meio-alqueire... Meu querido senhor, se não tem a mandar-me no seu serviço, queira recolher-se ao seu hotel, e dentro de uma hora será visitado por dois amigos meus, aos quaes occultará o seu nome, se assim lhe convier. Sou mesmo de opinião que occulte o seu nome.

D. Pedro, retirando-se, não podemos dizer que pensava isto ou aquillo, porque não pensava em nada. Lances taes são a atrophia da razão, embaralham todos os juizos possiveis, e escurecem todas as luzes que invocamos para encontrar o fio do labyrintho.

O certo é que, uma hora depois, o enleio do nosso sympathico amigo augmentou a ponto de o embrutecer miseravelmente. Esperava no seu quarto as promettidas visitas, quando

lhe annunciaram o conde de Alvações, que era irmão de seu pae, e o marquez de Montezellos, irmão de sua mãe! Semelhante coincidência era impossivel vir do acaso! A debil cabeça do amante da duqueza tinha lume! Um fatal mysterio desorganisava todos os seus planos, e ameaçava algum trans-torno na sua razão!

Os dois titulares tinham perguntado pelo cavalheiro Alfred de Elbene, no quarto n.º 7. Novo embarço!

Entraram: eram homens de quarenta annos.

D. Pedro da Silva foi saudado por elles como mr. Alfred d'Elbene. Fallaram-lhe em mau francez; e elle respondeu correctamente na lingua em que lhe fallavam.

— Mr. d'Elbene, — disse o marquez de Montezellos — venho com o meu amigo cumprimentar-vos, e desde já offerer-vos o nosso auxilio em uma pendencia de honra, que tendes com o snr. Alberto de Magalhães.

— É caso novo — acrescentou o conde de Alvações — sermos enviados pelo vosso adversario, para nos collocarmos da vossa parte. Todavia, esperamos acrediteis que somos dois cavalheiros, incapazes de falsear a nossa honrosa missão de padrinhos...

— Assim o creio... — balbuciou D. Pedro.

— A vossa proposta qual é?

— Um duello com qualquer arma da escolha do desafiado.

— Alberto dá-vos a escolha da arma.

— Não aceito a generosidade.

— Isso é orgulho descomedido... Aceitae.

— Qual arma joga melhor Alberto de Magalhães?

— Não sabemos... Alberto de Magalhães nunca se bateu. Essa honra estava reservada para vós. Que arma quereis?

— O florete, se Alberto conhece esta arma; no caso negativo, a pistola.

— Em tal caso irão ambas as armas.

— É o mais providente... — acrescentou o marquez de Montezellos.

— Aceito... — disse D. Pedro.

— A que horas?

— Quando quizerdes.

— A's cinco da tarde. Não tendes predilecção por algum lugar?

— Qualquer lugar é bom.

— A's cinco horas estareis comnosco na carruagem.

— Pareceis-me um corajoso mancebo, mr. d'Elbene! — disse o conde de Alvações, apertando-lhe a mão na despedida.

— Desejamos o vosso triumpho, cavalheiro — acrescentou

o marquez de Montezellos, que, fóra da porta, dizia ao ouvido do seu antigo amigo, em portuguez chão: *pobre rapaz... em que te metteste!*

XX

À hora dada, a carruagem do marquez de Montezellos recebeu D. Pedro da Silva, e a do conde de Alvações tomára a dianteira para parar no logar aprasado. Passaram em Campolide, e o filho de Angela de Lima, quando avistou um palacete, não pôde reprimir duas lagrimas, que lhe tremiam nos olhos, e não foram despercebidas para o companheiro.

— Que tendes, mr. d'Elbène?

— Nada; snr. conde... Uma saudade...

— De namorado?...

— De filho...

— Ah!... tendes mãe?

— Já não tenho...

— Lembraram-vos os seus carinhos? Tendes razão sobeja para chorar... Eu também chorei muito a minha...

— E, com effeito, vejo que choraes...

— Agora é outra cousa... Esta casa fez-me lembrar uma infeliz senhora que aqui viveu...

— Vossa irmã?

— Devia sel-o... foi a mulher por quem morreu um irmão que me apparece, ha dezenove annos, em todos os instantes da minha vida... Vae ahi adiante de nós o irmão d'essa pobre victima de um tyranno, que se dizia pae... Eu dou a minha vida se elle se lembrou de sua irmã...

— Parece que devieis ser inimigos...

— Como sabeis que deviamos ser inimigos?! — interpellou o conde, surprehendido da extraordinaria penetração do supposto francez.

D. Pedro, que vira logo a inconveniencia de semelhante reparo, tergiversou na resposta.

A carruagem do marquez de Montezellos parou a um tiro de bala distante do palacete da defunta condessa de Santa Barbara. Ha ahi uma esplanada inculta, coberta de rosmanninho, rodeada de charnecas. Apearam.

Alberto de Magalhães veio cumprimentar os padrinhos de D. Pedro da Silva, que apresentaram mr. Alfred d'Elbène aos padrinhos do seu adversario.

O filho de Angela de Lima não denunciava o menor symptoma de pusillanimidade.

Alberto, mais pallido que elle, mediu-o com um d'estes olhares de ostentação, de piedade, ou de pasmo. Voltou-se, depois, para o marquez de Montezellos:

— Pergunte ao seu afilhado que arma quer.

— Seja qual for — respondeu, obviando á pergunta de inutil formalidade, D. Pedro da Silva.

— Os francezes tem a primazia do florete entre todas as nações. Snr. marquez, queira dar um florete a mr. d'Elbéne.

D. Pedro, com admiravel impassibilidade, despiu o frac, o collete, as luvas, recebeu o florete, e collocou-se em frente de Alberto, que se despia vagarosamente, como quem receia uma constipação.

— Parece que Alberto tem medo!... — segredou o conde ao ouvido do marquez.

— Tambem me parece!... devia ser bonito, se o petit-metre vinha a Portugal dar uma escovadella no *chevalier sens peur*, que atirou com D. Martinho de Almeida ao Tejo...

— Quando defendia vossa irmã de uma calunnia ultrajante á sua honra, snr. marquez!

O irmão da condessa encarou com azedume o conde. Aquellas palavras eram um buido sarcasmo, que o irmão de D. Pedro da Silva dardejava sobre o seu velho inimigo, sempre que podia.

Este dialogo mudo foi distrahido pelo combate que principiava. D. Pedro atirava ao seu adversario alguns golpes mortaes, que revelavam mais odio que sciencia na arma. Alberto desviou-lh'os, recuando, e o mancebo allucinado, contando com o seu triumpho, avançava quanto o seu contendor recuava.

Proximo a um comoro, que formava uma especie de devesa no campo, Alberto viu, de relance, que não podia recuar. A este tempo, os padrinhos, de parte a parte, julgavam-o em grande desvantagem e perigo imminente.

— Agora recuareis vós, meu caro senhor, que eu não posso recuar mais — disse Alberto com urbano sorriso, como quem diz um galanteio a uma dama.

D. Pedro, que até aqui fora aggressor, sem talvez se lembrar, no entusiasmo da luta, que teria de ser aggreddido, foi forçado a recuar. Não obstante a promptidão dos botes, que o salvavam dos tiros mortaes que, apparentemente, Alberto lhe fazia, D. Pedro da Silva sentiu a ponta do florete adversario rasgar-lhe o lado esquerdo da gravata. Os padrinhos, que suppozera ferido o moço, correram a suspender o combate.

— Não está ferido — disse Alberto.

— De certo, não estou ferido — confirmou D. Pedro.

E continuaram o duello. Outra vez o florete de Alberto procurou a gravata do fatigado emissario de Arthur de Montfort. D'esta vez era o lado direito da gravata que soffreu o rasgão. Isto já não podia ser casual. Os cavalheiros confirmaram os antigos creditos de Alberto, um pouco duvidosos, e confessaram na sua consciencia que mr. Alfred d'Elbene podia ter morrido, pelo menos, duas vezes. D. Pedro perdeu a cabeça. O orgulho revoltou-se contra a generosidade. A defeza, que tão necessaria lhe era, tornou-se em desatinada aggressão. O seu florete convertera-se em arma de assassino: tentava golpes traiçoeiros, baldados pela fria intrepidez do adversario; fitára-lhe o coração como o alvo a que visavam as ultimas pontarias do ferro, sempre repellido. Era o odio, a vergonha, ou a desesperação delirante acommettendo com impetos inuteis uma estatua de bronze. Alberto de Magalhães, receiando um acaso que fizesse ferir o filho de Angela de Lima, fez-lhe saltar o florete fóra das mãos, e collocou a ponta do seu sobre o pé, esperando a resolução dos padrinhos.

Estes, porém, intervieram, declarando impraticavel a continuação da peleja com arma em que Alberto de Magalhães era incalculavelmente superior. Uma das testemunhas, por parte d'elle, declarou que mr. Alfred d'Elbene não soubera afastar vinte golpes mortaes, que o cavalheiro adversario generosamente renunciou. Dizia-se, pois, que prescindissem do florete, e que se batessem á pistola.

D. Pedro da Silva hesitou um momento na resposta. O coração mandava-o abraçar aquelle homem: a cabeça reagia em nome do cavalheirismo, que é uma virtude particular nos duellos, pela qual muitas misérias se nobilitam, e muitas sandices se decoram com os atminhos de uma honra de convenção.

Venceu a cabeça. D. Pedro disse que aceitava o alvitre da pistola. Alberto encarou-o com piedade, e a soberba do moço sentiu-se ultrajada, como annos antes, quando o seu companheiro soffreu o beijo nada macio de um cato.

Os padrinhos carregavam as pistolas, quando Alberto de Magalhães pediu uma entrevista de alguns minutos com mr. Alfred d'Elbene.

O supposto francez, seni consultar os arbitros da sua honra, que o não conheciam melhor que a sua nação, desviou-se com Alberto de Magalhães.

— Como nos vamos bater — disse Alberto — com uma arma em que as balas se não fazem resvalar para o chão como a ponta de um florete, é muito possivel que um de nós caia morto. Entre nós, porém, ha certos negocios que nos privam de morrer como dois irracionais.

— Certos negocios! — atalhou D. Pedro.

— E negocios que precisam de certas disposições testamentarias...

— Não o entendo, snr. Magalhães.

— Eu vou fazer-me entender. Eu sou depositario de cem mil cruzados, que são o patrimonio de D. Pedro da Silva, filho de outro D. Pedro da Silva, e de D. Angela de Lima. Padre Diniz Ramalho e Sousa encarregou-me da administração d'este dinheiro.

— Ao senhor!... — exclamou D. Pedro.

— A mim. Um incidente, qualquer que elle seja, collocou-nos na precisão de nos matarmos... Se eu morro, é necessario que v. exc.^a saiba onde pára o seu patrimonio, porque ninguem saberia depois dizer quem era o seu tutor. Se v. exc.^a morre, é necessario que me diga a applicação que hei de dar a tal dinheiro.

— Snr. Alberto... O que me diz é uma cousa que me perturba de modo que não sei o que lhe responda! Eu estou incapaz de responder!... Preciso que fallemos mais largamente.

— Convenho... Em tal caso adiemos o duello, não é assim?

— Se me não é deshonroso...

— De modo nenhum.

Alberto de Magalhães dirigiu-se ao grupo das testemunhas:

— Meus amigos, mr. Elbene acaba de aceitar-me algumas explicações, que desaggravam por alguns dias os seus brios offendidos. Ha outras explicações a darem-se, e não podem ser aqui definitivamente determinadas as nossas respectivas posições. Sereis avisados do resultado, qualquer que elle seja. Por hoje, a vossa missão, nobremente desempenhada, termina aqui. Mr. Alfred d'Elbene, dae-me a honra de entrar na minha carruagem. Depositae em mim, e na vossa coragem, confiança limitada.

Apertaram-se as mãos, abraçaram os padrinhos, e partiram.

Já na carruagem, disse Alberto:

— Quer entrar em minha casa, ou no seu hotel?

— E'-me indifferente; o que eu necessito, e já, é que me explique, snr. Magalhães, a importancia que me vejo obrigado a confessar que v. exc.^a tem na minha vida.

— É isso justamente que eu lhe não explico, snr. D. Pedro.

— Por quê? Devo acreditar a necessidade d'esse mysterio?

— Deve, se não acreditar a necessidade, ao menos resignar-se a ignorar-o...

— V. exc.^a tem sido o administrador do meu patrimonio?

- Já lhe disse que sim.
- O correspondente que me faz dar em Paris as minhas meçadas?
- É a obrigação que me foi imposta por padre Diniz.
- Onde está padre Diniz?
- Nas missões.
- V. exc.^a conheceu minha mãe?
- Perfeitamente.
- E a mim?
- Conheço-o desde que nasceu. Se tivesse reminiscencias da primeira pessoa que viu n'este mundo, lembrava-se de me ter visto a mim.
- Que confusão! E quem era o senhor?
- Este homem que hoje vê, com vinte annos de menos.
- Isso não é resposta... Quem era v. exc.^a, que estava assim tão perto de minha mãe, quando nasci?
- Não respondo á sua pergunta.
- Conheceu meu pae?
- Muito bem... — respondeu com menos frieza, Alberto.
- Morreu, não é verdade?
- Ha dezenove annos...
- Eu já o vi alguma vez, não é assim?
- A mim? viu ha cinco annos...
- Em casa de padre Diniz, nas vespas da minha partida para Inglaterra.
- Não se esqueceu... cuidei o contrario...
- Suspeitei, quando hoje o vi; mas pensei que era impossivel a coincidencia... Tenho mil perguntas a fazer-lhe, e não sei o que deya perguntar-lhe...
- Organise melhor as suas idéas, que temos muito tempo.
- Eu é que não posso espaçar esta situação penosa... Queira dizer-me... v. exc.^a matou em duello mr. Arthur de Montfort?
- Não, senhor.
- Como não?!
- Eu nunca tive duellos. Mr. Arthur de Montfort disparou-me uma pistola á queima-roupa, e feriu-me. Eu estava desarmado, apertei-lhe com as mãos a garganta, e dei-lhe o desgosto de o não deixár respirar.
- Matou-o por consequencia...
- Por consequencia de falta de respiração. Depois d'esse facto é que o snr. D. Pedro da-Silva se relacionou com o espectro do seu amigo, não é verdade?
- Eu não conheço o espectro do meu amigo. Lembro-lhe, senhor, que é importuna a zombaria da pergunta.
- Quer que fallemos com seriedade?

- De certo...
- Pois sim; fallemos com seriedade. Quem o mandou a Portugal pedir-me contas por tal successo?
- Ninguém... vim espontaneamente.
- Acredito-o, snr. D. Pedro da Silva; mas colloca-me na dolorosa precisão de perguntar-lhe se quer fazer resuscitar a cavallaria andante. Acho extravagante a sua commissão. Que vinculos o prendem a um homem que não conheceu? Que vantagens espera, se conseguir matar um homem que não conhece? Responda, snr. D. Pedro da Silva!
- Ha cousas de muito melindre...
- Franqueza... V. exc.^a é o amante da duqueza de Cliton... Temos dito tudo...
- Sou amigo da duqueza de Cliton, não me envergonho de o confessar.
- Nem vergonha nem gloria. A duqueza de Cliton é como outras muitas mulheres: não acredita nem desacredita.
- Depois que v. exc.^a a desacreditou?
- Já antes...
- Isso é falso... A duqueza de Cliton foi esposa e viuva exemplar. Quem a infamou foi Leopoldo Saavedra.
- Tire todo o partido dos seus dezenove annos, snr. D. Pedro... Bem vê que sou tolerantissimo... Mas não brinquemos com palavras que significam insultos... A duqueza de Cliton, se v. exc.^a quer, foi uma virtuosa senhora até ao momento em que encontrou Leopoldo Saavedra; mas Leopoldo Saavedra não tem gloria nenhuma de ter vencido as virtuosas resistencias d'essa esposa e viuva exemplar. Se ha alguma cousa a que deva attribuir-se esse triumpho, é aos oitenta mil francos de Leopoldo Saavedra...
- Que diz, senhor?!
- Não me comprehendeu?
- Penso que ouvi dizer que a duqueza se vendera por oitenta mil francos...
- Justamente.
- Explique-se, snr. Alberto de Magalhães! mas pela sua honra, não zombe de mim com semelhante ultraje.
- Que me explique?! Pois fui obscuro?
- Sim... não concebo a maneira como foi dado esse dinheiro.
- Da maneira mais simples. Escrevi-lhe uma carta offerecendo-lh'o, e ella respondeu-me com outra aceitando-m'o.
- Com a condição...
- Sim, com a condição de se entregar lealmente ao seu comprador.
- Quero uma prova, snr. Alberto!

— Só posso dar-lhe meia prova, a outra metade que lh'a dê ella. A minha está aqui.

Alberto abria uma carta, que D. Pedro lia sôfregamente. Era a resposta que annua á proposta de Leopoldo Saavedra, em poucas palavras: *Sim, hoje ás duas horas da noite.*

— Isso não prova a infamia — disse D. Pedro. — Não se falla aqui em dinheiro.

— Ah! não? Então será n'esta...

Era uma longa carta, em que a duqueza de Cliton, referindo-se ao dinheiro que recebera e restituira vinte e quatro horas depois, reputava desvanecida na sua consciencia de mulher a nódoa aviltante de semelhante contrato.

D. Pedro da Silva, lida a carta, fixou Alberto com a penetração de um demente, tremiam-lhe os lábios brancos, vibravam-lhe em todo o corpo calefrios do terror, e o coração confragido batia-lhe no peito em impetos, que o pobre moço acreditou que deviam fulminal-o alli.

Alberto de Magalhães condoeu-se d'esta situação, e reprehendeu-se de exacerbal-a tanto.

— Snr. D. Pedro, — disse elle — a sociedade tem muitas pustulas assim. É a primeira que lhe vê? Tenha coragem... não succumba... É pena que seja este o primeiro desmentido á sua innocencia, porque é forte de mais para um coração moço... Estas torpezas é melhor lel-as nos romances, é melhor duvidar que possam dar-se, que experimental-as sem as ter imaginado. Eu sabia que v. exc.^a devia succumbir... sabia-o, porque eu mesmo, homem do mundo que lera e experimentára todas as ignominias, pasmei da corrupção da mulher, que me ouviu com fastio nas salas, que me desprezou a facil offerta do coração, e aceitou a mais facil ainda do dinheiro...

— Snr. Alberto... por piedade peço silencio... Tenha a bondade de fazer parar a carruagem, que preciso sair... não estou bem aqui...

— A carruagem vae por instantes parar á minha porta. V. exc.^a ha de aceitar a minha casa... é a do unico amigo que tem no mundo... Vae conhecer uma mulher que foi intima amiga de sua mãe... Fallaremos muito de sua mãe, de D. Antonia, e de padre Diniz... Vae ouvir a historia da estrapha missão que esta gente veio cumprir sobré a terra... Habitue-se a ouvir o som das minhas palavras, porque não ha ainda vinte e quatro horas que eu dizia a minha mulher que v. exc.^a era uma pessoa de minha familia. E minha mulher era propheta quando me disse que o filho da condessa de Santa Barbara tinha muita liberdade e poucos annos... Não se enganou... Arrependo-me de lhe ter feito a vontade, snr. D. Pedro...

— De me ter feito a vontade?

— Sim... Eu não devia conceder-lhe a sua vinda de Londres para Paris... A moderna Babylonia devia perdê-lo...

— Pois é v. exc.^a quem me governa?

— Indirectamente... Os seus passos têm sido sancionados por mim... Eu sabia que v. exc.^a saíra de Paris; mas o dinheiro que sacára, quinze mil francos, fez-me crer que a sua viagem era curta... Tudo isto parece-lhe uma cousa extraordinária, não é assim?

— Um sonho... atroz!...

— Hei de melhorar-lhe a sua situação, D. Pedro... Confie em mim, que tenho um grande poder na sociedade, porque a sociedade é bastante vil para me reputar um grande homem... Sou rico, D. Pedro... Hei de dar-lhe conselhos e ouro... Não prometto dar-lhe boas illusões para a alma, mas hei de ensiná-lo a comprar os mais caros gózos da materia... Queira apelar... A minha casa é aqui.

D. Pedro recebeu o braço de Alberto, e foi, inerte de espirito, machinalmente, subindo as escadas. Entrou em uma sala em que Alberto lhe disse:

— Eu volto já... e para não estar só, converse com sua mãe, que está alli.

D. Pedro estremeceu, quando viu o retrato de sua mãe na direcção do dedo de Alberto.

Sósinho, aproximou-se. Mancebo, com todo o fervor das paixões nobres, chorou. Inteligente, com a nobre superstição do talento, sentiu necessidade de balbuciar: *minha mãe!*

N'aquelle momento, uma voz intima, melodiosa como um cantico dos anjos, repelia as ultimas palavras de Angela a seu filho, escriptas para Londres, quinze dias antes da morte d'ella.

Eram estas:

Viva ou morta, meu querido filho, chama-me, pronuncia o meu nome, pinta-me na tua phantasia. Ouve-me, e sentirás que te fallo, olha-me, e verás que te vejo. Pede-me a propheta do teu destino, e ouvirás que te digo «tens de ser muito desgraçado, porque és meu filho!».....

— V. exc.^a tem a bondade de seguir-me?

D. Pedro seguiu o escudeiro, e á entrada de uma pequena sala ricamente trastejada, encontrou Alberto, que lhe disse:

— Toda esta casa deve considerá-la sua residência, sr. D. Pedro; mas com especialidade esta sala, e aquellas alcovas. Se resolve demorar-se em Lisboa, lembro-lhe que a casa onde existem os espolios mais gratos de uma mãe para seu filho, deve ser a preferida pelo filho de D. Angela de Lima.

— Muito agradecido, snr. Alberto de Magalhães: mas eu não me demoro em Lisboa. Preciso ir immediatamente a França; creio que saírei depressa d'alli, e depois seguirei o destino que me aprouver.

— O que lhe aprouver, não; porque v. exc.^a não é absolutamente livre nas suas acções.

— Não sou?... queira explicar-se.

— Sim, senhor, já que me fôrça. No momento em que eu fizer suspender os recursos que, até hoje, estiveram ás suas ordens, v. exc.^a é um ente desamparado.

— Por consequencia, eu tenho vivido até hoje das suas esmolas?

Alberto, embaraçado na réplica para que não estava preparado, respondeu com menos promptidão:

— Não, senhor. Não tem vivido das minhas esmolas; mas vive debaixo da minha tutela: eu sou o administrador da sua fortuna, e v. exc.^a apenas tem vinte annos... não é senhor absoluto do seu patrimonio.

— Quem me legou esse patrimonio?

— Não sei.

— Não foi minha mãe, nem meu pae, nem padre Diniz?... Emprase o seu cavalheirismo para que me responda.

— Não, senhor.

— Portanto renuncio a essa esmola de mão occulta, comtanto que me deixem a minha liberdade.

— Ninguém tem a liberdade de fazer-se desgraçado, quando um amigo lhe diz: «não serás desgraçado!» V. exc.^a ha de ser docil ao representante de padre Diniz, ao testamenteiro de sua mãe, a um dos dois que expugaram as derraideiras lagrimas d'essa nobre senhora. Entre na consciencia dos seus deveres. Encare-me como um homem que deve respeitar. A ridicula importancia de rivaes, que exercemos ha poucos minutos, deve desaparecer da sua imaginação. Ahi está uma criança, que d'aquí a um anno ha de rir-se da situação de hoje. Ahi está um homem de quarenta e quatro annos, que sente a ancia de comprimir-o ao coração, como quem abraça um filho. Se me não estima, possua-se de algum respeito ao meu character. Se me não quer para amigo, ha de soffrer-me como perceptor. Quando padre Diniz vier a esta terra, renuncio o dominio que me foi delegado na sua educação. V. exc.^a será livre. Receberá das mãos d'esse santo, ou d'esse demonio, a sua herança, e sepulte-a nas ondas, se assim o quizer então. Por enquanto não. Não póde renunciar a minha influencia, porque ninguém tem direito a renunciar a honra impunemente... Snr. D. Pedro da Silva, minha mulher vem cumprimental-o.

D. Eugenia, agitada pela surpresa de tal apparição, mas alegremente agitada, entrava na sala. D. Pedro ainda com o chapéo na mão, em postura de quem vae despedir-se, recebeu-a com ares de distraído, friamente. Eugenia esperava outra recepção, ou queria encontrar no filho de D. Angela de Lima a effusão carinhosa de sua mãe.

D. Pedro, tranzido da sua angustia, recorreria ás frivolidades do cumprimento, se a sua dor fosse pequena, ou se o habito de soffrer o tivesse industriado no doloroso artificio de sorrir nos labios, e chorar no coração.

— Snr. D. Pedro da Silva — disse Alberto, conduzindo-lhe Eugenia pela mão — minha mulher é filha da sua amiga D. Antonia...

— D. Antonia!... é impossivel! D. Antonia era irmã de padre Diniz, e v. exc.^a é portanto sobrinha de padre Diniz?...

— Não sou...

— Não é — respondeu Alberto, apressando-se a evitar a confusão de Eugenia. — D. Antonia não era irmã de padre Diniz... Foi um problema para todos, menos para esse homem, que tinha o segredo de resolver todos os problemas do infernicio... É uma longa historia, que v. exc.^a ouvirá, quando quizer estudar estas existencias que o rodeiam, e que vão desaparecendo todos os dias... De mais a mais apresentando-lhe Eugenia como a confidente de D. Angela de Lima, e sua amiga unica, desde que D. Antonia saiu dos braços d'ella, porque devia morrer no momento em que a felicidade principiava para ambas...

— Que cousas tão confusas! — murmurou D. Pedro, apoiando a cabeça na mão — É incrível que a minha cabeça possa com tanto!... Tanto mysterio!... Não é possivel, em duas palavras, snr. Alberto, saber o que sou, quem é v. exc.^a, quem é padre Diniz, que interesse ha em me envolverem desde criança em um labyrintho de incertezas!?

— Quem v. exc.^a é? Sabe-o de mais, creio eu. Quem eu sou? Pergunte-o á sociedade, e adopte a explicação que mais lhe convenha. Se me obriga a responder, por mim, digo-lhe que sou um mixto de virtudes e de crimes. Quem é padre Diniz? não sei, e daria milhões a quem m'o dissesse. O que posso afiançar-lhe é que v. exc.^a sem padre Diniz seria a estas horas um punhado de cinza. Perguntou o interesse que havia em rodeal-o de mysterios. A resposta é complicada. Sua mãe nasceu no fastigio da sociedade. Lá de cima vem á terra as reputações com grande estrondo. O seu nascimento, senhor, foi uma ignominia, e tamanha, que seu avô, para manter a pureza de linhagem, deliberou a sua morte em sacrificio á honra da sua casa. As ordens do fidalgo foram illu-

didas: v. exc.^a viveu; mas essa vida não podia manifestar-se á luz do dia, porque era uma vida salvada a furto; era um quadro deshonroso que se escondia aos olhos da sociedade; era uma accusação vilipendiosa á honra de Angela de Lima. Acha infame esta moral? Tambem eu; mas curve a cabeça, que eu tambem a curvo. A humanidade é isto. Quem não quizer transigir com ella, suicide-se; mas o melhor é transigir, porque a misanthropia não tem indemnisação nenhuma, e a reclusão dos conventos caiu em ridiculo subterfugio das almas pequenas. Amargam-lhe estas lições, meu joven amigo? Cumpro uma promessa... Disse-lhe ha pouco que não promettia dar-lhe bellas illusões para a alma, mas ensinal-o-ia a comprar os mais caros gózos da materia... Que mais quer de mim? Consolações frivolas ao seu soffrimento de hoje? Sejâmos maiores que a sua dor, que não merece, realmente, a applicação do nosso talento medico em cural-a...

D. Pedro fez um polido gesto de pedir silencio, cuja significação Eugenia não entendeu. Um creado chamou para o jantar. D. Pedro supplicou tres vezes a mercê de o deixarem n'aquella sala por alguns instantes. Eugenia, com irresistivel affabilidade, estendeu-lhe a mão, convidando-o a acompanhá-la. O filho de Angela, surprehendido do carinho, ou lisonjeado da familiaridade, offereceu-lhe o braço, sem resistencia ao convite. Alberto de Magalhães, que applaudira o feito galante de sua mulher, disse com orgulho, na sua consciencia, que nenhum homem seria mais teimoso que D. Pedro da Silva convidado por Eugenia.

XXI

Vejamos o que á mesma hora se passa em Cliton.

A duqueza, na opinião das suas creadas, está outra vez soffrendo accessos de beaterio, porque, ha vinte dias, não recebe alguem, á excepção do visconde de Armagnac e do seu medico. Encerrou-se no seu quarto, recebe os alimentos por escrupulos, não consente que as suas creadas se interessem no seu alívio, e permite apenas que se abra meia janella, quando se lhe annuncia o solícito doutor, ou o visconde.

Á hora, pois, em que D. Pedro da Silva ouvia attentamente Eugenia, que contava commovida a historia de sua mãe, a essa hora estava o visconde de Armagnac sentado á cabeceira do leito da duqueza. O medico saíra momentos antes, encarecendo os incómodos da sua illustre enferma,

apoiando liberalmente todos os padecimentos que ella imaginava, e dizendo, em occasião propicia, ao ouvido do visconde, que a duqueza não tinha nada fóra do espirito, e que os limites da medicina estavam no corpo.

A duqueza fixava o visconde com a silenciosa ternura de quem espera um allivio da pessoa que lhe conhece os segredos da sua dor.

— Noticia nenhuma, snr. visconde?

— Se tivesse a dar-vol-a, não esperaria que m'a pedissem, snr.^a duqueza.

— Sabeis se escreveram ao consul para indagar os movimentos de D. Pedro?

— Escreveram; mas não ha ainda tempo para a resposta.

— Que vaticinaes d'este infortunio, snr. visconde?

— Não vaticino ventura nenhuma, snr.^a duqueza. Foi uma imprudencia...

— Minha...

— Sim... vossa... Um velho tem liberdade para fallar a velha linguagem... Foi vossa... Não devieis chamar á intimidade dos vossos segredos uma criança com o sangue da juventude alterado pelos fogachos dos malditos romances, que pervertem o gosto, e a organização...

— Mas eu amava-o... e não queria amal-o para me satisfazer o capricho de alguns dias... Tremia que amanhã lhe contassem esse negro quadro da minha historia, e que elle me reputasse uma vil mulher, um triumpho dos que se atiram aos pés, e se lhes cospe em cima. Eu queria-o para meu marido, e impuz-me o dever de apresentar-me com essa nódoa, que me humilhava diante de um moço cheio de candura e sentimentos nobres. Não me arrependi ainda, porque é nobre ser-se desgraçada, e não ha felicidade á custa de villanias... Os labios podem rir; mas a vibora enroscou-se no coração. A vergonha onde menos se manifesta é no rosto... Está na consciencia... é uma braza viva sempre... e ha de matar-me esse fogo...

— Não descoroçois, snr.^a duqueza...

— Quereis illudir-me... Eu adivinho tudo... eu ouço um demonio que me diz tudo o que até aqui se tem passado.

— Sois illustrada de mais para tanta superstição...

— Não é isso que chamaes superstição... São os factos que se seguem uns aos outros... é a philosophia da desgraça que me ensina a tirar as consequencias dos principios... Quereis saber tudo? Lembrae-vos bem, visconde, que vol-o disse aqui... Pedro da Silva era um cavalheiro, e desafiou Alberto. Alberto não se bate, porque não aceita desafios... Pedro precisava dizer a esse homem as razões que o levavam a seme-

lhante provocação. Disse-as com toda a nobre coragem do mancebo, que desagrava uma mulher ultrajada na sua honra, e assassinada na vida de seu irmão... depois...

— Que mais quereis? Se Alberto de Magalhães é tão vil que não aceita uma provocação tão nobre, é digno de ser apunhalado pelas costas, visto que a justiça o não entrega ao algoz...

— Não será assim, snr. visconde...

— Pois que vaticinaes?

— Alberto mostrar-lhe-ha as minhas cartas...

— Que importa? As vossas cartas que podem dizer? Uma confissão apaixonada do vosso delirio? Isso já não é novo para D. Pedro, que conhece de vós mesmo o amor infeliz que desperdiçastes com esse aventureiro... As vossas cartas são innocentissimas... São até uma nova justificação do crime por que elle deve ser punido...

— Não, visconde! — disse a duqueza, levando as mãos aos cabellos desgrenhados, e afastando-os do pescoço com phrenesi — Não... essas cartas revelam... essas cartas são a minha condennação irremissivel...

— Não vejo por quê, snr.^a duqueza! O mais que podem revelar é que a victima succumbiu aos ardis do traidor... Essa fraqueza é muitas vezes um honroso diploma, escripto com lagrimas sim, mas honroso sempre para os corações nobres... corações como o vosso, snr.^a duqueza, que não tem senão mil virtudes a absolver um crime...

— Enganaes-vos... não sabeis o que essas cartas são.

— Não vos martyriseis assim, duqueza! Fallae com tranquillidade... conversemos...

— Deixae-me chorar!... concedam-me esta covardia, já que não tenho a coragem do suicidio... Ah padre Diniz, padre Diniz, que fostes a minha desgraça!

— Em que padre Diniz fallaes?... Serei talvez indiscreto na pergunta; mas é a primeira vez que vos ouço pronunciar esse nome.

— Deixae-me este segredo, visconde... Não vos dõa a curiosidade de querer entrar no fundo d'esta escuridade em que me vejo... Recuarieis espavorido...

— Não é curiosidade, snr.^a duqueza; é o interesse em ser-vos util; mas não valho nada... principio a desconfiar de que só ha um homem que póde trazer-vos a bonança á cabeceira do vosso leito...

— Esse homem não tornará aqui mais...

— Quem... D. Pedro?

— Sim... sim... D. Pedro não tornará mais a esta casa, nem talvez á vossa.

— Diz-vos o presentimento que o mataram?

— Diz-me que morreu para mim... A estas horas está envergonhado de me ter conhecido...

— Que imaginação!... Serenae, duqueza. Fazei valer sobre vós o vosso grande espirito! Vêde que a vossa vida tem um largo horizonte, onde encontrareis para a dor de hoje uma consolação amanhã. Que alma é essa que se confrange assim antes que a toquem os desgostos? Pois nem sequer esperaes a hora do sofrimento? Que fareis então quando o punhal vos ferir de véras?

— Morrereil...

— Morrereis!... fraqueza que vos não grangearia sequer a piedade do deão de Angouleme, que havia de ver na vossa morte as funestas consequencias do vicio. Eu queria ver-vos mais altaneira, de face com as angustias, que são sempre as precursoras das alegrias. Quem é hoje que se deixa morrer de uma paixão?

— Ninguém; mas de vergonha... eu!

— E tendes vivido cinco annos, depois que a consciencia vos accusa! Ora confessae que os vossos sentimentos são saudades do meu hospede, e eu prometto que elle virá beber essas lagrimas, e embriagar-se do amor que ellas distillam...

— O vosso gracejo é importuno, snr. visconde!

— Quereis que choremos ambos?

— Não... eu quero chorar sósinha; mas não vos dei ainda motivos para que me negueis uma séria compaixão... Esta desgraça não é comica!... Oh! Providencia! como tu és inflexivel.

— Snr.^a duqueza... não posso ouvir-vos declamar assim... Vêde o que eu posso fazer-vos, e achareis no velho quasi inutil o amigo de vossa mãe, o homem que a sentiu expirar nos seus braços...

— Nem tão tragico, visconde! Não falleis em minha mãe, que eu tenho medo a esse nome... Eu vi-a já reprovar a minha vida... Não me falleis n'essa martyr, se o foi, porque passarei uma noite tormentosa... Quereis contar-me o segredo da sua vida? ou da sua morte?

— Não, senhora... É impossivel... morreu com ella... e morrerá commigo!

— Só comvosco?

— Só.

— Ninguém mais n'este mundo o sabe?

— Alguem poderia sabel-o...

— Quem?

— Esse nome é metade do segredo...

— Vive ou morreu?

- Morreu.
- Tendes a certeza d'isso?
- Tenho...
- Qual?
- Não posso responder-vos mais... Nunca disse tanto como agora... Tenho-me fingido completamente estranho ao lance que se passou aqui, para evitar interrogatorios...
- Pois basta... Assistireis a outro talvez mais desgraçado...
- É impossível.
- A morte? É o que eu vejo mais perto de mim... É a única, n'este mundo, que me dá um sorriso de esperança.
- E no outro?
- Que tenho eu com o outro?
- Estaes assim, duqueza? Olhastes para a corrupção, e ficastes de gelo como a mulher de Loth! Não crêdes em nada?
- Creio que estou condemnada, que tenho o meu inferno em redor de mim...
- Incompreensível! Por que soffreis assim? Dae-me a razão, ou eu duvido.
- Não duvideis... Heis de lel-o brevemente...
- O quê?
- O meu libello infamante... a accusação que nem vós me perdoareis... Visconde, se me não levas a mal esta súpplica, retirei-vos.
- Obedeço, snr.^a duqueza.

.....

O visconde inventou todos os crimes; recordou-se de todos os lances tragicos da historia, combinou todas as desventuras possiveis, e não achou a incognita d'aquelle insondavel tormento.

Visitando-a todos os dias, procurando delicadamente trazer-a ao segredo do seu grande pavor, não conseguiu nunca arrancar á duqueza a ultima palavra. Chegou a chorar com ella, porque em verdade a situação d'aquella mulher era lastimavel.

A duqueza estremecia, com o ouvido attento, apenas ouvia passos ao longe do seu quarto. O presagio dizia-lhe que D. Pedro da Silva não tornaria alli, e, contudo, o rumor de passos apavorava-a, e entre as vozes confusas dos servos parecia-lhe sempre ouvir a de D. Pedro, que dizia: «Infame, que te vendeste!» A estas visões seguiam-se as lagrimas, os phrenesis, a febre, e a necessidade de ter ao pé de si o visconde, que não concebia a extravagancia de taes mêdos.

Assim correram vagarosos e atribulados vinte dias. Assim amanheceram e escureceram dias de angustias, presenciadas pelo velho amigo de Cliton, que dava a Satanaz a idéa mal-

dita que tivera de apresentar o seu hospede n'aquella casa, fatal depois de um seculo!

O medico já não assistia impassivel aos soffrimentos da duqueza. O espirito entrára nos limites da materia, e a medicina era impotente na cura de uma enfermidade, cuja causa recrudescia cada vez mais. Interessado na honra da sciencia, dera-se com todo o desvelo a cortar no coração da illustre enferma a raiz do mal. A necessidade do desabafo fel-o confidente da duqueza, e o doutor esquecia a sua vasta clinica, acompanhando o visconde nas estereis consolações.

Eram, pois, passados vinte dias, depois que D. Pedro saíra do palacio de Cliton, promettendo vingar a morte de Arthur de Montfort.

A duqueza, n'essa noite, sente-se mais comprimida, queixa-se de que não tem ar para viver uma hora, falla ao medico de visões que lhe perturbam a cabeça, e faz um esforço sobre a sua vontade caprichosa para ceder aos dois amigos, que a conduzem a respirar nas salas um ar novo.

A duqueza sente esvalmentos, e desmaia em uma ottomana, murmurando que já vê a mortalha na mão de um demonio, que não a deixa um só instante. Este demonio, reduzido a figura humana, é Alberto de Magalhães, revelação sobrenatural, que ella fez ao visconde, diga-se a verdade, mais imbecil do que devia suppor-se, porque perguntou ao medico se seria possível espantar aquella visão com algum medicamento. O medico respondera que o medicamento mais apurado para afugentar a visão de Alberto de Magalhães, eram algumas onças de D. Pedro da Silva.

O doutor não acreditou na morte annunciada pela duqueza, e agradeceu durante o desmaio, pedindo ao visconde que fosse dar com ella um passeio até Portugal, e que dirigisse as cousas de modo que elle medico viesse um dia a comparar a duqueza avó com a duqueza filha, e duqueza neta, porque a sciencia lucraria muito com este estudo de raça e temperamentos homogeneos. O visconde applaudiu a argucia com o seu fidalgo sorriso, e preparava-se para responder com outra de melhor gosto, e mais decente, quando a duqueza abriu os olhos, e sentou-se espavorida na ottomana, perguntando se não estivera alli D. Pedro da Silva.

— Não, minha senhora, não temos o gosto de poder-vos dizer que sim — disse o medico.

— Não me illudam!... eu ouvi a sua voz... Ouçam... não entrou um cavallo no pátéo?

— Não, snr.^a duqueza.

— Como não? zombam de mim? ouçam... visconde, é impossível que isto seja uma illusão!...

A duqueza levantou-se; deu dois passos para a janella; afrouxaram-lhe as pernas, que não podiam com o impeto da alma, e encostou-se ao doutor, que principiava a ouvir o ruído de alguma cousa no pátéo.

N'este momento relincharam os cavallos da duqueza; outros, que não eram d'ella, responderam mais longe. O visconde correu á janella, e distinguio na escuridade dois cavalleiros, que vinham vagarosamente por entre as longas alas de olmos, que forravam as muralhas do pátéo.

— Penso que posso dar-vos os parabens, duqueza!...

— Os...? — exclamou ella, caíndo no sofá.

— Os parabens!... Folgo muito em vos dizer que não sois propheta... Creio que temos ahi D. Pedro... Eu vou saber...

— Não... não! — exclamou ella, estendendo-lhe os braços — não vos retireis de ao pé de mim... por quem são... não me deixem... se é elle... aqui o conduzirão... mas, visconde, ide, ide... dissei-lhe que estou soffrendo de modo, que não posso fallar-lhe... Ide tambem, doutor... Não vão... fiquem aqui... não me deixem... já agora é preciso beber o calix... com resignação... Compadeçam-se de mim...

Um creado pedia licença para introduzir o snr. D. Pedro da Silva. Esperou alguns segundos a resposta. A duqueza fez um signal affirmativo, que o visconde traduziu:

— A snr.^a duqueza manda entrar.

— Devo retirar-me, snr. visconde? — perguntou o medico.

A duqueza fez um signal negativo: pôz um lenço nos labios, como refrigerio; pendeu a cabeça com gracioso desleixo, e esperou.

XXII

D. Pedro foi diante da duqueza, e cortejou-a silencioso. Recebeu a mão do visconde, e fez um leve aceno de cabeça ás reverentes curvaturas do medico.

— Dae-me um abraço com mais effusão, mancebo — disse o visconde, abraçando-o.

— Honraes-me com essa expansão, visconde — respondeu D. Pedro, correspondendo affectuosamente ao abraço do velho.

— Não cumprimentaes a duqueza?! — murmurou o visconde ao ouvido do moço, favorecido pela postura do braço.

— Permittis, senhores? — disse D. Pedro — que eu tenha alguns minutos de particular intelligencia com a snr.^a duqueza?

O doutor respondeu, saindo. O visconde conduzia o seu hospede para o fundo da sala:

— Ide fazer algum destempêro?

— Não, visconde, podeis estar na sala proxima, que não ouvireis uma palavra. Eu não destempêro com essa facilidade... Sou portuguez, não o sabeis?

— Olhae que essa desgraçada senhora está doentissima... quereis matal-a?

— Matal-a eu!... vós desfrutae-me! Eu mato lá ninguém? Que é o que vos faz receiar que eu tenha a dizer-lhe palavras que não sejam muito affectuosas?

— Não sei... ella suspeita...

— Ah!... ella suspeita?! E vós?...

— Eu... não... não atino com a razão d'estes sustos.

— Tende a bondade de vos retirar?

— Cumpro... prometteis-me prudencia e honradez?

— Essa pergunta é quasi um insulto... Retirae-vos, se me não quereis obrigar a pedir-vol-o quarta vez.

O visconde saiu, respondendo com um olhar duvidoso ao olhar supplicante da duqueza.

D. Pedro, com o chapéo na mão, sem descompôr-se da postura de um cavalheiro que estuda attitudes sem puxar cadeira, como é de estylo nos dramas de enfurecidos *ohs!* de pé, diante da duqueza, com um amavel sorriso nos labios, que se desmentiam, fallando, como quem diz em uma sala, um segredo a uma dama, sem lh'o dizer ao ouvido, fallou assim:

— Snr.^a duqueza de Cliton, recebeis-me tão friamente!

— Sentae-vos, senhor.

— Permitti que vos não obedeça. Eu demoro-me instantes. Ha vinte dias, ninguém diria que eu seria hoje assim recebido n'esta sala...

— Eu preciso ouvir-vos, snr. D. Pedro... Tenho o coração aqui algemado no peito... não o deixarei expandir-se, sem que vos ouça.

— Então receiaes que eu vos diga uma de duas cousas? Ha porventura alguma que não seja boa?

— A minha situação não comporta as vossas ironias... digrei uma d'ellas.

— Eu tenho a dizer-vos só uma, porventura a mais agradavel para ambos. Esta carteira contém uma cedula de oitenta mil francos. Desejo-vos bastante para trocar convosco esta quantia. Acreditaes que vos não acho cara, snr.^a duqueza. Mas se o preço estipulado por Alberto de Magalhães não é o corrente... eu não duvido augmentar alguns francos.

A duqueza, deixae-me assim dizer, morreu durante aquellos segundos. Desfigurou-se completamente. Da pallidez pas-

sou para o escarlate, como se lhe tingissem as faces de sangue. D. Pedro pronunciára a ultima palavra com estudada frieza satânica, quando a duqueza, como resuscitada, ergueu-se em pé, cravou os olhos ensanguentados n'elle, e disse, em voz que vinha de dentro como as ultimas palavras de um moribundo que vae morrer de raiva:

— Sai de minha casa, quando não mando-vos azorregar pelos meus laaios! Já, canalha!

— Um momento, illustre senhora. Consenti que vos entregue duas cartas, que me auctorisaram a propor-vos um segundo contrato absolvido pelo primeiro. Inutilisae, snr.^a duqueza, esses papeis, se não quereis que um terceiro venha amanhã offerecer-vos menos de oitenta mil francos.

D. Pedro retirava-se.

— Olhae, senhor! — disse a duqueza, face a face com elle — é necessario que eu vos tenha desconsiderado muito, para vos não dar uma bofetada... Sois bastante infame, para não sentirdes a affronta... Sai!

— Snr.^a duqueza, se tivesseis um irmão, ou um amigo, cuspia-vos no rosto... Ninguém se responsabilisa por vós...

A duqueza tocou uma campainha. D. Pedro saíra por entre o medico e o visconde, aos quaes não disse palavra, e talvez não visse. O rapido e forte tinir da campainha, no momento em que o portuguez saia, não impressionou os creados, que suppozeram ser chamados para acompanhar a visita.

O visconde, porém, entrára pallido na sala, e encontrou a duqueza encostada com as mãos á jardineira, convulsa, com os olhos fuzilando lume, cravados na porta por onde saíra D. Pedro, e com as duas cartas cerradas nos punhos.

— Que tendes, snr.^a duqueza? — perguntou o visconde, fazendo-a sentar — Entrae, doutor... Vêde o que isto é... Ella não me responde... Olhae o que ella tem nos olhos!...

— Queimae... — balbuciou a duqueza, entregando as duas cartas ao visconde, que as queimou logo, chamando-a de novo.

— Não a chameis, snr. visconde... — disse o medico, tateando-lhe o pulso e as fontes — Isto vae passar... Ajuda-me a transportal-a para a ottomana... vae desmaiar.

Assim aconteceu. A vida gasta na vertigem de alguns minutos devia restaurar-se com a perda dos sentidos. O visconde pedia ao medico que não abandonasse a duqueza n'aquella noite, e foi a sua casa, onde esperava achar D. Pedro.

Encontrou-o escrevendo-lhe uma carta, que devia ser-lhe entregue, por isso que D. Pedro queria partir n'aquella noite.

— Que fizeste áquella mulher?

- O que eu lhe fiz?... Conversei com ella...
- Que cartas eram aquellas?
- Ah! vós vistes essas cartas?
- Vi.
- Se as vistes, por que me perguntaes que cartas eram?
- Não as li... queimei-as, a pedido da pobre senhora, que ficou desmaiada.
- É de uma sensibilidade exquisita aquella dama! É uma perfeita actriz!...
- Respeitae-a, se não podeis amal-a. Eu não vos consentirei esses chascos de criança.
- Calae-vos lá, senhor, que eu não dou mais importancia ás vossas cans... Respeitae-me a mim, digo-vol-o eu agora!
- Sede mau amante, se vos apraz; mas mau amigo, não! Explicae-me este enredo... Que passastes com Alberto de Magalhães? Vistel-o?
- Vi.
- Bâtestes-vos?
- Sim, senhor.
- E depois?...
- O vosso *depois* a que se refere?
- Um de vós...
- Devia morrer... é o que quereis dizer?
- Sim...
- Vivem ambos com a mais perfeita saude, e claro entendimento.
- Não entendo...
- Não tenho eu sido preciso nas minhas respostas, visconde?
- Tendes... mas occultaes-me tudo...
- Não posso descobrir-vos mais nada.
- Aquellas cartas que continham?
- Perguntae-o á duqueza.
- Eu não vos mereço uma confidencia?
- Se fosse minha a confidencia, seria vossa. Essas confidencias só póde fazel-as a duqueza de Cliton.
- Que mysterio!... Quaes são as vossas intenções agora?
- Vou marchar para Paris.
- Esta noite?
- Immediatamente.
- Não daes folga aos cavallos?
- Tenho outros de quatro em quatro leguas.
- Descansae ao menos esta noite.
- É impossivel, visconde. De hoje a tres dias dei a minha palavra de honra que estaria em Londres.
- Em Londres?! E depois?

— Vou para Constantinopla fazer a minha residencia.

— Só?

— Não... com uma familia de Lisboa.

— Não torno a ver-vos, D. Pedro?

— É crível que não... dae-me um abraço... e sabeí que a minha morte moral encontrei-a n'esta casa... Vêde-me bem... N'esta idade... sou o mais desgraçado dos homens! Essas lagrimas lisonjeiam-me... Fostes um bom amigo... eu é que não quiz ouvir as vossas prophcias... Adeus, visconde...

— D. Pedro... não me deixeis assim como um homem indigno de confiança... Que crime espantoso praticou aquella mulher?

— Não tenteis a minha honra, que baldaes a vossa amizade... Sou criança, mas envelheci ha vinte dias, e tenho um perfeito conhecimento dos deveres do homem experimentado... Sede bom para ella, que sois o seu unico amigo... Adeus...

Abraçados, trocaram lagrimas de verdadeira estima. Um, com a sensibilidade dos vinte annos, outro com a ternura da anciedade, que afaga um filho adoptivo; choravam ambos, e, porventura, vaticinavam que não tornariam a encontrar-se.

XXIII

São 2 de outubro de 1837.

Ao caes do Sodré, em Lisboa, convergem as carruagens fidalgas e burguezas de Lisboa, com seus donos para o botafóra de Alberto de Magalhães e sua esposa, que vão viajar por alguns annos.

Passa-se ahi uma scena mais ou menos ridicula, mas, digam o que disserem os chocarreiros circumstantes, ha alli alguma cousa pathetica. O caso é este: o barão de Sá, que fora, mezes antes, expulso com ignominia de casa de Alberto de Magalhães, por insultar o barão dos Reis, casado com a tia de sua mulher, o fatal barão de Sá, diziamos nós, não podendo ver partir o seu amigo sem reconciliar-se com elle, apparece na occasião solemne das ultimas despedidas, no caes do Sodré.

O bom homem, que era digno do titulo, mas sensivelmente tolo, chegou, com as lagrimas nos olhos, ao pé de Eugenia, e beijou-lhe a mão. Voltou-se depois para Alberto, e beijou-lhe a testa com grandes gajinas de ternura.

Eugenia encarou compassivamente aquelle lance, e disse

no fundo da sua boa consciência que o barão de Sá era um necio digno de melhor sorte. Alberto abraçou-o com piedoso desdém, e olhou com sobrançeria os espirituosos, que chasqueavam a pieguice do barão.

O incidente passou. Eugénia recaiu na melancolia, que seu marido lhe não consolava, porque a oppressão que lhe apertava a alma, enfraquecendo-lhe o animo, era d'aquellas que precisam consolações, ás vezes, de uma criança.

A filha de Antonia abraçava com a mesma indiferença as falsas e verdadeiras amigas. Olhos e coração tinha-os fixos em seu marido, que recebia os abraços da fria formalidade com a soberana indiferença de um príncipe entre adúladores servis.

A escuna portugueza *Alcyon*e dera o ultimo signal de levantar ferro. Os viajantes entraram na lancha rodeada de botes, entre os quaes avultava o do barão de Sá, que embebia as lagrimas em um lenço branco, em que as senhoras repararam muito, admirando-lhe as puras rendas da Escossia, que o franjavam, cousa só vista no barão de Sá: pôde elle ter essa gloria.

Eugénia precisava soltar do coração as lagrimas presadas. Desceu á sua camara, faustosamente adornada, e chorou, só-sinha; sentiu o desafogo de uma violenta dor, que não sabia definir.

Seu marido, que a encontrára assim, tomou a face d'ella sobre o seio, cobriu-a de beijos, enxugou-lhe as lagrimas, e, por lenitivo, apenas balbuciou tres vezes o seu nome.

Esta situação permaneceu assim longos minutos. Chegaram a fitar-se tristemente; interrogavam-se na afflictiva mudez de dois infelizes condemnados a não se queixarem, caminhando para a morte.

Alberto o que sentia? Que dor era aquella de Eugénia? Que presagios estendiam o mesmo crepe sobre dois corações? Que medo os congela, a ponto de não trocarem duas perguntas?

— Vamos ver o mar, Eugénia — disse elle, offerecendo-lhe o braço. — Se tu não enjoasses fariamos uma bella viagem. O céu está delicioso... o vento é favoravel, o mar convida a scismar no céu... olha como é bonita esta amplidão!... Tira os olhos da terra, Eugénia... A magestade da natureza está adiante de nós!... Além que fica? A turba que folga e ri, a miséria que representa comedias para se esquecer de que a tragedia esfarrapada lhe lavra nas entranhas... Deixa a sociedade... Olha o mar...

— Sim... o mar é bello... esta commoção é quasi nova para mim... mas, além, além...

— Fica o tumulto de tua mãe...

— Sim... o tumulto das minhas amigas...

— Sentirás aqui mais vivas saudades d'ellas... Conversemos com as suas imagens... Por que não tens saudades da irmã de tua mãe, que lá fica viva, e se despediu de ti com os olhos enxutos?... A morte é que reabilita as amizades... eu sei-o bem, Eugenia... Deixemos os mortos, que são o pó... o espirito, esse, se o ama, acompanha-te... É aqui n'esta solidão, que eu vejo Deus lá em baixo n'aquelle horizonte infinito... Foi aqui onde eu senti abalos fortes á minha descrença em tudo... O que é a vida! Quem poderá dizer que a sua alma está morta!... O que eu hoje sinto!... que vontade de pedir ao céu que se abra para nos receber!... E, contudo, a minha vida principiou ha tão poucos dias! Não é cansaço... é a ancia da immortalidade... o terror de um abysmo para cada um de nós, separados... talvez!...

— Juntos, meu anjo...

— Mas viver tão pouco!... é tão rapida esta primavera, que vem depois de uma longa estação de géllo e desesperação na alma!

— Lembra-te, Alberto, o que eu te disse em Cintra, nos Pizões, na tarde do nosso casamento?

— Que foi, filha?

— «Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte...» não foi assim?

— Lembro-me... mas eu não queria que me recordasses esse receio de então... Eu não quero vaticinar uma morte proxima...

— Nem eu, meu Deus!... mas, se a Providencia não ouviu as minhas súplicas... se te encontrar pendido ao abysmo, hei de cair contigo... hei de dizer-te: *Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte...*

— Fallemos da vida, Eugenia...

— Sim, sim, fallemos da vida... Que fará agora o filho de Angela?

— Anceia por nós... Está em Southampton com os olhos fixos no horizonte a ver se descobre estas velas... Vês como elle foi pontual? Disse-lhe que devia estar em Londres no dia 16, e apenas chegou foi apresentar-se a lord William. Que nobre coração em peito tão moço!... Como podem nascer para o infortunio aquelles espiritos!... E por pouco o seu primeiro vagido devia ser o ultimo!...

— Foi padre Diniz que o salvou... Que divindade é aquelle homem!... Terá morrido?...

— Não.

— Não? Soubeste-o!...

— Soube... ainda hontem por um jornal francez... Está na America missionando... Ha de escrever com o proprio sangue a ultima pagina do seu LIVRO NEGRO... Que livro será aquelle?!

— Um milagroso encadeamento de virtudes...

— Quem sabe?... Os primeiros elos d'essa cadeia... serão grandes crimes!

— Crimes... n'aquelle homem?!

— N'elle, em mim, em todos os homens que vem aqui satisfazer um decreto superior...

— Não sei contrariar-te, Alberto!... As tuas palavras tem um cunho tal de certeza...

— De experiencia atroz, Eugenia... Faz de conta que eu vim ao mundo e vi sobre uma pedra eterna letras cobertas pela crusta dos seculos. Quiz lê-las, e não pude. Foi-me preciso chorar muito sobre essas letras, desgastar com lagrimas essa crusta, e, ao cabo de longas penas, decifrei a legenda, que dizia: DESGRAÇA ETERNA... PARTILHA DE TODOS OS HOMENS ULTRAJADOS PELOS HOMENS... Foi o que eu li...

— Pois sim... mas não entristeças d'esse modo... Fallemos em D. Pedro da Silva... É toda a nossa familia que nos espera, não é verdade?

— Sentes por elle uma ternura de irmã!

— Mais... eu creio que mais... queria poder chamar-lhe filho...

— Viste-o chorar com a historia de tua mãe?

— Se vi!... enganei-me com elle... Ao principio julguei-o de pedra, e duvidei que fosse filho de Angela de Lima... depois... era elle, Alberto, devia ser por força o filho d'aquelle anjo...

— Se lhe conhecesses o pae!... Que morrer tão lento!... que perfume de martyr!... que legado de remorso eterno!...

— Que tens, filho... tu empallideces?

— Nada, Eugenia... não é nada... É esta dor do coração que me ha de matar...

— Sentes aquella pontada do costume?

— Sinto... agora não é tanto... passou...

— Fidalgo — disse o piloto — amanhã não temos tão bom mar.

Alberto, que não precisava interrogar as suspeitas do piloto, olhou para o norte, e respondeu:

— Aquillo é aguaceiro.

— O quê, Alberto? — perguntou Eugenia com timidez.

— Aquella pequena nuvem que appareceu agora... vê's?

— Vejo... aquillo não é nada — disse Eugenia.

Alberto fez signal de silencio ao piloto. Pouco depois, um

castello de nuvens alargava os flancos a nordeste. Alberto, como distraído, convidou Eugenia a entrar ao beliche. Entreteve-a instantes, e subiu á tolda. O piloto mandava rizar o traquete, e colher o gafetope.

Alberto clamou:

— Olhe que todas as manobras sejam feitas sem ruido assustador. Qualquer que seja o contratempo, prohibo que se falle em perigo... Mande amainar o joanete. Eu volto já.

Desceu á camara. As creadas de Eugenia rodeavam-a, perguntando-lhe se o mar estava bravo. A corajosa, que recebia a força sobrenatural do contacto com um homem superior, zombava dos temores das creadas, que não podiam suste-se com o repentino balanço do navio.

Alberto passeiava a passos rapidos, sorrindo á innocente intrepidez de sua mulher. Os tufões rugiam as gaves, e arfavam na vela grande do mastro de ré aquelles latejos convulsos, semelhantes ao som da agua que referve na cachoeira. Do fundo da escada que subia da camara para o convés, bradou Alberto:

— Riza todas as velas!

Instantes depois, Eugenia perguntava que ruido era aquelle por cima.

— É chuva, minha intrepida navegadora.

— Queria ver a chuva no mar... Deixas-me, Alberto?

— Pois sim... Mas olha que a chuva do mar não se vê impunemente como a da terra... A abobada do navio é o céu...

— Não que eu levo o guarda-chuva...

Eugenia parou no tópo das escadas, surpreendida pelo espectáculo novo. Instinctivamente recuou, e, para não voltar as costas ao quadro aterrador, violentou o animo, e cingiu-se ao braço de seu marido.

O céu era de bronze, e as nuvens cinzentas, como castellos a desmoronarem-se, boiavam no dorso das ondas, que se partiam nos flancos da escuna. O seio negro dos curtos horizontes, abria-se ás vezes, e vomitava uma labareda instantanea. Sobre o navio estourára um trovão. Este som perdera-se alli, como o ultimo arranco da humanidade agonisante, nas fauces do abysmo.

— Tremes, Eugenia!...

— Tremol... isto é horroroso!...

— Queres retirar-te?...

— Não... Ha perigo, meu filho?

— Nenhum...

— Esperemos então.

— Queres ver sair a luz d'este cháos... Devia ser assim o primeiro dia da creação... O espirito de Deus era levado so-

bre as aguas... Devem ser assim os paroxismos da natureza, no seu ultimo dia... Tenho visto mil vezes esta scena e acho-a sempre nova... Repara, Eugenia... Vês além a bonança?

— Onde?

— Aquelles dois palmos de céu sem nuvens?

— Vejo.

— É como o anjo da paz. D'aqui a minutos este céu é o céu dos amantes que viajam... Poderemos dizer que assistimos vivos ao espectáculo da morte... que nos defendemos das iras da maior potencia com quatro táboas, que a mão do homem construiu...

— O homem... que é tão pequeno...

— Não, Eugenia, o homem tem em si o infinito da divindade... Li esta verdade n'este grande livro que vae fechar-se, e que a mão da Providencia abre aos incredulos... Que maior grandeza póde ter o homem! Não inventou elle a bussola, e o leme, que o faz olhar com orgulho para a serpente da morte, que ameaça enroscar-se-lhe no debil throno, que o faz rei dos elementos?... Vês, Eugenia!... aqui tens o céu de ha pouco... Olha a bonança como vem risonha a prometter-nos vida, e alegrias, sem fim!...

— Que tão linda mudança! Eu creio que sobre o mar ha grandes prazeres, Alberto...

— Eu só tive um na minha longa vida...

— Um só?

— Este, Eugenia... só este.

— Não sentias o prazer da vida, quando te salvavas de um risco?

— Não: muitas vezes tinha pedido a morte, e a morte passava a sorrir de mim... indigno da paz, que mora lá em baixo no fundo do oceano... Festejemos o céu, côr da esperanza... Vamos jantar, Eugenia?...

— Sim... vamos jantar... Tenho appetite... Em sete dias de viagem verás que hei de pôr-me redonda, e bochechuda... quero comer muito, e nutrir muito para D. Pedro me não conhecer...

— Larga rizes! — disse Alberto ao piloto, que não ousava mandar diante do amigo intimo de Salema, seu antigo amo, bem sabia elle por quê.

XXIV

O piloto enganára-se. Seguiu-se um dia delicioso. A escuna velejava, soberba de si, nas solidões sem horizonte,

como a rainha dos mares. A felicidade ia-lhe no seio. Os minutos, que decorriam, não os anuviava a tristeza. Eram limpidos como o céu, serenos como a superfície do mar, claros e luminosos como a prata das ondas em que a lua se revia. Até alta hora, Eugenia embebida na intimidade dos seus gózos, saboreava uma ventura só sua, egoista, sem ter de communicar-a a seu marido, que a sentia deliciosa como ella, e livre de attender á sociedade frívola, que tantas vezes lh'a perturbára.

Eugenia fugia com o pensamento do passado. Aprazia-lhe a imagem de Angela de Lima; e, contudo, esta grata reminiscencia custava-lhe sempre uma lagrima, e uma tortura nunca desvanecida, pungente sempre com a mesma força. Era a imagem do conde de Santa Barbara, ponto negro que se alargava até lhe escurecer as suas lucidas saudades.

Phantasiava o que deveria ter sido Anacleto, e entristecia-se. Corria a escala dos soffrimentos de sua mãe, e chorava. Contava-se, minuto por minuto, a historia da sua vida, e forcejava por calar o presentimento a ameaçar-a de um tragico fim.

— Por quê — dizia ella — em que tenho eu sido má? Quando fui infeliz, não foram os meus crimes uma necessidade da minha servidão?... Por que terei eu de ser victima como minha avó, e minha mãe, e meu pae? Desde que fui arrancada ao meu abysmo pela mão superior de Alberto, não tenho eu sido uma mulher, que quer valer aos seus irmãos, não se esquecendo nunca do seu passado? Por que não olharei hoje o meu futuro sem estremecer?

Esta ultima interrogação era a que Alberto se fazia apenas a consciencia o chamava a um tormentoso dialogo. Encontravam-se aquellas duas almas, e os olhos fixavam-se como pedindo-se coragem mutuamente. O corsario, para illudir os seus temores, censurava-se na sua pueril superstição. Eugenia, para convencer-se de que tinha um amparo, lançava-se com um sorriso de fingido animo, nos braços do marido, menos forte que ella.

— É tão bom ter um amigo!... — murmurava ella, acolhendose, como assustada, para bem perto do coração de Alberto, que lhe passava a mão sobre os cabellos como quem amima uma criança.

— E um amigo, de mais a mais esposo... — continuou elle, sorrindo.

— De mais a mais!... pois não é tão natural o vinculo que prende o esposo ao amigo?

— Natural?... não... A amizade é alguma cousa muito distincta do amor. Vês como é sereno este mar? Não ha aqui a

tempestade de ha pouco, a revolta dos elementos que nos causou sensações violentas: vês tão quieto, tão monótono, mas, ao mesmo tempo, tão suave este mar? A amizade é assim. O mar é a tormenta que impressiona, mas que fatiga; é o grande facho de luz que alumia, mas queima.

— Dizes a verdade, meu anjo... creio que é assim... És, pois, meu amigo? mais que um irmão? mais que um marido? companheiro inseparavel de toda a minha vida? sempre o anjo que me diz que eu nunca me fiz indigna do teu amor? Deixa-me chorar, Alberto!... Sinto tanta precisão de chorar!... Nunca senti alliviar-se-me tanto o coração como agora! É o céo que se vae abrindo na minha alma... Que immensa claridade, filho! Ai! como se sente no mar!... Deviam vir aqui todas as pessoas infelizes... Crearia Deus esta amplidão para o desafogo das almas apertadas na angustia do mundo... Oh! Alberto! eu não sei que toque sublime me fere o coração!... Nunca fui tão digna de ti... Abraça-me, anjo!... Sê criança commigo!... Se não podes chorar de alegria, diz-me que és feliz!...

— Queres que eu t'o diga, Eugenia? Tu não tens a face encostada ao meu coração?... não o sentes?... Achas que elle poderia palpitár assim sem uma impressão de grande jubilo ou de grande terror?! Bem t'o disse eu, Eugenia, que sentirias no mar uma existencia nova... É que tu nasceste para tudo que é grande! As mulheres tremem no mar. O menor abalo n'estas frageis táboas é a sepultura que se lhes abre aos pés! E tu, não! Viste a tempestade com o pasmo da maravilha, e o terror não descórou as rosas varonis da tua face! És a digna mulher d'este homem, que adormece ao rugido das tormentas, e acordou muitas vezes ao grito da tripulação que invocava o Deus dos afflictos!... Abriga-te em mim, filha!... Se me visses morrer, julgar-me-ias um predestinado pela coragem...

— *Se te visse morrer!*... que pensamento, meu Deus!...

— Se me visses morrer, Eugenia, pensarias que a morte é o crepusculo de uma deliciosa eternidade! Sabes tu qual é o pensamento que me vem sempre banhar o coração de alegria? É a morte contigo!... a certeza de que me não sobrevives...

— Não, meu querido Alberto, não te sobreviverei um instante... Eu t'o juro...

— Não jures, Eugenia... dispenso-te a formalidade... Sei que morrerás...

— Ainda bem, meu Deus! Vejo que entraste no fundo da minha alma...

— E tu?... vês a minha?

— Vejo, sim, vejo!... Morrerias tambem!

— Abençoada sejas, minha filha... Fizeste o que ninguém fez!... viste-me tal qual sou!... Eu não ambicionava tanto!... Pedi a Deus ou á fatalidade uma mulher para a vida, e nãoousei supplical-a para a morte...

— Não falles assim em morte, Alberto!

— Falla-se na morte, quando nos é cara a vida... Os desgraçados, esses é que procuram esquecel-a, porque a querem, porque precisam amplial-a atraz de uma esperança que se realisará uma vez.....

Correram rapidas as horas, porque as horas de Alberto e Eugenia corriam deliciosas. O mar sempre tranquillo, a lua sempre limpida, o coração sempre novo para os delectes da conversação intima, conspirava tudo para desejar mais longa viagem. E depois, a esperança, a formosa fada vestida sempre de novas galas, estudando sempre novas seducções, acenava-lhes de longe, nos encantados jardins do Oriente, que Alberto descrevia com o vivo entusiasmo do homem, poeado pelo amor. Eugenia ia arrastada pelos sons d'aquella voz, voz unica nas solidões do oceano, voz de um anjo que a fazia levantar os olhos lacrimosos para o céu, em gratidão de tanta ventura.

Ao sexto dia de viagem descobriram Southampton.

Nascera o sol, orlado de franjas purpurinas. Subira, e deixára em baixo nos horizontes um cinto escarlata, que pouco a pouco desmaiou, até se converter em nevoa densa, que veio rolando, á superficie das aguas, até esconder aos olhos do vigilante piloto o canal de Inglaterra.

Depois, uma lufada de vento noroeste estremeceu nas velas. O capitão, como estranhando o successo, franziu a testa, e chamou a tripulação a postos.

— Esperem as ordens — disse elle, e trocou algumas palavras rapidas com Alberto de Magalhães, que passeiava na tolda.

Uma segunda lufada, precursora do tufão, encontrou a maruja, obedecendo ás ordens do capitão:

— Arria velas!

— E os mastaréos do joanete e de gavea! — acrescentou Alberto, ao ouvido do capitão.

A manobra foi rapida, e o tufão impetuoso passou nas gaves como um grito de demonio enraivecido por não ter podido surprender a victima.

A neblina era cada vez mais densa. O leme foi confiado ao piloto, que não desviava os olhos da agulha. O mar cavado estalava na quilha da proa. A escuna balouçava-se desencontradamente, e as amarras, rolando no tombadilho, aterravam

as creadas de Eugenia, que se julgavam moribundas a cada balanço.

Alberto de Magalhães descera á camara, onde encontrou sua mulher, com as mãos erguidas diante da imagem da Senhora, que sua mãe lhe dera. Interrompida na sua oração, pela mão de Alberto, que lhe tocava no hombro, Eugenia respondeu-lhe com um sorriso angelico.

— Estás orando, minha amiga? Que pedes á tua imagem predilecta?

— Peço-lhe a tua felicidade, meu querido amigo. Hei de ser ouvida, porque peço com muita devoção... Queres que eu vá contigo lá acima?

— Não...

— Ha perigo?

— Nenhum... Perguntas-me se ha perigo com o animo tão quieto!...

— Eu não tenho medo, Alberto... Nenhum medo... Quando esteja arriscada a minha vida e a tua, sabes o que me faz pena? são estas pobres creadas, que me cortam o coração com as suas lamurias... Coitadinhas!... Todas tres deixaram mães e irmãos, e gostam da vida, sem saber que a verdadeira felicidade nem ellas a conheceram ainda... Olha, Alberto... Desde que fizeste commigo o contrato de morrermos juntos, não tenho á vida o apêgo que faz receiar a morte... Apósto que tenho mais coragem que tu?

— Parece-me que sim... Este balanço incommoda-te?

— Não, filho... Eu sinto-me boa... não me incomoda senão a tua inquietação... Que tens? Parece que tens os ouvidos mais attentos ás vozes do capitão...

— Não, Eugenia... É porque me soam bem estas palavras, que só se ouvem no mar.

N'este momento bradára o capitão:

— Talinga os viradores.

— Talinga os viradores! — murmurou Alberto.

— Que é? — disse Eugenia, reparando no enleio com que seu marido repetira as palavras da manobra.

— Eu vou á tolda, Eugenia... Não te inquietes...

— Eu queria ir contigo.

— Agora, não... Esta tempestade não é poetica como a outra... Fica, minha filha, que eu venho já...

Alberto recebeu um beijo de sua mulher e subiu. A face, onde ella imprimira os lábios, levava uma lagrima. O homem de ferro quando a sentiu levou as mãos á testa, e murmurou: «Não o permittaes, meu Deus!...»

As creadas afflictas rodearam Eugenia, perguntando-lhe se estavam em perigo.

— Orae commigo, para que o Senhor nos proteja.

Esta resposta exacerbou o terror das creadas. Romperam em um choro, que Eugenia não podia calar com as suas consolações. A pobre senhora principiava a enfraquecer, quando Alberto voltou.

Eugenia acabava de ouvir duas palavras que lhe gelaram a supposta coragem. Estas palavras foram seguidas de um *psio* prolongado, que seu marido dera no tópo da escada que descia para a camara. Que palavras horriveis foram essas?

— *Vamos a pique!*

— Vamos a pique, Alberto? — exclamou ella, lançando-se-lhe nos braços.

— Esperança, Eugenia — disse elle com impostora tranquillidade.

E a procella mugia. Algumas vezes o portaló descera ao nível da agua. Os mastros rangiam, e as junturas da escuna, impellida de vaga a vaga, respondiam estalando ao bramido da tempestade.

Alberto, desentlaçando-se dos braços trémulos de Eugenia, para a qual as palavras animadoras não bastavam já, subiu acima impetuosamente, e quando cruzava os braços contemplando as chusmas de homens, que viravam o cabrestante sobre a ancora, ouviu um estalo, e empallideceu: era o mastaréo de gurupés que se partira.

— Espia ferro — bradou Alberto.

— Espia ferro — bradou mais alto o capitão.

E esperou. O mastro da ré parecia saltar fóra do encravado. Um marujo segredou ao ouvido do capitão que havia rombo á ré.

— Os arpéos não mordem terra! — bradou o piloto.

— Então, como vamos a pique? — perguntou Alberto com azedume.

— As unhas da ancora garram, porque não ha pedras, é tudo lage — respondeu o piloto.

— Mande cortar os mastros, capitão — disse Alberto, e desceu á camara, onde encontrou sua mulher chorando, e amparando uma creada que desmaiára.

— Recolham-se... — disse Alberto, tomando nos braços a creada desfallecida, que levou ao seu beliche — Ouve-me, Eugenia...

— Vaes dizer-mê que morremos, Alberto?

— Não... Vou dizer-te que é preciso vivermos. Quero toda a tua coragem, e se não a tens, recebe-a de mim...

— Sim, sim, quero que nos salvemos... que hei de eu fazer?

— O navio está perdido... perto de nós está a costa... Em poucos minutos estaremos salvos...

— Sim?... então que temes?
 — Temo que enfraqueças...
 — Não temas, Alberto; mas não me deixes sem ti um instante...

— Vamos entrar na lancha... Eu e tu, entendes?... vamos sós... pôde ser que a lancha seja absorvida; n'esse caso... repára bem... logo que eu te disser *abraça-me*, has de cingir-me d'este modo... pela cintura... não me prives os braços... mas segura-te com toda a tua força... comprehendes-te-me, Eugenia?

— Sim... e esse abraço... talvez seja o ultimo... Oh! Alberto... agora me disse o coração que vamos morrer!... Oh! meu filho, que tão pouco durou a nossa felicidade!... Ai, meu Deus, que morte tão afflicta vae ser a nossa!...

— Silêncio, Eugenia... É necessario que sejas egoista da vida, n'este momento... Se choras assim, essas mulheres não te deixarão sair d'aqui... Sobe commigo... depressa...

— Olha lá esse leme! — gritou o capitão.

— Saltou fóra! — respondeu o piloto.

— Depressa! — repetiu Alberto.

— Ajuda-me a subir, que eu não tenho forças... — murmurou Eugenia, abraçando-se-lhe ao pescoço.

— Desatraca a lancha! — bradou Alberto.

— Perdeu-se! — respondeu o capitão.

— Perdeu-se!? — tornou Alberto, com afflicção.

— Quebrou a amarra!

— Oh! meu Deus! — exclamou Eugenia, quando viu o mar protelloso, o navio desarvorado, a pallidez da morte em todas as faces, e alguns marujos, que se lançavam ao mar, enquanto outros, abraçados aos mastros partidos, que escorregavam do tombadilho, redopiavam no marulho das ondas. Alberto conduziu sua mulher á prôa, tomou-lhe a face sobre o peito, e murmurou:

— Esperemos!

— O quê?... a morte?...

— E se for a morte?

— Bem vinda seja!...

— Isso é coragem ou resignação, minha filha?

— Resignação... Eu sou fraca, meu anjo! Deus, nosso Senhor, nos salve; e, a não nos salvar, que nos perdoe!... Minha mãe, supplica ao Senhor por nós... Angela, minha querida amiga, foste uma santa, pede a Maria Santissima que nos não deixe morrer assim... Alberto, pede tambem a Deus!... ergue as mãos commigo...

— Já pedi... e verás que nos salva... Eugenia!... Confiança em mim e em Deus!...

— Sim, sim... eu tenho toda a confiança... vamos-nos salvar...

— Lembra-te das tuas palavras nos Pizões?

— Sim... *Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte...* Bem hajás tu, que m'as lembraste...

— Capitão! — bradou Alberto.

— O capitão lançou-se ao mar — respondeu um marujo.

— E vós por que o não imitais, rapazes?

— Os que restam são dez dos vossos antigos soldados... não nos conheceis?

— Conheço... Salvae-vos!

— Os vossos antigos soldados morrerão ao pé de vós.

N'este momento a ré da escuna era submergida. Alberto escorregára com sua mulher nos braços e apegára-se difficil-tosamente ao estibordo.

— Rapazes! vede se salvaes essas mulheres que estão na camara... Se o conseguirdes, nunca mais luctareis com as tempestades... Eugenia... cinge-me pela cintura... assim... muito animo... nunca mais nos separaremos...

Os dois corpos caíram no mar.

.....

XXV

D. Pedro da Silva estava em Londres, desde o dia 16 de setembro.

Copiaremos algumas linhas dos seus apontamentos, escriptos desde esse dia até 11 de outubro.

.....

17 de setembro

É-me preciso invocar muitas vezes a minha dignidade, para não ceder ás vergonhosas fraquezas do coração. A duqueza é a mulher fatal da minha vida. Uma vez impressa na minha alma, as suas feições reproduzem-se alli com traços de lume. Eu não posso esquecê-la! Tenho instantes de me julgar ludibriado por Alberto de Magalhães! Forjou-se talvez uma infame traição á minha boa fé! Aquella mulher, se não fosse innocente, succumbiria á aviltante proposta que lhe fiz! Reagiu com uma valentia moral, que ha de fulminar-me a mim, se eu, uma vez, souber que a duqueza é innocente!... Inno-

cente! não! Aquella lettra era d'ella, e Alberto de Magalhães não pôde mentir. Aquelle homem quiz salvar-me, e não empregaria recursos ignominiosos para isso. A duqueza é uma mulher que se vendeu! E não posso esquecel-a, meu Deus! Creio que sou um grande miseravel! A honra será uma palavra de convenção!?...
.....

Dia 18

Eu vi-a, em sonhos, banhada de lagrimas... Dizia-me que não queria perdão. Mostrava-me no seio o ponto onde eu devia cravar-lhe o punhal, que ella me offerecia de joelhos! Em redor d'ella agrupavam-se homens de semblante horrivel, que lhe chamavam devassa, e riam gargalhadas infernaes. Eu quiz protegê-la, e ella disse-me que juntasse os meus insultos aos d'aquelles homens, para que a sua expiação fosse completa! Acordei... O coração salta-me no peito! Este fogo, que me abraza a cabeça, deve endoudecer-me! Não tenho distracção alguma. Estes homens que me abrem os seus salões, mortificam-me! Eu preciso de uma distracção, seja ella qual for... O jogo poderá salvar-me?

Dia 19

Não! O jogo embrutece-me. Ganhei muito ouro, que não quiz levantar da banca. Os que me rodeavam chamavam-me doudo, e lord William obrigou-me a levantar milhares de libras! O dinheiro é o meu inferno! Emquanto jogava, apparecia-me a duqueza, que jogára tambem, e perdera alli a honra, perdendo oitenta mil francos! Um vil aproveitou-se do azar de uma carta!... E ella, tão infame, que se jogou tambem, e cedeu ao ignobil capricho de desempenhar o seu credito em algumas horas!... Teria enlouquecido aquella infeliz, quando respondeu á proposta de Alberto!?... O remorso purificaria o seu coração!... Não seria aquella infamia o cumprimento de um destino superior!? As outras mulheres serão mais honradas que ella!? Ó Elisa... se tu visses a minha alma!... Se n'esse instante me pedisses perdão!

Dia 20

Não posso, não quero assim viver!... O pensamento do suicidio principia a encorporar-se nas minhas meditações. Escravisei a minha palavra de honra a Alberto de Magalhães, e só posso desquitar-me d'ella suicidando-me! E por quê? A

minha felicidade será impossível? Aos vinte annos morrem assim as esperanças? O homem será isto que eu sou?.....

.....
 Que tenho eu com Alberto de Magalhães? Que ascendente quer este homem empregar sobre mim?... Eu sei que podia ser feliz... Posso e quero sel-o... Se me suicido, a sociedade inscreverá o meu nome no catalogo dos doudos ou dos covardes! Ainda hontem um lord se suicidou, e os seus amigos o mais que fizeram foi concordar em que todo o homem tinha direito a retirar-se do logar em que se não sentia bem... Mas eu quero que alguém me lamente... Sou só no mundo... não terei uma lagrima... Elisa deve detestar-me, e eu... meu Deus... vós sabeis que aquella mulher é necessaria á minha vida!... Vergonha!... Será forçoso que a minha alma se nutra de torpezas!.....

Dia 26

Não me venço! Isto é um destino!... A reacção custa-me a vida!... Falham-me todas as tentativas!... Não ha recurso que eu não tenha sonhado!... Nem o jogo, nem a devassidão, nem a embriaguez... Ella sempre a meu lado!... Esta dor embrutece-me!... Ha seis dias que procuro explicar-me o estado da minha alma, e não posso. Eu devo amal-a muito! Aquella mulher é um anjo infamado! Só terei descanso quando ella me perdoar! Por que a não ouvi eu? Porque me humilhei aos preceitos d'esse homem que detesto! Foi elle que me ensinou aquellas malditas palavras, que a mataram!... Foi elle... um estranho... um infame generoso, que me envenenou uma vida inteira!... Não sou eu um homem!... Se o coração me impelle para aquella mulher, por que não hei de eu buscar a minha felicidade, embora tenha de descer a um abysmo de impudencia?... Quantos homens, ainda hoje, dariam a vida por um sorriso de Elisa!... E todos ignoram essa fatalidade da sua vida... Se o coração lhe perdoa, por que não ha de perdoar-lhe a consciencia?!.....

.....
 No dia 27, D. Pedro da Silva passára para França. De Paris escreveu ao visconde de Armagnac, e não teve resposta. Esta carta devia ser uma tocante exposição da sua alma, e uma súplica de conforto para não ceder, sem vergonha, a uma paixão que se debatia com o pundonor.

Escreveu segunda. N'esta devia ser mais viva a expressão. Talvez implorasse a protecção do visconde. Talvez descesse ás extremas fraquezas de um moço, cuja alma não ti-

nha ainda o fino tacto, que a experiencia ensina, e que muitas vezes a sociedade reputa acrysolada honra. Esta segunda carta não teve resposta.

Assim contrariado, e offendido no seu brio, tocou o grão da desesperação. Foi elle proprio a Angouleme.

O visconde não existia já na sua quinta. Tinha partido no dia 20, com a duqueza de Cliton. Para onde? ninguem lhe sabia dizer! O capellão de Cliton aconselhou D. Pedro que consultasse o medico, unica pessoa, além do visconde, que entrára na intimidade da snr.^a duqueza. O filho de Angela arrancou ao doutor uma difficil revelação. Elisa de Montfort partira para Inglaterra. As suas tenções eram exercer uma nobre vingança sobre o assassino da sua honra e de seu irmão.

D. Pedro da Silva tornou a Londres. Empregou todos os meios de espionagem, e não encontrou vestigios em Londres, onde a policia tem um prompto conhecimento do mais obscuro forasteiro, que transpóz as suas fronteiras.

No dia 8 devia Alberto chegar o Southampton. Estaria alli a duqueza? Esperaria ella, no desembarque, Alberto de Magalhães? Este varonil desforço pintava-lh'a na imaginação abrazada como um ente superior. Partiu para o canal de Inglaterra. Procurou-a. Nem o mais ligeiro indicio! O ouro de D. Pedro não destruia os milagres, que estava fazendo o ouro da duqueza de Cliton.

A situação do pupillo de Alberto de Magalhães era amargurada! O pobre moço, nas suas indagações, passava por doudo. A policia de Southampton chegou a ameaçal-o de o prender, por se tornar incómodo com as suas mysteriosas pesquisas.

No dia 10 de outubro, oito dias depois que a escuna *Alycyone* saíra de Lisboa, D. Pedro da Silva recebeu casualmente um jornal, que se entregava no seu hotel. Passava-o pelos olhos distrahidamente, quando encontrou o seguinte:

«CATASTROPHE

«Temos a lamentar o naufragio da escuna portugueza *Alycyone*, que foi a pique, dez milhas distante d'este porto. Transportava para Inglaterra o seu rico proprietario Alberto de Magalhães, e sua familia. Um marujo da tripulação, com quem acabamos de fallar, conta um extraordinario successo, que nós contaremos simplesmente como elle nos foi contado pelo commovido marinheiro.

«A escuna foi abandonada quando já não havia esperança alguma de salvação. O valoroso Alberto lançou-se ao mar

com sua esposa, abraçada á cintura, e pedira a alguns marinheiros, que nunca ó abandonaram, que salvassem as criadas.

«O relator d'este infausto successo lançou-se a nado a par com Alberto, que as ondas impelliam favoravelmente para a costa. O valente portuguez muitas vezes exclamou a sua mulher que tivesse animo, porque estavam salvos. A infeliz senhora soltava gritos de terror a cada onda que parecia tragal-a, e á superficie da qual seu marido apparecia sempre abraçado com ella. O marinheiro, inseparavel d'aquelle grupo, digno de commover a piedade divina, empregava corajosos esforços em expôr o seu corpo quasi desfallecido ao choque das ondas. Uma d'estas arrojou-os impetuosamente a terra.

«Alberto, estirado sobre a praia, quiz desatar os braços de sua mulher, que lhe cingiam a cintura, e não pôde. Estavam hirtos, e inflexiveis como de ferro. Palpon-lhe o coração, que já não batia. Gelára-se-lhe o sangue... Chapou-a com desesperação... Tomou-a nos braços, comprimiu-a ao coração, como se o calor podêsse passar áquelle peito inanimado... Estava mortal...

«Seguiu-se uma scena horrorosa! Alberto de Magalhães ajoelhou ao pé do cadaver de sua mulher... deu-lhe um beijo nos labios... arrancou um punhal do bolso interior do collete, e cravou-o no peito, exclamando: «Eu não falto aos meus juramentos, Eugenia!»

«O marinheiro, estupefacto, lançára tarde a mão ao punhal! O suicida estrebuxou alguns minutos, e expirou, levando aos labios a mão de sua mulher!.....

.....
 O jornal continuava a descripção do naufragio. Numerava as victimas. Eram toda a tripulação, excepto cinco marujos até ao momento em que a triste noticia era publicada no jornal.

D. Pedro não lera as ultimas linhas. Aquillo parecia-lhe um sonho! Fixára os olhos no papel, que lhe tremia nas mãos, e ficára ahí n'essa situação indefinivel do pasmio, da absorpção, da morte passageira do espirito.

N'este momento abriu-se a porta da sala. D. Pedro machinalmente olhou para alli, e viu... a duqueza de Cliton! Petrificou! Alheado de si, incapaz de consciencia, ferido pelas duas commoções simultaneas, esperou que a duqueza viesse ao pé d'elle. Foi ella que veio. Trazia nos labios um sorriso diabolico, e nos olhos o lume do rancor que a queimava por dentro. Tomou das mãos inertes do mancebo o jornal, apon-tou a palavra *catastrophe*, e disse, com voz tremida, mas energica e impossivel de ser imitada por mulher :

«— A vingança de Deus antecipou-se á minha! Alberto de Magalhães não contará as minhas infâmias a outro homem! O beneficio que elle vos fez, snr. D. Pedro da Silva, pague-lh'o com suffragios por sua alma.»

A machina não se moveu. A duqueza de Cliton saíra, e viera sentar-se a par do visconde de Armagnac, que a esperava em um tylburi á porta do hotel.

— Que fostes ahi fazer, snr.^a duqueza?— perguntou o visconde.

— Fui despedir-me do vosso amigo, e dar-lhe cartas de recommendação para o Oriente, visto que Alberto de Magalhães o não acompanha.

— A vingança endurece-vos a alma, senhora!

— A alma? tenho-a eu por ventura! Achaeis que a alma é alguma bala de ferro, que resiste ao fogo da desesperação?... Visconde! eu morri primeiro que Alberto de Magalhães! O que resta em mim, é a porção de demonio que entra na organisação de todas as creaturas!

XXVI

Tres mezes depois, D. Pedro da Silva, inquilino de uma pequena casa de campo, nas vizinhanças do palacete da defunta condessa de Santa Barbara, em Campolide, escrevia o seguinte:

«Dar-me-ha Deus allivio?... Poderei hoje chamar á minha alma as recordações d'esta vagarosa agonia de tres mezes? Creio que não... Eu comêço, ha pouco, a sentir a consciencia da vida... Que é o que me chamou a Portugal?... Não sei... Que vim fazer ajoelhado sobre o tumulto de minha mãe?... Lembro-me que chorei muito... e mais nada!... Depois, vim procurar esta solidão para morrer ignorado... Achava precisão de saudar todos os dias aquella janella, onde vi, pela segunda vez, minha mãe... Mas vivo!... sinto este jugo de ferro!... Vivo, e não tenho a coragem do suicidio!... Hoje, mais que nunca, recuo aterrado a semelhante idéa! Que é isto que se passa em mim? Para que me guarda a mão que me suspende o braço? Que nova desgraça é essa que eu vejo aproximar-se? E' a miseria... é a fome... é a indigencia!... Eu não tenho ninguem que me socorra hoje, e amanhã, quando o meu creado me pedir um vintem para um pão, dir-lhe-hei que sou o ultimo dos mendigos!... Resvalei até aqui!... O meu patrimonio acabou com esse homem fatal!... Estou pobre!... pobre!... esta palavra soa-me aos ouvidos como a gargalhada

de um demonio!... Quem é que estende a mão a um desgraçado, sósinho, com a vergonha na face, e a inutilidade para todos os serviços!... Se não quizer aqui morrer de miseria, terei de ser um lacaio!... Aqui tens teu filho, Angela de Lima!... Vê se me conheces, duquesa de Cliton!... Eu sou o teu discipulo, sou o filho da tua filha do coração, padre Diniz!... Venham abraçar-me, ou cuspir-me no rosto, que eu agradeço tudo...

.....
 «Que morte a d'aquelle homem!... Quem seria elle!... A esta hora a sociedade esqueceu o seu nome! Foi grande como Satanaz! Teve coragem de prostituir com ouro uma mulher, que deveria ser um anjo; mas tambem a teve de cravar-se um ferro no coração!... Como a morte engrandece os homens!... A unica distincção está alli... nas vizinhanças do tumulto!... E a duquesa?... Mal me recordo que a vi... Sei que me fallou... que me disse ella? não sei!... Penso que me insultava!... Que me diria ella? Sei que a detesto desde esse momento! Ha Providencia aqui n'este odio! Aquella mulher deve ser um symbolo de todas as ignominias!... Qual será o seu fim!... se eu podesse... queria vel-a... Emquanto eu tive um pouco de ouro que desperdicei, não me lembrou aproximar-me de França... Viajei, e quando as ultimas migalhas me mandavam trabalhar, ou morrer, vim aqui... A quê?... a morrer!... Esta situação é impossivel... A resolução ha de vir, quando a ultima gotta de fel me queimar o vinculo covarde que me prende não sei a quê, a que mentira, a que esperança!...

Um creado entrára no quarto em que D. Pedro escrevia.

— Que queres?

— Venho dizer a v. s.^a que preciso dinheiro para compras.

— Aqui tens... Quanto te devo, Francisco?

— Um mez.

— Aqui tens o teu ordenado.

— Pois despede-me?

— Sim.

— O snr. Alvaro não está contente com o meu serviço?

— Estou... é que não posso sustentar-te, nem pagar-te... Estou pobre; não tenho nada além d'esta quantia que te dou...

— Pois v. s.^a...

— Espanta-te a miseria? Tens razão...

— Não tem quem o soccorra?

— Ninguém...

— E não póde empregar-se em alguma cousa?... Perdoe-me estas perguntas; mas eu sou afeiçoado a v. s.^a, e sabe Deus o que me custa não poder sustentá-lo á minha custa.

— És o unico amigo que possa dizer-me tal... Vae, Francisco... Hoje jantaremos; amanhã não me pedirás dinheiro para compras, que o não tenho.

— Para isso ainda eu chego, snr. Alvaro; não se affija... Quer v. s.^a uma cousa?

— Que queres dizer-me?

— V. s.^a ama vez estava delirado, e fallou em inglez... Eu tenho servido inglezes, e entendi algumas palavras...

— Que disse eu?

— Não me lembra já o que foi; mas o grande caso é que v. s.^a sabe fallar inglez...

— Sei... e depois?

— E francez?

— Tambem...

— Se o snr. Alvaro quizesse, podia agora aproveitar um bom arranjo...

— Qual?

— Li hontem em uma gazeta um annuncio que dizia: «Precisa-se de um individuo, que saiba fallar inglez e francez, para segundo guarda-livros da casa commercial do barão dos Reis. Quem estiver nas circumstancias de servir...

— *De servir!*... eu não sirvo ninguém... Vae-te!

— Perdoe-me v. s.^a

O creado retirou-se, assustado da intimativa.

D. Pedro continuou a escrever:

«Faltava-me esta degradação!... Mandam-me servir!... Eu, que me julgava ha tres mezes o primeiro dos homens! Serve, se não queres morrer de fome, D. Pedro da Silva, descendente de reis!... A pobreza é o escarneo de um nascimento illustre... E por que não hei de eu ser servo, se estou assim!... Se eu pedir ao irmão de minha mãe um bocado de pão, não pedirei uma esmola? O trabalho é a independencia... trabalharei... mas em quê?... para que sirvo?... E não tenho um amigo que responda ás minhas perguntas! Que é d'esses lords, que me rodeavam ha tres mezes?... Onde se apagou a auréola brilhante, que me fazia tão distincto aos meus proprios olhos?... A propria consciencia diz-me hoje que eu sou o ultimo dos entes obscuros... Só! desamparado! orphão! sem amigos! aos vinte annos sem aptidão para cousa nenhuma!... Que farei eu amanhã?!... Isto é muito! Não tenho nada a esperar!... A fome ha de entrar aqui primeiro que o suicidio!... Ha del!... e depois, se eu não tiver animo para me abraçar á extrema resolução do desespero... morrerei lentamente!... Pois sim... espero-a!.....

O desgraçado, levando as mãos á cabeça, parecia querer

segurar o entendimento que lhe fugia. O escrever consolava-a? talvez; mas cansaram-lhe as idéas. As lagrimas caíam no papel, e embebiam letras, que a penna trémula vagarosamente escrevia. A dor, no extremo; é esteril. Quando os olhos se abrem á respiração de uma agonia homicida, não peçam ao infeliz, que chora, o impossivel enredo do drama infernal, que lá vae dentro d'aquelle espirito embrutecido. Não nos peçam tambem a nós a analyse d'essas afflictivas lagrimas. Taes eram ellas, que só a morte poderia explical-as...

No dia seguinte o filho de Angela de Lima entrava na rua das Chagas, e pedia a um guarda-portão o favor de annunciar-o ao snr. barão dos Reis.

— Quem é o senhor?

— Diga-lhe que venho aqui, por ter visto um annunciar em que o snr. barão...

— Ah! já sei... quer vir para caixeiro...

— Justamente... para caixeiro...

— Pois espere, que eu vou dar parte a s. exc.ª

D. Pedro da Silva esperou no pátio, encostado á lustrosa rodá da carruagem do antigo mestre de piano.

Mandaram-o subir para uma sala de espera. A meia hora que esperou devia ser a ultima experiencia, que o desgraçado empregou na humilhação do seu orgulho. Franquearam-lhe uma segunda sala, onde ao cabo de cinco minutos appareceu o barão dos Reis, em *robe-de-chambre*, bonet de lontra, sapatos de mouro, e penna na orelha.

— Póde sentar-se... — disse elle, encarando o moço por cima dos oculos — Acho-o muito novo... quantos annos tem o senhor?

— Vinte.

— Tem sido caixeiro?

— Não, senhor...

— Que modo de vida tem tido?

— Que modo de vida tenho tido?

— Sim... em que se occupa?

— Tenho vivido alguns annos em collegio.

— Collegio! Pois o senhor quem é?

— Sou um homem que me offereço para caixeiro da sua casa.

— Mas não tem uso do commercio... Que linguas estrangeiras sabe?

— Fallo o inglez e o francez.

— E de commercio sabe alguma cousa?

— Nada.

— Então como quer ser caixeiro?!

— Já vejo que não lhe sirvo... Tenha v. exc.^a muita saúde...

D. Pedro retirava-se.

— Olhe cá... parece que é muito apressado... O senhor está disposto a seguir a carreira commercial?

— Sim, senhor; mas vejo que é impossivel...

— Impossivel... não é tanto assim... Com trabalho tudo se alcança. Quem é seu pae?

— Não tenho pae.

— Mas ha de ter alguem em Lisboa.

— Ninguem.

— Essa é boa!... então como vive?

— Como vivo?!

— Sim... é só?

— Só.

— É celebre cousa! Onde tem vivido?

— Em Londres e Paris.

— Quem o sustentava lá?

— Não sei dizer a v. exc.^a

— O senhor parece-me um homem extraordinario! E se eu quizer tomal-o para minha casa, quem é que o abona?

— Quem me abona?

— Sim... quem se responsabilisa pela sua fidelidade?

— Sou eu...

— É o senhor!... isso não basta...

— Snr. barão... queira dar-me as suas ordens...

— Venha cá... o senhor não me parece um homem como os outros!... Como se chama?

— Alvaro de Oliveira.

— Quanto quer ganhar em minha casa?

— Não sei responder. V. exc.^a me dará o que quizer.

— No primeiro anno ganhará cincoenta moedas, casa e cama, e roupa lavada. Serve-lhe?

— Tudo me serve.

— Homem, isto parece uma comedia! Com que então tudo lhe serve!... O senhor quer sêr meu caixeiro, ou não quer?

— A pergunta parece-me uma zombaria! Pois a que venho eu aqui?

— Mas acho extraordinarias as suas respostas! Não me parece um homem que precisa ser caixeiro para viver!...

— Pois preciso, snr. barão.

— O senhor teve algum desgosto na sua vida, desarranjou-se com a sua familia, quanto a mim.

— Já tive a honra de dizer a v. exc.^a que não tenho familia.

— Absolutamente nenhuma?

— Ninguém absolutamente.

— Pois, senhor, seja o que for... Eu vou ter comsigo um systema, que não é o costumado n'estes contratos. Nem lhe peço fiança, nem receio que o senhor desempenhe mal as suas obrigações. Fica em minha casa, na qualidade de segundo guarda-livros, com quatrocentos e oitenta mil réis por anno. Ao principio receberá as instrucções do seu companheiro, e com o tempo ha de instruir-se no andamento do commercio. O meu negocio é todo de commissões com Inglaterra: como o senhor falle correntemente o inglez, tudo o mais se remedeia com a prática. Está disposto a ficar já em minha casa?

— Já, se assim o quer.

— E os seus arranjos?

— Que arranjos?

— Os seus bahús...

— Os meus bahús virão hoje mesmo.

— Pois n'esse caso, venha commigo, que quero apresentar-o ao primeiro guarda-livros.

.....
Temos, portanto, o filho de D. Angela de Lima segundo guarda-livros do snr. Joaquim dos Reis, que Deus, no auge da sua cólera, fizera barão para vexame da fidalguia d'estes reinos.

XXVII

O segundo guarda-livros fora acolhido sympathicamente pelo primeiro. Em poucas lições communicou-lhe as theorias do commercio, e admirou o talento com que o mancebo as concebia, sem embargo da distracção com que ouvia as prelecções.

O proprio barão, homem rude e inaccessivel aos seus familiares, especialisava o seu caixeiro Alvaro, e fallava d'elle aos seus collegas com grande elogio. A qualidade que mais o impressionava era a continua reclusão a que o moço se dava, logo que satisfazia as suas obrigações. Perguntára-lhe muitas vezes em que se entretinha no seu quarto, e Alvaro respondera-lhe que achava prazer em estar só. Este prazer para o snr. barão dos Reis, era uma prova de sensatez, distincção com que honrava o seu caixeiro, entre todos os outros, que não perdiam uma hora de recreio, sempre ruinoso para o

corpo, que da alma importava-lhe pouco o antigo mestre de piano.

A baroneza affeição-se em pouco tempo ao caixeiro, que seu marido tratava com extraordinario melindre. Sentia-se impellida por aquelle moço, tão distincto em maneiras, em palavras, em educação. Zelava com cuidados de mãe tudo que pertencia a Alvaro. Mandava-o muitas vezes chamar para tomar chá com ella; e, se elle não vinha, como quasi sempre acontecia, a filha de D. Theotónio de Mascarenhas não se dignava em procural-o no quarto, e pedir-lhe que não se entregasse a uma melancolia sem motivo.

Que não era sem forte motivo essa tristeza, adivinhava-o ella; mas seu marido ordenára-lhe que nunca fizesse ao caixeiro perguntas curiosas ácerca da sua vida, porque uma vez lh'as fizera elle, e tivera em resposta uma súplica de nunca se lhe fazerem taes perguntas, para não ser forçado á grosseria de mentir ou não responder.

Uma noite subira o guarda-livros para a sala a instancias do barão, que o vira n'esse dia chorar. Eram passados tres mezes, depois que D. Pedro entrára ao serviço d'aquella casa, e faziam justamente seis que naufragára a escuna *Alcyone*.

— Está hoje muito triste, snr. Alvaro!... — disse o barão.

— Muito triste...

— Ha alguma cousa nova que o mortifique?

— Nenhuma... agradeço os cuidados de v. exc.ª

— O senhór sabe que o tenho mais na qualidade de parente, que de caixeiro?

— Sim... reconheço que lhe mereci carinhos de pae... devo-lhe muito.

— A pena que eu tenho — acrescentou o barão com rude franqueza — é não ter uma filha, que lh'a dava com toda a minha fortuna. O senhor casava com uma filha minha?

— Não, senhor.

— Não!... por quê? é casado?

— Não sou casado, nem devo sel-o... Eu não faria a felicidade de ninguém, e mulher nenhuma poderia melhorar as desgraçadas condições que me foram impostas para viver...

— Ora deixe-se d'isso... Não ha mal que sempre dure. Pelo que vejo anda ahí paixão da alma... que o mortificou... Enfim o tempo é o medico d'essas doenças... Eu tambem tive minhas rapaziadas, e sei, por mal de meus peccados, o que é isso... Por minha mulher... (ella ahí está que o diga) tive eu uma paixão de levar couro e cabello! Eu sou franco, e não estou com imposturas. Esta senhora era filha de um fidalgo, e eu não passava de um simples mestre de musica no collegio em que ella estava e mais uma irmã. Apaixonei-me

por ella sem esperanças nenhuma de a fazer minha mulher. A mãe não era fidalga, mas por morte do... (diga-se a verdade... meu sogro era um monsenhor da Patriarchal) o certo é que ella ficou rica por morte do fidalgo, e fossem lá fallar-lhe em casamento com um professor de piano! Depois, minha desgraçada sogra empobreceu... (isso são contos largos) e eu, que não namorava minha mulher pelo dinheiro, mas sim pelas qualidades, casei com ella, e nunca me arrependi... Vivemos muito pobres, mas muito honrados, até que um dia nos deitamos pobres, e amanhecemos ricos... Isso são contos largos... mas fique sabendo que a nossa fortuna não veio como a de muitos que eu conheço... Se sou rico, é porque nos restituiram o que era nosso, e eu com o meu trabalho augmentei, sem prejudicar o meu proximo. É verdade que devemos quasi tudo que somos á protecção commercial que nos deu nosso sobrinho Alberto de Magalhães...

— Alberto de Magalhães! — exclamou D. Pedro, mudando de côr.

— Sim... então que é isso?... O senhor conhecia Alberto de Magalhães?...

— Conheci... Quem era esse homem?

— Meu sobrinho, casado com a sobrinha de minha mulher...

— Eugenia...

— Sim, Eugenia... — atalhou a baroneza com sobresalto — pois o snr. Alvaro conhecia minha sobrinha?

— Conheci... faz hoje seis mezes que morreu...

— É verdade... é por elles que eu trago luto... Pois o senhor conheceu minha sobrinha? Onde a conheceu?

— Aqui em Lisboa... Queira dizer-me... Eugenia não era filha de D. Antonia?

— Minha irmã...

— Sua irmã... snr.^a baroneza!

— Minha irmã!...

— Oh! meu Deus!... — murmurou D. Pedro, procurando combinar as idéas tumultuosas que lhe acudiam.

— Também conheceu minha cunhada?! — perguntou o barão.

— D. Antonia?... Conheci uma D. Antonia, que era mãe de Eugenia, que viveu na companhia de um padre...

— É' essa justamente... é minha cunhada, que soubemos depois que vivera na companhia d'esse grande homem... Mas o senhor de véras conheceu toda essa gente?

— Snr. barão... eu não posso responder a mais alguma pergunta... Basta que lhe diga que D. Antonia foi a minha verdadeira mãe...

A baroneza soltou um grito, ergueu-se pallida e trémula, fixou os olhos pávidos no semblante de D. Pedro, e ficou n'esse spasma, que o barão não comprehendia.

— Que tens, Emilia?!

— Não tenho nada... Meu amigo... tu tens tantas razões como eu para te admirares...

— De quê?

— A pessoa que temos em casa... este senhor não se chama Alvaro de Oliveira...

— Não?...

— Snr.^a baroneza... — murmurou D. Pedro, tomando-lhe a mão — Se me conhece... peço-lhe uma sagrada reserva do meu nome...

— Menos para meu marido, que o conhece tão bem como eu...

— Pois quem é? — perguntou o barão, estupefacto.

— Eu não te fallei ha um anno, de uma senhora que viveu com minha sobrinha... e com minha irmã...

— Era a condessa de Santa Barbara...

— Mãe d'este senhor, que é D. Pedro da Silva...

O barão, não sabemos por que mechanico instincto, curvou ligeiramente a cabeça, e perdeu o uso da palavra, perda que devia ser em tal homem causada por um motivo assombroso! D. Pedro, enleado em uma tão rapida corrente de commoções, não foi mais eloquente que Joaquim dos Reis. A filha de Anacleto cedia á necessidade de abraçar o filho adoptivo de sua irmã, quando D. Pedro se aproximou do barão, abraçou-o com expansivo ardor, recebeu a irmã de Antonia no mesmo abraço, e choraram todos três.

Eis aqui um lance em que o antigo copista de solfa saiu fóra da sua esphera! Havia tanta sublimidade nas suas lagrimas, tanto amor, e respeito, e ternura no abraço com que pagára o do filho de Angela, que elle mesmo teria orgulho de si, se podésse ver-se como nós o admiramos.

.....
Na manhã do seguinte dia, D. Pedro da Silva continuou o exercicio das suas funcções de guarda-livros. O barão mandou-o chamar á sala, e obrigou-o a sentar-se no sofá.

— V. exc.^a já não é meu caixeiro.

— Despede-me, portanto...

— Não o despeço... Longe de mim tal pensamento... V. exc.^a e minha mulher são a minha familia... Recebo-o como mandado pela Providencia para minha casa... Quero-o sempre aqui; mas como caixeiro não...

— E eu só posso ser caixeiro em sua casa... do contrario, retiro-me.

— Ó senhor!... não me contradiga, que lhe não mereço isso...

— Snr. barão, eu continuo a ser Alvaro de Oliveira... Só posso com este nome ser de sua casa... Aceita-me assim?

— Não posso... Ha de ser quem é... Eu tenho gloria de ter na minha companhia um mancebo que eu quizera que fosse meu filho.

— Honra-me com esse titulo, e enche o meu coração de reconhecimento; mas, se quer continuar com a sua missão de pae, deixe-me ser seu caixeiro, que eu serei sempre digno do nome que me dá.

— Mas, senhor!... poderei eu consentir que v. exc.^a...

— Se é um sacrificio, faça-m'o; se não póde fazer-m'o, colloque-me em outra qualquer casa de negocio, em que eu possa ganhar com o trabalho a minha independencia...

— Isso nunca... Ha de ganhal-a em minha casa... Desde hoje em diante é meu socio...

— Não posso sel-o... quero ser hoje o que hontem era... Não recebo a felicidade do dinheiro como felicidade... Quero uma cara independencia, ganha licitamente com o trabalho... Se um dia a conseguir saírei de Portugal... Preciso de ver os vestigios que deixei no meu caminho trilhado até aqui...

— Pois bem... V. exc.^a será em minha casa o que quizer...

— Na presença dos meus companheiros não quero distincção nenhuma... Sou Alvaro de Oliveira...

— Será Alvaro de Oliveira, mas, em particular, commigo, será D. Pedro da Silva. Minha mulher pede-me que o leve ao seu quarto. A pobre Emilia ficou doente com a surpresa que v. exc.^a nos fez, e quer fallar muitas horas com v. exc.^a

— Vamos, snr. barão.

XXVIII

Á porta do palacio de Cliton apeára um velho com trajes sacerdotaes. Perguntára pela duqueza de Cliton, e responderam-lhe que não residia alli.

— Que tempo ha — instou o padre — que a snr.^a duqueza retirou d'aqui?

— Ha cinco mezes — disse o capellão.

— Para onde?

— Não sei dizer-lhe... nem ninguem saberá.

— Permittis que eu passe uma noite n'esta casa, porque é tarde para ir demandar pousada a Angouleme?

— Podeis entrar... Aqui não se nega hospitalidade a ninguém.

O forasteiro entrou. Se o capellão lhe observasse a physionomia, quando o mandou entrar, talvez reconsiderasse a sua hospitaleira franqueza! Aquelle rosto já cadaverico contrahi-se em uma visagem, que deve ser a do padecente na presença do cadafalso.

— Parece que vindes doente? — perguntou o capellão.

— Muito doente, senhor... São os ultimos passos da minha carreira...

— É escusado perguntar-vos se sois padre...

— Sou padre.

— De que departamento?

— Não sou francez.

— Não?! d'onde sois?

— De Portugal.

— Vindes, talvez, para vos unirdes á missão apostolica?

— Não, senhor... eu venho das missões.

— E sois portuguez?

— Já tive a honra de vos dizer que sim.

— Chamaes-vos padre Diniz Ramalho?

— Conheceis esse nome!?

— Conheço-o dos *Annaes da Propagação da Fé*, e ouvi, ha de haver um anno, fallar de vós ao deão de Angouleme, com grande interesse. Se sois padre Diniz, fostes, na America, companheiro de mr. Petit.

— Fui.

— E o vosso companheiro?

— Foi martyrisado no dia em que saí... Assisti-lhe á morte, e vim.

— Deixaram-vos sair os impios?

— Deixaram... pedi-lhes a vida, com a condição de m'a deixarem renunciar em outra parte.

— E concederam-vol-a?... Pois era mais natural que vos deixassem morrer ao pé do vosso companheiro...

— Deus é que nos julga...

— Tendes razão... Perguntastes pela snr.^a duqueza de Clifton... Conheceis-la?

— Conheço.

— De d'onde?!

— Do mundo...

— Tem sido bem desgraçada esta senhora...

— Sim?... Cuidei que era muito feliz...

— Bem digna era de o ser... Viveu aqui um anno com tranquillidade...

— Um anno... o de 1836?

— Sim, senhor... Depois vieram novas desgraças...
 — Novas desgraças... quaes?
 — Quaes... perguntaes vós... Eu não sei se devo revelar-vos o que é segredo para muita gente...
 — Revelae, que eu sou um homem morto. Andae... Dizei, que eu sou um tumulto, que se vos abre para esconder um segredo...

— Desculpae-me... mas eu não devo...

— Fallae, padre La-Croix...

— Quem vos disse o meu nome!?

— Nem já me recordo... Dizei... a snr.^a duqueza um anno depois das suas viagens, que novas desgraças experimentou?

— Quereis que vos diga?... Prometteis não comprometter esta minha revelação?

— Fallae...

— Amou um vosso patricio... que vivia com o visconde de Armagnac, e chamava-se D. Pedro da Silva... Que tendes?... esse sobresalto...

— Nada é... Chamava-se D. Pedro da Silva... e depois?

— Esse joven, por motivos muito particulares que eu nunca pude attingir, abandonou-a...

— E ella?

— Seguiu-o, creio eu, tres mezes, e, quando voltou, vinha desfigurada... Demorou-se aqui vinte e quatro horas com o visconde de Armagnac, e partiu para nunca mais voltar...

— Ha cinco mezes, dissestes vós...

— Ha cinco mezes.

— O visconde de Armagnac deve saber onde ella existe.

— Creio que saberá.

— Onde vive esse homem?

— Perto d'aqui, no alto da encosta fronteira a esta casa.

— Tendes por quem lhe vá um recado?

— Elle não virá aqui... São dez horas, e a noite está tempestuosa.

— Dae-me uma tira de papel, e fazei-me a mercê de enviar lá um creado.

Padre Diniz escreveu em um quarto de papel, que entregou aberto, as seguintes palavras:

«CHAMA-ME DO FUNDO DA SEPULTURA, E EU QUEBRAREI A PEDRA PARA DESCOBRIR AOS TEUS OSSOS.»

O capellão, curioso, viu estas palavras, e pasmou. Voltando á sala em que deixou o missionario, encontrou-o de joelhos, e não ousou interrompê-lo.

— Já terminastes a vossa reza?— perguntou padre Diniz.

— Já, senhor.

— E eu não... Desculpa-me, e deixa-me só alguns minutos.

— Quando terminardes, puxa este cordão da campainha, para vos servirem a ceia...

O padre ergueu-se quando o capellão saiu. Tomou o castiçal, abriu a porta da proxima sala, e achou-se diante dos retratos. Aproximou a luz de um d'elles, e sorriu-se amargamente. Este retrato era marginado inferiormente pela seguinte legenda:

«BENOIT DE MONTFORT, DUQUE DE CLITON.»

Saiu d'esta sala, atravessou a antecâmara de um quarto. Quando pôz a mão no ferrolho da porta d'esse quarto, recuou aterrado e trémulo. Refez-se de animo: levantou o fecho inutilmente: a porta estava fechada. Meditou instantes rapidos. Deslocou um canapé de coxins desbotados, que se encostava á parede d'esse quarto. Comprimiu uma mola, e fez abrir no tabique o espaço por onde cabia um homem. Entrou, e mal entrara, caiu-lhe a luz das mãos, e achou-se em cerrada escuridade. Palpou em roda de si, e encontrou um leito: estremeceu, e curvou-se sobre esse leito, que tinha uma cama, onde se conservavam ainda os miasmas de um cadaver. Ah! n'essa postura, não pronunciava palavra; mas os gemidos eram dos que trazem pedaços de vida. Ergueu-se de subito. Palpou ainda, e encontrou um copo. Este contacto, semelhante á mordedura do escorpião, parece que o matára. Padre Diniz caiu, rugindo duas palavras: «Deus implacavel!» Este desmaio prolongou-se. Quando voltou a si, o missionario ouviu passos na saleta proxima, e viu o reflexo de uma luz.

— Isto é cousa diabolica! — dizia o capellão.

— Não se explica tal phenomeno! — acrescentava o visconde de Armagnac.

— Padre Diniz! — chamava o capellão, aproximando-se da antecâmara, onde entrou, soltando um grito de espanto.

— Vêde aquella abertura na parede, snr. visconde!

— É verdade! e n'aquelle quarto!...

— Onde morreu a mãe da snr.^a duquesa de Cliton!... onde nunca mais ninguém entrou!

— Dae-me essa luz, e retira-vos... — disse o visconde.

— Agora é que eu acredito que moram phantasmas n'este castello... Vou abandonar esta casa!... — murmurou o aterrado capellão, apalpando as saídas com grande medo de ser estrangulado por alguma larva.

O visconde entrou pela fenda, e viu o sacerdote, em pé, encostado ao leito. Tremia-lhe o braço que sustinha o castiçal.

— Quem sois, senhor?! — perguntou elle, tremendo-lhe a

voz como na dúvida de ter em resposta o silencio de um cadaver, ou a voz de um vivo... impossivel!

— Chamei-vos do fundo do meu tumulto, e vós viestes. Cumpristes a vossa palavra... estaes quite, visconde.

— Mas quem sois?! Conhecestes, porventura...

— O duque de Cliton?

— Sim.

— Morreu ha trinta annos... o seu cadaver foi enterrado na capella d'esta casa.

— Justamente.

— E, trinta annos depois, o duque de Cliton apparece encostado ao leito nupcial de sua mulher.

— Que dizeis?... Eu não vos entendo...

— E, comtudo, eu fallo a linguagem dos vivos... Eu sou o homem a quem chamaram duque de Cliton.

— Vós!...

O visconde recuára, estendendo o braço com a luz para a face do missionario.

— Vós!... — proseguiu elle, quasi esvaído de medo — dizei-me se vindes aqui representar uma horrivel comedia!... Não brinqueis com os mortos, que são sagrados!

— Vem abraçar-me, visconde de Armagnac! Não tremas... Estes braços são os mesmos que te apertaram ao coração de moço... Verás que têm ainda o calor da vida... Foges-me, visconde? Não vês em mim nada do homem antigo? Olha este braço!... não vês o signal eterno que a ponta do teu florete aqui deixou?... Ainda vive a duqueza de Bouillon, por cujos sorrisos me fizeste vertér sangue?

O visconde, com os olhos immoveis, a bôca meia aberta, e o coração em saltos de terror, foi machinalmente aos braços de padre Diniz, que o procuravam.

— Não queres reconhecer-me, visconde?

— Vós... o duque de Cliton!

— Sim... o que os homens chamaram duque de Cliton.

— Que se julga morto ha trinta annos... e enterrado na capella d'esta casa... é impossivel!... Quantos annos tendes?

— Sessenta e um...

— É impossivel!

— O quê?

— Não tendes essa idade... Sois mais velho... Eu conheci o duque de Cliton desde criança... morreu de trinta annos...

— E resuscitou de sessenta e um... Deixae dormir em paz o somno eterno o meu fiel creado, que está lá em baixo no jazigo com o meu nome. Fallemos dos vivos, visconde. Onde está minha filha?

— Vossa filha!?

— Elisa de Montfort...

— Juraes-me por tudo quanto ha sagrado que sois o duque de Cliton?

— Já te disse que sou o homem a quem deram esse nome.

— Santo Deus!... isto é um sonho!...

— Pois acorda, visconde!... Não perdeste ainda o sestro de rapaz!... No nosso tempo, tu sonhavas sempre!... Lembras-te quando sonhaste que me vias amanhecer velho, tendo-me deitado navo?

— Lembro... lembro... agora vejo que me não mentes... Tu és o duque de Cliton... ou eu endouceci...

— Respondeste agora á minha pergunta? Onde está minha filha?

— A tua filha... duque... antes de te responder, deixa-me reflectir n'este lance... Eu preciso convencer-me de que não ha aqui um pavoroso sortilegio em tudo isto...

— Que lucras em mortificar um pobre velho, visconde?

— A tua filha... é Irmã da Caridade...

Padre Diniz fitou o visconde com uma attenção que o gelou. Era o extasis sem respiração. Não se ouvia um suspiro n'aquelle pequeno ambito. O terror communicava-se d'elles para os objectos. Os lampejos da luz tremiam nas dobras da coberta de damasco que cobria o leito. Nas paredes núas, não retocadas ha trinta annos, corriam sombras de um phantastico horrível, que povoava de visões sinistras a imaginação supersticiosa do visconde.

Padre Diniz, alguns segundos immovel, estendeu a mão ao seu interlocutor.

— Tens fé?— perguntou elle.

— Se tenho fé?

— Crês em Deus?

— Creio em Deus!...

— Ajoelha commigo, visconde... Pede ao Senhor que feche aqui o meu praso de expiação... Pede ao Altissimo que deixe cair n'este momento, em todo o peso, a espada da sua tremenda vingança! Pede-lhe que me faça morrer n'aquelle leito... Não... não, eu preciso da vida...

As ultimas palavras disse-as, erguendo-se subitamente, e encaminhando-se para o falso postigo, por onde entrára. Passou para a antecâmara. O visconde seguiu-o.

.....
Disse, depois, o padre capellão que os vira sair ambos n'essa mesma noite, e que o missionario nunca mais alli voltára.

XXIX

— Podeis entrar, senhor. Perguntae pela enfermaria das cholicas, e lá encontrareis a Irmã da Caridade que procuraes.

Esta resposta era dada a padre Diniz pelo porteiro do hospital do *Hotel Dieu* em Paris. Encaminhado á enfermaria das cholicas, perguntou a uma das enfermeiras se podia fallar a Virginia du Saint-Esprit, Irmã da Caridade.

A enfermeira mandou-o esperar no seu quarto, e voltou dizendo que Virginia não viria, sem que soubesse o nome da pessoa que a procurava. O missionario escreveu o seu nome, e remetteu-lh'o.

Momentos depois, a Irmã da Caridade entrava no quarto, amparando-se com o batente da porta, porque vinha quasi desfallecida.

Padre Diniz estendeu-lhe a mão, que a duqueza de Cliton aceitou, mais por necessidade de se encostar áquelle braço, que por expansão de amizade, e contentamento de encontrar o homem, que ella suppozera o ente mysterioso que lhe resgatára os seus rendimentos hypothecados.

O padre, succumbido, menos corajoso que ella, já incapaz de resistir ás commoções extraordinarias, gasto, por assim dizer, no corpo e na alma, não disse uma palavra que salvasse a duqueza da embaraçosa posição em que se via diante do salvador de Alberto de Magalhães, e do homem celeste que tinha em França um ecco constante das suas virtudes na missão.

— Não esperava ver-vos mais... — disse a Irmã da Caridade — Disseram-vos que eu vivia... ou morria aqui. Quem foi?!

— Foi Deus, que o quiz... Aqui me tendes, snr.^a duqueza...

— Não me deis esse nome... — atalhou ella com um gesto de silencio — fallae baixo... deixae-me gastar todo o fêl do meu sacrificio... Se me conhecerem, fujo d'aqui...

— Não fugireis... Lembra-vos o que eu vos disse em Lisboa?

— Não sei... não me lembreis Lisboa...

— Quero, ao menos, lembrar-vos as minhas palavras... *Haveis de crer em Deus...* foi isto?

— Creio sim, creio em Deus...

— Como vossa mãe, que foi mais desgraçada que vós...

— Do que eu?... é impossível... assim desgraçada ha só uma... Tornaes a fallar-me em minha mãe!... Que tendes com ella ou commigo?... Em nome de Deus, abri-me o vosso coração...

— Em nome de Deus vos digo que o meu coração não se abre... O cadaver não tem forças para quebrar a pedra... eu tambem não as tenho para partir os sêllos que fecham o abysmo do coração... Elisa de Montfort, eu vim dar-vos um abraço... de despedida... para sempre...

— Cuidei que não podieis chorar assim... Vós desfalleceis!... Sentae-vos, senhor!... Quereis que vos traga um medico? Não fizestes bem em vir aqui, tão perto da enfermaria dos cholicos... Que tendes?

— Nada, duqueza... Não tenho já coragem para tanto... Conheço pela minha fraqueza que cheguei ao fim d'esta longa caminhada... Era já tempo, meu Deus!... Consummou-se o sacrificio... Redobrae-me as forças, se me encheis de novo o calix...

Padre Diniz ia ajoelhar, quando a duqueza o susteve.

— Sentae-vos... creio que vos sentis muito doente... N'estes dois ultimos annos fizestes uma grande mudança!... Para onde ides?

— Para Lisboa...

— Não vades... fícae em França... Tendes-me aqui como se eu fosse uma vossa filha... Quereis que vos acompanhe nos ultimos annos da vida com vossa filha?

— Como minha filha!... — exclamou o padre — como minha filha! e quereis ser minha filha!...

— Queria, como sou de todos aquelles que soffrem... Professei uma alliança com os desgraçados até á morte, e vós... creio que sois bem infeliz, não sois?

— Já fui... agora, não. Isto está acabado... As agonias são dolorosas, mas o meu ultimo gemido é o precursor de uma eterna paz... Não posso aceitar as vossas consolações, Irmã da Caridade... Tenho em Portugal um tumulto que me espera... Vou unir-me aos ossos de meus paes... vou entregar-lhe o que resta da herança de dores que me legaram... são estes ossos descarnados, é este habito, que tem sido a mortalha da minha alma, que morreu ha muito... morreu, quando vós nascestes, duqueza...

— Quando eu nasci!... que quereis dizer?!

— Nada vos quero dizer... Sois menos infeliz aqui?

— Não sei o que sou... Tenho, pelo menos, esperanças de uma proxima morte... Já tarda; mas ella virá, quando quizer... Recebo todas as angustias, sem resistencia... Procu-

ro-as, e não sei se as ha no mundo novas, porque as quero, e então... hei de procural-as...

— Já vêdes que, n'este mundo, é preciso tocar a extrema do desgosto, para começar d'ahi em diante uma outra existencia melhor...

— A da morte?..

— Sim, a da morte; pois que outra, a não ser essa? E quem é que a saúda, que a ama, que se desvela, procurando-a nas missões, ou nos hospitaes? Somos nós... Sois vós, e sou eu, porque ambos somos dois infelizes... E tanto que devemos á Providencia! Não seria um bem cruel capricho de Deus, inspirar-nos o sabor da vida, agora, que temos dentro do coração tudo frio, tudo descórado aos olhos da face, tudo morto em redor de nós!... Que nos valeriam hoje os estimulos da felicidade? Que fariamos a muito ouro? que esperanças ha ahi que pössam comprar-se com dinheiro? Nada... nehumas... o ouro, nas nossas mãos, seria como as riquezas do arabe sequioso, que dera toda a sua caravana por uma gotta de agua... N'este estado, é-se feliz...

— Feliz!...

— Não é? Não o sereis vós, que tendes trinta annos... mas eu, tão velho, tão fraco... Não posso já com a vida sobre estes hombros, que apenas podem sustentar o peso da mortalha!... Olhae, duqueza... Sou assim ha trinta annos... Caminho assim para o dia que está perto... Mal sabeis calcular o prazer d'esta aproximação...

— Sei que prazer é... Que vim eu aqui fazer, senão surprender a morte, que talvez me reservasse para uma velhice aterradora...

— Procuraes o suicidio... Que foi o que vos trouxe aqui?... Em que momento vos pareceu que a morte era um beneficio?...

— Quando não pude com a vida... quando não tive animo de beber veneno... Cheguei a levar aos labios um copo, em que minha mãe...

— Silencio! — exclamou o padre, collando a mão na bôca da duqueza.

— Pois sim... eu calo-me... e por que devo calar-me, senhor!... Eu devo morrer sem conhecer-vos?

— Deveis...

— Isto é cruel!... Por que me seguis? Que interesse tivestes na minha felicidade, padre Diniz?

— Um interesse impotente... Encontrei-vos desgraçada, desgraçada vos deixo...

— Eu não abracei os vossos conselhos...

— Seria o mesmo, se os abraçasseis... O pregão de Deus

condemnára-vos ao soffrimento, á vergonha, e ao opprobrio... A minha voz foi debil... Não vos accuso, nem vos absolvo... Eu sou um verme, e o vosso pé esmaga-me... Sois o açoute que me fere... eu teria sido um impio, se quizesse desarmar a mão de Deus... Tinha a vida suspensa por um fio... bem-dita seja a vossa mão, que o cortou...

— A minha mão!... em que vos fiz soffrer?... Dizei... Fallava-me este remorso!... Fallae!...

— Não tenteis o impossivel!... Respeitae com lagrimas este segredo... Que Deus me mate no instante em que a minha lingua vos disser a primeira palavra d'esta revelação... Não podeis nunca saber quem eu sou, porque eu teria de vos erguer morta dos meus pés...

— Santo Deus!

— Fallae-me com a face erguida, porque o podeis fazer!...

— Senhor!...

— Dizei-me que eu não tenho algum poder nas vossas acções, porque eu recuarei corrido ás vossas ordens de me calar!...

— Eu não ousaria nunca dizer-vos tal!...

— Já o dissestes, duqueza; e eu deixei-me humilhar, porque pensei que vos exaltava!... Foi tudo inutil!... A vossa quéda era irremediavel... Caistes... commigo, com vossa mãe, com todos aquelles que me rodearam, ao mesmo abysmo... Cairam todos... e D. Pedro da Silva cairia tambem já?

— Por que me fallaes n'esse homem?... Já sabeis o segredo da minha ultima desgraça!... Conheceis esse homem como conhecestes...

— Alberto de Magalhães?... Conheci-os depois de vos conhecer, duqueza!... Devia conhecê-los ambos, porque ambos deviam fazer convosco uma alliança de flagellos contra mim... Basta, Elisa... Vim quebrar a tranquillidade do vosso sacrificio a Deus... Ficae, Irmã da Caridade, ficae ahí n'essa enfermaria esperando a morte, que eu pedirei ao Senhor que vos ella não faça esperar muito...

— Pedi... pedi...

— Pedirei, como a tenho pedido para mim... Dae-me um abraço, que eu vou deixar-vos.

— Não... não me deixareis.... Sede o meu amparo, que não tenho mais ninguém que se compadeça dos meus surdos padecimentos... Em nome de minha mãe... vos peço que me não deixeis...

— Vossa mãe... Vossa mãe, Elisa... — O sorriso de padre Diniz era uma expressão que aterrou a duqueza. Nem elle talvez soubesse a significação d'aquelle sorriso, nem o leitor poderá adivinhal-o sem que lhe expliquem o segredo d'aquelle

copo, que fez estremecer padre Diniz no quarto onde morrera a mãe da duquesa de Cliton. O certo é que o missionario, desde que sorrira á supplica da duquesa, ficou em um estado de idiota abstracção, que a Irmã da Caridade estranhára e recebeu como um symptoma de loucura proxima. As perguntas que ella lhe fez sobre o seu destino, respondia com palavras desconnexas, e muitas vezes com um triste silencio, em que as lagrimas lhe saltavam dos olhos ás mãos, que levantava para um crucifixo.

N'esta conjunctura a enfermeira entrava dizendo que um senhor bem trajado apeára de uma carruagem, e queria fallar á Irmã da Caridade, Virginia du Saint-Esprit. Acrescentou a enfermeira que lhe dissera que não podia fallar a esta pessoa, sem dar o seu nome; e que o director do hospital, que se achava presente, lhe dissera a elle: «O snr. visconde pôde subir.»

Padre Diniz recobrou o alento com este recado, que a duquesa ouviu em um trémulo. Antes de responder á enfermeira, entrava o visconde de Armagnac.

O missionario foi recebê-lo, e murmurou-lhe quasi ao ouvido:

— Nem uma palavra a meu respeito, visconde!

— É preciso salvarmol-a... — respondeu o visconde.

— De quê? que perigo a ameaça?

— Este suicidio lento em que a vês... Restitue-lhe a felicidade, duque!...

— A felicidade!... Tu vens destruir a obra de Deus?...

— Não!... a dos homens...

— Vê se o consegues... Salva-a, se pôdes... Eu vou deixo-a...

— Já?

— Já...

Padre Diniz tomou a mão da duquesa, e permaneceu na postura silenciosa de um adeus, que nos comprime a garganta, e dilacera o coração. Elisa de Montfort levou aquella mão ao seio, e recebeu com ella uma lagrima. O visconde, mudo espectador de tal conflicto, tinha os cabellos hirtos d'aquelle enthusiasmo que uma grande dor nos communica. O padre, largando a mão da duquesa, abraçou-o; e, quando, com fingido animo, voltava as costas á Irmã da Caridade, e dera um passo, parou, voltou-se de repente para ella, estendeu-lhe os braços, e desmaiou nos do visconde, que se apressára a socorrer as forças debeis da duquesa.

Padre Diniz conhecera que não podia receiar novos flagellos. Os grandes infelizes têm a presciencia da morte; reconhecem-a, quando se aproxima; sentem-a, acolhem-a no co-

ração, e quando ella os comprime no seu abraço indissolúvel, já elles têm morrido.

O missionario, quando tornou a si, achou-se nos braços do visconde, e viu de joelhos a duquesa de Cliton. Balbuciou palavras que o iam atraíndo, se a habitual frieza do seu caracter não arrefecesse a tempo os impulsos do coração.

— Eu não posso morrer aqui! — disse elle — ajudae-me a cobrar as forças que me levem a Portugal... Deixae-me morrer feliz, porque não tenho já outro galardão n'este mundo senão a morte que desejo, e o tumulto que quero abrir com as minhas mãos... Não me destruam este desejo... Auxiliem-me... não me estorvem o passo, não me obriguem a commoções com que não posso... Duquesa... retirae-vos... Peço-vol-o com toda a instancia da minha alma, que já nem sabe pedir... Ide-vos...

— Eu vou... irei... padre Diniz...

— Abençoada sejaes, senhora... Acompanhae-a, visconde...

— Não... eu não preciso da vossa companhia, snr. visconde... Acompanhae-o a elle... A minha jornada é curta...

A duquesa entrou na enfermaria das cholicas, e padre Diniz, amparado pelo velho amigo de D. Pedro da Silva, saiu do *Hotel Dieu*.

XXX

Dez dias depois, padre Diniz saiu de uma sege, encostado ao braço do boleeiro, e entrou no pátio do barão dos Reis.

Foi annunciado ao dono da casa, e entrou em uma sala, onde esperou que sua excellencia viesse recebê-lo com a affabilidade que de certo não experimentaria, se viesse a pé, ou o barão não tivesse ouvido o rodar da sege.

— Tenho a honra de cumprimentar a v. exc.^a — disse o padre, erguendo-se a custo da cadeira.

— Queira sentar-se... Parece que está incommodado...

— É a velhice, snr. barão... Eu sou completamente desconhecido a v. exc.^a...

— Não me recordo de o ter visto...

— De certo, não... O fim para que tenho a honra de procurá-lo, não-exige que v. exc.^a me conheça.

— Em que posso servi-lo?

— V. exc.^a comprou o convento dos ex-frades dominicanos em Santarem?

— Comprei, sim, senhor.

— Eu venho impetrar de v. exc.^a permissão de exhumar do claustro os ossos de um frade que morreu n'aquella casa... Posso contar com a sua licença?

— Sim, senhor; se precisa só da minha licença, póde contar que está servido.

• — Precisava de uma outra ecclesiastica... essa offereço-a á observação de v. exc.^a...

— Não é necessario... queira arrecadar. Eu dou ordem para que v. s.^a possa, quando queira, encontrar francas as portas do convento.

— Amanhã, se Deus o permittir, parto para Santarem. Se agora lhe não é penoso, dê-me v. exc.^a uma ordem com a qual eu possa apresentar-me ao seu administrador em Santarem...

— Actualmente tem lá o meu guarda-livros. V. s.^a dirija-se a elle, que está no convento... e...

— Como se chama?

— Alvaro de Oliveira, e queira dizer-lhe que fallou comigo a tal respeito; não precisa de outra ordem; e tudo mais em que possa ser-lhe util, queira mandar-me.

— Muito grato a v. exc.^a... Queira dizer-me... Como está a snr.^a baroneza?

— Pois conhece minha mulher?

— Conheci, muito criança ainda... Ha bons trinta annos...

— Se quer que a chame...

— Não, senhor... Eu não posso demorar-me... Se for possível, em outra occasião, terei o prazer de vel-a... Snr. barão... dê-me as suas ordens...

— Queira dizer-me o seu nome, para que minha mulher saiba quem perguntou por ella...

• — Seria inutil, snr. barão... O meu nome... quem é que sabe o meu nome?... Sua senhora não me conheceria nem pelo nome, nem pela pessoa...

— A minha casa está sendo fertil em extravagancias — disse, com abstracção, o snr. Joaquim dos Reis.

— Não comprehendi o que se dignou dizer-me...

— Foi cá um reparo que eu fiz... não fallava com v. s.^a... Vejo que quer retirar-se...

— É forçoso... Muito grato ao seu favor, snr. barão... Eu não posso offerecer valias que não tenho... Vou penhorado da sua bondade, e creio que v. exc.^a conhece que um velho padre, que vae lidar com esqueletos, não tem já nada com que indemnisar obsequios. Snr. barão...

O padre entrou na sege, e apeou na travessa da Junqueira n.º 44. Os vizinhos viram com uma especie de terror abrir-se a porta d'aquella casa, tres annos fechada, sem que ninguem

soubesse dizer o fim que tivera o seu proprietario, depois que d'alli saíra amortalhada uma senhora que os holeeiros tiraram morta da carruagem.

Padre Diniz subiu apoiado ao braço do boleeiro, que tres vezes o susteve em pé, na entrada da primeira sala. O velho sentou-se, enquanto o boleeiro abriu todas as janellas, porque era insoffrivel o ar represado, que alli se respirava.

No canapé, em que o padre se sentára, estava um vestido de mulher, que elle tomou sófregamente, e levou aos labios com os braços trémulos. Era o vestido que despiram do cadaver de Angela de Lima. No chão viam-se fragmentos de uma capa, pedaços de panno de linho, e objectos de lã traçados. Eram o resto dos vestidos da condessa de Santa Barbara, que tinham sido lacerados pelos ratos.

O boleeiro encarava o seu mysterioso patrão com assombro, e via em tudo aquillo um incomprehensivel negocio de feiticeria.

— Pódes sair... — disse-lhe o padre — Amanhã partiremos para Santarem...

— V. s.^a fica sósinho aqui?

— Fico.

— Não quer que lhe traga o comer de alguma hospedaria?

— Não, rapaz; podes ir descansado, que eu tenho quem me dê de comer.

Em seguida entrou um tabellião, e leu uma escriptura de doação d'aquella casa, com os objectos que n'ella se encontrassem, á Santa Casa da Misericordia, com a condição de que elle doador, padre Diniz Ramalho e Sousa, seria recebido na enfermaria dos particulares, no hospital de S. José; e, no cemiterio da mesma casa, depois da sua morte, em sepultura terrea, seriam com elle enterrados os ossos, que se achassem em um caixão de chumbo ao pé do seu leito.

Assignada a escriptura, padre Diniz ficou só. Ergueu-se. Olhou em redor de si com religioso pavor. Parece que evocava da sepultura as ultimas pessoas, que se tinham reunido n'aquella sala. Recaiu extenuado no canapé, e soluçou com a face escondida nas mãos cadavericas. Pediu, talvez, forças a Deus, e levantou-se de um impeto. Foi ao longo de um extenso corredor: levantou o fecho de uma porta, deu um passo dentro d'aquelle quarto, e recuou. Fora aquelle o quarto de D. Antonia de Mascarenhas. Defronte, estava o de Angela de Lima. Tentou alli entrar... e ajoelhou no limiar da porta. Que palavras foram as suas? Não as disse elle, nem o coração, mais feito nas torturas, as adivinha. E proseguiu na sua atormentada visita. Dir-se-ia que caminhava entre espectros, que o saltavam de cada quarto em que entrava. E eram tudo

trevas em redor d'elle, quasi trevas illuminadas pelo clarão tenue das frestas, que augmentavam o terror supersticioso do ancião, devorado de febre.

O ultimo logar que visitou, era o seu escriptorio. Abriu um gavetão, que tirou do encaixe. Estendeu o braço, e fez sair uma pequena gaveta, escondida por um segredo. Despejou-a sobre uma banca, e saiu do escriptorio, porque precisava respirar o ar puro da primeira sala.

N'este momento, bateram á porta. O homem que entrou disse ser enviado do governador civil.

— Que tem a dizer-me? — perguntou o padre.

— Sua excellencia manda dizer-lhe que todas as investigações, empregadas ha quarenta e oito horas, para descobrir D. Pedro da Silva, tem sido inuteis. Que podera certificar-se da entrada d'elle, em Lisboa, ha um anno; que soupera que elle vivera em Campolide com um nome supposto, e que, ha oito mezes, pouco mais ou menos, desaparecera d'alli, e não é possivel saber-se que destino teve. O snr. governador civil soube que elle vivia pobre, e lembra-se que poderá ter-se suicidado, mesmo porque, ha mezes, appareceu no *Dá-fundo* um cadáver de pessoa bem vestida, que ninguem conheceu, posto que attribuissem esta morte á sociedade maçonica, porque o cadaver trazia uma mordança.

— Em tudo isto, não ha nada certo... — atalhou o padre.

— Absolutamente nada... póde ser que com o tempo se descubra. Anda-se em procura de um creado que serviu este sujeito em Campolide, mas tambem não é possivel encontrar-o... veremos...

— Queira dizer a sua excellencia que eu lhe agradeço muito a continuação das suas informações.....

Vinte e quatro horas depois, padre Diniz procurava no convento dos ex-dominicanos o snr. Alvaro de Oliveira, guarda-livros do snr. barão dos Reis.

Disseram-lhe que o guarda-livros, segundo o seu costume, passeiava no claustro do convento, depois que escurecia até á meia noite, e que dera ordem de não o chamarem.

— Esperarei... tambem não quero que o chamem.

— Então, póde esperal-o na sala, porque v. s.^a, visto que é tão tarde, é natural que fique em Santarem.

— Fico... E o senhor tambem é caixeiro do snr. barão?

— Nada; não sou. Eu acompanho como escudeiro o snr. Alvaro.

— Este snr. Alvaro deve ser um guarda-livros muito estimado do snr. barão!... tem escudeiro!... cá em Portugal não ha muito d'isso...

— É que o meu patrão, se tivesse um filho, não o desadovava mais do que faz ao snr. Alvaro! Elle nem é guarda-livros, nem nada... Vae para onde quer, e vive como se fosse filho da casa... Estamos aqui ha um mez, e a snr.^a baroneza já cá o veio visitar quatro vezes... Acho que o snr. Alvaro vive muito triste, e o seu gosto é andar lá por baixo pelo claustro, onde estão as sepulturas dos frades. Tenho-o visto chorar muitas vezes; mas elle não quer que se lhe pergunte o que tem. V. s.^a conhece-o?

— Não conheço...

— Se o conhecesse, eu era capaz de lhe ir dizer que o senhor estava aqui...

— Nada, não o interrompa... Esperarei até que elle venha... A que horas costuma recolher-se?

— Á meia noite, e ás vezes mais tarde ainda... Eu vou-lhe dizer que o procuram de mando do snr. barão...

— Faça o que quizer.

.....
D. Pedro da Silva appareceu no limiar da porta. Olhou indifferentemente para o velho padre, que estava ao fundo da sala, quasi escurecida pela bandeira do candieiro.

Padre Diniz, ao vel-o, ergueu-se... fixou-o... deu um passo para desmentir um engano, que lhe fizera refluir todo o sangue ao coração... Ia dar outro passo; porque o primeiro roubára-lhe o dom da palavra... não pôde... estendeu-lhe os braços, que descaíam lentamente extenuados de violentas convulsões. D. Pedro foi ao chamamento mudo d'aquelle incognito... reconheceu-o; e quando exclamou: «Padre Diniz!» esse homem deixava-lhe cair no seio a cabeça desfallecida.

— Eu devo muito a Deus!... — balbuciou o padre — Devo-lhe tudo, e tão ingrato hei sido!... Que outro homem, sem ser guiado por um anjo, vos encontraria aqui, filho de Angela!... Que espantosas surpresas na minha vida!... Que lances... que desastres... e sempre a Providencia em todos os meus planos!... Fallae, Pedro!... eu quero ouvir a voz da criança, que chorou nos meus braços, antes de ver o mundo. Fallae-me... Vim encontrar-vos muito desgraçado, não vim?

— Não, snr. padre Diniz... eu não sou desgraçado...

— Não sois desgraçado!... Bemdito seja o Senhor!... sois o primeiro homem feliz que se aproxima de mim, sem o contagio dos meus infortúnios... Que é o que faz a vossa felicidade n'este momento?

— São as desgraças passadas...

— Foram muitas?...

— Excederam as forças do soffrimento... Deixei de soffrer,

quando se me esgotaram as lagrimas, e se me fez de pedra o coração...

— *A primeira mulher que se ama, decide de toda a vida de um homem.*

— Bem me lembro... foram as suas palavras... Viu o meu futuro, padre Diniz! A primeira mulher que amei rematou as minhas longas esperanças na violenta morte dos dezanove annos... Perdi todas as riquezas do meu coração... Acho-me frio nos sentimentos de honra e deshonra... Não tenho desejos, nem sandades, nem esperanças... Sou a machina que produz estupidamente um dia após outro dia...

— E comtudo sois feliz...

— Creio que sim... Esta atonia tem muita semelhança com a insensibilidade da morte... Pois a vida não é a ancía esperançosa do dia seguinte? Viver não é esperar? E eu que espero? As horas do escasso somno, que vem completar a impassibilidade do meu nada...

— E o trabalho não vos agita?

— Eu não tenho trabalho nenhum...

— Não sois guarda-livros de uma casa commercial?

— Não sou nada... tive muita fé no trabalho... trabalharia talvez, por necessidade, e pôde ser que um dia se transfigurasse a minha vida, e o contentamento me nascesse da desgraça... Cheguei a imaginar que me levantaria da quêda, para sentir em mim uma nova coragem... Deus não o quiz... O barão dos Reis sabe quem eu sou...

— Como!?

— Não sei que perguntas e respostas me denunciaram á baroneza... Vós sabeis bem quem a baroneza é...

— Sei...

— O barão chama-me filho... Serve-se da sua auctoridade para me afastar do commercio... Consente que eu viva aqui, e insta por que eu vá de Portugal para fóra... O honrado homem não sabe que a minha sepultura está em qualquer ponto da terra... Ora pois, meu querido mestre... falle-me de si... Eu julguei-o morto... Ha um anno que me não escreve...

— Eu sabia que não existieis em Paris... Soube em Angouleme que saistes da França...

— Em Angouleme?! Esteve ahí?!

— Estive...

— Com quem?

— No palacio de Cliton, com o capellão.

— No palacio de Cliton, que pertence...

— Á viuva do duque de Cliton.

— Conhece essa mulher?

— Ligeiramente... e vós?

— E eu?... não adivinhaes que foi essa mulher que me atirou a esta infelicidade em que me encontraes?

— Não adivinho, D. Pedro da Silva... que vos fez ella?

— Illudiu vilmente as minhas illusões de criança... Escarneceu a minha innocencia... Apresentou-se-me como um anjo de honestidade e de candura... Fez que eu viesse a Portugal pedir com as armas na mão um desforço honroso a Alberto de Magalhães... por quem?... por ella, que se lhe vendera por oitenta mil francos!... Não o horrorisa esta infamia?... Deve estar esquecido do que é uma grande humilhação!... Em que pensa, padre Diniz?

— Ouvia-vos, D. Pedro!... Se me não vêdes aterrado, é porque tenho na alma a paralyisia, que vós ainda não tendes... Foi pois a duqueza de Cliton que vos matou!... E vós... não lhe perdoastes...

— Eu?... perdoei... e perdoei depois que me cansaram as forças do soffrimento... Perdoei, porque não tenho já a sensibilidade da altivez offendida... Perdoei, deixe-me assim dizer, porque me falta a voz para amaldiçoal-a...

— Perdoae-lhe de todo o vosso coração...

— Que interesse tem na generosidade do meu coração para com essa mulher?

— O interesse do sacerdote do Christo, que mandou os seus apóstolos apregoar o perdão das affrontas... Não tenho outro...

— E acha que ella é digna de perdão?

— É...

— Sabe como ella vive?

— Não sei se vive... Ha onze dias, deixei-a em Paris como Irmã da Caridade, na enfermaria das cholicas, no *Hotel Dieu*.

— Que diz, senhor?

— Que lhe perdoeis...

— Fallou-lhe?

— Fallei...

— Disse-lhe o meu nome?

— Perguntei-lhe por vós.

— E ella?...

— Não me respondeu... Creio que se não lembra de vós... Está muito perto do tumulto para voltar o rosto, procurando-vos...

— Falle-me d'ella, padre Diniz!...

— Não tenho mais nada a dizer-vos...

— Mais nada?... Como a conheceu?

— Como conheço todas as pessoas infelizes... Prendeu-nos a sympathia do soffrimento... Não fallemos mais na Irmã da Caridade... Agora deixae-me dizer-vos ao que venho, por-

que... bem vêdes... até parece que a fallar me fogem os poucos alentos de vida, que Deus me concede para o remate da minha peregrinação... Não vêdes que estou tão acabado, tão doente?...

— Soffre muito?... tem alguma doença irremediavel?

— Tenho... olhae este pulso... não lhe sentis as pulsações?... É que a morte já por lá passou... tenho-a muito perto do coração... Poderei viver oito dias? Deus o sabe, mas creio que não... Daes-me um copo de agua?... Esta secção nem me deixa fallar... Agora, D. Pedro, esperae um pouco... eu preciso de alguns instantes de repouso... Ide, se precisæes sair, e voltae, passado um quarto de hora...

D. Pedro retirou-se ao seu quarto, a reflectir nos tumultuosos lances, que tão rapidos lhe desorganisavam os meditados projectos. Ao mesmo tempo, o sacerdote rezava, de joelhos, no seu breviario, e muitas vezes levou a mão á testa, como para afastar os pensamentos do mundo, que lhe abraçavam os extasis da alma, nas vizinhanças da eternidade.

D. Pedro veio encontral-o ainda na oração. Um gesto impoz-lhe silencio, e o filho de Angela esperou, com os braços cruzados, e as lagrimas nos olhos, ao lado de seu mestre. Aquellas lagrimas vieram-lhe do coração, resumindo, em um rapido olhar da alma, todas as scenas da sua vida, desde que se conhecera crescendo nos braços d'aquelle homem, para o qual estava aberta a sepultura.

«Eis aqui o grande homem!... — dizia-se elle — Este immenso coração vae gelar-se! Esta victima de tantos sacrificios chegou por fim ao seu altar! Como será a consciencia d'este justo n'este momento! Que tranquillidade de espirito ao pé da sepultura! Será para a morte aquelle sorriso?... Verá n'este instante as scenas todas em que foi grande!... Verá em redor de si todas as pessoas que o precederam na morte!... Seria possivel a aniquilação para este espirito? Não, não! é impossivel!... Este homem é um instrumento de Deus, que não cabe em uma pouca de terra!...

Padre Diniz erguera-se; bebeu dois golos de agua; entrelaçou as mãos, onde apoiou a barba, e permaneceu minutos na meditação d'aquelle que se recorda do fim para que veio.

— D. Pedro da Silva, — disse elle — que futuro é o vosso?

— Não tenho nenhum...

— Não se vive assim... Deveis de ter algumas tenções...

Quereis sair de Portugal?

— Que terei eu fóra de Portugal que não tenha aqui?

— Aqui tendes contra vós a solidão na patria, onde tivestes mãe, e amigos... Lá fóra, tendes a solidão entre estranhos, que é menos dolorosa... Viajae... Tendes dinheiro?

— Já lhe disse que tenho a protecção do barão dos Reis...
 — Aceitae antes a minha... Eu dou-vos o dinheiro que possuo... é pouco... mas, quando o tiverdes consumido, tereis a paz de espirito necessaria para adquirir outro... Aceitae sem melindre, porque não vol-o faço como favor-nem como direito á vossa obrigação. Saudades de mim heis de tel-as sempre, e eu não quero mais nada... Ireis á travessa da Junqueira, entrae no meu escriptorio, e sobre a banca encontrareis não sei que dinheiro, que ahí deixei, para que a Casa da Misericordia, minha herdeira, o possuísse. Viajae, é o conselho que vos dou. Não vades a Paris nem a Londres... Ide para muito longe. Se vos não repugna a vida militar, sede soldado, porque eu só conheço duas posições sociaes que servem ao homem distincto: o-claustro; e a guerra; as commoções do céu, ou a embriaguez do sangue das batalhas. O homem grande precisa chorar em uma cella, ou derramar sangue em um arraial... O vosso espirito precisa de alimento forte... Ide sentir os grandes abalos, que podem transfigurar de um instante para o outro a vossa existencia... Ide?... fazeis a vontade ao vosso amigo?

— Irei.

— Mas não ireis sem me deixar na sepultura... Assistis á minha vida nos seus ultimos dias? Não respondeis!... Choraes, choraes, que vos não vão mal essas lagrimas... Tambem eu choro convosco... Sois o filho da minha querida Angela... Creou-vos a minha pobre Antonia... Vinde cá... Chegae-vos bem ao meu coração... Eu estou a ver-vos tal qual fostes de cinco, de dez, de quinze annos. Eram annelados estes cabellos... Esta pallidez era então como a purpura. Brilhavam muito mais estes olhos, que tendes hoje pisados... Raro vos vi sorrir, mas no sorriso angelico dos vossos labios havia a tristeza prophetica d'este nosso encontro... Guardae para o meu ultimo instante um d'aquelles sorrisos...

— Padre Diniz... não ha de morrer tão depressa... Faça um esforço de vontade por viver...

— Ail filho... não quereis o meu descanso?... Vêde-me morrer com alegria... Agradecei ao Senhor esta esmolá, que lh'a peço ha trinta annos... Eu vivi emquanto fui necessario... necessario!... a quê?... á minha expiação... Quiz valer a todos, e não vali a ninguem! Quando eu queria dar vida ás almas, morriam os corpos... Consummou-se!... Agora... venham as misericordias de Deus... Pesem-se na balança divina as minhas iniquidades com as minhas lagrimas... Desencrave-se o ultimo espinho do remorso...

— Remorso... Tem remorsos, padre Diniz?

— Hei de responder-vos do tumulo...

— Do tumulo?!
 — Sim... do tumulo... Hei de legar-vos a palavra do morto, em um livro escripto pelo vivo, durante trinta annos... Heis de por força abril-o todos os dias, e eu estarei a vosso lado emquanto o lerdes... As lagrimas que lhe caírem nas paginas, vão confundir-se com as minhas, que lá caíram... E as existencias, que se casam pelas lagrimas, são inseparaveis... Agora, Pedro, sabeí ao que vim... É meia noite, e o luar está muito claro... Tendes ahi uma alavanca?

— Uma alavanca?!
 — Sim... um qualquer ferro...

— Tenho, senhor... Quereis uma alavanca?

— Dae-m'a...

D. Pedro foi busca-la.

— Agora, acompanhae-me.

— Quer que vão creados connosco?

— Não... vamos sós.

Desceram ao claustro. As sombras do luar, projectadas dos balaustres das varandas, estendiam uns como crepes sobre as campas. A cruz de pedra desenhava-se nas lages. A relva, que nascera livre nas fregas das sepulturas não tocadas nos ultimos quatro annos, á luz frouxa da lua, semelhava pedaços de mortalha arrancados pelas fendas da pedra.

Padre Diniz foi ao sopé da cruz, e pensou alguns segundos.

— É aqui.

— O quê?

— Ajuda-me a levantar esta pedra... Eu só não poderei... Vêde se encontraes um calço... Bem... Emquanto vós carregaes na alavanca, eu irei mettendo o calço... Assim... mais... mais... Está bom... Eu agora levanto a alavanca, e vós tombaes a pedra... Não podeis?

— Posso...

— Obrigado, meu amigo... Agora deixae-me tirar terra...

— Eu vou buscar uma enxada...

— Não é necessaria... Não sujeis as mãos... Este trabalho é meu...

— Que faz, padre Diniz?

— Procuro aqui um thesouro... creio que m'o não roubariam...

— Pois enterrou aqui algum thesouro?!

— Enterrei...

— Ha muito tempo?

— Ha seis annos...

— Quando veio a Santarem assistir á morte do conde de Santa Barbara?

— Foi por esse tempo.

— Não quer que o ajude?

— Não... o meu voto foi este... Bom... Já encontrei uma dureza... Agora vamos escavar terra do lado dos pés... Tendes uma caixa, um bahú, qualquer cousa que me deis?

— Um bahú? tenho... vou buscal-o...

Enquanto D. Pedro foi, e voltou com o bahú, padre Diniz descobriu as duas azas de um caixão.

— Agora, D. Pedro, se vos não repugna, pegae n'esta-aza de ferro que está aqui, e levantae de lá, que eu levanto d'este lado.

Tiraram um estreito caixão de chumbo.

— Isto que é?! — perguntou D. Pedro.

— É o meu thesouro, meu bom amigo... Levantae d'aqui... ajudae-me agora a tirar o esquite, mas com muita cautela para que se não desmanche... Não é possível... já se despregou uma táboa... Chegae para ao pé de mim o bahú, e abri-o...

Padre Diniz tirou um craneo, a que vinham pegadas algumas vertebraes do pescoço.

— Que faz, senhor?

— É o meu thesouro...

— Uma caveira!...

— Uma caveira... sim... não achaes que uma caveira possa ser um thesouro?...

O filho de frei Balthazar continuou a extrahir a ossada da sepultura, e cada pequeno ou grande osso que tirava, sacudia-o, passava-lhe pela superficie a manga da batina, e depositava-o no bahú. D. Pedro estava livido de horror.

— Estaes tão calado, D. Pedro?... Causa-vos nojo esta escavação?... Tende paciencia... é o meu thesouro... são os ossos de meu pae...

— De seu pae?!... pois seu pae morreu aqui n'este convento?...

— Morreu, filho... Agora ajudae-me a ajustar esta pedra com a sepultura... Não vão julgar que algum impio exhumou o cadaver do frade amaldiçoado para insultal-o... Achaes que está bem?

— Está... E aquelle caixão?

— Aquelle caixão contém as cinzas de minha mãe...

— Santo Deus, que mysterios!... Sua mãe tambem aqui morreu?

— Não... minha mãe não morreu aqui... Nós vos responderemos todos tres do tumulo... Hei de dar-vos este conhecimento com os mortos, que é de todos o menos perigoso... Podeis com este caixão, meu bom amigo?

— Posso.

— Pois Deus ha de dar-me forças para levar o bahú ao

meu quarto... Subamos... Deixemos os mortos sem o seu companheiro de seis annos... Antes que elles nol-o peçam, porque o amaram muito na vida...

Padre Diniz sentou-se ao pé do bahu, no quarto de D. Pedro, e esteve de mãos erguidas longo tempo. O filho de D. Angela não teve resposta a algumas perguntas que lhe fez. O relógio da torre dera duas horas, e o sacerdote, como acordado de um doloroso lethargo, disse a D. Pedro:

— Ide repousar, que eu fico aqui...

— Não consentirei que fique: se não quer uma cama, eu ficarei ao seu lado.

— E eu não consinto que fiquéis... Deixae-me aqui um tinteiro, que preciso escrever... Abri aquella mala, e dae-me um livro, que tem na capa um letreiro...

— É este?... diz LIVRO NEGRO.

— É esse... Agora, meu filho, até logo... Eu vos chamarei se dormirdes... creio que não dormireis; mas eu quizera que descansasseis. Ireis commigo para Lisboa?

— Vou, vou comsigo, padre Diniz, até onde for...

— Então... perto ireis... Boas noites...

Sebastião de Mello escreveu uma hora. Depois deitou-se no tablado, encostou a face ao caixão das cinzas de Silvina, e adormeceu, murmurando:

— Deixa-me gosar o primeiro somno no seio das tuas cinzas, minha pobre mãe!

XXXI

Seis dias depois, na cama de um quarto particular do hospital de S. José, estava padre Diniz Ramalho e Sousa.

Ao lado do seu leito estava um caixão de chumbo, e um bahu fechado, os quaes a administração da Santa Casa, sujeitando-se á condicional da escriptura de doação, já sabia que deviam ser sepultados com o cadaver do caritativo doador.

Em redor d'este leito estavam os medicos da casa, o guarda-livros Alvaro de Oliveira, o barão dos Reis, e sua mulher.

Conversavam pouco, e esse pouco em som quasi imperceptivel. O enfermo encarava-os a todos com um sorriso, e respondia ás instantes perguntas dos medicos com o mesmo sorriso. Tomava os remedios sem hesitação; mas pedia que o encarassem com mais philosophia que medicina, porque os seus nobres esforços eram inuteis.

D. Emilia Mascarenhas chorava, e padre Diniz, escasso de

forças para fallar, erguia as mãos como supplicando que não chorasse. Algumas vezes achou-se sósinho com o barão, porque a filha de Anacleto, e o filho de Angela, de hora a hora se retiravam a chorarem a occultas do padre.

O enfermeiro veio n'esse dia, com as lagrimas nos olhos, dizer a padre Diniz que o despediam do seu quarto.

— Por quê?

— Porque um outro enfermeiro d'esta casa pediu licença para tratá-lo, e não se lhe negou, porque ha razões para que se lhe não negue cousa nenhuma.

— Que razões são?

— É um homem que veio para aqui, haverá seis annos, e não só trata dós doentes como enfermeiro, mas tem feito grandes esmolos á Santa Casa. Ninguém sabe o seu nome, nem elle consente que lhe perguntem nada da sua vida. Deus lhe perdoe o desgosto que elle me dá, fazendo-me sair do seu quarto, snr. padre Diniz...

— Agradeço-lhe a sua amizade de todo o meu coração...

— Elleahi vem...

— Quem?

— O enfermeiro...

Effectivamente o novo enfermeiro entrára no quarto. Padre Diniz não podia vê-lo, porque era muito pouca a claridade. O mysterioso devoto dos hospitaes aproximou-se do leito, e fez ao despedido enfermeiro um signal para que saísse.

Estavam sós.

— Tens um novo creado, Sebastião de Mello...— disse-lhe elle, curvando-se ao ouvido do enfermo, que estremeceu.

— Quem é que me dá tal nome?

— Não é o teu?

— Foi... Quem sois?

— Um homem indigno de te acompanhar na vida; mas não o reputarás assim nas horas em que a morte principia a destruição do orgulho humano.

— Quem és?

— Has de morrer com o segredo do meu nome?

— Sim...

— Eu sou Azarias Pereira, o judeu...

— Azarias Pereira!... Abre-me aquella janella...

— Não... que te incommodam os raios da luz... Não me crês?... não ha já n'esta voz um som do teu velho companheiro dos salões de Anacleto?... Que te parece, Mello!... Terei desarmado a cólera do teu Deus, e do meu com a penitencia de seis annos?

— Que vida tem sido a tua, Azarias?

— Esta!... E a tua?... Julguei-te morto...

- Julgaste bem...
- A baroneza dos Reis entrou.
- Que mulher é esta? — perguntou Azarias.
- É a filha de Anacleto...
- A filha de Anacleto! — murmurou o israelita, encostando-se ao leito, com os olhos cravados em Emilia.
- Tem um novo enfermeiro, snr. padre Diniz?
- Sim, snr.^a baroneza...
- Disseram-me que era um santo...
- Enganaram-a, senhora... — balbuciou Azarias.
- Eu já o tinha visto — tornou ella — e conheci-lhe no rosto os signaes da mortificação... Disseram-me que estava aqui por devoção n'este hospital... Ainda ha boas almas no mundo!...
- São as mais perversas, muitas vezes...
- Não diga tal!... Oxalá que a quarta parte dos bons tivessem as suas virtudes...
- Não fallemos nas minhas virtudes, senhora...
- Se com as suas orações podesse restituir a saude ao snr. padre Diniz...
- As minhas orações são blasphemias...
- Santo nome de Deus!
- Deus seria affrontado por ellas...
- Não falle assim, que está fingindo o que não é...

Padre Diniz fez á baroneza signal de silencio. Calaram-se todos. N'este momento entrou um confessor, que ficou sózinho com o enfermo. Azarias Pereira perguntou aos medicos, que esperavam occasião para tentarem o ultimo recurso, quantos dias poderia viver o doente. Responderam-lhe que poderia viver muitos dias, ou muito poucas horas. «Aquella morte (disseram elles dogmaticamente) é uma consumpção physica e moral.»

Depois do confessor, entrou o Sagrado Viatico, acompanhado por D. Pedro da Silva e o barão dos Reis. Azarias estava ao lado do leito, com o jarro da agua e a toalha. Administrado o Sacramento, padre Diniz pediu que o encostassem aos travesseiros. Chamou para o pé de si as pessoas, que se escondiam no escuro do quarto a chorar, e fallou assim, com muita difficuldade:

- Aproximae-vos... vinde ser ao pé de mim os representantes dos que já passaram, deixando-vos na terra o encargo de testemunhardes a minha morte... Não fujas tu, penitente...
- Vou buscar-vos um caldo, snr. padre Diniz — disse Azarias Pereira.
- Não vás... eu quero-te aqui... has de perdoar-me, que és o unico homem vivo a que posso, e devo pedir perdão...

— De quê, senhor?

— Entendeste-me, uma vez, a tua mão, e eu... repelli-a... Miseravel orgulho humano!... estúpida fidalguia nas virtudes!... Repelli a tua mão, pobre homem, que soffreras tanto... que caváras com as unhas a sepultura da infeliz, por quem te perderas... Repelli a tua mão, eu, meu Deus!... eu!... carregado de crimes, com a minha borrifada de sangue... Vem cá... aproxima-me dos labios a tua mão... quero beijar-t'a... Não teimes com o moribundo...

— Quem será?! — perguntou o barão a sua mulher.

— Não posso entender isto, e o snr. D. Pedro conhece este homem?

— Não, senhora... não conheço.

— Não pronuncies o meu nome, Sebastião de Mello! — murmurou Azarias ao ouvido do padre.

— Não... não pronunciarei o teu nome... de que serviria para a tua alma pronunciar-o?... Morre ignorado, como tens vivido... A grande coragem é essa... Morre como eu... Qual de vós poderá dizer o meu nome? Ninguém...

— Ninguém!... — disse D. Pedro.

— Ninguém até ao momento em que estes labios, emmudecidos pela algema da morte, não possam já responder aos louvores ou aos vituperios do mundo... Perguntaes-me com o vosso silencio se eu fui um homem grande?... Fui, amigos... desde o momento que vesti a batina, que logo me dareis como mortalha... Antes d'isso fui miseravel... o mais pequeno de todos os que se arrastavam a meus pés... Ao pé d'este leito... não sois só vós que assistis condoídos aos meus paroxismos... tão serenos... tão suaves... Eu vejo muitas imagens, que vós não vêdes... Baroneza... aqui está vossa mãe... Vejo-a com a face purpureada pelos delirios da felicidade que o seu ouro lhe dava... Eis que se desfigura... Ella alli está macerada, coberta de farrapos, ajoelhada no alpendre da capella... Não vêdes alli uma sepultura rasa?... Levantei-a, e desci-a eu sobre o cadaver de vossa mãe, Emilia de Mascarenhas... Ai!... á hora da morte tenho saudades d'ella... Andou-me tantos annos impressa no coração!... Choraes por ella, Emilia?... São, talvez, as primeiras lagrimas!... abençoadas sejam!... Vou contente de vol-as ter arrancado para a memoria de Anacleto... Não fujas, amigo...

— Conceda que eu me retire, senhor... — disse Azarias, perturbado.

— Ouvi até ao fim as minhas visões... Alli está vossa irmã, Emilia... A minha querida Antonia!... O anjo despenhado, que eu levantei do abysmo e entreguei a Deus... Não a vêdes debruçar-se do céu para a terra, a receber a alma de sua

filha?... Eugenia! tão curta foi a tua primavera depois de um longo inverno de amarguras!... Choraes, Emilia? Nunca tinheis assim chorado per vossa irmã?... E tu, meu discípulo querido, meu herdeiro, meu confidente de além do túmulo, vem cá, D. Pedro da Silva, que tenho aqui a meu lado tua mãe... Vem abraçar-nos a ambos, que nos has de encontrar no mesmo abraço... Olha... lembras-te quando a vimos n'aquella janella em Campolide?... Não estava assim radiosa... Este brilho que lhe vês é o resplendor do martyrio... Cá, em baixo, não ha d'estas auréolas... A infeliz o que aqui foi não podia continuar a sel-o, se os seus crimes a despenhassem nas trevas... Vem do céu a receber-me na morte... Paga-me uma divida sagrada, que, na morte da alegria, da esperança, da alma, encontrei-a eu... Vêde que me faltam forças... Será o fim?... Ainda não... Não sei que presentimento me manda esperar... Esperar o quê?... Isto que espero, ha tanto tempo... Deixae-me lançar uma vez os olhos para o mundo... Abri aquella janella... eu queria ver a luz, e o céu... Amigo, abris-me aquella janella?

Azarias Pereira abria meia portada.

— Toda... toda... — balbuciou o padre, esforçando-se inutilmente por erguer-se — Nunca me pareceu tão bello o mundo!... Vejo arvores e flores... Deixo-vol-as, meus amigos... Colhei-me aquella rosa... has de ser tu, meu carinhoso enfermeiro... Colhe-a, sim?... Vae deposital-a, orvalhada de lagrimas, sobre a sepultura de Anacleto, sim?... Estfemecees?... não tremas... cumpre-me este legado, assim como eu cumpri o d'ella... E tu, D. Pedro, colherás outra... Procura a sepultura de tua mãe, no cemiterio de S. João... ajoelha... offerece-lh'a em teu nome, e em meu, sim? Não posso... Onde vae... deixas-me?...

— Sou chamado alli á porta... Venho já — respondeu Azarias.

E foi, onde realmente o chamavam. Encontrou uma mulher de véo branco, e manto negro, que lhe disse em portuguez:

— É o enfermeiro de padre Diniz?

— Sou, senhora.

— Posso fallar-lhe?

— Dê-me o seu nome, que eu vou perguntar-lhe.

— Como está elle?

— Não poderá viver muito.

— Diga-lhe que o procura Virginia, Irmã da Caridade.

Azarias foi ao pé do leito em que padre Diniz soffria uma anciania nos braços de D. Pedro.

— Snr. padre Diniz, uma Irmã da Caridade, chamada Virginia, quer ver-vos.

O moribundo arrancou-se aos braços do filho de Angela, que levou as mãos á cabeça, como se o ferisse subitamente uma frecha. Os circumstantes reparavam na commoção dos dois, quando padre Diniz, encostado ao braço direito, levantava meio corpo, e parecia precipitar-se do leito.

A Irmã da Caridade não esperára resposta. Entrou, e o primeiro vulto que lhe feriu os olhos, rasos de lagrimas, foi D. Pedro da Silva. Soltou um grito, vacillou alguns momentos, com as mãos erguidas, e correu aos braços do missionario, que a procuravam. O filho de Angela, quando saía do quarto impetuosamente, caiu desfallecido nos braços de Azarias, que tinha visto nos olhos d'elle o brilho do terror, da demencia, ou da apoplexia fulminante.

Padre Diniz recebeu nos braços a duquesa de Cliton, e recaiu na prostração. As suas palavras eram surdas, e uma força invencível pesava-lhe nas palpebras, que elle em vão tentava abrir.

— A que viestes, senhora? — balbuciou elle.

— A isto... a mais nada... quiz que o vosso ultimo abraço fosse meu... Ha de sel-o... que eu não vos deixarei até ao ultimo suspiro...

— Achaes que deve ser vossó... o meu ultimo abraço!

— Deve... não tendes ninguém no mundo que mais vos queira...

— Ninguém... nem tu, D. Pedro da Silva?... que é d'elle?

— Foi passado ao quarto proximo — disse Azarias.

— Por qué?

— Desmaiou...

— Como uma mulher!... paciencia... não torno a vel-o... Chamae-o...

— Não, não!... — interrompeu a duquesa de Cliton.

— Por qué?... por que não?... Não sois vós a Irmã da Caridade, e dos perdões?... Que é d'elle?...

— É impossivel vir, — disse Azarias — está lançando sangue, e não dá accôrdo para mais nada.

— Seja feita a vontade de Deus — balbuciou, quasi sem perceber-se, o moribundo. — Dizei-lhe que o meu legado está alli, n'aquelle bahú...

— Elle ahí vem... — disse a baroneza, que fora instal-o para que viesse dizer adeus ao seu amigo.

— Ainda bem... D. Pedro, olhae que o meu livro vae ser vosso... está alli n'aquelle bahú... Vem aqui... mais... mais perto... Eu vou partir... e quero dizer a Deus... que perdoaste a esta mulher... Perdoa-lhe...

— Sim, sim... de todo o meu coração... — disse D. Pedro, beijando a mão do agonisante.

— Agora... senhora... quereis que o meu ultimo abraço... seja o vosso?...

— Sim...

— Pois, sim... recebe o ultimo abraço de... teu pae...

Foram as ultimas palavras de padre Diniz.

A duqueza repetiu a palavra *pae*; e perdeu os sentidos com a face apoiada no peito do cadaver.

D. Pedro da Silva, e os demais ficaram n'esse aturdimento, que só tem a expressão do lance, e não pôde reflectir-se no papel.

CONCLUSÃO

As seguintes paginas são textualmente copiadas dos apontamentos de D. Pedro da Silva:

«Mal me recordo d'aquella scena pavorosa! O duque de Cliton, Sebastião de Mello, padre Diniz, estava morto. A Irmã da Caridade lembra-me que soluçava com os labios collados ao peito do cadaver. A filha de Anacleta estava de joelhos aos pés do leito. Azarias Pereira cruzava os braços a meu lado, e fixava-me com os olhos turvos de lagrimas. Não tenho outras lembranças! A surpresa e a afflicção entorpeceram-me o sentimento. Creio que encarei aquelle desfecho angustioso com a serenidade do demente, absorvido em uma das suas intimas visões de horror! Alguem me afastou d'aquelle quadro. Não sei quem foi... Devia ser o barão dos Reis.

«Achei-me em sua casa, acordando de um sonho febril. Senti que me sondavam o pulso, e me refrigeravam a testa. Vi o susto escripto no semblante de Emilia, e o desvelado carinho nas maneiras affectuosas do honrado barão.

«Pedi que me contassem os successos depois da morte de padre Diniz. Disseram-me que a mulher, á qual o agonisante chamára filha, fora levada do quarto, sem sentidos, e viera no dia seguinte assistir ao enterro. Depois, não a viram mais, nem puderam saber quem ella fosse, supposto que o enfermeiro dissesse que aquella senhora, pela pronuncia, parecia franceza.

«Entregaram-me, fechada, em uma boceta de charão, a

minha herança. Era o Livro Negro. Recebi-o com respeito, e inundi-o de lágrimas antes de abril-o. Só um anno depois tive coragem de ler-lhe a primeira pagina.

«Passado um mez, disseram que eu estava convalescente, e aconselharam-me as viagens. Não era necessaria a opinião dos médicos. Eu havia de cumprir a promessa que fizera a padre Diniz, ao meu querido mestre, ao anjo consolador de minha pobre mãe.

«Quando abracei a irmã de D. Antonia, chorei, porque este abraço devia ser o ultimo. Eu tinha no coração um presentimento que me mandava esperar uma morte proxima. Demorou-se muito; demora-se talvez ainda; mas eu creio que já lhe sinto o beijo frio n'estes labios, que tantas vezes a tem pedido ao Senhor dos desamparados.

«Viajei dez annos no Oriente. Atravessei o deserto sósio; vivi nas solidões, onde as ossadas dispersas dos imperios me habituaram á concentrada melancolia do homem que aborreceu a existencia. Se quizer dizer como vivi, não posso. Eu não tive vida. Durei em um profundo lethargo. Não recebi sensações que me despertassem a alma; não tive uma esperança que me fizesse voltar os olhos do passado. A minha dor não era uma saudade, nem um remorso. Era a morte... Eram as trevas eternas do coração... Era uma especie de embriaguez moral, que me dava o louco desejo de passar longas horas encostado a um tumulto de não sei que feliz ou infeliz que eu tomára como um amigo, que nunca conhecera.

«Não sei que juizo os homens fizeram de mim. Nunca me encontrei com a sociedade; fugia-lhe, porque desconfiei que me chamavam doudo. Nunca me lembrou que os meus mediocres meios estavam quasi exhaustos, porque eu presagiava que a minha morte devia vir no instante em que a indigencia me dissesse: «Pede um bocado de pão... Aceita um favor estranho!» Em toda a parte encontrei homens, cujos nomes nunca soube, offerecendo-me grandes quantias de dinheiro; não as aceitei. Quiz saber d'onde vinham estes cuidados pelo peregrino, sem um torrão de terra seu, em que pudesse morrer. Hoje sei que os desvelos do barão dos Reis seguiam delicadamente os meus passos.

«Arruinei as poucas forças que tinha, com o uso do opio. Toquei o extremo gráu da insensibilidade... Hoje, com esse narcotico, já não consigo dois minutos de repouso. Reservo-me para a sepultura. Ahi, sim... dormirei, meu Deus?

«Ao cabo de dez annos, senti-me cair. Deram como inevitavel a minha morte. Mandaram-me a ares patrios. E eu fui... por que fui?... Tive um intervallo lucido de saudade. O meu coração sentiu um desejo. Vi Portugal pelos olhos da

minha infancia... Este relampagô de luz momentanea... Não importa... Fui atraz d'esse clarão...

«Em Portugal ajoelhei na sepultura de padre Diniz. Li, ahí, algumas paginas do seu livro, que me eram consagradas, e que tinham o som real da voz-do vivo, lidas sobre a sepultura do morto... Não senti muito... É que eu principiava a arrefecer do gêlo da campa sobre que ajoelhára.

«Procurei a sepultura de minha mãe: não a encontrei. Confundira-se na valla dos mortos, que a cholera agglomerára, sem inscripção, nem vestigio em que depozesse a flor que o sacerdote moribundo me recommendára.

«Afflicto com o silencio dos mortos, procurei os vivos.

«D. Emilia Mascarenhas tinha morrido. O barão dos Reis vivia em um leito de paralytico, quasi perdida a sensibilidade, pedindo a Deus que o remisse da pesada existencia. A estas horas deve ter sido ouvido, e a sua alma terá passado d'este mundo para o outro do esquecimento eterno. .

«Indaguei o destino de Azarias Pereira. Disseram-me que morrera em uma das provincias do norte de Portugal, em uma pobre aldeia, chamada Viduedo, onde trinta e sete annos antes morrera Anacleta dos Remedios.

«Detestei a patria. Em redor de mim, pareceu-me que os vivos insultavam os mortos, que eram na terra, onde nasci, as minhas relações unicas.

«Fugi, como o assassino de ao pé do seu cadaver. Vim aqui, porque, no momento em que me senti impellido para fóra de Portugal, saía um navio para o Brazil.

«Ha cinco mezes que continuo debaixo de outro céu a mesma existencia descórada. Mas as dores physicas dilaceram-me lentamente. Estou ethico no ultimo grau. Não procuro remedio; mas esta morte assim dolorosa, assusta-me! É um morrer vagaroso, que extenua a minha coragem, e me não deixa entreter o pensamento n'estas paginas, que eu lego a um homem a quem devo carinhos de irmão.

«Quero mostrar-lhe que não sou ingrato. Hei de fazel-o successor na herança que recebi de padre Diniz... Acho nobre a independencia d'este homem! Nunca me perguntou quem eu era, e em toda a parte onde estive a primeira pergunta que me fizeram era um insulto ao segredo da minha existencia.

«E, depois, está no mundo alguem que abra o seu coração ás minhas revelações?... Talvez!... Elisa de Montfort viverá ainda?

«O coração ainda a vê... É que ella vive... Procurei-a... e não a encontrei. Que é o que eu lhe queria? Nem eu sei... Talvez lhe dissesse: «Já que me fizeste desgraçado, chora uma lagrima por mim!»

«Eu peço ao nobre cavalheiro, em cuja casa hei de ser amortalhado, que dê ao mundo estas palavras, para que essa mulher não morra, sem me ter dado a lagrima que lhe peço.»

Terminaram aqui os apontamentos do filho de Angela de Lima, que morreu no *Bota-fogo*, suburbios do Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1851.

EPILOGO

Seis mezes depois da carta, que acompanhou a remessa dos manuscriptos, impressa com o titulo *Prevenções*, nas primeiras paginas d'este contexto doloroso de lances, que talvez não devera chamar-se romance, recebi do mesmo amigo a seguinte carta:

«São passados seis mezes depois que te enviei os manuscriptos do meu hospede. Vi que principiaste a sua publicação, e tive, mal sabes que prazer, porque me dizia o coração que talvez existisse na terra essa malfadada duqueza de Clinton, e eu queria ser o motor da lagrima, que o infeliz lhe pediu.

«Haverá dois mezes que para aqui vieram sete Irmãs da Caridade, agenciadas em Paris por João Vicente Martins, com o religioso fim de assistirem aos contaminados da febre amarella.

«Entre as que vieram avultava ahi uma, que devia ter sido bella; mas as rugas e os cabellos quasi brancos davam-lhe um character de doloroso mysterio, que a tornavam um objecto de curiosa analyse. Era de todas a mais sollicita, e porventura aquella por quem os doentes chamavam com mais fé. Tres companheiras suas morreram logo: morreram-lhe nos braços, convidando-a a acompanhal-as para o seio de Deus. Despediram-se, balbuciando estas palavras, ditas com não sei que santa alegria: «Até logo, irmã!»

«Eu quiz ver esta mulher. Procurei-a no hospital, e espantei-me de vel-a fallar o portuguez com admiravel correcção. Fallamos do flagello com que Deus experimentava este desolado paiz, e, não sei como, a nossa conversa descaiu no meu hospede portuguez, que morrera da febre amarella.

«Quando pronunciei *D. Pedro da Silva*, a Irmã da Caridade demudou o semblante, caiu sobre os joelhos, e orou longo tempo. E, depois, meu amigo, quiz levantal-a, porque a julguei morta! Tinha caído com a face no chão, e tomei-a nos braços inanimada, fria, e sem pulso.

«Passados minutos, reviveu d'aquella morte... mas por instantes!... Não me enganei!... Morta estava ella!... Deus concedeu-lhe horas de vida para chorar sobre o tumulo de *D. Pedro da Silva* a lagrima que lhe pedira. Morreu!...

«Consegui que o seu cadaver fosse enterrado na sepultura immediata... O mundo ignora que estas duas sepulturas são o leito nupcial d'aquelles dois desgraçados.»

.....

FIM



1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155	156	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324	325	326	327	328	329	330	331	332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351	352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371	372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391	392	393	394	395	396	397	398	399	400	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431	432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	447	448	449	450	451	452	453	454	455	456	457	458	459	460	461	462	463	464	465	466	467	468	469	470	471	472	473	474	475	476	477	478	479	480	481	482	483	484	485	486	487	488	489	490	491	492	493	494	495	496	497	498	499	500	501	502	503	504	505	506	507	508	509	510	511	512	513	514	515	516	517	518	519	520	521	522	523	524	525	526	527	528	529	530	531	532	533	534	535	536	537	538	539	540	541	542	543	544	545	546	547	548	549	550	551	552	553	554	555	556	557	558	559	560	561	562	563	564	565	566	567	568	569	570	571	572	573	574	575	576	577	578	579	580	581	582	583	584	585	586	587	588	589	590	591	592	593	594	595	596	597	598	599	600	601	602	603	604	605	606	607	608	609	610	611	612	613	614	615	616	617	618	619	620	621	622	623	624	625	626	627	628	629	630	631	632	633	634	635	636	637	638	639	640	641	642	643	644	645	646	647	648	649	650	651	652	653	654	655	656	657	658	659	660	661	662	663	664	665	666	667	668	669	670	671	672	673	674	675	676	677	678	679	680	681	682	683	684	685	686	687	688	689	690	691	692	693	694	695	696	697	698	699	700	701	702	703	704	705	706	707	708	709	710	711	712	713	714	715	716	717	718	719	720	721	722	723	724	725	726	727	728	729	730	731	732	733	734	735	736	737	738	739	740	741	742	743	744	745	746	747	748	749	750	751	752	753	754	755	756	757	758	759	760	761	762	763	764	765	766	767	768	769	770	771	772	773	774	775	776	777	778	779	780	781	782	783	784	785	786	787	788	789	790	791	792	793	794	795	796	797	798	799	800	801	802	803	804	805	806	807	808	809	810	811	812	813	814	815	816	817	818	819	820	821	822	823	824	825	826	827	828	829	830	831	832	833	834	835	836	837	838	839	840	841	842	843	844	845	846	847	848	849	850	851	852	853	854	855	856	857	858	859	860	861	862	863	864	865	866	867	868	869	870	871	872	873	874	875	876	877	878	879	880	881	882	883	884	885	886	887	888	889	890	891	892	893	894	895	896	897	898	899	900	901	902	903	904	905	906	907	908	909	910	911	912	913	914	915	916	917	918	919	920	921	922	923	924	925	926	927	928	929	930	931	932	933	934	935	936	937	938	939	940	941	942	943	944	945	946	947	948	949	950	951	952	953	954	955	956	957	958	959	960	961	962	963	964	965	966	967	968	969	970	971	972	973	974	975	976	977	978	979	980	981	982	983	984	985	986	987	988	989	990	991	992	993	994	995	996	997	998	999	1000	1001	1002	1003	1004	1005	1006	1007	1008	1009	1010	1011	1012	1013	1014	1015	1016	1017	1018	1019	1020	1021	1022	1023	1024	1025	1026	1027	1028	1029	1030	1031	1032	1033	1034	1035	1036	1037	1038	1039	1040	1041	1042	1043	1044	1045	1046	1047	1048	1049	1050	1051	1052	1053	1054	1055	1056	1057	1058	1059	1060	1061	1062	1063	1064	1065	1066	1067	1068	1069	1070	1071	1072	1073	1074	1075	1076	1077	1078	1079	1080	1081	1082	1083	1084	1085	1086	1087	1088	1089	1090	1091	1092	1093	1094	1095	1096	1097	1098	1099	1100	1101	1102	1103	1104	1105	1106	1107	1108	1109	1110	1111	1112	1113	1114	1115	1116	1117	1118	1119	1120	1121	1122	1123	1124	1125	1126	1127	1128	1129	1130	1131	1132	1133	1134	1135	1136	1137	1138	1139	1140	1141	1142	1143	1144	1145	1146	1147	1148	1149	1150	1151	1152	1153	1154	1155	1156	1157	1158	1159	1160	1161	1162	1163	1164	1165	1166	1167	1168	1169	1170	1171	1172	1173	1174	1175	1176	1177	1178	1179	1180	1181	1182	1183	1184	1185	1186	1187	1188	1189	1190	1191	1192	1193	1194	1195	1196	1197	1198	1199	1200	1201	1202	1203	1204	1205	1206	1207	1208	1209	1210	1211	1212	1213	1214	1215	1216	1217	1218	1219	1220	1221	1222	1223	1224	1225	1226	1227	1228	1229	1230	1231	1232	1233	1234	1235	1236	1237	1238	1239	1240	1241	1242	1243	1244	1245	1246	1247	1248	1249	1250	1251	1252	1253	1254	1255	1256	1257	1258	1259	1260	1261	1262	1263	1264	1265	1266	1267	1268	1269	1270	1271	1272	1273	1274	1275	1276	1277	1278	1279	1280	1281	1282	1283	1284	1285	1286	1287	1288	1289	1290	1291	1292	1293	1294	1295	1296	1297	1298	1299	1300	1301	1302	1303	1304	1305	1306	1307	1308	1309	1310	1311	1312	1313	1314	1315	1316	1317	1318	1319	1320	1321	1322	1323	1324	1325	1326	1327	1328	1329	1330	1331	1332	1333	1334	1335	1336	1337	1338	1339	1340	1341	1342	1343	1344	1345	1346	1347	1348	1349	1350	1351	1352	1353	1354	1355	1356	1357	1358	1359	1360	1361	1362	1363	1364	1365	1366	1367	1368	1369	1370	1371	1372	1373	1374	1375	1376	1377	1378	1379	1380	1381	1382	1383	1384	1385	1386	1387	1388	1389	1390	1391	1392	1393	1394	1395	1396	1397	1398	1399	1400	1401	1402	1403	1404	1405	1406	1407	1408	1409	1410	1411	1412	1413	1414	1415	1416	1417	1418	1419	1420	1421	1422	1423	1424	1425	1426	1427	1428	1429	1430	1431	1432	1433	1434	1435	1436	1437	1438	1439	1440	1441	1442	1443	1444	1445	1446	1447	1448	1449	1450	1451	1452	1453	1454	1455	1456	1457	1458	1459	1460	1461	1462	1463	1464	1465	1466	1467	1468	1469	1470	1471	1472	1473	1474	1475	1476	1477	1478	1479	1480	1481	1482	1483	1484	1485	1486	1487	1488	1489	1490	1491	1492	1493	1494	1495	14
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	----

